

RITA DE KÁSSIA KRAMER WANDERLEY

NEOLOGIA LEXICAL NO JORNALISMO POLÍTICO:
as eleições de 2010

Recife
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

Rita de Kássia Kramer Wanderley

NEOLOGIA LEXICAL NO JORNALISMO POLÍTICO:
as eleições de 2010

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profª Drª Nelly Medeiros de Carvalho

Recife
2012

Catálogo na fonte
Bibliotecária Gláucia Cândida da Silva, CRB4-1662

W245n Wanderley, Rita de Kássia Kramer.
Neologia lexical no jornalismo político: as eleições de 2010 / Rita de Kássia Kramer Wanderley. – Recife: O autor, 2012.
258 p. : il. ; 30 cm.

Orientador: Nelly Medeiros de Carvalho.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Letras, 2012.
Inclui bibliografia.

1. Linguística. 2. Neologismo. 3. Lexicologia. 4. Estrutura social. 5. Jornalismo – Política I. Carvalho, Nelly Medeiros de. (Orientador). II. Título.

410 CDD (22.ed.) UFPE (CAC2012-36)

RITA DE KÁSSIA KRAMER WANDERLEY

NEOLOGIA LEXICAL NO JORNALISMO POLÍTICO:
as eleições de 2010

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística em 27/02/2012.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Nelly Medeiros de Carvalho
Orientadora – Departamento de Letras da UFPE

Profª Drª Stella Telles
Avaliador interno – Departamento de Letras da UFPE

Profª Drª Ieda Maria Alves
Avaliadora externa – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP

Aos meus.

AGRADECIMENTOS

Às Forças Maiores, por minha vida e pelo privilégio de vivê-la encontrando sempre pessoas iluminadas no caminho.

À CAPES, pela bolsa que me propiciou a realização deste e de outros trabalhos durante o curso.

Ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE, pelo fomento às participações em eventos de grande representação para a construção do meu conhecimento acadêmico;

A minha orientadora Nelly Carvalho, por jamais se contentar em fazer o convencional. A ela pelos anos de trabalho, orientação, confiança, amizade, intensa humanidade e sobretudo pelos momentos de alegria, risos e aprendizado. Obrigada pelo apoio durante a escrita e pela compreensão nos momentos de dificuldade.

À professora Ieda Maria Alves pela generosidade e enorme gentileza em compartilhar seus conhecimentos, métodos e trabalhos ainda não publicados. Muito obrigada pela confiança e pela participação na banca examinadora.

À querida professora Stella Telles pelo apoio, disponibilidade e pelas importantes contribuições com a avaliação do trabalho na banca. Muito obrigada por ter aceitado participar do meu projeto nas condições que se apresentaram.

Ao professor Marlos de Barros Pessoa, pelos aportes na leitura atenta e observações para este trabalho na pré-banca.

Ao professor Thiago A. S. Pardo, do Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC-USP), pelo suporte em relação ao seletor neológico e pela gentileza em me ajudar com o uso do *software*.

A Marieta Prata Dias pelo apoio junto à busca de informações na USP.

A meu pai, Nelson Wanderley, por ter investido em minha educação e ter estimulado em mim a coragem e a resiliência diante das situações difíceis da vida; pelo amor.

À minha mãe, Madmana Kramer, por cuidar de mim nesse momento importante; pela vida, amor e carinho.

A Franklin, pelo apoio, pelo amor, pelo lúdico na minha existência. Obrigada pela enorme paciência durante meu processo de escrita e pela companhia corajosa e quixotesca na busca por uma vida menos ordinária.

A Márcio de Oliveira, pela ajuda e generosidade com a competente tradução.

Às companheiras do grupo de pesquisa NEHLV: Rebeca Lins, Gabriela Medeiros, Simone Campos, pela amizade e torcida nos anos de trabalho.

Aos meus queridos colegas de turma, por serem coautores deste trabalho, com seus debates, observações e amizade incríveis durante todo o curso (e além). Especialmente, agradeço a Ludmila Porto, pelos diálogos metodológicos imprescindíveis e elucidativos quando as ideias ainda eram turvas; a Carolina Leal, pelos conselhos em busca da simplicidade no trabalho; a Rafaela Queiroz, amiga e companheira desde a graduação, nos trabalhos e na vida, que me incentivou a entrar na Linguística.

A Evandra Grigoletto e a Judith Hoffnagel, pelo apoio durante o curso e pela competente gestão como coordenadoras do PPGL. Agradeço especialmente a Evandra por sua energia e disposição; pelo apoio como professora, como coordenadora e como amiga.

A todos os professores da graduação e da pós-graduação em Letras da UFPE, grandes inspirações para escolha do meu caminhar acadêmico.

À professora Dilma Luciano, pelo grande incentivo e escuta.

Ao querido amigo Jozaías, pela imensa presteza, carinho e competência. Obrigada por não medir esforços em nos ajudar nessa luta e fazê-lo sempre com um grande sorriso!

À Diva e aos bolsistas do PPGL por estarem sempre dispostos a nos ajudar, com muita competência.

A Clarissa Crisóstomo, querida amiga, pelo acesso aos jornais usados na pesquisa.

A todos os meus amigos que me acompanham pela vida, dando sentido maior ao meu trabalho e luta, pois “a felicidade só é real quando compartilhada” e a verdadeira amizade se confirma nas ausências. Agradeço especialmente a Marília Ramos e a Mirela Duarte, por estarem sempre dispostas a ouvir quando precisei conversar sobre o processo de escrita. À Sandrinha, por ter me guiado sempre, com carinho de mãe e incentivo.

Aos meus alunos, por me ensinarem a ensinar e a aprender, por representarem o real objetivo de todo estudo.

RESUMO

As eleições presidenciais de outubro de 2010 proporcionaram à política brasileira momentos de grandes debates e entraves polêmicos pelo caráter disputado de sua decisão, após oito anos de aprovação do governo Lula. Esse momento social, através do espaço jornalístico enquanto mídia de massa, provocou movimentos não apenas sociopolíticos, mas refletiu-se também no léxico com a criação de neologismos. Como produtos da convergência entre criação lexical e história, os neologismos produzidos nessa ocasião são testemunhas das tensões e dos movimentos sociais que foram veiculados linguisticamente por meio da poderosa mídia jornalística, além de registrarem a atualização dos processos de criação de palavras na língua portuguesa do Brasil. Partindo de um olhar teórico que associa a criação lexical a seu caráter sociolinguístico (GUILBERT, 1975), este trabalho realiza um estudo dos neologismos formais na linguagem da política, no período de campanha e de eleições em outubro de 2010. Para tanto, foram coletadas trinta e duas edições do caderno *Poder* da *Folha de São Paulo* e mais trinta e duas do caderno *Política* do *Jornal do Commercio* (PE), periódicos de maior difusão nacional e local. Os textos reunidos para a busca de novas palavras correspondem a notícias divulgadas no período em que ocorreram as campanhas de primeiro e de segundo turno das eleições até a data do resultado do segundo turno, em que foi oficializada a eleição da atual Presidenta da República Dilma Rousseff, primeira mulher a ocupar o cargo no país. Utilizamos como recurso metodológico o extrator neológico que permite uma detecção semiautomática de neologismos (ALVES *et al*, 2006; ALVES, 2010), na primeira etapa de coleta, e a metodologia de *corpus de exclusão* (BOULANGER, 1979b) como critério definitivo para a seleção das novas palavras. Com as análises, observamos que a criação de neologismos formais através dos processos de derivação foi a mais produtiva, somando 260 palavras (mais de 58% das criações). Em seguida, o processo de composição aparece com 138 neologismos (31% do total de novas palavras). Os 38 empréstimos linguísticos correspondem a aproximadamente 8,5% das palavras encontradas. Os outros tipos de neologismos formais somam juntos apenas 7 palavras (pouco mais de 1,5%). O estudo das novas palavras nesse período eleitoral nos permite observar a materialização, no léxico, do grande movimento e instabilidade ideológica por que passou o país. Pela criação lexical, poderemos ver emergirem na linguagem as tensões da luta pelo poder, das celeumas éticas e morais da sociedade, das lutas partidárias e das polêmicas geradas pelas campanhas eleitorais de 2010.

Palavras-chave: neologismo, léxico, sociedade, jornalismo político.

RÉSUMÉ

Les élections présidentielles d'octobre 2010 ont procuré à la politique brésilienne des débats importants et des démêlés polémiques. La course acharnée au pouvoir en est la principale cause, suite à huit ans réussis de gouvernement Lula. Dans l'espace journalistique des médias de masse, cet événement social a notamment provoqué des mouvements sociopolitiques, mais aussi la création de néologismes. Fruits de la convergence entre création lexicale et évolution historique, les néologismes produits à cette occasion sont les témoins des tensions et des mouvements sociaux qui ont été véhiculés linguistiquement par le moyen du puissant média journalistique. Outre cela, ils sont également le registre vivant de l'actualisation des processus de création de mots en langue portugaise du Brésil. À partir d'une démarche théorique associant la création lexicale à son caractère sociolinguistique (GUILBERT, 1975), nous réalisons dans ce mémoire une étude des néologismes formels dans le langage politicien pendant la campagne électorale et les élections d'octobre 2010. Pour cela, nous avons collecté trente-deux éditions des pages *Poder* du quotidien *Folha de S. Paulo* et encore trente-deux des pages *Política* du quotidien *Jornal do Commercio* (Pernambouc) – respectivement les publications les plus diffusées aux niveaux national et local. Les textes rassemblés correspondent aux articles publiés pendant la campagne du premier et du second tours, jusqu'à l'élection effective de la Président de la République, Dilma Rousseff, première femme à la tête du pays. Dans la première étape de la collecte, nous avons utilisé comme outil méthodologique l'extracteur néologique, qui permet un repérage sémi-automatique de néologismes (ALVES *et al*, 2006; ALVES, 2010) et la méthodologie de *corpus d'exclusion* (BOULANGER, 1979b) comme critère définitif pour la sélection des nouveaux mots. Pendant les analyses, nous observons que la création de néologismes formels par processus de dérivation a été la plus productive, totalisant 260 mots (plus de 58% des créations). Ensuite, le processus de composition est à l'origine de 138 néologismes (31% du total des mots nouveaux). Les trente-huit emprunts linguistiques correspondent à environ 8,5% des mots trouvés. Finalement, les autres types de néologismes formels ne totalisent ensemble que 7 mots (un peu plus de 1,5%). L'étude de ces nouveaux mots nous permet de conclure que le pays a subi une instabilité idéologique et un grand dynamisme, qui se concrétisaient linguistiquement par le lexique. Ainsi, par la création lexicale, nous pouvons entrevoir dans la langue l'émergence des tensions de la lutte pour le pouvoir, des querelles éthiques et morales au sein de la société, des luttes entre partis et des polémiques engendrées par la campagne électorale de 2010.

Mots-clés : néologisme, lexique, société, journalisme politique.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema de dualidades língua/fala de Coseriu (1962)	35
Figura 2 – Esquema de interpretação da tríplice sistema, norma e fala de Coseriu (1962)	37
Figura 3 – Origem da criação lexical	56
Figura 4 - Esquema da teoria dos conjuntos fluidos	82
Figura 5 - Contínuo fala x escrita de Marcuschi (2010, p.41)	92
Figura 6 - Metodologia de busca automática por candidatos a neologismos de Alves <i>et al.</i> 2006	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Procedimentos de criação neológica de PRUVOST e SABLAYROLLES (2003)	78
--	----

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Interface do software utilizado na seleção dos candidatos a neologismos	99
Imagem 2 - Arquivo em formato <i>html</i> gerado pelo seletor neológico	99
Imagem 3 - Lista dos arquivos gerados pela análise semiautomática dos 32 exemplares do JC	100
Imagem 4 - Tabela de registro neológico após a conferência manual em corpus de exclusão	101

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de prefixos encontrados na pesquisa	110
Gráfico 2 - Porcentagem dos prefixos encontrados na pesquisa	111
Gráfico 3 - Palavras formadas com os sufixos	148
Gráfico 4 - Porcentagem das palavras formadas com os sufixos	149
Gráfico 5 - Porcentagem das formações compostas	190
Gráfico 6 - Porcentagem dos estrangeirismos encontrados quanto a sua origem	230

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Prefixos encontrados na pesquisa	109
Tabela 2 - Sufixos encontrados na pesquisa	147

*Le langage est la création la plus admirable du pouvoir d'invention poétique inhérent à
l'humanité*

Schlegel

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 A LINGUAGEM EM MOVIMENTO	21
1.1 A língua e a mudança	21
1.2 Os tipos de mudança	27
1.2.1 Mudanças de som ou fonético-fonológicas	27
1.2.2 Mudança morfológica	27
1.2.3 Mudança sintática ou gramatical	28
1.2.4 Mudança semântica	28
1.3 Sistema, fala e mudança	32
1.3.1 Sistema, norma e fala	37
2 NEOLOGIA: A CRIATIVIDADE NO LÉXICO	41
2.1 O léxico	42
2.2 Palavra: conceitos e obstruções	47
2.2.1 Breve histórico	49
2.2.2 Definições	50
2.3 Neologia: processo de criação lexical	58
2.3.1 Neologia no Brasil	67
2.3.2 Tipologia dos neologismos	69
2.3.3 As diferentes criatividades lexicais	74
2.3.2.1 Neologia denominativa	74
2.3.2.2 Neologia estilística	75
2.3.2.3 Neologia da língua	76
2.3.3 Neologia e sociedade	77
2.3.4 Procedimentos de criação neológica	81
2.3.5 Neologia e comunicação	84
3 DO JORNAL À PALAVRA POLÍTICA	89
3.1 Mídia, comunicação e política	89
3.2 Jornalismo, linguagem e criação	94
4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	99
4.1 Os veículos jornalísticos	99
4.2 As eleições federais 2010	100

4.3	Método de identificação e registro neológico	101
4.3.1	Primeira etapa	101
4.3.2	Segunda etapa	105
4.3.3	Terceira etapa	106
5	NEOLOGISMOS FORMAIS NAS ELEIÇÕES DE 2010	108
5.1	Neologismos formais	110
5.1.1	Formação por derivação	111
5.1.1.1	Derivação prefixal	112
5.1.1.2	Derivação sufixal	151
5.1.1.3	Derivação flexional	186
5.1.1.4	Derivação regressiva	187
5.1.1.5	Derivados de siglas e acrônias	188
5.1.2	Formação por composição	192
5.1.2.1	Composição por justaposição	195
5.1.2.1.1	Justaposição substantivo/substantivo	196
5.1.2.1.2	Justaposição substantivo/adjetivo	203
5.1.2.1.3	Justaposição de substantivo/preposição/substantivo	212
5.1.2.1.4	Justaposição de adjetivo/adjetivo	213
5.1.2.1.5	Justaposição de numeral/substantivo, substantivo/numeral	216
5.1.2.1.6	Justaposições com verbos	217
5.1.2.1.7	Composição satírica	218
5.1.2.2	Composição por aglutinação	219
5.1.2.3	Composição erudita	221
5.1.2.4	Cruzamento vocabular	223
5.1.2.5	Composição sintagmática	226
5.1.3	Empréstimos linguísticos	231
5.1.4	Neologismos fonológicos	242
5.1.4.1	Criações onomatopaicas	243
5.1.5	Outros processos	244
5.1.5.1	Conversão	244
5.1.5.2	Gírias	245
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	247
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	251

INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

A mudança linguística não é apenas uma constatação científica, é também fato empírico que pode ser observado por qualquer falante não especializado. A língua muda genuinamente e pode-se ver este fenômeno nos falares de indivíduos de diferentes gerações, classes sociais, lugares. Através da criação neológica, podemos ter acesso a uma das manifestações dessa mudança inerente a toda língua viva. O sistema lexical faz parte do sistema linguístico e está disponível para que possamos criar e recriar a todo o momento. Mas não se cria uma palavra nova sem nenhum propósito ou a partir do nada. Apesar de reconhecer que “a criação lexical se define pela possibilidade de criação de novas unidades lexicais em virtude de regras de produção do interior do sistema lexical” (GUILBERT, 1975, p.31), Louis Guilbert (1975) assevera que o léxico não se constitui apenas do sistema lexical. Ele é ligado, sobretudo, ao universo das coisas, dos acontecimentos, aos modos de ver o mundo e às práticas da sociedade. O estudo da criação neológica pressupõe a análise do funcionamento do léxico, mas exige também análises sobre os momentos históricos de que os neologismos emergem.

A mídia impressa é uma das janelas pelas quais os indivíduos têm acesso à construção de ideias sobre os fatos e os acontecimentos do mundo. A organização midiática constrói textos sobre a realidade que se destaca entre os fatos corriqueiros, e assim elege o que é relevante no debate social. Mas as instâncias de comunicação não são organismos autônomos, que escrevem de si para si mesmo. Elas trabalham com a informação visando um público leitor que, enquanto receptores, também atuam no processo de construção da notícia.

Fazendo parte da grande mídia impressa, o jornalismo político é uma área da mídia jornalística que tem grande importância no funcionamento social, por ser responsável pela divulgação de informações que podem mudar a opinião pública sobre determinados políticos, partidos e posições ideológicas. Esta mídia poderosíssima tem a força de construir e desconstruir imagens, eleger e derrotar candidatos. É, portanto, elemento decisivo no sistema democrático de qualquer país, por ser uma das vias de acesso do povo à política vivida entre as paredes das sedes e das salas de votação dos plenários. Martins (2005) afirma que através do estudo histórico do jornalismo político, pode-se observar que os jornais vêm

perdendo o caráter partidário. O autor diz que atualmente a grande imprensa tem uma maior preocupação em separar o que é notícia e o que é opinião na cobertura dos fatos da política, o que nos leva a considerar uma maior heterogeneidade de representações nos jornais. Esse fenômeno é concretizado linguisticamente em textos noticiosos; e o léxico tem grande papel na busca pela materialização linguística dos novos acontecimentos em momentos políticos de grande fervor, como em campanhas eleitorais.

Por esta razão, o estudo da neologia lexical no domínio do jornalismo político demonstra o quanto os acontecimentos, as tensões e os debates de candidatos e ideologias partidárias podem reverberar na criação de novas palavras. Os grandes escândalos, os eventos de debate entre os candidatos, os projetos partidários e os acontecimentos históricos envolvidos no processo das eleições federais de 2010 deixam sua marca na língua através da criação de neologismos, que podem servir como base para o estudo da produtividade lexical na linguagem da política; mas também podem servir como acervo memorial de uma época de grande importância histórica para o país.

A partir dessas discussões, este trabalho pretende estudar o fenômeno da neologia lexical através da criação de neologismos formais produzidos em um determinado período de tempo, recortando um evento histórico, social e político: as eleições federais brasileiras de 2010. Uma vez que as mudanças sociais se realizam linguisticamente, os neologismos podem ser tomados como a reverberação dos elementos sociais em jogo nos acontecimentos. Com isso, reiteramos a intensa ligação entre história e língua no incessante processo de mudança pela qual todas elas passam.

Portanto, o objetivo geral de nosso trabalho consiste no estudo da criação de neologismos formais (BIDERMAN, 2001) no jornalismo político durante o período das eleições federais de 2010, para assim podermos reforçar a ideia de que léxico e realidade estão ligados através das relações entre história do léxico e história da sociedade.

Os objetivos específicos delimitados são: a) levantamento dos termos candidatos a neologismos; b) identificação das criações lexicais com base em um *corpus de exclusão*; c) classificação dos itens coletados em categorias neológicas; d) classificação, organização e estudo dos neologismos a partir do processo de criação de palavras que os originou; e) estudo da emergência dos neologismos formais com ênfase nas relações entre seu aparecimento e os acontecimentos históricos e políticos mediados no período da campanha eleitoral; f) indicação dos processos mais produtivos no *corpus* estudado.

No primeiro capítulo do trabalho, fazemos uma espécie de *estado da arte* dos estudos sobre a mudança linguística, em que situamos a nossa perspectiva de análise diante da observação dos fatos da mudança. Ao lado do linguista e filósofo Eugenio Coseriu (1979), reafirmamos o porvir da linguagem, pois entendemos que esta instituição nunca está feita, mas sempre está a se fazer e a se refazer, tentando se ajustar aos homens enquanto os próprios homens tentam se ajustar à vida em sociedade. Como base teórica, utilizamos também as importantes reflexões de Faraco (1991), quando ele assume a linguagem como realidade heterogênea, colocando os analistas da língua em mudança em uma posição relativa diante de seu objeto. Nesse capítulo, fazemos ainda considerações sobre as características e os tipos de mudança linguística. Além disso, trabalhamos com a tríplice Sistema/Norma/Fala proposta por Coseriu (1962) na revisão dos conceitos de língua e fala da teoria de Saussure (2006), pois entendemos que a criação lexical se dá inicialmente a partir da fala, com base em recursos do sistema, mas é sempre profundamente influenciada pela norma.

No segundo capítulo, penetramos especificamente nos estudos lexicais com o objetivo de delimitar a nossa compreensão do fenômeno neológico. Inicialmente, realizamos considerações sobre diversas observações teóricas do conceito de léxico. Em seguida, realizamos uma breve discussão acerca dos debates teóricos em busca da delimitação do conceito de palavra, destacando o olhar de diferentes disciplinas da linguística e demonstramos nossa compreensão do que se entende por palavra como unidade lexical. A partir dos pressupostos colocados, instauramos discussões teóricas sobre o conceito de neologia como processo de criação lexical, bem como sobre as relações entre o conceito de neologia e neologismo. Delimitamos os critérios de reconhecimento da unidade neológica através de alguns autores que associam a criação lexical à mudança social, como Guilbert (1975), Pruvost e Sablayrolles (2006), Boulanger (1979b), Barbosa (1996), Cabré (2010), Bastuj (1979) etc. Observamos a importância da criação neológica no Brasil e estudamos algumas propostas para uma tipologia dos neologismos, baseados principalmente em Guilbert (1975), Boulanger (1979b) e Sablayrolles (2000). Exploramos em seguida as diferentes criatividades lexicais quanto à natureza da criação, trabalhadas por Guilbert (1975): a neologia denominativa, a neologia estilística e a neologia da língua. Tecemos considerações sobre a relação entre neologia e sociedade, com foco nas interferências institucionais e nos critérios de aceitabilidade do neologismo. Utilizamos como base o estudo

dos processos de criação lexical a partir da matriz lexicogênica proposta por Pruvost e Sablayrolles (2006); Sablayrolles (2011) e por fim realizamos uma reflexão sobre a relação entre neologia e comunicação.

No terceiro capítulo, exercitamos uma reflexão sobre as relações entre mídia, sociedade e poder, demonstrando que o âmbito midiático vem atuando como espaço de representação e de persuasão social. Frisamos a importância do jornalismo político no jogo de construção das relações de força na sociedade, pois está em tensão entre o mundo político e o compromisso com a informação. Estabelecemos a ligação entre linguagem jornalística e criação lexical, e demonstramos que o jornal é espaço privilegiado da palavra escrita; via de acesso do neologismo à futura lexicalização.

No capítulo quatro, pormenorizamos os passos metodológicos da pesquisa; apresentamos imagens do extrator neológico e justificamos nossas opções de análise.

No quinto capítulo, estudamos os procedimentos de criação de neologismos formais no período delimitado para a pesquisa. Distribuímos os itens neologicos pelos processos de derivação, composição, empréstimos linguísticos, neologismos fonológicos e outros. As palavras estão enumeradas de acordo com o agrupamento ao qual pertencem.

Para a realização do estudo proposto, foram utilizados como fontes de pesquisa dois importantes periódicos impressos brasileiros: *Folha de S. Paulo* (SP) e *Jornal do Commercio* (PE). A escolha do primeiro deve-se ao fato de ser ele uma das principais referências nacionais de notícia, pois é o maior jornal em circulação do país, trazendo sempre um conteúdo que reflete os acontecimentos no âmbito nacional. O segundo jornal selecionado para o estudo foi escolhido por ser uma publicação do estado de Pernambuco – representa a linguagem jornalística do estado de origem deste trabalho – e por ser o maior jornal em número de assinantes do Estado. Ambas as fontes são, respectivamente, de grande circulação nacional e local. Optamos por não utilizar revistas políticas em nossa pesquisa por necessidade de redução do *corpus* e também por entendermos que estes veículos têm posições ideológicas e partidárias mais evidentes.

O método de coleta e análise utilizado neste trabalho tem raiz nas ideias de Boulanger (1979), que elaborou uma ficha de registro neológico baseada numa verificação de exclusão em obras lexicográficas. Porém, antes de realizarmos esta etapa, contamos com a ajuda de um *software* desenvolvido pelo Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional da Universidade de São Paulo (USP) em parceria com a professora Dra. Ieda

Maria Alves. A equipe desenvolveu em conjunto um *Extrator de Neologismos* denominado *SEENTER*, que auxilia na coleta semiautomática de candidatos a neologismos formais em *corpus* textuais digitalizados. Por esta razão, necessitamos transpor os textos coletados dos jornais impressos para o formato digital *.txt*, exigido para a leitura no programa. Acessamos os textos das trinta e duas edições (do dia 1/10/2010 ao dia 01/11/2010) dos jornais em suas versões digitais. Reportamos para o formato digital integralmente trinta e duas edições dos cadernos *Política* e *Poder*, do *Jornal do Commercio* e da *Folha de S. Paulo*, respectivamente, somando sessenta e quatro arquivos digitais. Os textos acessados *online* são os mesmos publicados nos jornais impressos, não interferindo a mudança de suporte em nossas análises.

Após obtermos todos os exemplares dos jornais analisados em formato *.txt*, submetemos cada arquivo à análise do extrator, que tem uma base de dados constituída por um *corpus* de quarenta milhões de palavras, representando quarenta textos em prosa. O programa gerou um novo arquivo para cada documento submetido, composto por uma lista de candidatos a neologismos, com as referências de seus contextos enunciativos. Fizemos a leitura minuciosa desses documentos e nesta etapa realizou-se a verificação de exclusão com consulta ao dicionário Houaiss (2009) e com pesquisa ao Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), edição de 2009. As palavras ausentes nas duas obras lexicográficas foram consideradas neologismos formais e foram registradas em tabelas que especificavam o jornal, a data da publicação, a palavra encontrada e todos os contextos de aparição. Para a análise, avaliamos os itens lexicais quanto à natureza de sua formação morfológica, registrando-os de acordo com seu processo formador: formação por derivação, formação por composição, neologismos fonológicos, empréstimos linguísticos e outros processos. Não incluímos na pesquisa os termos considerados neologismos sintagmáticos, pois seu reconhecimento não é possível através de nosso primeiro recurso metodológico, o extrator semiautomático de neologismos. Devido ao tempo dado à realização da pesquisa, não foi possível a consumação de uma segunda leitura do material para que pudessem ser encontradas todas as formações sintagmáticas, por isso no subcapítulo 5.1.2.4 trazemos apenas alguns exemplos desta categoria para ilustrar nossa discussão.

Através das análises, tentamos estabelecer as relações existentes entre as criações formais e os acontecimentos ligados às campanhas eleitorais de 2010, adicionando à descrição lexicográfica observações de natureza contextual e histórica. Além disso, indicamos

a produtividade dos elementos envolvidos na formação dos neologismos encontrados na pesquisa. Os textos francófonos usados como fonte de fundamentação estão traduzidos no corpo do texto e quando colocados como citações diretas acompanham notas com as transcrições originais.

capítulo 1

LINGUAGEM EM MOVIMENTO

1 LINGUAGEM EM MOVIMENTO

De fato, a língua não é nunca feita, pela simples razão de que não está nunca feita e sim está sempre a se fazer e a se refazer, ou, dito em outros termos, é uma criação permanente e uma incessante destruição

Coseriu

1.1 A língua e a mudança

Todas as línguas humanas estão a serviço da comunicação e da interação social entre os seus falantes. Por isso, as línguas não se constituem apenas em um sistema abstrato de signos que representam coisas, processos e atributos; nem mesmo numa organização linear de unidades que formam enunciados. A linguagem humana é justamente o que faz o humano destacar-se entre as outras categorias de seres viventes, e o uso desse atributo está atrelado ao desenvolvimento humano nas diversas sociedades através dos tempos e culturas.

Por estas e outras razões, as línguas são entidades extremamente fluidas (não totalmente); permitem em si diversos tipos de operações. A mudança linguística é fato proveniente desse caráter da linguagem e ocorre em qualquer língua que esteja em funcionamento, embora os falantes não sejam, na maioria dos casos, conscientes de que sua linguagem está em permanente mudança. Isso acontece do mesmo modo como não percebemos o planeta se movimentando a todo minuto ao redor do sol e em torno de si mesmo. O que podemos perceber é a passagem do dia para a noite e as mudanças de estações, assim como, na língua, observamos os produtos das alterações que ocorrem paulatinamente.

Faraco (1991, p.9) afirma que “as mudanças atingem sempre partes e não o todo da língua”, o que, para o autor, reforça a falsa imagem de que a língua é mais estática do que dinâmica. As transformações linguísticas só podem, assim, ser percebidas quando observadas através do tempo, mesmo que se faça um recorte para a observação do fenômeno. Uma das situações em que os falantes podem notar a mudança é quando se confrontam com usos de épocas distintas, tanto na fala quanto na escrita, embora a segunda seja mais conservadora e nela as mudanças demorem mais tempo para se manifestar. “Embora seja algo conhecido que as línguas mudam, tanto na sua forma falada quanto em sua forma escrita, a língua escrita é sempre mais conservadora do que a falada”, endossa

Chagas (2002) ¹. A substância de que é feita a escrita pode ser vista como o primeiro dos fatores que a torna mais fixa do ponto de vista da mutabilidade.

Se a língua não sofresse alterações no tempo, ainda estaríamos tratando as pessoas por *Vossa Mercê*, cuidando de nossos cabelos com creme *rinse*, assistindo aos *reclames* da televisão, nos transportando pela cidade através de *tílburi*s e comeríamos um *acepipe* para assistir aos jogos de futebol; as pessoas jovens ainda seriam *brotos*, as festas seriam *assustados*. Não falaríamos, portanto, a língua do modo como falamos hoje.

O semanticista Stephen Ullmann (1964) valoriza o exame da mudança linguística, pois, segundo ele o que menos resiste à mudança são os significados, interesse particular dos estudiosos de sua disciplina. O linguista húngaro cita Edward Sapir, que diz:

A língua move-se ao longo do tempo, numa corrente que ela própria constrói. Tem um curso... Nada é perfeitamente estático. Todas as palavras, todos os elementos gramaticais, todas as locuções, todos os sons e acentos são configurações que mudam lentamente, moldadas pelo curso invisível e impessoal que é a vida da língua. (SAPIR *apud* ULLMANN, 1964, p. 401)

Como se vê, a mudança não é somente fundamental para a sobrevivência da língua, mas, sobretudo, é natural das línguas. Comenta Coseriu (1979) que “o fato de se perguntar por que mudam as línguas (como se não deveriam mudar) parece indicar uma estaticidade natural perturbada, e até negada, pelo devir, que se apresenta explicitamente como o paradoxo da linguagem” (p. 15). Biderman (2001) destaca que uma das grandes problemáticas da descrição e interpretação do fato linguístico oriunda da intrínseca mutabilidade à qual a língua está submetida (p.14). Por essa razão, mesmo um recorte sincrônico de um fenômeno linguístico não é capaz de fixar “com fidelidade a sua fisionomia” (BIDERMAN, 2001, p. 14).

Mas não é somente através do tempo que ocorrem as mudanças. A língua varia também de acordo com os locais onde é falada, com as classes sociais dos falantes, com os meios em que é utilizada. O sociolinguista William Labov (1994) acredita que todas as línguas variam e é por causa disso que ocorre a mudança. O estudioso pensa ser, pela estreita ligação entre variação e mudança, muito difícil estudá-las segregadamente.

Os falantes também podem perceber no tempo presente todos esses tipos de variações. O português falado no Brasil e em Portugal é um exemplo de como uma mesma

¹ Desenvolveremos mais conceitos ligados às especificidades da modalidade oral e escrita e suas implicações na mudança no terceiro capítulo desta dissertação.

língua pode ser falada de modos tão diferentes a ponto de até questionarem se ainda é língua única. Na variação entre Brasil e Portugal, identificamos distinções tanto nos níveis fonético e fonológico quanto nas escolhas lexicais e em alguns usos sintáticos. Ilari & Basso (2006) dizem que houve uma época em que os dialetólogos portugueses trataram o português brasileiro como dialeto, alguns filólogos insistem na unidade das duas variedades e outros linguistas defendem serem línguas diferentes.

Também notamos variação nos falares do português no Brasil, observando a fala das diversas regiões e dos estados do país, nos três níveis de análise. O território nacional foi desde o início de sua história espaço de grandes imigrações e migrações internas, o que fez o povo se distribuir de modo heterogêneo pelo grande espaço disponível. Assim, surgiram diversas variantes regionais que têm sido estudadas por linguistas e registradas em obras como dicionários e atlas linguísticos. Atualmente, há linguistas elaborando atlas dos seguintes estados: Acre, Amazonas, Ceará, Maranhão, Pará, Rio Grande do Norte, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro e Pernambuco. Há também um atlas de falares baianos, publicado por Nelson Rossi em 1964 (ILARI & BASSO, 2006, p. 173).

Chagas (2002, p.153) frisa que “pode haver fatores de duas espécies que favoreçam ou dificultem a mudança: fatores estritamente linguísticos e fatores extralinguísticos”. Os fatores linguísticos dizem respeito à forma da língua, vista enquanto sistema de regras. Os fatores extralinguísticos relacionam-se com o funcionamento da sociedade em que a mudança acontece. Segundo Faraco (1991), o linguista Antoine Meillet, no início do século XX, foi quem primeiro buscou criar e solidificar uma linha de estudos que procurasse analisar as relações entre a mudança e os fatos da sociedade. Para Meillet (1951, p. 158), “todo fato da língua manifesta um fato da civilização”. E ainda, “a condição principal da mudança linguística é a realidade descontínua das línguas” (1951, p. 74), pois “a história dos homens não é linear nem homogênea, logo as sociedades são heterogêneas e essa heterogeneidade do social é determinante da heterogeneidade linguística e condicionante da mudança” (FARACO, 1991, p. 98).

Olhar a língua como realidade heterogênea significa, enquanto observadores/analistas, admitir as diversas variedades de seus usos em seus jogos de valores sociais, destacando a realidade concreta em que estão situados os indivíduos e comunidades constituintes de todas as variedades. Tais fenômenos imbricam-se com a história de cada comunidade linguística; envolvem as condições políticas e sociais de cada época, mantêm

sempre um diálogo com as oportunidades de escolarização, acesso à informação e ao conhecimento.

Ullmann (1964) afirma que a abordagem dos fenômenos da mudança linguística (especialmente no âmbito do significado) não foi ignorada mesmo pelos estudiosos da Antiguidade. Do contrário, os escritores gregos e latinos já se interessavam pelas relações entre mudança e realidade, quando estudaram os reflexos da mudança de mentalidade da população nas mudanças de significados das palavras (p. 8). O autor cita exemplos estudados por Tulcídeos, Marcus Portius Cato, Cícero, Horácio, Aristóteles... Observa-se, desse modo, que a discussão sobre a mudança linguística teve na Antiguidade um caráter também filosófico, sendo exploradas de maneira íntima as relações entre linguagem, sociedade e política, assim como nos ilustra o trecho escrito por Cícero em seu *De Officiis*, Livro I, XII:

Observo também isto – que aquele que com propriedade devia ter sido chamado “inimigo que luta” (*perduellis*) era designado como “um hóspede” (*hostis*), encobrendo assim a fealdade do acto por uma expressão suavizada; porque *hostis* significava para nossos antepassados aquilo que agora chamamos “estrangeiro” (*peregrinus*)... O que poderá exceder benevolência tamanha, quando aquele com quem se está em guerra é designado por nome tão grato? E, no entanto, um longo lapso de tempo deu a esta palavra um sentido mais duro; perdeu de facto o seu significado de “estrangeiro” e foi usado na conotação técnica de “um inimigo sob as armas” (Cícero *apud* ULLMANN, 1964, p. 9).

O trecho reportado, de autoria do poeta, pensador e político latino Cícero, mostra sua leitura de um fenômeno de mudança semântica, causado certamente por fatores funcionais da sociedade, que imprimiram suas marcas na linguagem.

Lucchesi (2004) afirma que pensar sobre a mudança linguística levanta uma questão fundamental: *o que faz um sistema que funciona tão bem mudar?* O autor assevera categoricamente que esta pergunta nos conduz ao liame das relações que o sistema encerra com o social, ou para fatores que concernem ao funcionamento fisiológico ou da percepção dos sons vocais ou mesmo para “questões inerciais que são postuladas em níveis imponderáveis da estruturação histórica das línguas” (p. 23). Lucchesi (2004) arremata seu discurso dizendo que na contradição entre mudança e sistema estão duas matizes intrínsecas ao fenômeno linguístico: a dimensão estrutural e a dimensão sócio-histórica de toda língua.

Segundo Gabas Jr. (2000, p. 81), algumas características da mudança linguística são responsáveis pela sensação de estaticidade que têm os falantes. Estas características causam certo sentimento de equilíbrio, responsável, de certa maneira, por uma sensação de ordem no sistema. Faraco (1991, pp. 27-31) também enumera as características da mudança. A lista

abaixo apresenta uma união das ideias dos dois autores, a saber:

- a) As mudanças são lentas, graduais e contínuas;

Esta característica depreende-se da propriedade de todas as línguas mudarem ao longo do tempo, invariavelmente. Por causa disso, a mudança é contínua, exceto nos casos das línguas mortas, como atualmente é o latim. Nesse caso, o desaparecimento de uma sociedade faz com que a língua deixe de ser usada ou mesmo se transforme em outras (como aconteceu com as línguas românicas, advindas do latim). “Houve um longo, complexo e, principalmente, ininterrupto processo histórico de transformações do latim que resultou nas diferentes línguas românicas” (FARACO, 1991, p. 27). Graças a esse movimento, falamos hoje o português que, por sua vez, falado aqui no Brasil já não é o mesmo falado em Portugal ou nos outros países lusófonos, porque devido a forças da geografia, da história e da cultura o uso da língua não permanece o mesmo.

- b) As mudanças são parciais, envolvendo apenas partes do sistema linguístico e não seu todo;

Se a mudança é contínua, ela não se dá abruptamente, daí a observação de se dar em partes do sistema. O processo de mudança se dá através de fases intermediárias que, segundo Faraco (1991, p. 28), passam pelo momento de coexistência de duas variantes, pelo momento da luta entre as variantes e finalmente pela implementação da variante hegemônica e o desaparecimento da menos forte. Ou seja, a mudança linguística sempre passará por períodos de coexistência, pois o processo é gradual e parcial.

- c) As mudanças são relativamente regulares;

É dessa regularidade nas mudanças que surgiram os famosos estudos históricos que desenvolveram as genealogias linguísticas e as leis fonéticas. Os estudos históricos² sofrem até hoje as consequências de certas generalizações cometidas no passado, recebendo muitas críticas de outras disciplinas. Como bem observou Faraco (1991), as mudanças são *relativamente* regulares, e não totalmente, de modo que sempre poderá haver problemas em qualquer “lei” que tente prever ou reconstruir completamente os processos de mudança.

² Sobre os estudos históricos que marcaram o século XIX aqui mencionados, cf. Weedwood (2002), Câmara Jr. (2011), Gabas Jr. (2004), Chagas (2002), Weinreich, Labov e Herzog (2006).

Não obstante, nas mesmas condições, nos mesmos contextos, no mesmo período de tempo, na mesma língua, “um elemento – quando em processo de mudança é, progressiva e normalmente, alcançado em todas as suas ocorrências” (FARACO, 1991, p. 29). O fato de ser a língua ligada à história das sociedades e aos acontecimentos de cada comunidade linguística é ponto decisivo na reinterpretação dos estudos históricos, deslocando o interesse generalizador para uma tentativa de expressar correspondências fônicas entre momentos da história de uma língua. As perspectivas mais recentes de estudo da mudança têm base na teoria variacionista e tentam conciliar em um tratamento sistêmico os fatores da estrutura com os fatos sociais imbricados no problema da mudança. A estes dois polos dão-se os nomes de *encaixamento estrutural* e *encaixamento social*³, de acordo com a teoria variacionista de origem laboviana.

d) As mudanças sofrem uma força oposta, a da preservação da intercompreensão.

Como a mudança provoca certa instabilidade no sistema, do ponto de vista comunicativo, ela pode provocar problemas na compreensão entre os falantes. É por isso que existe uma força conservadora que torna a mudança lenta e gradual; ao mesmo tempo causando também a coexistência de variantes, até que se dê totalmente o processo de mudança. A preservação da intercompreensão atua como elemento desacelerador no processo da mudança, pelo princípio da comunicação entre os falantes da língua. À medida que a nova variante ganha força através do uso, esse impedimento minimiza-se até desaparecer.

Tomando a fala de Coseriu (1979, p. 31, grifo nosso), entende-se que “a língua muda para continuar *funcionando* como tal”. Destacamos o termo para que não seja esquecido o propósito fundamental tanto da mudança quanto da própria língua, seja tomada como estrutura ou não. Uma língua existe apenas porque funciona e muda para funcionar melhor, adaptando-se às transformações pelas quais passam seus falantes, que inevitavelmente constituem comunidades organizadas sócio-historicamente. Como afirma Faraco (1991, p. 56), “nossos registros só conhecem línguas bem sucedidas; não há registro de línguas

³ A respeito da teoria do encaixamento, os estudos de Labov (1966) são esclarecedores. Lass (1980) fala de *estratégia múltipla* para mostrar que uma situação linguística pode mudar em mais de uma direção. Cf. Faraco, 1991, p. 73.

desaparecidas por defeitos internos; não se conhecem línguas aberrantes nem abortos linguísticos”. Uma vez constituindo mecanismos do funcionamento das línguas, as mudanças não devem ser vistas como ameaças ou degradações. É normal, portanto, que haja mudanças, pois da vitalidade linguística depende o funcionamento, que sacramenta o uso da língua constituindo a vida em sociedade.

1.2 Os tipos de mudança

A língua pode mudar tanto no que tem de mais fisiológico (plano dos sons) ou estrutural quanto no que tem de mais fluido, nos significados e nos usos. As características da mudança, que já foram explanadas no item anterior, são fundamentais para a compreensão de cada um dos tipos de mudança classificados, como veremos a seguir.

1.2.1 Mudanças de som ou fonético-fonológicas

Distinguem-se, no estudo das mudanças do som, a mudança fonética (sons da fala, sua produção e qualidade acústicas) e fonológica (sistema de princípios e relações que organizam a realidade sonora da língua). Os estudiosos da mudança fonética ocupam-se com o estudo das mudanças nas realizações linguísticas de certos segmentos da palavra. Já os fonólogos procuram no estudo da mudança alterações que ocorram no plano nos fonemas, enquanto unidades sonoras distintivas, e, portanto, no sistema de relações dessas unidades (FARACO, 1991, p. 21). De acordo com Gabas Jr. (2002), as mudanças no som, conhecidas tradicionalmente como *metaplasmos*, podem ser classificadas, quanto à sua natureza, segundo a perda ou adição de fonemas, assimilação, dissimilação, duração ou prolongamento e metátese⁴.

1.2.2 Mudança morfológica

A mudança morfológica se dá particularmente nas estruturas internas das palavras chamadas *morfemas*. Os morfemas são segmentos constituintes das palavras cujas características definidoras são indicadas pelas seguintes propriedades (KEHDI, 2003, p. 15): i) são unidades portadoras de sentido; ii) são elementos recorrentes e de grande produtividade na língua; iii) a ordem desses segmentos é rígida, qualquer alteração resulta em formas inaceitáveis na língua (ex. *íamosescrev* – escrev-ía-mos). O estudo da mudança morfológica

⁴ O autor frisa que há outras nomenclaturas possíveis nesta classificação (Cf. Gabas Jr., 2002, p. 82).

concentra-se tanto nos morfemas como componentes das palavras quanto em seus processos de derivação e flexão.

Faraco (1991, pp. 21-22) cita três tipos de mudanças que podem ocorrer no plano morfológico, a saber:

- i) As palavras autônomas podem se tornar morfemas derivacionais;
- ii) Sufixos podem desaparecer como morfemas distintos passando a integrar a raiz da palavra;
- iii) O sistema flexional da língua pode mudar.

Os exemplos desses fenômenos são férteis, sobretudo ao se estudar o processo de vulgarização do latim clássico e na posterior formação das línguas românticas.

1.2.3 Mudança sintática ou gramatical

Entendendo a sintaxe como o estudo da organização das palavras na sentença, podemos dizer que o estudo da mudança sintática ou gramatical ocupa-se da investigação das mudanças da ordem dos constituintes no plano da oração ou frase.

Segundo Gabas Jr. (2002, pp. 88-89), e com ele concorda Faraco (1991), o exemplo modelar de mudança no plano gramatical é a perda da flexão nominal no latim, o que ocasionou a rigidez da ordem das palavras na sentença, como ocorreu no desenvolvimento das línguas românticas, como o português, espanhol, francês, romeno etc. No latim, a ordem das palavras na sentença era livre, simplesmente pelo fato de existir o sistema de marcação de caso nos nomes constituintes da oração. Com a perda da marcação de caso, passou a ser fundamental a ordem dos constituintes na frase, pois o sujeito e objeto passam a ser determinados apenas pela sua posição.

1.2.4 Mudança semântica

Os estudos da mudança no significado têm foco principalmente no estudo da palavra, da investigação dos processos de alterações de sentido. Os sentidos das palavras podem mudar e muito, e isso tem grande relação com a realidade extralinguística das comunidades. Podemos citar fenômeno ocorrido com a palavra *poubelle* que, em francês contemporâneo, significa “lixeira”. *Poubelle* era o sobrenome de um prefeito que instituiu a obrigatoriedade do uso das lixeiras em vias públicas, ganhando, assim, o depositório de lixo o sobrenome do

político. Os estudos da mudança semântica com ênfase na investigação das raízes dos significados são representados pela área da etimologia.

Faraco (1991, p. 23) diz que existem discussões sobre a relação entre o uso das figuras de linguagem (metáfora, metonímia, hipérbole, eufemismos etc.) e a mudança de significado, uma vez que elas realmente atuam na alteração do significado das palavras.

Segundo Meillet (1926, pp. 230-271), alguns fatores favorecem a mudança semântica. São eles:

- a) A língua transmite-se de modo descontínuo de uma geração para outra;
- b) A imprecisão do significado – a multiplicidade dos aspectos das palavras, a sua natureza genérica, a ausência de fronteiras bem definidas dos termos etc.;
- c) A perda de motivação – enquanto uma palavra permanece ligada à sua raiz e a outros membros da mesma família etimológica, dentro de certos limites, será conservado o seu significado. Se esses laços se quebrarem, o sentido pode desenvolver-se e até modificar-se;
- d) A existência da polissemia introduz na língua um elemento de flexibilidade – uma palavra pode adquirir um ou um grande número de sentidos novos sem perder seu significado original;
- e) As alterações semânticas podem surgir em contextos ambíguos;
- f) A estrutura instável do vocabulário.

Observando os itens enumerados por Meillet (1926), percebemos que fatores de diversas ordens atuam na facilitação da ocorrência da mudança nos significados, desde a natureza da língua (sua mutabilidade intrínseca) ao caráter flexível do léxico, representado acima através do vocabulário.

Stephen Ullmann (1964, pp. 411- 438) discutiu ainda algumas causas da mudança semântica, afirmando antes que constituem uma grande variedade⁵. Dentre elas, escolhe três causas principais, trabalhadas por Meillet (1926), acrescentando às primeiras mais três. Seriam elas as causas linguísticas, causas históricas, causas sociais, causas psicológicas – fatores emotivos e tabus -, a influência estrangeira e a necessidade de um nome novo para coisas novas.

⁵ Ullmann observa que um dos primeiros semanticistas, R. de La Grasserie, destacou trinta e nove causas para a mudança semântica. (Cf. Ullmann, 1964, p. 411)

As causas linguísticas propulsionam mudanças devidas às associações a que as palavras estão sujeitas na fala. Estas associações geram um processo conhecido como contágio⁶. Elas ocorrem quando o sentido de uma palavra absorve o sentido de outra com a qual é usada em mesmos contextos.

As causas históricas preponderam quando a língua é mais conservadora do que a civilização, moral ou materialmente. É quando novos elementos da história surgem ou se modificam e palavras antigas são empregadas para designar essas novidades. Isso acontece principalmente com algumas categorias: objetos, instituições, ideias novas ou conceitos científicos.

As causas sociais abordadas por Ullmann (1964) encerram o problema da generalização e especialização de significados. Algumas palavras especializam-se ou generalizam-se devido ao uso de grupos sociais específicos (profissionais, religiosos, políticos etc.). A exemplo de especialização, citamos a palavra *memória*, que passou a estar bastante ligada ao âmbito da informática, para designar *memória de computador*. Como generalização, a palavra desovar, que passou a ligar-se ao despejo de cadáveres, “*Desovado um cadáver numa rua em Brasilit*”⁷.

As causas psicológicas associam-se a mudanças que partem de concepções individuais e que, de algum modo, generalizam-se e passam ao uso comum. Esse tipo de fenômeno é muito comum na linguagem da política, uma vez que os locutores e suas falas têm um grande espaço na divulgação midiática. Como exemplo, citamos a palavra cunhada pelo ex-presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, que, na ocasião do período eleitoral do ano de 2010, utilizou a expressão “filé mignon”, que refere-se a um tipo nobre de carne, para designar a melhor parte do pré-sal. Durante o período de notícias eleitorais, a expressão difundiu-se e passou a ser usada em diversos textos jornalísticos e também por outros políticos.

A influência estrangeira traz à língua diversos itens léxicos advindos de outros países, modificando o modo de significar a realidade. No Brasil, como consequência disso, as promoções agora são *off*, os cabeleireiros são *hair designers*, as modelos e manequins são

⁶ Ullmann (1964, p. 411) indica que o conceito ficou conhecido a partir de Michel Bréal.

⁷ O exemplo é uma notícia jornalística retirada do corpus de pesquisa de Carvalho (1983, p. 61).

top models. É enorme a lista dos anglicismos na língua portuguesa⁸, fruto de um grande período de hegemonia econômica e cultural dos Estados Unidos.

A necessidade de um novo nome para novas coisas marcou a história de nosso país e de nossa língua. Ao chegarem ao Brasil, os portugueses não possuíam nomes para as jabuticabas, as pitombas, os guajirus (muito menos havia essas frutas e esses animais no além-mar). Surgiram ali novos nomes e significados para a língua portuguesa, e ainda mais depois da chegada dos diversos povos que aqui habitaram, trazendo os objetos e lampejos de sua cultura de origem. Também há, contemporaneamente, a grande necessidade de nomeação nas áreas científica e comercial, na primeira para catalogar e categorizar o conhecimento e na segunda para dar identidade a empresas e a produtos, que precisam ser difundidos e aceitos na sociedade.

As mudanças fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas, apesar da distinção classificatória, não acontecem necessariamente de modo segregado. Do contrário, na maioria das vezes essas mudanças acompanham umas as outras, ratificando a impossibilidade de se retratar a língua exatamente como ela é em um dado momento do tempo. A mudança, portanto, por ser contínua, por acompanhar as mudanças na história e nas sociedades, elevam a língua concreta à condição de língua real, aquela que realmente permite que as pessoas continuem se comunicando, tentando construir novos governos, espaços, pensamentos. A mudança permite-nos, enfim, mudar.

⁸ É interessante ver o estudo que Silva (2010) realiza sobre os empréstimos linguísticos, em que demonstra a força do uso das palavras estrangeiras em face à pressão política nacional que visa o bloqueio do uso de estrangeirismos.

1.3 Sistema, fala e mudança

A famosa dicotomia saussuriana entre língua e fala foi muito importante em sua época porque trazia uma novidade à tradição de estudos históricos que o precederam. A linguística histórica do século XIX preocupava-se com a busca das causas das mudanças históricas “nos deslizamentos de pronúncia, nas associações espontâneas e na ação da analogia, e que era, por conseguinte, uma Linguística do ato individual”, afirma Roland Barthes (2006, p. 17). Saussure, por sua vez, propunha uma ciência que tivesse como objeto os fenômenos da língua, para ele, sistema de abstrações que existem em potencialidade. A respeito desse sistema, autor assevera que “a língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos” (SAUSSURE, 2006, p. 27). Daí a ideia basilar do estruturalismo que ficou difundida de que a língua é a instituição social e sistema e de que a fala é o ato individual de atualização e seleção da língua.

Além das distinções entre língua e fala, outra dicotomia saussuriana que muito implica na investigação da mudança linguística é a antinomia sincronia e diacronia. Para definir a sincronia, Saussure parte do princípio de que “em si mesmo, o sistema é imutável”, separando nitidamente o conceito de língua (sistema) e fala. Sendo assim, o estudo sincrônico da língua, isto é, do sistema, permitiria descrever esse sistema, deixando de lado tudo o que é individual. Essa posição revela uma visão estática da língua, como se ela parasse de mudar no momento da análise sincrônica, embora o linguista genebrino admitisse o caráter dinâmico de seu objeto de estudo: “Com efeito, a imobilidade absoluta não existe; todas as partes da língua estão submetidas à mudança; a cada período corresponde a uma evolução mais ou menos considerável” (SAUSSURE, 2006, p. 163). A grande questão, na verdade, não é o fato de o estruturalista europeu admitir ou não o fato da mudança; as discussões em torno de suas ideias estão direcionadas os métodos gerados por sua teoria.

Coseriu (1979), em *Sincronia, Diacronia e História*, propõe uma revisão dos conceitos cunhados por Saussure e faz um exame minucioso das noções de sincronia e diacronia, bem como dos conceitos de língua e fala, pois ambos estão imbricados. Entre todos os objetivos do citado trabalho, destacamos alguns que dizem respeito especialmente à questão. Coseriu (1979, p. 17, grifos nossos) afirma, entre outras assertivas:

- a) Que a pretensa aporia da mudança linguística não existe senão por um erro de perspectiva que se manifesta fundamentalmente na identificação entre ‘língua’ e ‘projeção sincrônica’

- b) O problema da mudança linguística não pode bem deve ser colocado em termos causais;
- c) Que, precisamente, a antinomia sincronia/diacronia *não pertence ao plano do objeto*, e, sim, ao plano da investigação; não se refere à linguagem, mas à linguística;
- d) Que não há *nenhuma contradição* entre 'sistema' e 'historicidade', ao contrário: a historicidade da língua implica sua sistematicidade;
- e) Que, no plano da investigação, a antinomia sincronia/diacronia só pode ser superada na e pela história.

Com estas ideias, Coseriu (1979) estreita a rigidez dos conceitos saussurianos, reduzindo o abismo entre *langue* e *parole*. Afirma, todavia, que de fato a língua que não muda é a língua abstrata. Porém, assegura que “nunca se viu uma gramática que se modificasse por si mesma, nem um dicionário que se enriquecesse por sua própria conta” (COSERIU, 1979, p. 19). Por isso o autor diz que a língua não pode ser isolada dos seus fatores externos, uma vez que ela só se realiza no falar.

A observação sincrônica (da língua estática) não é capaz de, em si, comprovar a mudança. Para Saussure (2006, p. 103, grifo nosso), “o sincrônico pode ser comparado com a projeção dum corpo sobre um plano. Com efeito, toda projeção depende diretamente do corpo projetado e, contudo, dele difere, *é uma coisa à parte*”. Desse modo, o sincrônico, como observou Coseriu (1979), se justifica muito mais no plano da observação do que na realidade da língua, uma vez que não se pode abstrair seu movimento. “Não podemos imaginá-la ao mesmo tempo parada e não parada”, insiste Coseriu (1979, p. 20).

Todas as mudanças ocorrem no falar concreto, e sendo o estudo sincrônico a investigação de uma projeção dessa concretude não pode ser a mudança comprovada através dele. Não obstante, as mudanças, sendo reais, acabam de alguma forma se refletindo na diacronia. A atitude positivista durkeheimiana⁹ herdada por Saussure coloca a língua em um plano distante da realização, da concretude de seu funcionamento, uso e, portando, mudança.

A língua é um fato social, no sentido mais genuíno do termo 'social', que é o de 'propriamente humano'. Mas, por um lado, a língua não é simplesmente *um* fato social 'entre outros' e 'como outros' (como os sistemas monetários, por exemplo), pois a linguagem é o próprio fundamento de tudo o que é social; e, por outro lado, os fatos sociais não são como imaginava Durkeheim. Os fatos sociais não são exteriores aos indivíduos, não são extra individuais, mas interindividuais,

⁹ Coseriu (1979) desenvolve uma minuciosa argumentação sobre a relação entre o pensamento de Saussure e a teoria social de Durkeheim. O autor faz uma revisão das ideias de indivíduo e sociedade postuladas por Durkeheim, observando os reflexos disso na teoria de Saussure quando pensa sobre língua e fala. Segundo o texto, o conceito de língua de Saussure corresponde ao conceito de fato social de Durkeheim. Cf. Coseriu, 1979, Capítulo II.

correspondendo nisso ao modo de ser do homem, que é um 'ser com outros'. Na medida em que se reconhece que 'pertence também a outros', ou em que se cria com o propósito de que assim resulte o fato social - e, em particular, a língua - transcende o indivíduo, mas não lhe é de maneira alguma 'exterior', pois é próprio do homem 'sair de si mesmo', transcender a si mesmo como mero indivíduo; e a manifestação por excelência, o modo específico desse transcender é, precisamente, a linguagem. Do mesmo modo, não é verdade que o indivíduo 'não cria' o fato social; ao contrário: cria-o continuamente, pois a forma peculiar de 'criar' o fato social é, justamente, a *participação*, assumir e reconhecer como 'próprio' algo que, ao mesmo tempo, se reconhece ser 'também dos outros'. (COSERIU, 1979, p.41, grifos do autor).

A língua abstrata, objeto da sincronia, elimina da linguagem seu caráter heterogêneo, interindividual, atualizável pelos falantes que precisam da língua para se expressar, mas que, como o vento no moinho, fazem a língua funcionar e mudar.

Não obstante, Coseriu (1979, p. 40) assegura que não é porque a língua existe apenas no falar que não pode ser estudada com uma objetividade ideal. Isso decorre da escolha feita no plano da investigação, não de uma propriedade das línguas.

Segundo Biderman (2001, p. 14), a língua se situa em um eixo temporal através do qual recebe influências de muitos fatores extralinguísticos e, por consequência disso, nem nos estudos sincrônicos nem nos diacrônicos se podem fazer abstrações de sua heterogeneidade, sendo necessário situar o fenômeno em seu contexto sociolinguístico. A autora afirma, ainda, que pelo fato de a língua acompanhar a marcha da história, na análise de fatos sincrônicos é necessário contar com o concurso da diacronia para compreender os desajustes pelos quais o sistema é a travessado.

A língua assemelha-se a uma pista de corredores onde uns já ultrapassam a barreira de chegada, outros acabam de atingi-la e outros vêm chegando. O observador não vê apenas a linha de chegada e aqueles que aí estão no momento; se ele se interessa pela corrida como tal, acompanhará a competição no seu todo (BIDERMAN, 2001, p. 15).

No século XIX, o pensador cartesiano Humboldt caracteriza a linguagem como *enegeia* e *ergon*. Por *ergon* entende-se um produto pronto e acabado e por *energeia* algo em permanente mudança (Cf. BASTUIJ, 1979. pp. 12-20). De, Saussure, por sua vez, pode-se depreender uma tríplice de conceitos sobre *língua*, evidenciada por Coseriu (1962, p. 41). Assim, a língua para Saussure é i) o acervo linguístico de uma comunidade; ii) a instituição social; iii) o sistema funcional.

Coseriu (1962, cap. 11, §§ 2.2 e 2.3) elabora um quadro esquemático que dispõe as dualidades e complementariedades entre língua e fala nas teorias de Humboldt e Saussure, o

qual poderemos ver ilustrado a seguir (Cf. Biderman, 2001, pp. 15-16):

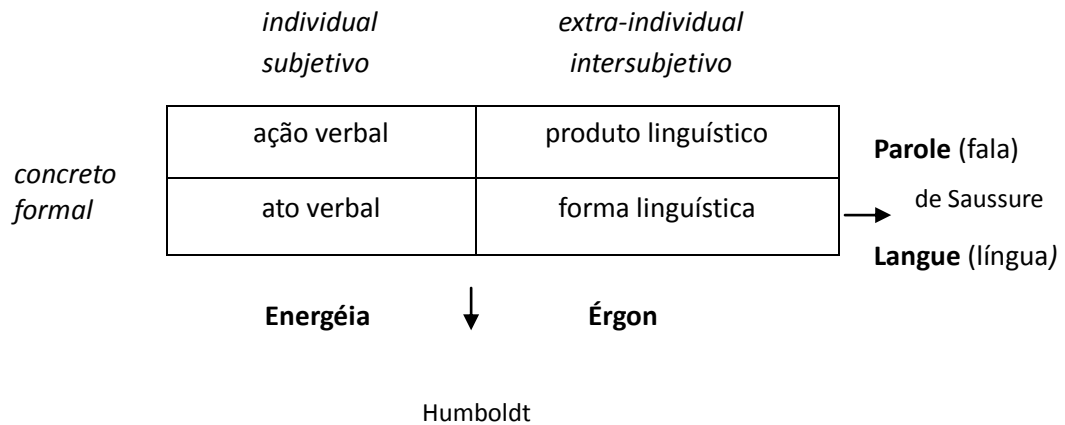


Figura 1 – Esquema de dualidades língua/fala de Coseriu (1962)

Da figura elaborada por Coseriu (1962), podemos observar salientes tanto o caráter formal da língua quanto sua face intersubjetiva. A fala, aqui, está colocada como produto da ação verbal, ligada ao plano concreto, individual e subjetivo. Vemos, portanto, uma equivalência entre as noções de Saussure e Humboldt, embora haja uma diferença taxionômica. A fala, considerada como ato verbal, na leitura horizontal do esquema, diz respeito a um registro posterior à produção, uma vez que não se pode estudar uma ação verbal no momento em que ela acontece. Pode-se ter acesso a gravações e transcrições, mas o momento da ação verbal é único e irrepetível¹⁰. Outro modo de se ter acesso à ação verbal através do ato verbal seria o acesso à produção escrita de um indivíduo, que pode ser considerada com um duplo enfoque, conforme aponta Biderman (2001, p. 16): “como documento da atividade linguística desse sujeito (energéia), ou como amostra da sua língua (érgon)”. Todo ato verbal tem em si a realidade abstrata e concreta da língua; portanto, podemos dizer que em todo ato verbal existe *érgon* e *energéia* ou mesmo *langue* e *parole*.

Louis Guilbert¹¹ (1975), na busca de argumentos para explicar a criação neológica a

¹⁰ Mikail Bakhtin trabalha com os conceitos de ato e ação enquanto eventos únicos e irrepetíveis em seu ensaio *Para uma filosofia do ato responsável*. A priori, o texto do pensador russo não se dirige ao âmbito da linguística; ele se propõe a desenvolver uma filosofia moral. Esta filosofia deve-se ocupar do mundo concreto da vida, onde ocorre a expressão real e única do ser, onde os seres têm não somente identidades, mas nomes próprios. Acreditamos em algumas associações possíveis entre o conceito de fala (como ação verbal e como produto) com o que Bakhtin desenvolve sobre os conceitos de ato e ação. Para mais detalhes sobre a referida teoria, cf. BAKHTIN (2010).

¹¹ Todos os textos aqui reportados de Guilbert (1975) são traduções livres de nossa responsabilidade. Para maior comodidade da leitura, optamos pela disposição dos textos traduzidos no corpo do trabalho. Os trechos originais virão em notas.

partir do conceito de *criatividade*, acaba tocando na relação entre língua abstrata e língua concreta. Segundo o lexicólogo francês, o conceito de criatividade em Saussure repousa na dicotomia língua/fala, sendo a língua o lugar virtual onde existem elementos disponíveis para a atualização nos atos da fala, nos enunciados dos locutores. “Código e tradução do código em atos linguísticos têm como origem a massa de locutores. É, portanto, uma concepção essencialmente social da criatividade linguística” ¹² (GUILBERT, 1975, p.22). Ele acrescenta que, para Saussure, a mudança linguística resulta da ação divergente da massa falante e do tempo.

O teórico também cartesiano Noam Chomsky, a partir de seus conceitos de *competência* e *performance*, de um ponto de vista mentalista, elimina o aspecto social do uso para reter apenas a performance do indivíduo ideal. Biderman (2001) assinala que de maneira alguma os conceitos de competência e performance desenvolvidos por Chomsky correspondem aos de língua e fala de Saussure, respectivamente. O conceito de *competência*, como bem observou Guilbert (1975) não considera o aspecto social, portanto culturalmente partilhado, que Saussure destaca em seu conceito de língua. Biderman (2001) resume com muito sucesso as relações entre os conceitos de Chomsky e Saussure, dizendo que “a aquisição da competência linguística (o acerto da *língua*) e se verifica no sujeito através do convívio quotidiano e contínuo com *atos de fala (performance)* de outros membros da sua própria comunidade falante” (BIDERMAN, 2001, p. 17, grifos da autora). Esse processo de convívio e interação entre os indivíduos na sociedade seria responsável por construir, através do tempo, o modelo de língua da comunidade. Isso constituirá um modelo na mente de tal indivíduo, incorporando os padrões de regras e os recursos disponíveis no sistema linguístico. Todas essas etapas apenas serão possíveis a partir da interação entre várias pessoas, que realizam sua competência em diversas performances. “Portanto, o processo de incorporação de um sistema linguístico – a sua interiorização e memorização – é uma resultante tanto na *energéia* como do *érgon*” (BIDERMAN, 2001, p. 17, grifos da autora). Para Coseriu (1979), a respeito dos conceitos humboldtianos, apenas por ser atividade a língua pode ser tomada ocasionalmente como produto. Sendo assim, a língua nunca é propriamente érgon (COSERIU, 1979, p. 43).

¹² “Code et traduction du code em actes linguistiques ont pour origine la masse des locteurs. C’est donc là une conception essentiellement sociale de la créativité linguistique”. Cf. GUILBERT, 1975, p. 22.

1.3.1 Sistema, norma e fala

Como alternativa à rígida separação entre língua concreta e sistema linguístico, Coseriu (1962, pp.11-13) realizou um estudo que propôs a revisão da dicotomia saussuriana¹³ a partir de três noções: sistema, norma e fala (SNF). Para o pensador romeno, como observamos no item anterior, a dicotomia não reflete o que de fato acontece na língua. Com o intuito de ilustrar a proposta, o autor elabora o seguinte esboço:

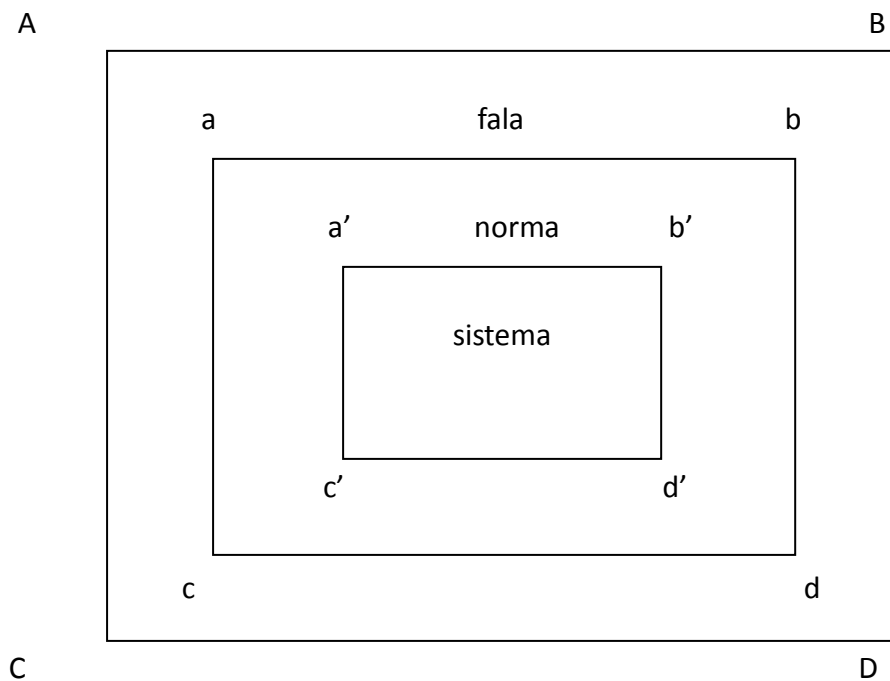


Figura 2 – Esquema de interpretação da tríplice sistema, norma e fala de Coseriu (1962)

O conjunto representado pelo retângulo A-B-C-D corresponde à fala. A *fala* é considerada pelo autor como atividade universal que se realiza por indivíduos particulares, enquanto membros de comunidades históricas. Sendo assim, a fala compreende três dimensões, o universal, o particular e o histórico. “Como a atividade artística, o falar é atividade livre, é necessariamente infinito, nunca está completamente realizado” (COSERIU, 1979, p. 44).

No segundo retângulo a-b-c-d, localizado no interior da figura representante da fala, está ilustrado o que o linguista entende por *norma*. A *norma* seria o primeiro nível de abstração para análise dos fatos linguísticos, abrangendo o que na fala real ou na escrita real

¹³ Coseriu (1979, p. 48) ratifica que sua proposta (SNF) não foi feita para corrigir a antinomia sistema e fala. O autor explica que “trata-se de uma distinção entre tipos de estruturas do falar, precisamente, entre estruturas simplesmente comuns (tradicionais) e as funcionais (distintivas)” (COSERIU, 1979, p. 48).

representa a repetição de modelos anteriores partilhados pela comunidade. A *norma* constitui a tradição linguística, continuada através da atualização através da fala do conjunto de indivíduos que representam uma comunidade linguística. Sendo assim, o *sistema* (retângulo a'-b'-c'-d'), está presente na norma, mas não constitui a sua totalidade. A norma seria a reunião do sistema mais os elementos de atualização realizados no falar de uma comunidade.

O sistema (a'-b'-c'-d') é a estrutura da língua, disponível para atualização, que contém os elementos de oposição funcionais, “que asseguram o seu funcionamento como instrumento cognoscitivo e de comunicação” (COSERIU, 1962, p. 96).

O sistema é então o conjunto de possibilidades virtuais, um arsenal de possibilidades abstratas disponíveis para atualização. Biderman (2001, p. 20) diz que sua índole, antes que imperativa, é consultiva. Ele representa o arsenal disponível ao falante para consulta e não para impor.

Enquanto isso, a norma representa o poder coercitivo da língua; impõe a tradição do uso ao indivíduo, limita sua liberdade expressiva. A norma representa a convenção social do que pode ou não ser dito e como deve ser dito. “A norma é, com efeito, um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade” (COSERIU, 1962, p. 98).

Biderman (2001, p.20) chama a atenção para o fato de existirem dois tipos de norma. A *norma geral* (da sociedade global ou da nação à qual pertence a língua) e também um diverso arsenal de *normas parciais, regionais*. O segundo tipo deve-se ao fato já citado no primeiro item deste capítulo (Cf. 1.1) de que as línguas sempre variam e por isso mudam. A variação desencadeia os diversos tipos de normas regionais ou parciais.

É importante frisar que a mudança ocorre porque existe a fala, ou seja, porque a liberdade linguística existe, apesar das coerções da norma e graças às possibilidades oferecidas pelo sistema. Coseriu (1979) consegue expressar esse movimento de maneira magistral, e através de suas palavras demonstraremos nossa ideia:

No falar histórico, a língua já estabelecida é termo necessário da liberdade, mas este termo, enquanto técnica e material para novos atos livres, mais que propriamente ‘limite’, é *condição necessária da liberdade*. Todo ato de falar, sendo ao mesmo tempo histórico e livre, tem uma extremidade ancorada na sua ‘necessidade’ histórica, na sua condição historicamente necessária – que é a língua – e outra extremidade que *aponta para uma finalidade significativa inédita* e que, portanto, vai mais longe que a língua já estabelecida (COSERIU, 1979, p. 44, grifos nossos).

A liberdade social é condição para a sobrevivência das sociedades no mundo democrático, no qual os seres devem sentir o devir como uma possibilidade repousada em seu arbítrio, indo e vindo através das vias públicas e privadas conscientes dos seus atributos como cidadãos. No mundo da arte, a liberdade é via fulcral para a realização de obras geniais, na música, na escultura, na pintura, na literatura. E elas são geniais porque destacam-se entre as outras; elas emergem dentre uma massa de outras manifestações, que permanecem reproduzindo o *normal*, o constituído e consagrado através da história.

Com a língua, assim como com a arte e com o social, o indivíduo tem em suas mãos oportunidades de realizar apenas o realizável, ou o já realizado ou o ainda inédito, através do uso de sua liberdade no falar, no ato genuíno pertencente a todos os seres humanos. A criação linguística é objeto/testemunha da possibilidade infinita da intervenção do humano na língua, mesmo com as coerções próprias das normas sociais, normas artísticas e normas linguísticas, sejam gerais ou específicas. A mudança, portanto, permite à língua a criação, renovação e inovação, recursos através dos quais atualizamos nossa liberdade de criar, comunicar e expressar através da instituição da linguagem.

capítulo 2

NEOLOGIA: A CRIATIVIDADE NO LÉXICO



2 NEOLOGIA: A CRIATIVIDADE NO LÉXICO

*A expressão vocabular humana não sabe ainda, e provavelmente não
o saberá nunca, conhecer, reconhecer e comunicar tudo quanto é
humanamente experimentável e sensível*

José Saramago

Iniciaremos este capítulo com uma discussão sobre os conceitos de léxico, demonstrando algumas visões teóricas sobre o tema. Observaremos que o léxico é um conjunto virtual que se organiza como sistema, e pode se atualizar, na língua, em forma de lexias ou lexemas; no discurso, em forma de vocábulos; e, nos textos, em forma de palavras. Por esse motivo, nos parece pertinente explicar algumas diferentes visões teóricas sobre o léxico, pois a postura analítica modifica-se a partir do prisma teórico do qual se observa o objeto. Assim, demonstraremos algumas relações do léxico com o pensamento e com a cognição, com a cultura, com a realidade social em que se manifesta através das suas atualizações em lexias, vocábulos ou palavras. Trabalharemos em nossa análise a partir do entendimento do léxico como base virtual de expressão da realidade cultural e histórica de uma comunidade linguística, que se atualiza e se realiza nos discursos e no falar dos indivíduos, com base na norma linguística e na tradição lexical de cada cultura.

Nosso estudo da criação lexical se dará a partir de textos noticiosos, por isso entendemos a necessidade de serem discutidos aspectos referentes à definição da unidade *palavra*, pois é este elemento que manifesta a atualização do léxico nos textos. Também nos concerne frisar que todo estudo de uma linguagem específica (como a linguagem do jornalismo político, aqui) faz com que a análise do léxico se dê através da observação do vocabulário, pois se recorta um conjunto específico de manifestações linguísticas ligadas a uma área de atividade linguística e social.

Dessa forma, na discussão teórica, para nos referirmos à unidade de análise do léxico, poderemos usar os termos *lexia*, *lexema*, *vocábulo* ou *palavra*, pois a distinção entre eles se faz apenas nos níveis e métodos de análise, podendo ser usados como sinônimos em ocasiões que se referem às unidades de estudo do sistema lexical de maneira genérica.

2.1 O léxico

Por léxico, entendemos o conjunto de palavras existentes e possíveis de existirem em uma língua. O léxico de uma língua é o todo capaz de comunicar, representar e modificar os significados que passeiam entre os indivíduos em sua casa, em seu trabalho até as instâncias sociais mais complexas, dentro das quais estão em questão as leis, os direitos e o futuro das comunidades.

Vilela (1979) defende que no léxico de uma língua incluem-se o “conjunto de palavras dessa língua e a sua inventariação (dicionarística ou lexicográfica), a competência lexical do falante/ouvinte nativo de uma língua e (...) o conjunto representativo da realidade extralinguística de uma língua” (p.9). Para Carvalho (2011), léxico (do grego *lexicon*) ou vocabulário “é o inventário completo dos termos que constam sempre em um dicionário da língua” (p.15).

Fazendo uma relação entre expressão e pensamento, Garcia (2006) afirma serem as palavras do vocabulário de uma língua o meio pelo qual é possível revestir as ideias e transformá-las em pensamento; esta assertiva nos permite interpretar que, segundo o autor, só podemos nos expressar e pensar porque existem as palavras. Concordando com a ideia, Carvalho (2011) acredita que a aprendizagem e o vocabulário são interdependentes, formando juntos o meio pelo qual se podem ampliar os limites do pensamento.

Mattoso Câmara Jr., trabalhando com as noções de morfema, diz que esta estrutura pode ser de duas naturezas: uma lexical e uma gramatical (Cf. CÂMARA JR., 2009, pp. 23-24). O autor afirma que a natureza lexical do morfema o associa com uma coisa do mundo exterior que nos envolve e tem expressividade na língua. Os morfemas lexicais, assim, constituem o cerne do vocábulo, enquanto os morfemas gramaticais têm parte na configuração gramatical vocabular, indicando a classe, a conjugação, o gênero, número etc. Tal ideia reflete os conceitos de forma presa (gramatical) e forma livre (lexical) trabalhados pelo estruturalista Leonard Bloomfield.

Em *História e estrutura da língua portuguesa*, Câmara Jr. (1979) entende o léxico como conjunto de nomes e verbos da língua, observando a grande importância dos empréstimos linguísticos na língua portuguesa e afirmando que a história de nosso léxico reflete expressivamente a história externa de nossa língua (p.189).

Segundo Castilho (2010, pp. 109-118), o léxico pode ser visto como um inventário de

categorias e subcategorias cognitivas e de traços semânticos inerentes. Esse inventário é virtual, pré-verbal, e pode ser entendido como um feixe de propriedades de que lançamos mão para a criação das palavras, ou seja, para a lexicalização. Assim, léxico e vocabulário são entidades diferentes: léxico é um inventário pré-verbal; vocabulário é um inventário pós-verbal, um conjunto de produtos concretos, isto é, um conjunto de palavras inseridas em algum âmbito, comunidade, obra literária etc. Nessa perspectiva, poderíamos pensar no léxico como um conjunto de possibilidades depositadas no sistema da língua, a espera de uma atualização nos atos de fala, porém ligado aos limites da norma linguística.

Enquanto tomamos o léxico como conjunto de unidades existentes e possíveis que formam a língua de uma comunidade, entendemos o vocabulário como a atualização do sistema lexical na realização, ou seja, no plano do discurso. O léxico, desse modo, estaria no domínio da língua enquanto o vocabulário se reservaria ao domínio do discurso, embora frisemos que os limites não sejam tão herméticos como os conceitos sugerem. Assim, “as unidades do léxico são os lexemas, enquanto as unidades do discurso são os vocábulos e palavras” (DUBOIS *et al*, 1973, p. 364). O conjunto de palavras usado por determinada comunidade pode ser classificado como vocabulário, a partir do instante em que o pesquisador/linguista traça uma metodologia capaz de sumariar e classificar seus dados. Porém, não podemos dizer que esse vocabulário representa o léxico total da comunidade, uma vez que em todo corpus de análise estão em questão métodos de seleção que inevitavelmente excluirão elementos. É por isso que muitos estudiosos frisam a dificuldade de estudar o léxico de uma língua.

Destarte, existe o léxico efetivo, que abarca as unidades que já foram atualizadas em discurso. O léxico efetivo compreende o léxico passivo – entendido como as unidades decodificadas automaticamente pelo receptor, mas não codificadas automaticamente no discurso que emite – e o léxico ativo – entendido como o conjunto de lexias de codificação automática.

Carvalho [2010] ¹⁴ diz que se devem considerar três níveis de atualização em se tratando do universo lexical, a saber: (a) o nível da língua, cuja unidade é a lexia (Pottier) ou lexema (Charles Müller); (b) o nível do discurso, cuja unidade é o vocábulo; e (c) o nível do texto, cuja unidade é a palavra.

¹⁴ A referência citada diz respeito ao material didático elaborado pela autora, utilizado na disciplina “Lexicologia”, que vem sendo ministrada pela professora no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE.

Henriques (2010) resume, assim, sua ideia de léxico:

Léxico é o conjunto de palavras de uma língua, também chamadas de LEXIAS. As lexias são unidades de características complexas cuja organização enunciativa é interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedece a certas combinações (HENRIQUES, 2010, p.13).

Pode-se observar, a partir das diversas conceituações dos autores citados, que o conceito de léxico tem uma íntima ligação com ao menos dois elementos: a realidade extralinguística e a organização no plano sintagmático. A palavra léxica distingue-se da palavra gramatical justamente pela relação que possui com o exterior da língua, representando¹⁵ os seres, os objetos, os processos, os modos de ver e de sentir o mundo, os atributos.

Há também, atualmente, uma forte linha de análise linguística de base sociocognitiva, representada aqui por Marcuschi (2004a), que se interessa pelo estudo do léxico com foco nas operações que realizamos com ele para produzirmos sentido. O autor considera o léxico o terceiro grande pilar da língua, ao lado da sintaxe e da fonologia, e toma-o como o nível de realização linguística “o mais instável, irregular e até certo ponto incontrolável” (p. 6). Por ser um sistema aberto, o léxico permite a entrada e saída de palavras do vocabulário de uma língua; não obstante, concordamos com Biderman (2001, p.12) quando sustenta que, apesar da impossibilidade de se descrever completamente o léxico de uma língua, pois ele está em permanente movimento, o seu estudo não se torna necessariamente impossível. A autora cita Rey-Debove (1970), supondo que o Léxico (conjunto de palavras léxicas) de uma civilização, como o inglês ou o francês, ultrapasse 200 000 lexemas, podendo atingir 500 000 unidades se forem consideradas as unidades técnico-científicas e terminológicas (BIDERMAN, 2001, p.12). Estes dados nos mostram a enorme extensão a que pode chegar o arsenal léxico de uma língua, denotando sua estreita relação com o conhecimento humano acerca do universo.

Levamos em consideração, desse modo, a grande instabilidade do léxico, dada sua ligação indissociável ao mundo do conhecimento humano, assim como com a sua história e relações sociais. Não pensamos, porém, que ele seja, como disse Marcuschi (2004a), “ao mesmo tempo vulnerável e incontrolável” (p. 6), ao menos em se tratando da sistematização de seu estudo. Reconhecemos sua vulnerabilidade por seu caráter aberto, podendo ser

¹⁵ Consideramos aqui a noção de signo linguístico dentro da perspectiva da representação da realidade e não da correspondência. Admitimos todos os aspectos imbricados na noção de representação.

ampliado tanto do ponto de vista individual quanto coletivo. Todavia, acreditamos na possibilidade de sistematizar seu estudo, a partir de posições metodológicas que vêm sendo há muito tempo desenvolvidos pela lexicologia e lexicografia, de naturezas quantitativa e qualitativa.

Sendo o léxico o conjunto virtual de palavras responsáveis por nomear os signos do mundo, os seres (substantivos), os processos (verbos) e as propriedades (adjetivos e advérbios) são representados por esse arsenal linguístico de todas as línguas. Sem ele não transformaríamos ideias em comunicação e, assim, não haveria a construção do conhecimento através da troca de saberes. A palavra é a unidade semântica indecomponível, segundo Ullmann (1964). Se existem unidades gramaticais significantes menores do que a palavra, elas não têm significação autônoma. Daí, através do léxico de uma língua, pode-se perceber muito sobre o funcionamento social e linguístico das comunidades.

No entendimento de Biderman (1998), é inerente aos seres humanos categorizar linguisticamente os fenômenos que lhes são conhecidos. Em um segundo momento, a ação do homem é nomear aquilo que categorizou para organizar seu mundo sensorial. “O léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo” (BIDERMAN, 1998, p. 91), e quando uma mesma língua tem várias representações, o léxico também revela as diferentes formas dessa língua registrar as diferentes experiências de seus falantes.

Ainda que haja a liberdade linguística, os falantes estarão ligados de alguma maneira aos hábitos de seus grupos sociais. Um bom exemplo desse fenômeno são os neologismos regionais, os *regionalismos*. Eles, assim como as gírias, são um sintoma de que dentro de um mesmo sistema linguístico pode haver diferenças lexicais motivadas por forças sociais – mas nem por isso a língua perde a sua unidade¹⁶.

A língua, tomada em si mesma, não passa de uma abstração de uma possibilidade. O que existe de concreto, de observável são os falantes, que, sempre, numa situação social particular usam e criam os recursos linguísticos para interagirem uns com os outros e fazerem circular a gama de valores culturais que marcam cada lugar, cada situação e cada tempo. (ANTUNES, 2007, p. 95)

Através do estudo do léxico podem ser identificados momentos históricos, pode-se conhecer a origem do produtor de um texto, pode-se conhecer um mundo inteiro. Sem o léxico, não há comunicação. Esta, por sua vez, não existe abstraída do tempo e espaço. Se as palavras têm a função de acompanhar as inovações e revoluções que acontecem no mundo,

¹⁶ Entenda-se unidade de modo diferente de uniformidade. A unidade aqui é reportada com respeito à noção de língua enquanto código e estrutura.

elas também têm o poder de revelar os significados dessas mudanças. Através delas, é possível empregar um olhar crítico através dos processos que tão rapidamente vêm tomando parte do cotidiano moderno. “A geração do léxico se processou e se processa através de anos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras” (BIDERMAN, 1998, p. 93).

A palavra como palavra léxica é um elemento do discurso, ou atualização de cada uma das possibilidades da forma básica no uso concreto condicionado pelo respectivo contexto. A interpretação do texto, apenas, não possibilita uma exata determinação do significado das palavras, pois essa determinação pressupõe o conhecimento dos elementos constitutivos da significação das palavras (VILELA, 1979, pp. 21-22).

O léxico é, portanto, um sistema aberto que compreende um conjunto de palavras, lexis ou vocábulos¹⁷ disponíveis para atualização sempre ligados intimamente à realidade histórica e cultural da língua à qual pertence, além de ter ligação com o desenvolvimento do pensamento dos indivíduos de tal comunidade. Esse sistema não pode ser contabilizado com exatidão, pois está em constante ampliação e redução. Assim, as investigações nessa área da língua são realizadas a partir de determinados momentos históricos do léxico, sendo selecionados modos de manifestação textual para o acesso aos registros.

Quando se associa o estudo do léxico às diversas ocorrências textuais na sociedade, temos acesso a ele através da *palavra*, que, ainda hoje, é um elemento linguístico em torno do qual se instauram diversas discordâncias teóricas. Por essa razão, entendemos ser necessário um breve esclarecimento sobre a unidade *palavra*, com o intuito esclarecer algumas bases de os nossos critérios de reconhecimento do neologismo (*nova palavra do léxico*).

¹⁷ Como afirmamos anteriormente, a terminologia usada para definir a unidade do sistema lexical estudada depende do tipo de análise realizada.

2.2 Palavra: conceitos e obstruções

O poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade assim escreveu:

*Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.
Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.
Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.*

No poema de um dos maiores poetas do Brasil, o conceito de palavra se encontra no espaço lírico, sendo apresentado como um mistério, um mito. O eu-lírico destaca a condição opaca da palavra, que, para ele, se esconde nos melhores e mais raros livros. Na poesia e na literatura, de modo geral, a palavra pertence ao universo metafórico e atua como transfiguração da realidade, instaurando uma representação mimética do mundo. A escolha da palavra certa – ou de certa palavra - pode ser a senha de uma obra e pode marcar a identidade de um autor ou de uma época.

Muitas culturas depositam na palavra um valor ligado a sua identidade, etnia e religião. O clássico exemplo do diverso arsenal léxico possuído pelos esquimós para designar a cor branca da neve nos mostra como uma cultura pode conceptualizar a realidade de modo específico, embora isso não queira dizer exatamente que para aquele grupo linguístico a realidade é outra. Biderman (1998) frisa que a diferença entre um esquimó e um brasileiro, por exemplo, não está na distinta visão que os dois têm de uma mesma realidade, mas no modo como as duas culturas percebem os detalhes do mundo, como uma *experiência coletiva acumulada*. O escritor moçambicano Mia Couto¹⁸ (2007) relaciona língua e identidade de modo confessional, dizendo que os nomes, assim como as identidades, são entidades transitórias, que realizam um movimento incessante.

Ensinaram-nos a ter medo da indefinição e da imprevisão. Mas nós brasileiros e moçambicanos construímos sociedades em que a previsão não passa de uma falível contingência. A força do oculto e do não nomeável é muito forte. Devemos tirar partido disso: inventemos para nós a identidade que nos apetecer. E façamo-lo não

¹⁸ Embora o autor atue como literato, o texto referenciado por nós é uma comunicação feita pelo escritor em uma publicação de estudo da Linguística, cuja discussão foi organizada em torno de reflexões sobre a Língua Portuguesa (cf. COUTO, 2007).

porque seja politicamente correto mas *porque nos dá prazer sermos o que somos, mesmo que não saibamos exatamente o que isso é.* (COUTO, 2007, p.21, grifo nosso)

Em se tratando de teorias linguísticas, que pretendem delinear métodos para analisar a linguagem de modo sistemático, emerge a necessidade de se estabelecerem limites entre as unidades da língua para que esta possa ser descrita e problematizada. Entretanto, mesmo no século XXI, a palavra, assim como na poesia de Drummond e como nas identidades de Mia Couto, continua sendo uma procura constante e seus aspectos são elementos de discordâncias entre os teóricos.

Nas diversas disciplinas, o conceito de palavra tem uma acepção difusa e vária, e serve aos propósitos analíticos e metodológicos de cada uma. De modo geral, segundo Charaudeau e Maingueneau (2008):

O sentido atribuído habitualmente a este termo é fortemente impregnado pela *tradição tipográfica*, que a utiliza para designar um segmento gráfico (que pode ser composto por uma ou várias letras) isolado por espaços em branco. Essa percepção material que repousa sobre a noção de uma unidade gráfica é associada de maneira difusa, no inconsciente dos locutores, a um sentimento de unidade semântica que favorece *a relação pressuposta entre palavra e coisa* (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2008, p. 357, grifos nossos).

Ainda hoje a tradição tipográfica tem muita influência na reflexão sobre os limites da palavra, sobretudo no meio acadêmico e na comunicação escrita de uma maneira geral, em que a extensão dos textos e trabalhos produzidos é quantificada através do número de palavras. O que havia, no passado, de maneira analógica na tipografia, passou como herança para a era da edição digital e sua relevância não pode ser ignorada.

Por outro lado, enquanto signo semântico, a palavra pode ser concebida como representação de elementos presentes no mundo exterior à língua (palavra léxica), embora para ser construída dependa de diversos componentes internos. Mesmo assim, ela não é utilizada pelos falantes de modo isolado, fazendo parte de um sistema que necessita também das estruturas fonológica, fonética, sintática, textual, discursiva e pragmática para se constituir. Talvez por essa mesma razão sua definição não exista também segregadamente.

Estudando o sistema fônico da língua kawi, Wilhelm Von Humboldt afirma a instituição linguística como um segundo mundo “objetivado pelo indivíduo desde si mesmo a partir de impressões que ele recebe do mundo”. Para ele as palavras seriam na linguagem a representação dos objetos do mundo individual experimentado, revelando descontinuidades. “A palavra é o limite até o qual a língua exerce espontaneamente seu trabalho criador. A palavra simples é a flor perfeita que dela brota. Na palavra, o produto concluído pertence à

própria língua” (MARCONDES, 2009, p.64).

Não obstante o funcionamento sistemático da palavra na comunicação, ela tem também um valor psicolinguístico, sendo sempre a representação primeira de uma linguagem significativa articulada no lugar das sentenças. Biderman (2001, p.114) alerta para o fato de que a noção de palavra também varia de acordo com o nível de consciência do falante da língua, além de variar de língua para língua, pois os sistemas também variam entre si.

A discussão sobre a relação das palavras com os objetos extralinguísticos ocupa boa parte do que se tem sobre Filosofia da Linguagem, tocando no embate da referencialidade. A crença na correspondência pura e direta entre linguagem e mundo pode revelar uma visão demasiadamente simplista da linguagem, como se essa relação fosse claramente objetiva e não implicasse estudos sobre as culturas e línguas envolvidas no processo de significação. O debate é longo e rende muitas polêmicas entre os linguistas do mundo, por isso não nos estenderemos neste aspecto aqui.

2.2.1 Breve histórico

A visão da palavra como unidade de operação básica foi intensamente trabalhada pela teoria gramatical clássica. Desde os gregos e os latinos, a morfologia e a sintaxe se baseavam na palavra para alicerçar suas análises. “No plano da linguagem, os gregos se perguntavam se a conexão entre as palavras e aquilo que denotavam provinha da natureza, *phýsei*, ou era imposta pela convenção, *thései*” (WEEDWOOD, 2002, p. 25). Os estoicos indicavam questões importantes sobre o léxico, distinguindo palavras formais e significativas, o que ainda hoje se pratica nos estudos de lexicologia.

Biderman (2001) destaca o VI Congresso Internacional de Linguística (Paris, 1948) como um marco para as posições extremas no tratamento e estudo da palavra. Nesse encontro, teóricos como F. Mikus adotaram posições radicais, propondo o banimento do conceito de palavra em detrimento de uma noção sintática da análise das unidades, já que sua definição sempre representaria um “problema” para a Linguística. Além de Mikus, Biderman (2001) frisa as posições de Bloomfield, Hockett e Harris como extremistas no tratamento do conceito de palavra, cada um a partir de seus pressupostos teóricos. Com isso, os estudos morfológicos ganham valorização na linguística estrutural, levando ao “enfoque mecanicista da análise do discurso” (BIDERMAN, 2001, p. 107) e relegando ao segundo plano

a importância da semântica.

Segundo Charaudeau e Maingueneau (2008), as recentes orientações teóricas percorrem uma trajetória voltada para o estudo dos valores das palavras no sentido e no discurso, o que podemos atestar observando o cenário acadêmico atual, sobretudo brasileiro. Não obstante, devemos reiterar a grande necessidade do estabelecimento de um limite entre os conceitos de morfema, palavra, sintagma e discurso.

2.2.2 Definições

A hipótese de Sapir-Worf pode ser tomada como ponto de partida para o princípio de uma definição de palavra, assim como o faz Biderman (2008). Baseada nos autores, a lexicóloga considera que “todo sistema linguístico manifesta, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e da cultura com que se conjuga” (BIDERMAN, 2001, p.109). Não nos deteremos aqui na polêmica da pertinência da hipótese de Sapir-Worf, pois são questionáveis algumas de suas observações sobre a relação entre linguagem e pensamento; apenas endossamos a ideia dos autores de que há uma dimensão psicológica e cognitiva na língua que é intermediada pela cultura, sendo assim as realidades um fenômeno sociocultural. A linguagem opera nessa relação como representante desse quadro, atuando em um duplo papel: como influência e sendo também um reflexo da cultura em que se insere.

Essa visão nos importa porque consideramos os diferentes tipos de língua para abordar o conceito de palavra. A ideia de unidade léxica está sujeita aos contornos formais da língua que se encontra em análise.

Como exemplo dos tipos de língua, Biderman (2001) cita o latim como *flexiva-sintetizante*, em que as fronteiras entre as palavras são indicadas por desinências morfossintáticas; o turco como língua *aglutinante* (lembramos o alemão como outro exemplar), em que os contornos da palavra se definem pela natureza flexiva-aglutinante dos processos sintáticos e pelo princípio morfonológico da harmonia vocálica; e o chinês, como língua *isolante e não flexiva*. No caso do chinês, bem diferente das duas primeiras línguas, os limites formais da palavra podem se concretizar em duas unidades léxicas típicas: um monossílabo, que é quase sempre um morfema, e a forma livre, que possui de uma a três sílabas. Nesse caso, o critério sintático ganha maior relevância, quando os aspectos morfológicos e fônicos não são suficientes para esclarecer a discussão.

Esses exemplos elucidam rapidamente a discussão da relatividade do conceito de palavra, demonstrando a necessidade de se especificar a tipologia da língua antes de se realizarem definições estanques.

Vilela (1979) adota a concepção lexicológica de palavra, considerando-a como unidade semântica de base. “Na análise do léxico e tendo em vista o tratamento das suas relações sistemáticas, se deve considerar a palavra como unidade semântica básica da língua” (p. 15).

Na língua portuguesa e nas línguas geneticamente relacionadas (flexivas), se torna necessária primeiramente a distinção entre duas importantes unidades estruturais para que se possa ter uma noção clara do que é uma palavra. Nessas línguas, muitas vezes podem se confundir os conceitos de morfema e lexema, o que interfere diretamente na identificação das unidades vocabulares. Biderman (2001) destaca a existência de uma maior precisão na definição do conceito de morfema, que pode ser aplicado a um conjunto mais extenso de línguas do mundo, em comparação com a definição de palavra. Citando o Dicionário de Linguística, a autora define *morfema* como

[...] o menor elemento significativo individualizado em um enunciado, que não se pode dividir em unidades menores sem passar ao nível fonológico. É pois a unidade mínima da primeira articulação, a primeira unidade portadora de significado; por isso ele se opõe ao fonema, unidade mínima da segunda articulação (DUBOIS *et al*, 1973 p. 419).

Percebemos na citação que o conceito de morfema perpassa pelos níveis fonológico e sintático, corroborando o que pensamos sobre o conceito de palavra, que depende de suas unidades inferiores e superiores para ser definido. Ainda para Biderman (2001), nas línguas flexivas, pode-se considerar os morfemas como constituintes imediatos dos lexemas. Os morfemas podem ter valores semânticos (quando derivam ou formam novas palavras) ou podem trazer noções essencialmente gramaticais, como nas flexões dos verbos. Não obstante, em muitas línguas existem vocábulos inteiros que funcionam como morfemas, o “vocábulo-morfema”. Estas unidades têm um valor tanto lexical quanto morfêmico no enunciado, sendo mais um caso dos que fomentam os embates na delimitação do conceito de palavra.

O que parece ser consenso entre os autores consultados é a divisão entre os critérios de delimitação da palavra. Para Vilela (1979), os critérios mais seguros são os de *isolabilidade*, *permutabilidade* e *autonomia*, por um lado, e por outro os *critérios semânticos*.

É claro que os três primeiros não são exatamente válidos na comparação entre línguas de tipologias distintas, mas dentro de uma mesma língua são muito eficazes. O autor aplica como critérios de sua perspectiva os do grau de independência no discurso, da extensão e da natureza genérica de sua significação (critério semântico).

No primeiro critério, da independência no discurso, o autor distingue as formas presas - “os significantes que apenas se associam a outras formas presas, constituindo uma palavra” - e formas dependentes - “os significantes que se associam a outras formas dependentes ou livres, com eles constituindo um sintagma” (VILELA, 1979, pp. 18-19), dentro do que entende por formas não autônomas e as formas autônomas, que podem acontecer isoladamente na fala. Concluindo, o autor afirma que “a palavra, que resulta da análise do sintagma mínimo, é uma entidade significativa solta, não extensa, embora frequentemente ainda analisável noutras entidades menores simultâneas” (p.19).

Biderman (2001) demonstra uma postura um pouco mais didática, distribuindo três critérios: a) fonológico, b) gramatical (morfofossintático) e c) semântico.

O critério fonológico observa em sua análise as potencialidades de pausa, acento das palavras e outras regras da disciplina. Ele se mostra muito frágil porque precisa da distinção entre fronteiras fônicas, que no enunciado não são normalmente claras e distinguíveis. Este critério, por si, não pode ser determinante na delimitação de palavra, sendo necessária a evocação de outros para se definir a unidade léxica.

Os linguistas que trabalham na descrição de línguas sem tradição escrita, abordando-as diretamente através da fala, conhecem tal problema de sobejo e sabem que os macrossegmentos fônicos só podem ser segmentados através de critérios tomados à primeira articulação da linguagem (BIDERMAN, 2001, p.138).

O critério morfofossintático é posterior ao fonológico, tendo sido reconhecidos os aspectos deste para a definição daquele. Segundo Biderman (2001), nessa fase há duas normas concomitantes: 1. A classificação gramatical da palavra, em função dos marcadores morfofossintáticos apresentados por ela; 2. A função exercida pela palavra na sentença. Percebemos aí a união da análise dos dois planos, o paradigmático e o sintagmático. Não é suficiente especificar a função da palavra em apenas um deles, pois atuam juntos na construção do funcionamento enunciativo. Além desses, existem outros parâmetros para a delimitação de unidades léxicas:

a) Princípio da coesão interna da palavra.

Segundo Biderman (2001), os morfemas componentes de uma palavra atraem-se mutuamente como os átomos em uma molécula, não havendo a possibilidade de dissociá-los sem destruição da palavra.

b) Princípio da permutação.

Trata-se da possibilidade de permutar os itens de uma mesma sentença. Caso haja, é mais um indício de que a unidade permutada pode ser uma palavra do ponto de vista morfossintático.

O terceiro e último critério, o semântico, foi bastante marginalizado na literatura linguística pelos estudos formalistas. Como contrassenso, Biderman (2001) cita o semanticista Stephen Ullmann, que debate:

Uma Linguística assemântica acentuaria também a distância que separa hoje estruturalistas e não-estruturalistas, e deixaria perplexos os filósofos e todos aqueles que estão profundamente interessados na linguagem e esperam receber luzes dos linguistas (ULLMANN, 1957, pp.320-321).

Essa rejeição à semântica se devia à problemática de se estudar forma e significado de modo conjunto; e quando não se é capaz de sobrepor certos limites, se torna sedutora a rejeição ao método.

Se, para as outras disciplinas, a busca da palavra acontece em sua unidade, na semântica não é diferente. Ullmann (1964) considera a palavra como unidade semântica indecomponível, sendo que qualquer parte menor do que ela não tem significação autônoma. Irène Tamba (2006) afirma que “a significação se fixa no nível de unidades sintéticas, como a palavra, o sintagma e a frase, mesmo quando essas unidades se materializam por meio de formas fônicas e gráficas lineares” (p.55). A autora frisa, ainda, que o sentido global de um lexema está relacionado à sua função denominativa, demonstrando a grande importância da palavra léxica para a comunicação, uma vez que as coisas necessitam ser nomeadas para que existam no plano linguístico.

É também na dimensão semântica da palavra que atuam a lexicologia e lexicografia, buscando investigar os processos envolvidos na constituição lexical e sua relação com os processos motivadores de sentidos. As mudanças de significado das palavras constituem um importante objeto de estudos dessas disciplinas da linguística, e podem revelar modificações formais, sociais e culturais das línguas.

Nenhum dos três critérios discutidos atuam isoladamente no processo de delimitação da palavra. Tampouco a razão semântica pode prescindir as duas anteriores. “Em resumo, para determinar as unidades léxicas de um discurso (...) o linguista deverá operar, *simultânea e sucessivamente*, com os três critérios aqui estudados” (BIDERMAN, 2001, p.155).

Segundo Biderman (2001), o léxico português é dividido em algumas classes de lexemas. Seriam elas as formas livres (Bloomfield) e as formas dependentes ou presas (Mattoso Câmara Jr.). Nas primeiras, estariam incluídas as classes dos substantivos, adjetivos e verbos, enquanto nas segundas estão os chamados vocábulos-morfema, incluindo as classes das preposições, pronomes pessoais, artigos, conjunções etc.

Ampliando a discussão, para Henriques (2011), as palavras não são signos dotados apenas de uma forma e um significado, pois a compreensão dos significados está atrelada também às unidades textuais. Considerando isso, ele propõe a seguinte sistematização dos tipos de unidades lexicais¹⁹ (HENRIQUES, 2011, p.76)²⁰:

- a) Lexias simples: *camelô, vizinho, faca, quem, onde, minha, aquele*
- b) Lexias derivadas: *indecente, supervalorização, ex-atleta, contrassenso, esbravejar*
- c) Lexias compostas: *projeto-piloto, girassol, valerioduto, pé-frio, pseudorrepórter*
- d) Lexias complexas: *bode expiatório, mula sem cabeça, boca de fumo*
- e) Lexias textuais: *empurrar com a barriga, dar nó em pingo d'água, a vaca foi pro brejo, água mole em pedra dura...*

Desse modo, para (b) o autor utiliza o critério de reconhecimento de morfemas e de rearranjo (sintático) e distingue (b) e (c) através do critério de descrição morfológica que discrimina lexias com afixos e lexias com reunião de lexemas. Na classificação das lexias simples (a), o autor remete algumas palavras que, normalmente, não são consideradas lexicais por não se referirem a elementos do mundo exterior à língua. São elas *quem, onde, minha, aquele*, classificadas respectivamente como pronome interrogativo/relativo, advérbio de lugar, pronome possessivo e pronome demonstrativo. Acontece que, no funcionamento intratextual, essas palavras potencialmente adquirem um status referencial, podendo representar, no texto, uma pessoa, um lugar ou um objeto citado anteriormente. Daí o fato

¹⁹ Toma-se aqui unidade lexical como sinônimo de *palavra lexical* (CÂMARA JR., 1979).

²⁰ Os exemplos são do próprio autor.

de se comportarem, nesses casos, como itens lexicais²¹, na opinião do autor.

Observamos também que o ponto de distinção entre as lexias compostas e complexas não é apenas o uso do hífen; as duas categorias se diferenciam com base na relação morfossintática que os itens lexicais componentes da lexia travam entre si: a primeira revela maior dependência entre as unidades componentes, enquanto a segunda constitui-se de expressões cristalizadas na língua.

As lexias complexas são compostas por mais de uma lexia²² simples, mas se comportam no discurso como unidades. Em termos sintáticos, as lexias compostas funcionam do mesmo modo que as lexias simples, apresentando-se no estatuto de nome. Não obstante, as lexias complexas podem ser decompostas em unidades menores, que podem funcionar e ser analisadas separadamente, atuando ocasionalmente em outros contextos como unidades autônomas.

Sendo assim, na lexia *mercado único europeu* há três lexias que, em outras situações enunciativas, podem ser combinadas com outras lexias e significar de maneiras diversas. A coesão desta lexia complexa se dá pela referência a que as três lexias juntas fazem a apenas um conceito. “O conteúdo do substantivo ‘mercado’ está especificado pelo conjunto de lexemas que o seguem” (COSTA, 1990, p.168).

Segundo Costa (1990, p.68), é justamente a coesão interna que distingue a lexia complexa de uma sequência livre de vocábulos. Chiss, Filliolet et Maingueneau (1978) testam a coesão sintática com base nos seguintes princípios:

- a) Inserção – Inserindo um constituinte antes ou depois de qualquer um dos elementos da unidade.
- b) Comutação – Substituindo um elemento por outro e demonstrar que a substituição altera o conteúdo semântico da expressão.

²¹ Em nossa pesquisa no âmbito neológico, não consideramos estes itens como componentes do léxico, pois, em nosso *corpus*, não apresentaram geração de novos itens lexicais. Entretanto, podem ocorrer processos de nominalização de palavras não lexicais, como é o caso da substantivação dos prefixos *micro-*, *vice-*, *ex-*, *super-*, que vêm sendo utilizados no discurso como formas livres (Cf. ALVES, 2007, p.26).

²² Consideramos como lexia as formas em que um lexema pode aparecer no discurso, p. ex., o lexema ESTUDAR pode aparecer no discurso flexionado como ESTUDO, ESTUDEI, ESTUDADO, ESTUDANDO etc. As formas soltas ou associadas de lexias que aparecem no discurso serão aqui chamadas lexemas. *Léxico*, portanto, será entendido como o acervo de lexemas realizados e realizáveis, enquanto *vocabulário* será tomado como o conjunto de lexias de determinada linguagem de especialidade, época, autor etc.

- c) Co-ordenação – Um vocábulo une dois vocábulos ou duas sequências de vocábulos pertencentes à mesma categoria gramatical,
- d) Retomada parcial – Omitindo algum dos elementos da lexia.

Apliquemos estes princípios à unidade terminológica retirada do *Glossário de termos neológicos da economia*²³, organizado por Alves (2001, p.79), a fim de exemplificação:

<custo de produção>

Def. Soma de gastos referentes a matéria-prima, mão-de-obra empregada e outras despesas decorrentes da elaboração de um produto.

- (a) * custo alto de produção
- (b) * custo de venda
- (c) * custo de produção e armazenamento
- (d) * O custo alto foi provocado pela baixa na produção de 2011.

Perceba-se que em qualquer uma das operações linguísticas realizadas na lexia complexa houve deslocamentos no plano do conteúdo, demonstrando a coesão sintática e semântica da expressão. O grau de monossemita tende a elevar-se à medida que o termo cresce em extensão, especificando-se. Segundo Costa (1990), “quando mais extensa for a lexia, mais preciso tende a ser o conceito” (p.169). Seguem os exemplos dados pela autora, na mesma referência:

1. mercado de títulos
2. mercado de títulos a rendimento fixo
3. mercado de títulos a rendimento variável
4. mercado de títulos sem cotação na bolsa

O grau de generalização dos exemplos acima está em ordem decrescente, demonstrando o quanto a especificação através da inserção de novas palavras pode trazer mais precisão no conceito representado pela lexia.

²³ Observe-se que é muito comum encontrar lexias complexas no domínio das linguagens de especialidade. Para um estudo mais detalhado a respeito das linguagens de especialidade em contraste com a linguagem comum, cf. Cabré (1993).

Importa-nos, aqui, esta tentativa de demonstrar nossa compreensão dos limites implicados na discussão do conceito de léxico e de palavra porque o fulcro de nossa discussão pressupõe o conhecimento e estudo desses domínios. Além disso, para se traçarem métodos de seleção e análise de criações lexicais – os neologismos –, é mister que se delimite o objeto de investigação, as novas palavras. Consideramos, pois, palavra todo lexema livre ou associado, que se ligue a um referente único no mundo exterior à linguagem. Nesse ínterim, integramos ao campo de investigação da criação de palavras vernáculas os itens lexicais formados a partir de processos morfossemânticos, sintático-semânticos e morfológicos.

2.3 Neologia: processo de criação lexical

O lexicólogo francês Louis Guilbert (1975), referência indispensável nos estudos sobre neologia, definiu a criação lexical como “a possibilidade de criação de novas unidades lexicais em virtude de regras de produção do interior do sistema lexical” ²⁴ (p.31). Pode-se pensar que o estudo da criação lexical seria, então, o estabelecimento das virtualidades do sistema criativo, mas neste olhar a criação não estaria ligada a um estado da língua, ou seja, a um momento histórico. Contra isso, o próprio Guilbert (1975) vem alertar para o fato de que o léxico não consiste apenas em um sistema de criação virtual; ele se forma a partir de unidades linguísticas ligadas ao universo das coisas, aos modos de pensar e a todo movimento do mundo e da sociedade (Cf. Guilbert, 1975, p. 31). Pruvost e Sablayrolles (2003) dizem que, por ser a neologia um fenômeno natural, “não podemos escapar ao truísmo de que a comunicação entre os seres humanos passa originalmente pela criação de palavras para designar o universo que eles percebem e os sentimentos e os pensamentos que eles realizam” ²⁵ (p.4). Nessa perspectiva, as palavras comportam-se como manifestação simbólica humana, estando a criação inscrita no processo natural da linguagem.

Carvalho (2006), a partir dessa ideia, considera que a criação lexical conduz o pesquisador à análise do contexto social do qual emergiram as novas unidades, sendo inseparável o estudo da criação lexical e a análise do contexto sócio-histórico em que se criaram as novas palavras. A autora alerta: “para que o uso do neologismo se torne efetivo, é preciso que o sistema linguístico esteja apto a absorvê-lo” (p.191).

Bastuji (1979, p.12) diz que a criatividade lexical está ligada não somente ao domínio linguístico, mas também aos domínios político e artístico, em que a liberdade dos indivíduos e ou dos grupos se manifestam face à opressão (visão marxista). Também na área pedagógica, a criatividade rechaça os conhecimentos “congelados”. A criatividade é o lugar da experimentação e pode proporcionar ao ensino uma visão de renovação da língua materna. No decorrer dos séculos anteriores, a nossa civilização se enriqueceu principalmente de novos conceitos concernentes ao direito, à política, à religião, à guerra, à arte, à filosofia. (GÉMILIER, 1994 *apud* CUNHA, 1981, p.23).

²⁴ Tradução livre de “La néologie lexicale se définit par la possibilité de création de nouvelles unités lexicales, en vertu de règles de production incluses dans le système lexical”.

²⁵ Tradução livre de “On n'échappe pas aux truismes: la communication entre les êtres humains passe en effet originellement par la création de mots pour désigner l'univers qu'ils perçoivent, les sentiments et les pensées que les animent.

A respeito da relação entre criação linguística e sistema, Coseriu (1979) eleva o poder criativo do falante diante do arsenal virtual preexistente, afirmando que “o falante cria ou estrutura a sua expressão utilizando a técnica e um material anterior que o seu saber linguístico lhe proporciona. A língua, pois, *não se impõe* ao falante, mas lhe oferece: o falante *dispõe* dela para realizar a sua liberdade expressiva” (p.64, grifos do autor). A criatividade linguística, se tratando aqui especialmente da criatividade lexical, é o meio pelo qual o falante exerce e estabelece sua liberdade diante da historicidade que constitui a língua. “A língua é *condição* ou *instrumento* da liberdade linguística enquanto liberdade histórica, e um instrumento que se dispõe não é prisão ou algema” (COSERIU, 1979, p.66, grifos do autor).

Por sermos livres para criar, por falarmos a língua e atualizarmos através do uso as unidades léxicas disponíveis no sistema, a língua muda incessantemente no movimento da história e das mudanças sociais. A criação lexical, aqui tomada pelo termo neologia, estabelece a ligação entre sociedade e léxico na transformação da língua pela história humana.

Barbosa (1996) compara a criação lexical com a mutação fonética e a mutação do sistema gramatical, dizendo que a origem desses dois fenômenos se encontra na coletividade, enquanto a gênese da neologia deve ser enquadrada numa determinada época, devido a sua ligação com a história do léxico e da sociedade. Além disso, existe o caráter individual no fenômeno da criação, quando tem sua origem a partir de locutores identificados (Cf. Barbosa, 1996, pp. 77-78).

Abaixo realizamos uma esquematização dessa linha de pensamento, a partir do texto de Guilbert (1975, p.32):



Figura 3 – Origem da criação lexical

No diagrama acima, estão representados os elementos indispensáveis à investigação da criação lexical. Primeiro é necessário considerar que a criação insere-se num contínuo de uma relação entre a história do léxico e história da sociedade, que se interrelacionam ao longo da história da humanidade. Os conjuntos estão representados com pontilhados porque os sistemas não são unidades herméticas, havendo um trânsito entre seus elementos.

A partir da delimitação de um momento histórico, que recortará um momento da relação do léxico com a sociedade, é possibilitada a percepção da criação lexical, que deve ser sempre observada em comparação com os elementos já existentes no léxico de tal sociedade em um determinado momento histórico. Essa criação será concretizada, antes mesmo de poder ser detectada, por falantes individuais e situados na comunidade linguística em questão. Portanto, a criação lexical sempre se dará a partir de uma manifestação individual e apenas posteriormente, com sua difusão através da fala e/ou da escrita, ela estará disponível para ser estudada e analisada. O instante de enunciação de um locutor-criador não pode ser detectado, uma vez que o pesquisador só tem acesso – sempre – ao enunciado.

As novidades incessantes e cotidianas que acontecem em qualquer sociedade, como a entrada de novos elementos para o mundo do conhecimento prático e teórico de diversas áreas, bem como os acontecimentos de ordem política, econômica e artística entram para a vida das pessoas e os neologismos entram para a vida da língua. O neologismo acompanha a evolução dos acontecimentos e das novidades, testemunhando a expansão do universo das pessoas. A neologia assegura a continuidade da comunicação verbal entre os seres humanos.

A neologia vive agora em filigrana nas grandes correntes atuais da política, da economia, da cultura e da sociedade em geral. De qualquer ponto de vista em que o homem moderno se situe, a neologia representa uma regra eminentemente social, inseparável da evolução dessas grandes correntes que necessitam ser denominadas, afinadas e equipadas do ponto de vista linguístico ²⁶ (BOULANGER, 1979, p.37)

O gramático, linguista e filólogo Evanildo Bechara (2006, p.351) diz que, para acompanhar as inovações sociais, os neologismos são criados na língua. Do lado oposto ao produto da criação lexical, o autor coloca os arcaísmos, pois representam palavras que estão sendo esquecidas e desaparecendo no uso da sociedade.

No âmbito da criatividade lexical, Sandmann (1991) diferencia o estudo da *renovação* e da *inovação* lexical. Para o autor, a renovação lexical é aquela que lança mão dos modelos produtivos tradicionais. Para haver inovação, seria necessário acontecerem modificações semânticas ou de uso em elementos de construção (lexemas gramaticais), como no caso dos prefixos. Para ilustrar a ideia, referendaremos os próprios exemplos do autor, retirados de textos jornalísticos de natureza política recolhidos por ele no ano de 1989:

- (a) *carreata* – no contexto da pesquisa do autor, nova palavra formada por analogia a “passeata”, (sufixação), com o significado de “curso ou demonstração, em geral, política e carros”.
- (b) “Collor tenta apresentar-se como o *antipolítico*, o diferente, mas a cada dia fica mais claro que não é nada disso” – neste enunciado, *antipolítico* é usado com sentido de “atípico, diferente”, ocorrendo a não adesão do significado comum do prefixo “anti” às demais bases.

²⁶ Tradução e adaptação livre de “La néologie vit maintenant en filigrane des grands courants actuels de la politique, de l’économie, de la culture et de la société en général. De quel point de vue où l’homme moderne se situe, la néologie joue un rôle éminemment social, inséparable de l’évolution de ces grands courants que on besion d’être nommés, affinés et aménagés du point de vue linguistique”.

Quando um modelo ou regra de formação se torna mais produtivo ou uma regra perde em produtividade, podemos dizer que, além de renovação, houve também inovação lexical²⁷. Dessa maneira, nossa definição de criação lexical relaciona-se com os dois conceitos de Sandmann (1991), uma vez que consideramos toda criação de novo elemento lexical como fenômeno neológico; e para haver inovação é necessário antes que ocorra a renovação.

O fenômeno da neologia é o processo de criação de novas palavras, a neologia lexical. Bastuji (1974) afirma ser uma redundância o uso da expressão neologia lexical, uma vez que a neologia já é por si mesma um fato lexical, e quando a mudança linguística acontece em outros domínios nunca é rotulada como neologia²⁸ (BASTUJI, 1974, p.6).

Neologia e neologismo distinguem-se como processo e produto, respectivamente. Ao fenômeno da criação lexical, em todas as suas etapas e tipologias, se dá o nome de neologia. “A neologia postula um sistema, um conjunto de regras e condições que ocasionam a criação, sua identificação e o emprego das novas unidades”²⁹ (BASTUJI, 1979, p.6). O neologismo é, por outro lado, o produto desse processo incessante e contínuo que se dá no seio de todas as comunidades linguísticas existentes. “Se a neologia é o processo que pode ser definido em termos de uma tipologia, o neologismo é o produto que, depois de passar por aquele processo, pertence a uma tipologia de neologia” (BARBOSA, 1996, p.78). Bastuji (1974, p. 18) afirma que a neologia é ao mesmo tempo uso e subversão do código, reconhecimento e transgressão da norma, pois rompe com o arsenal já existente, mas se realiza com base na norma. O neologismo é como uma estrela: é a imagem retardada que podemos ver da explosão que ocorre no encontro do velho com o novo, na criação da enunciação.

Barbosa (1996, p.79) consegue resumir primorosamente o mecanismo que subjaz ao processo de neologia. Reportamos aqui literalmente os pontos³⁰ resumidos pela autora:

- i. Existem no sistema linguístico as unidades lexicais efetivas, disponíveis para atualização pelos falantes-ouvintes;

²⁷ Sandmann (1991) pormenoriza alguns estudos comparativos entre renovação e inovação lexical aplicados à afixação, especialmente o processo da sufixação. Para mais detalhes, cf. Sandmann, 1991, pp.59-67.

²⁸ ‘La néologie est un fait spécifiquement lexical, et lorsque le changement affecte un autre domaine de la grammaire, il n’est jamais analysé en termes de néologie’.

²⁹ Tradução livre de “la néologie comporte un système, un ensemble de règles et conditions qui contreignent la création, le repérage e l’emploi de ces unités nouvelles”.

³⁰ Optamos por não realizar o recuo e a diminuição da tipografia exigidas pela ABNT, no caso desta citação, por se tratarem de pontos interdependentes, em que a leitura poderia se tornar dificultosa.

- ii. Depreendem-se das primeiras, estruturas que permanecem como modelos e que permitem ao sujeito linguisticamente competente criar novas unidades;
- iii. Estabelecem-se relações entre o neologismo e as funções da linguagem, ou se for preferível, o neologismo tem que ser considerado não apenas no sistema, mas também no enunciado e na enunciação;
- iv. Há de se considerar, finalmente, a neologia como um processo dinâmico, que vai do momento da criação do neologismo até a desneologicidade, e, desta, para nova situação neológica.

Guilbert (1975), analisando a relação da norma social com a neologia, afirma que

o neologismo se apresenta, a princípio, como manifestação de enunciação. O ato de criação de um termo novo ou de emprego novo de um termo já existente intervém com frequência no curso da atividade de fala, sob a forma oral ou escrita, como combinação de elementos existentes na língua, *a fim de produzir uma significação nova realizada pelo locutor como uma necessidade de exprimir exatamente o seu pensamento*. A origem do termo novo é motivada por uma ausência que reside na *não-conformidade dos termos existentes no léxico com o conteúdo a exprimir* (GUILBERT, 1975, pp.47-48, grifos nossos).³¹

Observamos que o neologismo é o produto de uma momentânea desorganização do sistema, uma vez que o locutor ali não encontra os recursos para exprimir suas ideias³². Essa discussão sobre a necessidade de comunicação situa-se no cerne do embate da motivação da criação de novos signos.

A pesquisa com neologia pode ser muito importante em alguns aspectos. Cabré (2010, p.21) pontua alguns deles:

- Na análise do grau de autenticidade das formações espontâneas, critério que pode ajudar a determinar o grau de vitalidade interna de uma língua;
- Na análise das atitudes dos falantes sobre o modelo de língua que querem explicitamente, e sobretudo, implicitamente;
- Na formulação dos planos de atuação para mudar o rumo de uma língua quando está em desaparecimento, por falta de utilização ou por colonização gramatical e léxica e;

³¹ Tradução livre de “Le néologisme se présente, d’abord, comme une manifestation d’énonciation. L’acte de création d’un terme nouveau ou d’un emploi nouveau d’un terme déjà existant intervient le plus souvent dans le cours même de l’activité de parole, sous la forme orale ou écrite, comme combinaison d’éléments existants dans la langue, afin de produire une signification nouvelle ressentie par le locuteur comme une nécessité pour exprimer totalement et exactement sa pensée. A l’origine du terme nouveau se trouve une motivation de manque qui réside dans la non-conformité des termes existant dans le lexique avec le contenu à exprimer”.

³² Falamos aqui de um locutor de média ou alta competência lexical, com um arsenal léxico considerado amplo.

- Na proposta de critérios linguísticos para denominar os novos conceitos que entram na sociedade conforme as estratégias que de maneira inconsciente usam mais comumente os falantes.

Em seu texto, Bastuji (1979) resume em três pontos as conclusões encontradas nos trabalhos de Louis Guilbert, anteriores ao de 1975. A empreitada do autor foi o desenvolvimento de uma teoria que agregasse os valores estruturais e sociolinguísticos no estudo da gênese e da difusão dos neologismos. De tal modo, ele associava a *lexicologia histórica* (disciplina sociolinguística) e *lexicologia estrutural* (que parte também de um domínio extralinguístico, mas com o objetivo de descrever as propriedades sintagmáticas e paradigmáticas que regem a aparição e o funcionamento das unidades lexicais no campo considerado). A seguir estão as três conclusões tiradas por ela em seus trabalhos (BASTUJI, 1979, p.15):

- 1- Os progressos técnicos e científicos se refletem necessariamente por uma mudança do léxico, que não se realiza pela inserção de um conjunto homogêneo de palavras novas; sua gênese está no aspecto diacrônico.
- 2- O conjunto lexical recentemente criado é autônomo em relação à realidade extralinguística e reveza entre uma dupla estrutura: *séries lexicais de ordem semântica e séries lexicais de ordem morfológica*.
- 3- A esses dois mecanismos se adiciona o que Guilbert chama de “neologia sintagmática”. Coloca-se uma questão entre a *derivação morfológica interna ao léxico* e as *lexias complexas* ligadas à estrutura sintagmática do enunciado, movimentos parafrásticos e prerifrásticos. Ex.: Autorregulamentação – autonomia de regulamentação³³.

Cabré (2010, p. 18) afirma que o trabalho com a neologia implica algumas questões polêmicas, apesar de o conceito estar há algum tempo relativamente estabilizado. A autora coloca que o rótulo de “neologismo” pode ser problemático “porque por definição, a neologia é uma condição sempre diacrônica: aquilo que hoje é neológico pode deixar de ser quando se dissemina seu uso” ³⁴ (p.18). A percepção de um item léxico como neológico

³³ Exemplos retirados de nosso corpus de pesquisa.

³⁴ Tradução livre de “porque por la definición la neología es una condición siempre diacrônica: aquello que hoy es neológico puede dejar de serlo cuando se refleja su uso”.

também dependerá da capacidade de percepção dos falantes que se deparam com ele. Guilbert (1975), nos anos setenta, previa uma média de dez anos de vida para um neologismo, até que ele se integrasse ou desaparecesse da língua. Pruvost e Sablayrolles (2003, p.36) dizem que, na atualidade, em nosso universo em que existe a onipresença dos meios de comunicação em massa, com a difusão instantânea das palavras, os linguistas tendem a restringir a menos de cinco anos a duração do tempo de *sentimento da neologia*.

Cabré (2010, p.18) propõe quatro critérios para se detectar neologismos. São eles:

- a) *Critérios diacrônicos*: uma unidade neológica pode assim ser considerada se aparecida recentemente.
- b) *Critérios gramaticais*: uma unidade pode ser considerada neológica se apresenta signos de instabilidade formal (morfológicos, gráficos ou fonéticos) ou semântica.
- c) *Critérios psicológicos*: uma unidade pode ser considerada neológica se os falantes a percebem como tal.
- d) *Critérios lexicográficos*: uma unidade pode ser considerada neológica se não está presente em determinados dicionários.

A autora admite que tais critérios apresentam seus inconvenientes. No critério diacrônico (a), existe a problemática de não se poder dizer com exatidão o momento de aparecimento de uma palavra. O que se pode fazer é registrar a data do primeiro documento encontrado. Cabré (2010) diz que atualmente os estudos históricos, que poderiam ajudar no maior rigor deste critério, pouco interessam-se pela questão da neologia tampouco os historicistas têm demonstrado atenção com os documentos recentes.

O critério gramatical (b), quanto à instabilidade ou raridade, é mais precisamente aplicável aos empréstimos linguísticos, mas não pode ser tomado como regra nem generalizar-se.

O critério psicológico (c) traz à tona o tema relativo aos neologismos da língua e da fala, pois considera a recepção de tais palavras nas comunidades linguísticas em questão. Obviamente, este critério é de extrema variabilidade, estando sujeito às diversas variações linguísticas de cada sociedade. A percepção individual sobre a novidade de uma palavra dependerá de aspectos como o grau e a frequência de leitura dos indivíduos, sua faixa etária, localização geográfica etc. Além disso, neste critério, está em jogo a noção de *competência* do falante, que é sua capacidade de identificar novos itens lexicais e significados a partir de

seu conhecimento pré-existente sobre a língua. Desse modo, “(...) quanto mais exercita esta competência, maior precisão haverá no reconhecimento das novas unidades, e também que quanto mais pobre seja o léxico de um falante, maior será a probabilidade de que considere neológica a unidade” ³⁵ (CABRÉ, 2010, pp. 19-20).

O recurso lexicográfico (c) como critério de reconhecimento de um neologismo também tem suas questões controversas. Nele, utiliza-se o método conhecido como *corpus de exclusão* (BOULANGER, 1979b), que determina a unidade neológica com base em sua não inserção nos dicionários da língua selecionados como bases para a pesquisa. Há vários tipos de dicionário. Eles podem ser, por exemplo, dicionários da língua, enciclopédicos ou de especialidade, o que será definido pelo objetivo da pesquisa em neologia. Além disso, os dicionários têm cada um seus critérios metodológicos que têm não somente a ver com sua finalidade, mas também com sua extensão.

Segundo Cabré (2010, p.20), este critério tem a seu favor os fatores sistematicidade e precisão com os quais pode ser aplicado.

De fato, o estudo da neologia permite o aprofundamento em ao menos quatro aspectos interessantes para determinar o estado e a evolução das línguas e – por que não? – avançar algum juízo de previsão sobre seu futuro em geral ou em algum âmbito em particular ³⁶ (CABRÉ, 2010, p.21).

Pierre Gilbert (1971), autor de um famoso dicionário³⁷ de neologismos da língua francesa, afirmava que o dicionário de termos neológicos não tem senão o objetivo de recensar as palavras de uma época imediata, pois as palavras novas se definem em relação ao léxico geral da época. Na elaboração de sua metodologia para coleta e análise das palavras de seu dicionário, o autor observou que os melhores representantes de um uso geral da linguagem foram os redatores de jornais cotidianos, quinzenais e mensais e alguns autores de romances, ensaios e tratados (Cf. GILBERT, 1975, p.37).

Ieda Alves (2011) diz que a pesquisa em neologia é importante porque através dela se pode ter acesso ao conhecimento do desenvolvimento de uma língua. A autora frisa que a pesquisa da criação de palavras no cotidiano nos faz conhecer os processos mais usuais de

³⁵ Tradução livre de “Esto supone que cuanto más ejercita esta competencia mayor precisión habrá em las nuevas unidades, y también que cuanto más pobre sea el léxico de um hablante mayor será la probabilidad de que considere neológica uma unidad”.

³⁶ Tradução livre de “De hecho el estudio de la neología permite profundizar em al menos cuatro aspectos interesantes para determinar el estado y la evolución de las lenguas, y – por que no? – avanzar algún juicio de predicción sobre su futuro em general o em algún ámbito em particular.”

³⁷ Gilbert (1971), *Dictionnaire des mots nouveaux*.

formação de palavras, no contexto do corpus utilizado, bem como a relação entre criação vernácula e uso de estrangeirismos em determinada língua. Além disso, a estudiosa ainda destaca as diversas possibilidades teóricas na abordagem do fenômeno neológico. Não apenas as linhas lexicológicas e lexicográficas podem levantar questões concernentes ao tema; o neologismo pode ser analisado em sua dimensão cognitiva, textual, discursiva etc., revelando-se ainda um objeto carente de pesquisas em todas as suas dimensões.

2.3.1 Neologia no Brasil

Na história do português do Brasil, os neologismos tiveram uma grande importância, em se tratando da caracterização da variante brasileira e da constituição do que se entende por uma norma nacional³⁸.

Logo após a independência, começaram a surgir diversos debates sobre a língua nacional e sobre como os brasileiros deveriam se expressar. Na segunda metade do século XIX, emergiram discussões no campo da literatura sobre a necessidade de se inserirem palavras “genuinamente”³⁹ brasileiras nas histórias escritas na terra. Muitos intelectuais nomearam a variante nacional de diversas formas:

A designação da língua do Brasil, incerta como a sua vigência, oscilava entre *dialeto brasileiro* (Alencar, Macedo Soares, Araripe, Romero), *luso-brasileiro* (Macedo Soares, Batista Caetano, Paranhos da Silva), *luso-americano* (Romero), *neoportuguês* (Araripe), *brasileiro* (Macedo Soares), enfim, o ‘nosso idioma’ (PINTO, 1978 *apud* BIDERMAN, 2002, p. 70, grifos da autora).

Tão importante é o vocabulário na identidade de uma cultura que, ainda na metade do século XIX, alguns estudiosos publicaram várias coletâneas de caráter regional, como bem exemplifica Biderman (2002, pp. 70-71):

1852 - *Coleção de vocábulos e frases usados na província de São Pedro do Rio Grande do Sul* de A. Pereira Coruja;

1853 – *Vocabulário Brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa* de B.C. Rubim;

1887 – *Vocabulário indígena em uso na Província do Ceará* de P. Nogueira

1888 – *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa* de A.J. Macedo Soares

³⁸ A respeito da discussão entre as variações europeia e brasileira da língua portuguesa, Cf. ILARI e BASSO (2006), PINTO (1988) e BIDERMAN (2002).

³⁹ Na época, consideravam-se genuínos palavras advindas principalmente da cultura indígena, com uma vasta lista de palavras que nomeavam elementos da natureza.

1888 – *Vocabulario dos termos technicos de construção naval* [anexo de: Ensaio sobre as construções navaes indígenas no Brasil) de A. A. Camara

1889 – *Vocabulário sul-riograndense* de Romaguera Corrêa

1889 – *Dicionário de vocábulos brasileiros* de Beaupaire-Rohan

Esta gama de obras lexicográficas publicadas no período representa a grande efervescência de debates sobre a língua usada no Brasil, expressão da personalidade linguística já instaurada em nossas terras. O estudo do léxico sempre está ligado ao caráter histórico e social das comunidades.

O famoso escritor romântico José de Alencar foi o primeiro literato que levantou a questão da linguagem brasileira. Obras como *O Guarani* (1976 [1865]) e *Iracema* (2005 [1857]) não somente tentavam resgatar o fulcro da identidade nacional do povo brasileiro, mas o fazia através da linguagem, em textos recheados de termos indígenas até pitorescos para a linguagem cotidiana do país. O autor é exemplo de um estilo que buscava a representação da natureza e vida brasileiras através das palavras. De fato, o escritor romântico se empenha no trabalho, trazendo quase um manifesto no posfácio de *Iracema* (1976 [1865]). Porém, em sua obra, essa *linguagem brasileira* fica apenas no âmbito lexical e muito pouco na sintaxe, inserindo em maior parte palavras de origem indígena. Os vocábulos de influência africana não figuram nas obras românticas.

De um modo ou de outro, podemos observar que as primeiras teses em defesa da especificidade de nossa linguagem estão construídas em torno do vocabulário, sintoma da imensa representatividade das palavras na cultura de uma sociedade. “Assim, na investigação das características da língua literária no século XX [...], o neologismo assume especial relevância” (PINTO, 1988, p.19). A criação neológica no Brasil tem, assim, uma importância não somente ligada às mudanças sociais – porque isso acontece em todas as línguas – mas, sobretudo, existe aí uma expressão da construção de nossa identidade, que foi e vem sendo feita desde no nosso nascimento oficial.

2.3.2 Tipologia dos neologismos

Saussure formulou no *Curso* (cf. SAUSSURE, 2006, pp. 79-93) o clássico modelo do signo linguístico, e estabeleceu alguns axiomas básicos de sua teoria para o fenômeno da significação. O signo linguístico, para ele, não une uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica (p.80). “O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica com duas faces” (p.80) ⁴⁰. O termo *signo linguístico* ficou sendo uma terminologia técnica a partir do qual se pensa o conjunto total (relação entre conceito e imagem acústica), enquanto a noção de conceito ficou recoberta pelo termo *significado* e a noção de imagem acústica equivalente à *significante*. Assim, o signo linguístico é constituído, como uma moeda, por duas faces: o significante e o significado.

Após definir o que seria o signo linguístico, Saussure (2006) constatou a sua arbitrariedade, como característica primária. O conceito de arbitrariedade, alerta Biderman (1998, p.106), não quer dizer que o falante escolha livremente o *significante*. “Queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (SAUSSURE, 2006, p.83, grifo do autor).

A metáfora da folha de papel para representar o signo linguístico denota que existe uma relação indissociável entre o significante e o significado. Guilbert (1975, p. 55), contestando essa ideia, lança duas questões: i) a criação não pode se manifestar principalmente em apenas uma das faces (significante ou significado)? ii) em que nível da cadeia de elementos constitutivos se situa o signo?

Através de alguns exemplos, o autor demonstra que pode haver mudanças no plano do significante sem que haja necessariamente repercussão no significado, ou no nível gráfico da palavra, e vice-versa. A partir dessas observações, o autor conclui que o critério de oposição entre o significante e o significado não é pertinente para que se estabeleça uma tipologia de neologismos. “Segundo o postulado saussuriano, não podemos distinguir uma neologia do significado independente do significante” ⁴¹ (GUILBERT, 1975, p.56). Para ele, todo emprego novo de um significante existente constitui uma palavra nova. “É por meio da mudança do conteúdo semântico das formas significantes que se opera a renovação essencial do léxico, e que insensivelmente se forma unidades de significação pelo

⁴⁰ Decidimos não reportar as ilustrações de Saussure neste trabalho por consideramos que elas sejam de grande difusão e conhecimento. Partiremos diretamente para a discussão que nos interessa.

⁴¹ Tradução livre de “Selon Le postulat saussurien, on ne doit pas non plus pouvoir conclure à la distinction d’une néologie du signifié indépendante du signifiant”.

apagamento da motivação etimológica” ⁴² (GUILBERT, 1975, p.56), frisa o lexicólogo a respeito da mudança que ocorre nos significados das palavras ao longo do tempo.

Antes de elaborar a tipologia dos neologismos, Guilbert (1975, pp.58-59) enumera alguns pontos que entendermos serem pertinentes ao fluxo de nossa reflexão, pois os adotamos como princípios para a nossa visão analítica do fenômeno neológico neste trabalho.

I – Uma língua nacional funciona segundo seu próprio código em virtude do qual são produzidos os enunciados do discurso tão quanto as formações lexicais (isso distingue as formações estrangeiras);

II – O neologismo é um signo linguístico composto por uma face de significante e uma face significado. Esses dois componentes são modificados conjuntamente na criação neológica, mesmo se a mutação parece acontecer principalmente na morfologia do termo ou na sua significação;

III – A formação neológica, com exceção do surgimento da expressão onomatopaica, não é uma unidade de significação mínima. O estoque lexical de palavras simples é baseado na tradição que vem sendo transmitida de geração a geração;

IV – A criação do neologismo não pode ser dissociada do locutor que o criou e do enunciado que o produziu, numa situação dada, a qual formula a palavra nova;

V – O neologismo apresenta um aspecto oral ou escrito no momento de sua formação. Uma ou outra dessas duas formas de produção não deve ser negligenciada no momento de definir o fonetismo ou grafismo da palavra nova e a relação que se instaura entre as duas formas.

A partir dos pressupostos colocados acima, Guilbert (1975, p. 56) define que uma tipologia dos neologismos não poderia excluir nem o quadro sintático do sintagma ou da frase, tampouco a diversificação do signo, segundo o locutor e a situação de comunicação.

Com base em uma revisão da classificação proposta por Pierre Giraud (1967), em que os neologismos subdividiam-se em quatro tipos – onomatopaicos, morfológicos, semânticos e alogênicos -, com o enfoque mais voltado para a análise do sintagma, Guilbert (1975, p.59) lança quatro categorias de classificação, a saber:

⁴² Tradução livre de “C’est par bilais du changement Du contenu sémantique des formes signifiantes que s’opère le renouvellement essentiel du lexique, et qu’insensiblement se forment des unités de signification différentes par effacement de la motivation étymologique”.

- 1- *Neologia fonológica* – formação da substância do significante e sua transcrição;
- 2- *Neologia sintagmática* – engloba todos os modos de formação que implicam a combinação de elementos diferentes. É morfossintática e reúne todas as formas de derivação independentemente do lugar dos componentes, da natureza formal de sua relação, que se apresenta sob a forma de uma ou mais palavras;
- 3- *Neologia semântica* – consiste na mutação semântica sem criação de uma nova substância significante, pertence ao domínio do significado;
- 4- *Neologia por empréstimo* – define os diferentes aspectos do empréstimo a uma língua estrangeira.

Boulanger (1979a) classifica três tipos de neologismos: os *formais* - criados a partir dos processos de derivação, composição, formação por siglas, redução de palavras ou na criação de um radical inédito; *semânticos* - resultantes de um novo significado atribuído a um significante já existente; *por empréstimo* - advindos da adoção de uma unidade lexical estrangeira.

Coseriu (1979) afirma que é raríssimo acontecer uma criação *ex nihilo* (a partir do nada). Carvalho (1987), na época de sua pesquisa, encontrou apenas dois exemplares desse tipo de criação, as palavras *tchan* e *escambau*, inexplicáveis quanto à origem, de natureza gíriática, uma vinda da gíria carioca e a outra de linguagem regional nordestina. Hoje a autora reconhece *tchan* como criação onomatopaica, enquanto a etimologia de *escambau* continua parecendo obscura, como indica o Dicionário Houaiss (Cf. Houaiss, 2009). As criações motivadas – isto é, as que constituem em massa o léxico de uma língua – podem ser, segundo Coseriu (1979, p. 71):

- 1- Alteração de um modelo tradicional;
- 2- Seleção entre variantes e modos isofuncionais existentes na língua;
- 3- Criação sistemática - ‘invenção’ de formas de acordo com as possibilidades do sistema;
- 4- Empréstimo de outra ‘língua’ - que pode ser total ou parcial, e, em relação a seu modelo, pode implicar também ‘alteração’;
- 5- Economia funcional – negligência de distinções supérfluas no discurso.

Bechara (2006, p.351) diz que os neologismos penetram na língua através de

procedimentos que (a) utilizam a “prata da casa”, ou seja, os elementos já existentes na língua (palavras, prefixos e sufixos), seja no significado usual ou na mudança do significado; (b) a entrada de palavras ou elementos gramaticais tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) da língua de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas ou gírias) ou de outras línguas estrangeiras.

Alves [2011?] cita Sablayrolles (2000) para destacar mais uma categoria de neologismo, acrescida pelo autor às outras classes. “Inclui em sua tipologia neológica locuções, expressões e provérbios que sofrem algum tipo deliberado de alterações, fragmentos de discursos ou de textos e títulos de obras que se tornaram célebres e se lexicalizaram” (ALVES, [2011?]).

Pruvost e Sablayrolles (2003, pp.54-58), a partir da reflexão entre as relações significante, significado e referente, associados na constituição do signo linguístico, definem o neologismo a partir da ocorrência da novidade em um dos três elementos constituintes do signo linguístico. Eles dizem que “a novidade em um ou em mais dos três pólos do triângulo semiótico modifica suas relações e afeta o signo em seu conjunto” ⁴³ (PRUVOST E SABLAYROLLES, 2003, p.54). Os tipos de formação neológica que os autores propõem são os seguintes: i) nova forma e novo significado; ii) um novo significado para uma forma existente e iii) uma forma nova para um significado antigo.

Para os autores, o primeiro tipo, que corresponderia o que entendemos por neologia formal através de Biderman (2001), é motivado pela necessidade de denominar a nova realidade e justifica-se pela aparição de novos nomes, objetos ou de novos conceitos, seguindo o progresso do conhecimento e da tecnologia. Esse tipo de neologismo pode indicar explicitamente as novidades em questão, como no exemplo de nomes de marcas, slogans e serviços.

O segundo tipo é o que entendemos por neologia semântica, e realiza-se na associação entre antigos significantes e novos significados. Os autores frisam que o novo significado soma-se ao antigo e dificilmente o elimina, expandindo as significações do signo. Ex. “Estão querendo privatizar o *filé mignon* [pré-sal]” (FSP, 26/10/2010).

O terceiro tipo ocorre por causa da moda, quando aparece uma nova palavra, mais moderna, para um conceito antigo e passa a ser mais usada. Essa operação é muito comum

⁴³ Tradução livre de “La nouveauté dans un ou plusieurs de ces trois pôles du triangle sémiotique modifie leurs rapports et affecte le signe dans son ensemble”.

quando aplicada aos empréstimos linguísticos, que importam novas formas de outra língua que tem mais prestígio. Os cabelereiros, no Brasil, já foram um dia *coiffeurs*, quando o francês era a língua da moda. Hoje em dia, os *hair designers* estão bem difundidos e mesmo em comunidades mais pobres encontramos este estrangeirismo substituindo a palavra vernacular. Em nosso *corpus*, encontramos um exemplo de formação que reflete a mudança da mentalidade de nossa sociedade em relação ao tratamento de casais do mesmo sexo. É o neologismo *homoafetivo*, ainda não dicionarizado, que vem substituir o *homossexual*. Assim, a nova palavra destaca o lado afetivo daqueles que têm relações entre iguais e minimiza a conotação apenas sexual desse tipo de relação.

Biderman (2001, pp.203-213) propõe dois tipos de neologismo, os formais e os conceptuais. Nos primeiros, a autora diz que incluem-se as palavras novas introduzidas no idioma, podendo ser um item de origem vernácula ou estrangeira. Os exemplos da autora elucidam que, nesta categoria, estão incluídos os processos de formação derivacional e composicional, além de inserir os neologismos formados a partir de lexias complexas (*taxa de sucesso, comando serrista, união homoafetiva, uso político*) e também as expressões idiomáticas (*acabar em pizza*). No rol dos neologismos conceptuais, a autora inclui os casos em que uma nova acepção é incorporada ao campo semasiológico de um significante já existente na língua.

Na análise e descrição de nosso corpus de pesquisa, seguiremos os passos de Carvalho (1983) que, em sua pesquisa, toma a classificação de Biderman (2001) como base para a distribuição do corpus em categorias analíticas. Acrescentamos, ainda, categorias sugeridas por Pruvost e Sablayrolles (2003).

2.3.3 As diferentes criatividades lexicais

Guilbert (1975, pp.40-44) diz que a definição de neologia nos leva a três tipos de criatividade lexical: a neologia denominativa, a neologia estilística e a neologia da língua. Estes tipos têm a ver com a origem e a função da neologia, as quais estudaremos nos subtópicos distribuídos a seguir:

2.3.3.1 Neologia denominativa

Charaudeau (1992), em sua *Grammaire do sens et de l'expression*, define a nomeação como operação linguística de construir conceitos através de uma forma em combinação com outros signos. A neologia denominativa resulta da necessidade de dar um nome a um objeto ou/e a um conceito novo (GUILBERT, 1975, p.40). É baseada, sobretudo, na necessidade da eficácia na comunicação, na identificação de objetos e conceitos que são introduzidos na sociedade. Nesse tipo de neologia, o nome comumente se identifica com o objeto, como os nomes de produtos - *Nescafé*, *Bom Leite*, *Vitamilho*. Os nomes das marcas são as entidades mais importantes de sua afirmação no mercado de uma sociedade. Assim como os nomes próprios de pessoas que, segundo Charaudeau (1992, p.21), são o grau máximo de especificação de um ser ou entidade, os nomes das marcas representam sua identidade, ligando-se a sua história e aos seus valores culturais. O neologismo denominativo se relaciona com a comunidade linguística em virtude de motivações legislativas no domínio industrial e comercial.

A neologia denominativa ocorre no plano da língua, pois não surge a partir de uma criação espontânea. Seu uso é motivado pela necessidade consciente de nomear e tem em si certa descrição da coisa designada. A denominação visa à adequação do nome ao objeto ou ao conceito, a fim de evitar ambiguidades na designação, por isso se afasta da metaforização, quando a intenção do criador é definir e classificar uma nova entidade.

Nesse tipo de neologia, é frequente a utilização de elementos estrangeiros (*Hair Life*, *Sushiaki*, *La Pomme*), ou greco-latinos (*Politicópolis*). A fala (*parole*) não está totalmente excluída desse domínio, pois a apropriação do signo pelos usuários se manifesta de diversas maneiras, como a coexistência de séries duplas de denominação (quando há uma popular e uma erudita), nas abreviações (no uso de siglas, na metaforização, na adoção do termo genérico, foneticismo mais simples, no caso de designações complexas ou empréstimos (GUILBERT, 1975, p. 41).

2.3.3.2 A neologia estilística

Na neologia estilística, a intenção do autor está em produzir efeitos no ato de comunicação e não em traduzir um pensamento nas estruturas preexistentes no sistema. Os gêneros de textos ligados ao campo da criatividade e que gozam de certa liberdade no uso da linguagem – como os textos literários, crônicas, alguns gêneros de textos jornalísticos⁴⁴ etc. – são fontes férteis de neologia estilística. Ela “exprime de uma maneira inédita uma certa visão pessoal do mundo” (GUILBERT, 1975, p.41), por isso, acontece no plano da fala (parole), por um locutor específico e normalmente pessoa pública, hábil com a atividade linguística. Esse tipo de criação estabelece uma íntima ligação entre criação literária, criação artística e criação linguística, uma vez que as palavras resultantes desse fenômeno marcam a linguagem de um autor e até de uma época. Os exemplos são muitos.

Com sua imaginação e criatividade de mestre da arte literária, Guimarães Rosa é considerado um dos maiores criadores de neologismos da língua portuguesa. Ao contrário do que normalmente acontece com esse tipo de palavras, que ficam confinadas às páginas da obra ou do texto de um autor, muitos neologismos criados por Rosa (*desenredo, Sagarana, nonada, ensimesmado*) ganharam popularidade a ponto de serem retomados em outros textos contemporâneos e terem uma obra lexicográfica lançada, com 8 000 verbetes (Cf. MARTINS, 2011). O autor dizia que somente através da recriação do léxico para a criação de um léxico próprio o escritor poderia cumprir sua missão de recriar a linguagem.

Mia Couto, escritor moçambicano que tem expressivas influências do estilo de Guimarães Rosa, é, na atualidade, um dos grandes expoentes da neologia estilística. Estudos acadêmicos na área da lexicologia têm trazido à tona para o campo da linguística a criatividade lexical no campo da literatura (Cf. VALENTE, 2007; CARVALHO, J., 2009). São exemplos de neologismos que vêm sendo criados pelo autor as palavras *diligentil, cristalinda, embriagordo*⁴⁵.

Como se vê, a criação de palavras no domínio literário é fator que define o *estilo* de um autor. Os textos poéticos são ligados à originalidade profunda do indivíduo falante, à sua faculdade de criação verbal, à sua liberdade de expressão, fora dos modelos estabelecidos ou contra eles. Mas o texto literário é ao mesmo tempo um ato estético (artístico) e linguístico,

⁴⁴ Como os gêneros crônica e coluna de opinião, que costumam ser marcados explicitamente pela autoria, diferentemente das notícias.

⁴⁵ Exemplos retirados de CARVALHO, J., 2009.

não pode ser um ato de expressão puramente pessoal, porque a língua é ao mesmo tempo seu objeto de criação e é seu veículo (GUILBERT, 1975, p.42).

Não é apenas na literatura onde encontramos os neologismos estilísticos. Cronistas como José Simão (*Ronalducho, biografeia*), Fernando Veríssimo (*roquenrol*) e Millôr Fernandes (*montanhar, cigarrear*) são, na imprensa escrita brasileira, alguns exímios exemplares de escritores que consagram seu estilo através da criação lexical. Na televisão, a teledramaturgia também nos dá exemplos. As novelas do dramaturgo Dias Gomes apresentaram aos espectadores enorme produtividade de neologismos. Em *Roque Santeiro* (exibida entre os anos de 1985 e 1986 na Rede Globo), através do personagem Sinhôzinho Malta, o autor cria *desidinvíduo*. Em *O Bem Amado*, segundo Carvalho (1983), o autor caracterizou seu personagem Odorico Paraguassu com 300 novas palavras em seu vocabulário. Na telenovela exibida atualmente pela Rede Globo (2011), *Fina Estampa*, vimos o neologismo *griseldista*, formado à moda daqueles característicos aos partidários de figuras políticas (*dilmista, serrista, marinista, eduardista, jarbista*), como projeção dos processos produtivos na linguagem da política.

Apesar de serem originados na fala, pois são criações individuais, os neologismos estilísticos podem ganhar difusão e se integrar ao sistema da língua, dependendo do envolvimento e do uso que fará a comunidade linguística.

2.3.3.3 A neologia da língua

Por oposição aos neologismos denominativos e estilísticos, os neologismos da língua são as formações verbais que não se distinguem das palavras ordinárias do léxico ao ponto de não se destacarem (causarem estranhamento) quando usadas a primeira vez (GUILBERT, 1975, p.43). Isto ocorre porque, nesse tipo de neologia, há conformidade com o sistema lexical da língua, quando na sua criação são utilizados elementos de construção preexistentes no sistema da língua a partir de regras morfossintáticas que regem a combinação de elementos ou morfemas lexicais e geram as unidades novas do léxico.

No neologismo formado por prefixação *antiboatos* (FSP, 25/10/2010), o falante da língua portuguesa não teria dúvidas sobre o significado, tampouco necessitaria de muito esforço para compreender seu processo de formação. Isso se deve ao fato de a formação por prefixação ser um recurso recorrente na nossa língua, além de o prefixo anti- ser muito frequente em nossas formações. Pelo princípio de analogia, o falante irá depreender que o

novo item lexical significa *contra boatos*, por sua experiência com o padrão morfossemântico da língua.

Todas as formas de neologismo distinguidas anteriormente se situam inicialmente no nível da fala para aparecer em seguida na língua, ou seja, para difundirem-se no uso generalizado, no seio da comunidade linguística. É este o movimento natural das formações neológicas: da fala à língua. Todavia, Guilbert (1975, p.44) alerta para a existência de formações a partir de elementos que fazem o caminho contrário, da língua à fala. São as formações conhecidas como eruditas, realizadas a partir de radicais greco-latinos, como os elementos formadores *mini*, *maxi* e *hiper*. Os formantes advêm de palavras pertencentes já ao domínio da língua, em seus idiomas de origem, e entram para as línguas neolatinas como formantes de novas palavras.

2.3.4 Neologia e sociedade

Em sua pesquisa sobre a formação de palavras no português contemporâneo, na qual reuniu quarenta e dois números de jornais brasileiros coletados no ano de 1984, Sadmann (1988) pôde observar uma vasta quantidade de neologismos na área da política. No referido estudo, o autor percebeu que o fato de, naquela ocasião, a ditadura militar ter cedido espaço à Nova República se refletiu num intenso movimento de manifestações de caráter político, desembocando numa grande influência em seu *corpus* de pesquisa (Cf. SANDMANN, 1988; 1986). Esta constatação afina-se com o que diz Guilbert (1975) sobre a intensa relação dos acontecimentos históricos e movimentos sociais com a criação de novas palavras, uma vez que a relação entre língua e sociedade é indissociável⁴⁶.

Os acontecimentos gerados no mundo antropológico acumulam-se nos berços sociais como experiências coletivas históricas. “As necessidades coletivas, mutáveis e conflitantes moldam hoje a língua de amanhã” (CARVALHO, 1983, p.32), mantendo a relação dialética entre língua e história que é responsável pela vivacidade da língua. Como elemento interindividual, a linguagem atua necessariamente nas relações entre todos os indivíduos em todas as épocas, uma vez que a expressão verbal é o meio de maior importância na comunicação entre as pessoas.

Há, portanto, uma inegável dimensão sociolinguística nos fenômenos lexicais. “A produtividade lexical não é somente um processo de transformação sintática que se situa na

⁴⁶ Com isso não queremos afirmar que é impossível haver um estudo da língua abstrata.

estrutura profunda, mas ela representa também um aspecto sociolinguístico” ⁴⁷ (PEYTARD, 1979, p.200). É inegável o valor sociolinguístico de palavras como *dilmalation*, *Erenicegate*, *rorizismo*, *abortista*, *ativerde*, entre muitas outras encontradas em nosso *corpus* do jornalismo político durante as eleições presidenciais brasileiras de 2010. Todos esses termos têm em si uma forte relação com os embates ideológicos e sociais que concernem à corrida pelo poder na sociedade.

O aspecto social da criação lexical tem forte ligação com a norma social, que visa a eficácia na comunicação. Por isso, Guilbert (1975, p.45) afirma que há uma tendência do léxico à normatização, quando os interlocutores, na maior parte do tempo, buscam a intercompreensão entre si. A eficácia na comunicação é, pois, uma necessidade social. “No código escrito, a norma social se impõe sob a forma de uma grafia única para cada palavra; no código oral, se os sotaques regionais existem, a pronúncia tende a se unificar” ⁴⁸ (GUILBERT, 1975, pp. 45-46). Mas como e o que define a norma social do léxico?

Como força normativa para o uso da linguagem de forma geral, temos na sociedade as instituições pedagógicas, que têm a função, além de outras, de instruir os aprendizes com o ensino da norma linguística de prestígio, para que sejam capazes de atuar em qualquer setor da sociedade com competência linguística. As gramáticas normativas indicam aos falantes da língua como se deve usá-la na modalidade escrita, enquanto os modelos da modalidade oral são representados por falantes cultos que ocupam espaços privilegiados nas instituições sociais e regiões geográfica de mais privilégio econômico.

A norma social do léxico é concretizada através de um meio ao qual muitos falantes têm fácil acesso: os dicionários. Por menor que seja a escolaridade de um indivíduo, ele certamente já ouviu falar no dicionário e também sabe a sua função. Existem vários tipos de dicionários. Alguns registram o vocabulário de uma área de atuação profissional específica, como a medicina, a economia, a administração, o direito etc. Também conhecidos como tipos de dicionários enciclopédicos, os dicionários técnico-científicos se prestam aos profissionais de cada área, os que precisam lidar com os diversos significados e termos especiais no seu dia a dia. “Assim, nascido em uma língua de especialidade, o termo científico ou técnico refere-se a apenas uma realidade conhecida por um pequeno número

⁴⁷ Tradução livre de “La productivité lexicale n’est donc pas seulement um processus de tranformation syntaxique qui se situe dans la structure profonde mais elle présente aussi un aspect socio-linguistique”

⁴⁸ Tradução livre de “Dans le code écrit, la norme sociale s’impose sous la forme d’une graphie unique pour chaque mot ; dans le code oral, si les accents régionaux demeurent, la pronociation tend à s’unifier”

de profissionais e pode experimentar um segundo nascimento” ⁴⁹ (PRUVOST e SABLAYROLLES, 2003, p.38). O segundo nascimento do qual falam os autores diz respeito à possibilidade de difusão e de generalização que os termos da área de especialidade podem ganhar, dependendo da sua divulgação em espaços de domínio público.

Porém, os dicionários que mais apresentam de modo heterogêneo a coletividade social de uma língua são os dicionários gerais ou dicionários da língua. Eles são a representação da valorização da língua enquanto instituição e traduzem a necessidade social de codificar o léxico de uma comunidade (GUILBERT, 1975, p.46). Obviamente, como discutimos no início deste capítulo, é impossível codificar todas as unidades léxicas dispersas nas mentes dos indivíduos segundo a criatividade do seu sistema. Mas o intuito do dicionário não é mesmo este.

Os dicionários da língua têm a função de manter o léxico de um modelo sociocultural de locutor de um nível elevado, de propagar os termos especializados cujo emprego não tem certa difusão na comunidade [...] e conserva alguns termos velhos por seu estatuto literário. O dicionário da língua serve, então, para definir um certo uso do léxico, uma norma lexical relativa ao arsenal da comunidade linguística. A presença da palavra no dicionário é a garantia que ela pode ser empregada por aqueles que quiserem, não somente se exprimir corretamente na sua língua, mas que querem parecer cultos (GUILBERT, 1975, p. 46). ⁵⁰

Os dicionários da língua são uma garantia social de correção, isto é, estão ligados a usos de prestígio e, de certa forma, reproduzem as normas sociais vigentes em cada comunidade linguística. Quando um neologismo ultrapassa a linha entre a criação individual e o uso social e consagra-se como uma palavra da língua, é o dicionário que tem o poder de atestar a vida dessa palavra, como uma espécie de órgão oficial regulador do vocabulário de uma comunidade linguística.

Em algumas sociedades, o conservadorismo linguístico leva a uma rigidez muito grande quanto à aceitação de novas palavras no vocabulário, sobretudo com respeito aos itens lexicais de origem estrangeira. A consagração lexicográfica dos neologismos é regida por regras de um jogo de poderes públicos, ligados ao caráter conservador ou aberto de cada

⁴⁹ Tradução livre de ‘Ainsi, né dans une langue de spécialité, le terme scientifique ou technique désignant jusque-là une réalité seulement connue par un petit nombre de professionnels peut connaître une seconde naissance.’

⁵⁰ Tradução livre de “Il s’agit de retenir du lexique les mots qu’implique un modèle socio-culturel de locuteur de niveau élevé, d’écarter les termes trop spécialisés dont emploi ne jouit pas d’une certaine diffusion dans la communauté” [...] “Le dictionnaire de langue sert donc à définir un certain usage du lexique, une norme lexicale par rapport à l’ensemble de la communauté linguistique. Là présence du mot dans le dictionnaire est la garantie que’il peut être employé par ceux qui veulent, non seulement s’exprimer correctement dans leur langue, mais apparaitre come cultivés”.

sociedade. Na França, a Academia Francesa é responsável pela elaboração do *Tésor de la Langue française* (Tesouro da Língua francesa), que, entre outras atividades, preocupa-se em regular o uso de terminologias técnico-científicas em língua estrangeira, procurando sempre propor palavras construídas com base no sistema lexical francês para ocupar o lugar das não nativas. Com essas ações, as comissões lexicográficas representam um conservadorismo linguístico, tentando preservar o “tesouro” que consideram ser o sistema lexical de sua língua e seu vocabulário (Cf. PRUVOST E SABLAYROLLES, 2003, p.64).

No Brasil, a Academia Brasileira de Letras⁵¹, dirigida por Evanildo Bechara, mantém uma Comissão de Lexicografia e Lexicologia, responsável, entre outras atividades, por acompanhar a evolução do vocabulário nacional e oficializar as mudanças no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – VOLP (5ª edição), que vem registrando as palavras utilizadas recentemente na mídia política dos últimos anos, como *lulismo* e *lulista*, ainda não encontradas em obras lexicográficas consideradas *thesaurus* da língua portuguesa, como o dicionário Houaiss (2009). O VOLP acompanha com mais proximidade as mudanças que vêm ocorrendo no português do Brasil, funcionando como o órgão regulador nacional.

O Projeto de Lei 1676/99,⁵² de autoria do Deputado Federal (atualmente Ministro dos Esportes) Aldo Rebelo, propõe o combate ao uso de estrangeirismos e a promoção da língua nacional. Segundo o site do parlamentar,

outro aspecto é fazer com que todos os documentos oficiais do Brasil sejam escritos em português e que toda a comunicação destinada ao conhecimento público - caso utilize palavras em outra língua - tenha a tradução das mesmas para o português. Aliás, foi esta última proposta que tornou o projeto conhecido e motivo de inúmeros debates. (Site de Aldo Rebelo. Língua Portuguesa. < http://www.aldorebelo.com.br/?pagina=acao_parlamentar&cod_acao=19>. Acesso em: 8 nov. 2011)

O projeto foi aprovado em 2001 pela Câmara dos Deputados e em 2007 pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados. As forças legislativas institucionais tentam promover a conservação da língua nacional, demonstrando o pensamento de que a mudança no léxico representa uma força desagregadora na relação

⁵¹ “Desde a fundação da Academia Brasileira de Letras, a instituição atribuiu-se como tarefa essencial o cultivo da língua e da literatura nacional. Nesse sentido, a Casa de Machado de Assis tem publicado a sua Revista, obras de Acadêmicos, e se empenha em preparar o dicionário da língua, depois de se ter ocupado da organização do Vocabulário ortográfico da língua portuguesa”.

Disponível em : < <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=537>>. Acesso em: 8 nov. 2011.

⁵² O projeto pode ser acessado e acompanhado através do site do parlamentar, disponível na internet através do endereço < http://www.aldorebelo.com.br/?pagina=acao_parlamentar&cod_acao=19>.

entre a cultura e a linguagem do país. Silva (2010, p.305-306) afirma que essa preocupação com a proteção da língua portuguesa vem desde o início do século XX, quando a língua da qual deveríamos nos “proteger” era o francês, maior exportador de palavras estrangeiras naquela ocasião, reflexo de sua importância na cultura mundial.

O fato é que todas as línguas têm uma força que as conduz à mudança e outras que percorrem o sentido contrário, o da conservação. O que gostaríamos de destacar é que esta última força, assim como a primeira, não acontece apenas de forma espontânea na relação entre a língua e a sociedade. Poderes institucionais expressam seus interesses e oficializam a luta contra a mudança do léxico, sobretudo se isso implica a entrada de culturas alienígenas no uso cotidiano da língua, como se a língua portuguesa no Brasil já não fosse, desde o princípio de sua formação nestas terras da América Latina, uma grande miscelânea de palavras do léxico das línguas europeia, africana, indígena, árabe. Guilbert (1975) diz que o critério de aceitabilidade de uma nova criação lexical se forma na comunidade linguística, mas é o aparelho social e cultural que intervém no momento de aceitar ou não a nova forma.

O léxico muda, as palavras aparecem e desaparecem por força das mudanças na sociedade e na história, e quem elege a institucionalização das novas palavras, antes dos lexicógrafos e seus dicionários, são os cidadãos que fazem uso da língua, através do uso contínuo das novas palavras nas interações escritas e orais através do tempo.

2.3.5 Procedimentos de criação neológica

Pruvost e Sablayrolles (2003) adotam o conceito de “matrizes lexicais” para construir sua teoria sobre os processos de criações de novas palavras, com base principalmente na ideia de que uma palavra nova nem sempre é formada através de apenas um processo. A teoria dos autores se baseia na formulação de Jean Tournier (1991). Estas matrizes compreendem quatro conjuntos que dividem-se em subconjuntos: as matrizes morfossemânticas, sintático-semânticas, puramente morfológicas e a matriz pragmática. Esse modelo foi elaborado pelos autores com a intenção de dar conta dos tipos de neologismos e da natureza de sua criação, que podem figurar em uma ou em mais matrizes concomitantemente.

Reportamos a seguir o quadro que torna didático o modelo das matrizes de criação⁵³

⁵³ Optamos pela não tradução dos nomes dos processos de formação para conservarmos a idealização dos processos a partir da língua de origem dos autores.

(PRUVOST e SABLAYROLLES, 2003, p.118):

matrices internes	morpho- sémantiques	construction	affixation	préfixation
				suffixation
				dérivation inverse
				flexion
			parasynthétique	
		composition	composition synapsie quasimorphème ⁵⁴	
			mot-valise (potmanteau)	
	imitation et dèformation			onomatopée fause coupe jeu graphique paronymie
	sintáctico- sémantiques	changement de fonction	conversion	
			combinatoire syntaxique/lexicale	
		changement de sens	métaphore	
			métonymie	
			autres figures	
	morphologiques	réduction de la forme	troncation	
			siglaison	
pragmatique			détournement	
matrice externe				emprunt

Quadro 1- Procedimentos de criação neológica de PRUVOST e SABLAYROLLES (2003)

Os autores estabelecem duas matrizes principais a partir das quais são gerados os processos de criação lexical. A matriz interna diz respeito ao material linguístico que será

⁵⁴ “Quasimorphème” ou “pseudomorphème” são conceitos concebidos por Jean Tournier e referem-se à flexibilidade das estruturas formantes greco-latinas que podem vir antepostas ou pospostas à palavra-base (ex. *grafólogo, cenógrafo, logopatia, patologia*). “Le terme “quasi-morphème” - d’où le sigle q.m. - (à ne pas confondre avec affixe) a été choisi par Lionel Guierre, avec l’accord d’A.Culioli pour rendre *combining-form*, tout en précisant la notion. J’ai d’abord eu l’idée d’appeler cet élément “quasi-lexème”, puisqu’il est sémantiquement l’équivalent de mots (idéereprise plus tard par Jean-Louis Duchet) (TOURNIER, 2007).

usado nas formações, quando é retirado do arsenal léxico pertencente à língua própria (criação vernacular). Essa via de formação de palavras é a mais fecunda, como se pode observar no quadro, e é rica em variedades de processos. A matriz externa gera apenas os neologismos por empréstimos.

Em língua portuguesa, iremos considerar os processos morfossemânticos pelo recurso da afixação/derivação (processos de adição de prefixos – *anti-Dilma* -, sufixos – *serrista* -, derivação regressiva – *desgravo* -, flexão – *azarã* - e parassíntese) e da composição (palavras compostas por justaposição – *religioso-populista* -, aglutinação – *motoclube* -, compostos eruditos - *neófito*), além das palavras-valise/fusão vocabular/cruzamento vocabular (*demotucano*, *showmício*). Aos processos descritos pelos autores como *onomatopée*, *fausse coupe*, *jeu graphique* e *paronymie*, estudaremos apenas sob o rótulo de neologia fonológica (GUILBERT, 1975), que entendemos abarcar todas essas modalidades que ocasionam mudanças também no significante - *privataria*. Também incluiremos em nosso estudo os neologismos por empréstimo e outros processos que geram mudanças na forma das palavras, como a criação de gíria e a formação por conversão.

Os processos sintático-semânticos da matriz interna causam mudanças na função da palavra (conversão e neologia combinatória – que traz inovações no uso sintático, p. ex., *ir no banheiro*, *namorar com alguém*). Os autores consideram apenas morfológicos⁵⁵ os processos de truncação, em que uma parte da sequência lexical é eliminada, pelo princípio da economia, e de formação de siglas (*PetroBrax*, *ABGLT*). *Détournement*, ou desvio, em português, refere-se ao processo de natureza pragmática e também semântica, constituindo a alteração de uma unidade lexical longa e complexa - como provérbios, pequenas frases de homens célebres, trechos de canções infantis etc. - que sofre alterações em um de seus elementos (adição, supressão ou substituição). Ex. *Quem ri por último é retardado*; *Quem espera sempre cansa*; *Gato escaldado morre*.

⁵⁵ PRUVOST e SABLAYROLLES (2003) dizem que Tournier (1991) considera esses processos apenas morfológicos, mas fazem uma observação quanto ao fato de que a nova formação pode não ser completamente neutra semanticamente, do ponto de vista conotativo. (Cf. PRUVOST e SABLAYROLLES, 2003, pp.113-114)

2.3.6 Neologia e comunicação

Ninguém fala ou escreve qualquer coisa sem o objetivo de comunicar algo a alguém. O monólogo não é possível, uma vez que, mesmo ao falar consigo mesmo, o indivíduo projeta o seu dizer em um *outro*, seja entidade imaginária ou real. Benveniste (1989) já dizia que o eu e o tu são as pessoas fundamentais do discurso:

Eu designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o “eu”: dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, “tu” é necessariamente designado por *eu* e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do “eu”; e, ao mesmo tempo, *eu* enuncia algo como um predicado de “tu” (BENVENISTE, 1989, p.250).

A partir de um prisma teórico mais ligado à sociedade, Bakhtin (2002) reforça a ideia, dizendo que

“(...) toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui justamente o plano da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressa a um em relação ao outro” (p.113)

Descontando as distinções teórico-metodológica entre os dois autores, podemos afirmar que ambos concordam com que o uso da língua está a serviço da comunicação entre as pessoas e que nela sempre haverá três elementos indispensáveis: quem fala, o meio por que fala e para quem se fala.

A teoria da comunicação diz que no processo de comunicação há um comunicador (ou fonte), um receptor e uma mensagem, responsável pelo contato (Cf. Carvalho, 1983, p.26). O código, por sua vez, “é um conjunto de signos e regras de combinação destes signos” (VANOYE, 1981, p.30) e “possibilita aos membros de um grupo apreender a substância universal, estruturando-a e dando-lhe a forma que é considerada válida para esse grupo” (BARBOSA, 1996, p.134). Barbosa (1996) afirma também que o código possibilita aos indivíduos “a coordenação de seus pensamentos, por uma sucessão de signos, bem como a sua transmissão aos outros membros da comunidade” (p.134). Assim, poderíamos associar o conceito de código ao de linguagem verbal, porque através dela realizamos as possibilidades presentes no nosso sistema virtual.

Dessa mesma teoria veio a ideia de que o neologismo é um ruído na comunicação, elemento capaz de causar dificuldades no ato da intercomunicação e na intercompreensão entre os pares. Ruído é “tudo aquilo que prejudica ou impede a transmissão fiel de uma mensagem, podendo ser externo (ou ambiental) e interno” (CARVALHO, 1983, p.26).

Dizer que o neologismo é um ruído e que atrapalha o movimento de intercompreensão da linguagem é, de certa forma, rechaçar a ideia de que criamos novas palavras com base na analogia linguística e também pela norma social estabelecida no uso do léxico (com exceção dos estrangeirismos). Se afirmarmos que a criação lexical tem origem nas necessidades comunicativas exigidas pelas mudanças históricas e sociais, pensar o neologismo como um ruído seria, de certa maneira, contradizer a nossa ideia de que a neologia faz parte do fluxo natural de qualquer língua viva e que acontece pela ausência de expressões na língua que permitam a semiotização da experiência antropológica.

Biderman (2001, p.45) diz que, no trato social, os usuários do código⁵⁶ linguístico precisam partilhar, além do código geral (a língua padrão), os registros específicos imbricados em outros tipos de situações comunicativas. Como não se pode garantir que todos os interlocutores tenham o mesmo domínio de todos os códigos usados nas interações, ocorrem, então, muitas situações em que as mensagens não são satisfatoriamente decodificadas. Nesse sentido, o neologismo pode ser pensado, sim, como um *possível* ruído, pois se insere no código como novo elemento, e essa novidade pode exigir mais atenção e esforço do receptor, a depender de sua competência lexical e também da natureza da forma neológica.

O locutor-autor de uma nova palavra cria conforme as regras da gramaticalidade lexical pelo fato de seu projeto de fala visar à comunicação com os outros (GUILBERT, 1975, p.48). Porém, devido a essas possibilidades de assincronia entre as competências do locutor-autor do novo item léxico e do receptor, pode ocorrer a não compreensão ou a compreensão parcial da mensagem, sendo, nesses casos, o neologismo um *ruído* na mensagem.

Pensamos que o julgamento sobre o neologismo ser ou não um ruído na mensagem reside nas diferenças de domínio do código, nas heterogeneidades de competências lexicais que existem entre os falantes da língua e usuários do código e não no neologismo em si mesmo.

Barbosa (1996, p.141) afirma, a partir da teoria de Pais (1975, p.14), que os neologismos situam-se numa zona fluida entre o vocabulário existente e o vocabulário virtual

⁵⁶ Entendemos que o uso da terminologia “código” como referência à *língua* é de uso ultrapassado nos estudos linguísticos, pois reduz a complexidade das manifestações e do funcionamento da linguagem. Não obstante, utilizamos o termo em nosso texto por tentarmos retrabalhar as questões a partir de nosso referencial teórico, que lança mão dessa terminologia por estar situado em uma época em que a teoria da informação era referência no estudo da comunicação.

de uma comunidade linguística. A autora constroi um esquema, que colocamos a seguir:

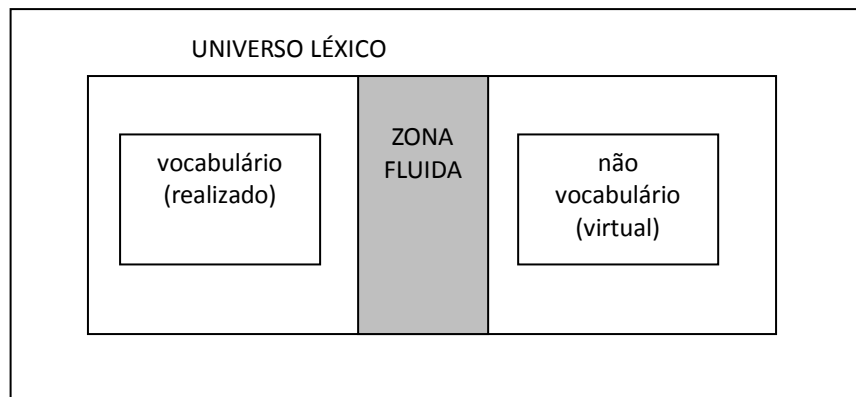


Figura 4- Esquema da teoria dos conjuntos fluidos

Para que um neologismo deixe de sê-lo e passe a se tornar palavra da língua, é necessário que haja a sua retomada por receptores que absorveram a palavra e a incluíram em seu universo léxico. Também é possível que o receptor absorva a forma em sua memória e ela fique disponível para atualização em forma de vocabulário passivo. No entanto, apenas a alta frequência do uso do neologismo pode fazê-lo entrar para a norma linguística, desneologizando-o. “O sentido de um enunciado repousa em um *consenso*” (BARBOSA, 1996, p.107), como um *acordo* comunicativo inconsciente, baseado nas experiências anteriores de emissor e receptor.

Guilbert (1975, p.48) afirma que os locutores, na modalidade oral, costumam usar alguns artifícios para se fazerem compreender quando utilizam os neologismos. Eles podem fazer isso através de paráfrases, fazendo inserções em sua fala do tipo “*é o que designamos pela palavra tal, pelo nome tal, é o que eu chamo de*”. Na escrita, os neologismos são comumente marcados graficamente, como maneira de o autor do texto demonstrar que ali existe uma estrutura não comum.

Quando o enunciador registra a sua impressão de que está inovando na linguagem, dizemos que ele está expressando seu *sentimento de neologia*, percepção que todos os indivíduos são capazes de ter em maior ou em menor grau, a depender de sua competência lexical. Alves (2007, p.83) observa que os meios gráficos pelos quais o sentimento de neologia pode ser representado são os usos de aspas, letras maiúsculas ou o uso de itálico, que buscam o realce no resultado da criação neológica. Ex. *Para o Ministério Público Eleitoral, a candidatura de Weslian legitimaria "candidaturas-laranjas"* (FSP, 02/10/2010).

Possíveis ou realizados, os neologismos têm ligação profunda com a sociedade e com todos os aspectos que interferem em seu funcionamento, pois o léxico é o meio linguístico pelo qual tentamos reproduzir nossas experiências no universo. Mas esse processo não é simples; envolve as questões estruturais do sistema da língua, envolve regras e convenções institucionais de cada sociedade; tem ligação com as formas de prestígio da língua; depende da continuidade do uso para se estabelecer.

capítulo 3

DO JORNAL À PALAVRA POLÍTICA



3 DO JORNAL À PALAVRA POLÍTICA

É pela existência dos espaços de discussão e de persuasão, lugares de construção dos valores dos quais dependem a ação, que o campo político é 'o governo da palavra'

Patrick Charaudeau

3.1 Mídia, comunicação e política

No século XXI, não é fácil imaginar a vida humana sem a mídia, que ocupa lugar central nos modos de relação, nas maneiras de obter e divulgar informação e nos hábitos de interação que se reformulam a cada novidade surgida nesse campo. A convergência entre as telecomunicações, os meios de comunicação em massa e as tecnologias digitais vêm ditando o ritmo e os passos da economia mundial, de onde surgem celebridades tecnológicas ovacionadas e tomadas como referências humanas de sucesso em nossos tempos (cf. LIMA, 2004, p.175).

Mas nem sempre a informação foi de acesso tão fácil na história da sociedade ocidental. Durante a Idade Média, houve o ostracismo da informação. Os livros confinados em monastérios eram de acesso controlado pela Igreja Católica. A informação em forma de notícia veio se popularizar apenas durante o Renascimento. Mesmo assim, esse modo de difusão da informação não era alcançável às massas populacionais; era restrito às elites alfabetizadas. Segundo Carvalho (1983, p.53), os meios de comunicação passam a ser concebidos como meios de massa com a difusão do rádio e da televisão, a partir do século XX. Desde então, eles vêm sofrendo diversas transformações: as mais recentes ligam-se à globalização e ao crescimento acelerado das tecnologias digitais.

A mídia que vem se configurando nos espaços sociais da atualidade necessita de outro olhar. Segundo Lima (2004), não se pode definir o grande arsenal de manifestações da mídia comunicativa apenas sob o rótulo de *comunicação*, pois com o alargamento das possibilidades de uso da tecnologia se modificaram algumas características do conceito. Assim, o autor propõe que se trabalhe com a noção de *comunicações*. O termo abarcaria de maneira plural a diversidade de manifestações midiáticas de transmissão da informação. Ainda segundo o estudioso, essas comunicações não são mais instrumentos de *manipulação*, como se dizia anteriormente. Hoje, se pensa a mídia como instrumento de *persuasão* das

massas e também tem-se falado em *influência* da informação. “Na verdade, a mudança de terminologia revela a passagem de um modelo que considerava as comunicações como *todopoderosas* (efeitos ilimitados) para outro em que esse poder passa a ser visto como cada vez menor (efeitos limitados)” (LIMA, 2004, p.40, grifo do autor).

Para o educador e pensador Paulo Freire, imbricados ao conceito de comunicação estão a interação e o diálogo entre os sujeitos de uma sociedade. O estudioso combate a ideia behaviorista de comunicação como transmissão da informação, dizendo que a comunicação é a “co-participação de Sujeitos no ato de conhecer” (FREIRE, 1971, p.22). Subjacente a essa noção, está a tese principal de Freire na obra referenciada, a de que o conhecimento e o pensamento são construídos a partir das relações entre os seres humanos no mundo. Assim, as comunicações são tomadas como situação social em que as pessoas criam o conhecimento juntas, transformando-o.

Segundo a teoria da informação, da qual tratamos brevemente no item 2.3.6, a difusão da informação se dá a partir da sua transmissão, em que os sujeitos têm uma função bem definida de *transmissor* e *receptor*. Entendemos esse pensamento como uma manifestação reflexiva limitada, ao menos contemporaneamente, pois desumaniza os sujeitos/indivíduos em suas complexas relações sociais e comunicativas com todos os recursos que lhes têm sido disponíveis.

Em contrapartida a esse entendimento, pensamos que no jogo da comunicação midiática estão envolvidos indivíduos/sujeitos⁵⁷ que desempenham funções, como atores sociais, e estabelecem entre si um tipo de contrato comunicativo em que seus papéis não são engessados e recebem diversas influências dos aspectos sociais, políticos e linguísticos envolvidos nos eventos comunicativos. Essa ideia apoia-se na concepção de comunicação concebida por Charaudeau (2008; 2009), na qual o ato de linguagem (que pode ser um ato de comunicação) é uma encenação inter-enunciativa, e por isso aquele que recebe uma mensagem midiática não é mero receptor passivo. O receptor participa do processo desde a elaboração da mensagem, pois o enunciador ordena sua fala em função de intenções comunicativas que visam um receptor presumido em uma situação de comunicação

⁵⁷ A noção de sujeito é múltipla nas linhas de estudo da linguagem e do discurso. Não é nossa intenção aqui aprofundar a discussão desse conceito, uma vez que nos importa apenas refletir sobre o funcionamento da mídia informativa e do modo como ela atua do fenômeno neológico, objeto de nosso trabalho. Por estas razões, não faremos distinções teóricas entre as noções de sujeito e indivíduo. Entendemos aqui atores sociais como sujeitos/indivíduos que desempenhem algum papel em situações comunicativas específicas.

específica. Com isso, reiteramos a dinâmica complexa que existe na produção e propagação da informação na sociedade. No texto jornalístico, por exemplo, estão presentes produtor e receptor ao mesmo tempo, pois o tipo de leitor do jornal influenciará desde a escolha do assunto da notícia até a seleção do modo como será escrita. Por isso, entendemos esse espaço midiático como importante representação social e linguística de uma época e de um lugar.

Observamos a partir dessas colocações que a tendência analítica contemporânea é o afastamento da visão da mídia como máquina manipuladora, que impõe sobre os sujeitos a informação soberana. Com isso, não negamos a existência de forças sociais hegemônicas, que exercitam a dominação de alguma forma. Mas queremos endossar nosso entendimento de que a informação não é um objeto manuseável e detido apenas por alguns, que a irradiam unilateralmente. Concordamos com a ideia de Freire (1971) de que a comunicação se constrói em sua realização, supondo nesse processo o diálogo e a interação.

No domínio jornalístico,⁵⁸ circulam textos de diversos gêneros que representam setores sociais específicos. Os textos jornalísticos são relatos constituídos de fatos sociais de modo geral e de fatos institucionais de modo específico (SILVA, M., 2006, p. 40). Como mídia, o jornal não apenas reproduz os fatos sociais; ele os reinterpreta e os difunde através dos filtros ideológicos e sociais específicos de cada instância, sendo responsável pela formação da opinião de grandes massas. “O discurso informativo tem uma relação estreita não somente com o imaginário do saber, mas igualmente com o imaginário do poder, quanto mais não seja, pela autoridade que lhe confere” (CHARAUDEAU, 2009, p. 63). Lima (2004, p.176) enxerga a mídia como “palco e objeto privilegiado das disputas pelo poder político na contemporaneidade”.

O jornalismo político, assim como as outras áreas do jornalismo, pode ser tomado como espaço midiático de grande representação social e ideológica, pois atua como veículo de acontecimentos noticiados oriundos do âmbito político: veicula diversas posições ideológicas e divulga através dos textos as tensões geradas pelas lutas em busca do poder,

⁵⁸ O conceito de domínio que ao qual nos referimos é discutido por Marcuschi (2004b), que diferencia domínio e gênero discursivo. O jornal é tido como um domínio discursivo porque, segundo o autor, “entendemos como *domínio discursivo* uma esfera da vida social ou institucional (religiosa, jurídica, jornalística, pedagógica, política, industrial, militar, familiar, lúdica etc.) na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias comunicativas. Assim, os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração em geração com propósitos e efeitos definidos e claros” (MARCUSCHI, 2004b, p.118, grifo do autor).

travadas em qualquer sociedade humana, surtindo efeitos na opinião pública e atuando como mediador democrático.

Charaudeau (2008, p.27) enxerga a concretização da política através de várias atividades de regulamentação social. O autor indica três atividades principais que organizam o funcionamento político: a regulatória, que mantém ou aplaina as relações de dominação ou de conflito social; a legislativa; e a delegação de tarefas por meio de nomeação ou eleição. Segundo estas três vias, pode-se entender a política como um “espaço de ação que depende dos espaços de discussão e de persuasão” (p.27). Dessa ideia, resultam quatro campos de ação social, que organizam as relações de força. São eles os espaços *jurídico*, o *econômico*, o *midiativo* e o *político*. Os dois últimos mantêm uma relação de interdependência.

As mídias se encontram em uma relação contraditória com a política. Em busca da credibilidade, essas instâncias tentam se distanciar do poder político, trazendo a diversificação de fontes, de pesquisas e de investigações de várias ordens (CHARAUDEAU, 2008, p.29). Mas as mídias estão também estreitamente ligadas ao mundo político, pois dependem de fontes de informação oficiais e não oficiais que lhes são impostas, participam de reuniões sociais públicas e privadas que reúnem políticos etc. Por isso, elas estão sempre em um ponto de tensão entre o mundo político e o comprometimento com a informação ao cidadão (CHARAUDEAU, 2008, p.27).

Historicamente, a relação entre imprensa e política pode ser tomada como essencial para as transformações sociais pelas quais passaram muitos países, pois “a mídia é a moldura da janela pela qual a opinião pública entrará em contato com uma pequena parcela da realidade, sendo os jornalistas responsáveis por sua construção” (LEAL, 2007, p.2).

A implantação da imprensa no Brasil acontece somente em 1808, com a *Gazeta do Rio de Janeiro*, no mês de setembro. Mas desde junho do ano citado, extraoficialmente, já circulava no país o *Correio Braziliense*, jornal impresso em Londres (cf. CORTEZ, 2008, p.2). Nesse momento inicial, a esfera jornalística ainda se confundia muito com a esfera literária. A maioria das obras literárias mais populares do século XIX se deu através da imprensa, além da grande quantidade de tradução de romances franceses (cf. RIBEIRO, 2004, p.171).

Do século XIX ao século XX, as instâncias jornalísticas percebem o crescimento de uma demanda social que compreendia as classes trabalhadoras alfabetizadas. As melhorias na tecnologia de impressão e a crescente necessidade de consumo da informação pelas

camadas menos abastadas da sociedade exigiu do jornal uma postura diferente tanto em relação ao uso da linguagem quanto às estratégias midiáticas na construção das notícias. Essas mudanças não aconteceram repentinamente; houve uma consolidação lenta de séculos de transformação social que levou a imprensa “a abandonar um certo posicionamento lateral, de panfleto político, para se estabelecer em um *espaço mediador cultural*” (CORTEZ, 2008, p.5, grifo do autor). Kunczik (2001, p.73) cita a visão otimista de Pye (1967), afirmando que, nos países em desenvolvimento, os meios de comunicação de massa têm a função básica de servir como inspetor do sistema político com a finalidade de proporcionar “a crítica pública necessária para garantir algum grau de integridade política por parte daqueles que detêm o poder” (KUNCZIK, 2001, p. 74). De acordo com essas ideias, o jornalismo político teria uma função importantíssima na construção da formação política de uma sociedade, por seu papel de mediador cultural e por seu caráter denunciativo. Porém, nesse processo, existem jogos de poder, de influência e de controle da informação por organizações e instituições que representam as instâncias de informação na sociedade. Por esse motivo, o funcionamento real das mídias de massa na comunicação não acontece da forma ideal como parece ser concebido.

A partir disso, Lima (2004) trabalha com o conceito de *CR-P (Cenário de Representação da Política)* para analisar as relações entre a mídia e a política. Há várias problemáticas colocadas pelo autor quando da discussão sobre os conceitos de *cenário* e de *representação* na relação com o conceito de mídia. Ele define os *CR-P* como

o espaço específico de representação da política nas democracias representativas contemporâneas, constituído e constituidor, lugar e objeto da articulação hegemônica total, construídos em processos de longo prazo, na mídia e pela mídia, sobretudo na e pela televisão (LIMA, 2004, p.182).

Apesar de o autor falar na preponderância da televisão, pois este veículo tornou-se o principal instrumento de divulgação midiática de massa no século XX, entendemos que a mídia jornalística impressa é ainda um desses importantes instrumentos midiáticos através dos quais podemos perceber as representações políticas que são construídas de modo complexo pela variedade de atores sociais imbricados nas relações democráticas contemporâneas. É por ser um espaço de representação social que pensamos ser o jornalismo político lugar privilegiado de estudo da relação entre o político e o linguístico, concretizando na língua escrita as atividades realizadas nos âmbitos social e midiático.

3.2 Jornalismo, linguagem e criação

O surgimento da imprensa possibilitou a veiculação de textos escritos de forma muito mais rápida na sociedade; conquanto tenha ela, ao mesmo tempo, um caráter renovador (pois permite o fluxo de diversos gêneros) e conservador (quando delimita convenções a serem seguidas). Sendo assim, como veículo de novidades nos acontecimentos sociais, a linguagem da imprensa informativa apresenta-se como grande responsável também pela oficialização das novidades no campo linguístico escrito (cf. CARVALHO, 1983).

As questões sobre as dimensões sociais e estruturais da palavra linguística e de sua relação com a realidade ocuparam grande parte das investigações no campo da Linguística, desde os seus primórdios. As estratégias da linguagem jornalística podem indiciar muitos aspectos de uma sociedade, de seu tempo e de seu modo de expressar o mundo referencial, pois trata-se de uma semiotização do mundo, em que estão em jogo diversas estratégias.

Tradicionalmente, costuma-se pregar uma linguagem jornalística que preze pela neutralidade opinativa e pelo rigor na correção linguística, ligando-a à linguagem padrão da sociedade em que é veiculada. Mas a linguagem jornalística não é e não pode ser uniforme, pois tantos são os gêneros textuais que circulam no domínio, tantos são os assuntos abordados – a depender das seções – que nos parece arriscado indicar o que seja *uma* linguagem jornalística. Pensamos ser mais apropriado se falar em linguagens do jornalismo, que se vinculam aos assuntos tratados, aos suportes em que são veiculados, ao público ao qual é endereçado e também às normas linguísticas de cada época.

Segundo Paillet (1986), embora não exista nenhuma linguagem que possa satisfazer os anseios pela neutralidade jornalística, existe a busca de uma *linguagem média* (p.76). Esta linguagem dependerá tanto da empregada na atualidade quanto da tradição jornalística, e terá uma relação distinta com cada cultura. De qualquer forma, o autor insiste que existe ainda algo em comum às normas empregadas no discurso jornalístico: ele adota a linguagem que pode ser compreendida pelos “dirigentes e pelos homens instruídos” (PAILLET, 1986, P.76). Apesar de todas as variantes sociais com seus diferentes registros de linguagem, o registro formal parece ser uma exigência política imposta às linguagens do jornalismo, pois a sociedade valoriza o seu emprego e qualifica como erros os desvios (LAGE, 1985, p.37).

Fala-se muito da primazia da imagem na atualidade, pela grande ascensão dos meios e suportes de comunicação que viabilizam a transmissão das imagens. Todavia, no jornal impresso, ainda há o predomínio da palavra e as imagens atuam na maioria das vezes como

âncora dos textos editados diariamente.

A notícia é a unidade básica com que se trabalha no jornalismo. “Em torno dela, giram artigos, reportagens, crônicas e comentários” (CARVALHO, 1983, p. 54). Os acontecimentos julgados relevantes de acordo com critérios de proximidade, de atualidade e de imprevisibilidade (CHARAUDEAU, 2009, p.101) passam por um processo de construção midiática que envolve diversas etapas ligadas a sua representação no mundo linguístico até serem elevados ao status de notícia, que pode ser uma informação ligada a uma fonte ou pode designar o próprio fato, “mas o acontecimento só se torna notícia a partir do momento que é levado ao conhecimento de alguém” (CHARAUDEAU, 2009, p.132). “Propomos chamar ‘notícia’ a um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo *espaço temático*, tendo um caráter de *novidade*, proveniente de uma determinada *fonte* e podendo ser diversamente tratado” (CHARAUDEAU, 2009, p.132, grifos do autor).

O âmbito jornalístico, observado por Carvalho (1983), é o meio de comunicação impresso que primeiro expressa as mudanças lexicais na escrita. As informações, veiculadas por meio de imagens e pela linguagem, são um dos primeiros reflexos concretizados das mudanças na língua.

Os textos da imprensa são aceitos como exemplo de língua escrita; constituem na sua variedade, *uma espécie de transição entre a língua falada e a língua escrita*. No jornal, os elementos lexicais são muitas vezes usados de maneira nova ou mesmo são criados muitos termos (CARVALHO, 1983, p.5, *grifo nosso*).

Charaudeau (2009) reforça o caráter escritural da imprensa, o que faz deste espaço uma área analítica, muito mais do que na oralidade ou na iconicidade. “A escrita desempenha o papel de prova para a instauração da verdade, o que não é possível para a oralidade, não recuperável e aparentemente mais efêmera” (p.113).

As diferenças entre fala e escrita estão no cerne da discussão sobre mudança linguística (cf. capítulo 1). A fala é naturalmente mais propícia a mudanças porque é através dela que se dão as manifestações individuais da língua. Não pretendemos aqui hierarquizar a fala em relação à escrita; reconhecemos que o estudo da fala foi durante muito tempo marginalizado pelos estudos linguísticos, sobretudo por influência do estruturalismo, e que isso legou a seus estudos uma posição marginal durante muito tempo. Todavia, é inegável o prestígio social que tem a escrita, por representar sujeitos privilegiados academicamente e por restringir o acesso àqueles menos escolarizados. É pelo uso na escrita que se dá o registro de novos itens lexicais em obras lexicográficas, pois a palavra escrita documenta e

materializa as mudanças da fala.

Acreditamos que a fala e a escrita, enquanto modalidades de uso da língua, não se opõem, mas se relacionam em um contínuo de acordo com as diversas manifestações textuais que existem e que surgem a cada dia na sociedade. Defendendo essa ideia, Marcuschi (2010), baseado no gráfico de Koch e Österreicher (1990), elabora uma representação do que seria o contínuo entre fala e escrita, distribuindo por ele os gêneros mais usuais na atualidade:

Gráfico 3. Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita.

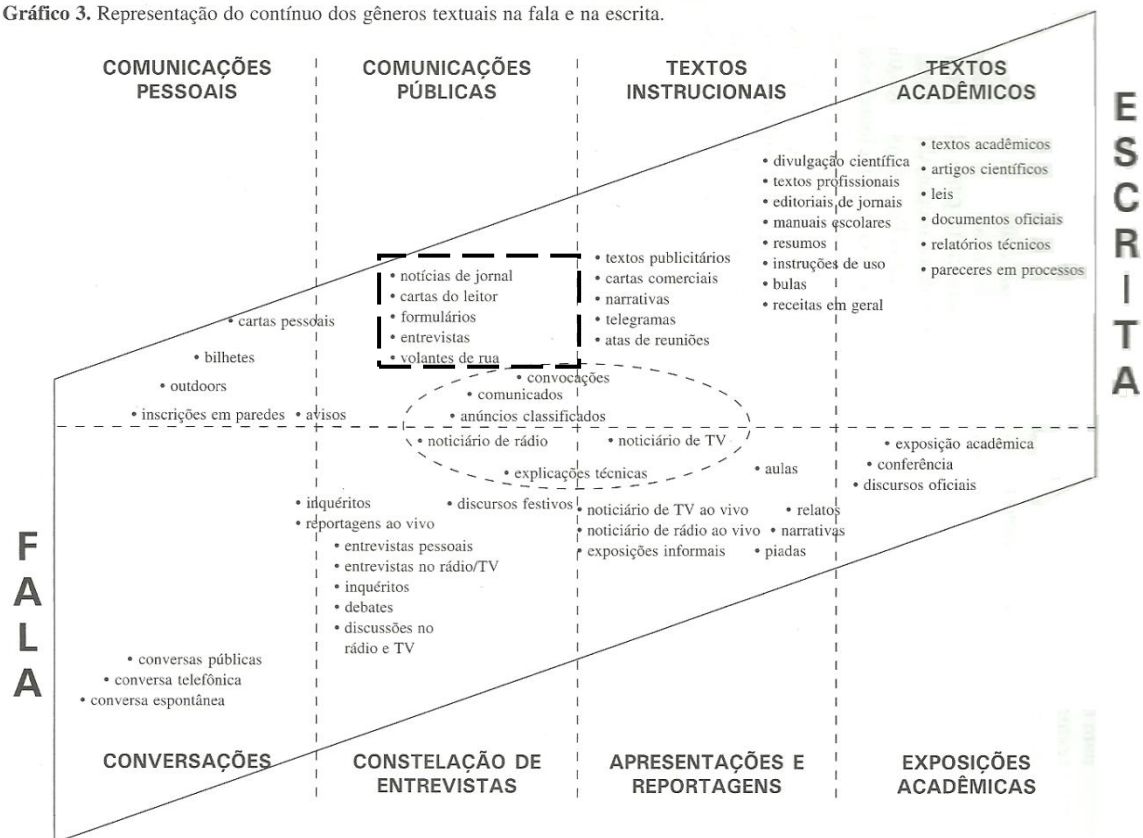


Figura 5 – Contínuo fala x escrita de Marcuschi (2010, p.41) ⁵⁹

Como podemos observar através do retângulo pontilhado, as notícias de jornal estão representadas como comunicações públicas escritas, mas próximas da fala, assim como as entrevistas, debates e discussões veiculadas por rádio ou televisão. Isso quer dizer que esses gêneros fazem parte de uma mesma situação de comunicação (comunicação pública), têm

⁵⁹ "O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o *continuo das características* que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num *contínuo de variações*, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de *contínuos sobrepostos*" (MARCUSCHI, 2010, p.42, grifos do autor).

por isso afinidades discursivas, mas aproximam-se ou afastam-se da fala e da escrita de acordo com regras e restrições impostas pelas condições de sua produção. A notícia de jornal é um registro escrito, mas está sujeita a estratégias próprias da fala.

A relação entre a neologia do discurso e a neologia da língua coloca em discussão o uso, que não esconde a manifestação da língua como fenômeno heterogêneo. Guilbert (1975) apresenta a criação neológica em dois momentos, que se complementam no reconhecimento do neologismo. Primeiramente, é necessário que ocorra a criação do neologismo de maneira individual (fala), por um locutor-criador. Mas a palavra nova só ganhará status social quando retomada por outros locutores da comunidade linguística. Como espaço privilegiado da palavra, a mídia escrita tem o poder de difundir as novas palavras que surgem a partir de novidades no campo social e político.

Nesse ponto, observamos a pertinência de se estudar a criação lexical no domínio do jornalismo político, porque ele se comporta como difusor de acontecimentos e de discursos ligados de forma indissociável à comunidade em que circulam. Além disso, por suas regras ligadas aos gêneros jornalísticos, ele acaba representando uma linguagem média da modalidade escrita, trazendo as criações individuais para o âmbito da norma social.

A repetição do ato de criação instala o neologismo individual na sociedade do léxico; a criação é aprovada por um certo uso. O termo criado é, então, lexicalizado e perde ao mesmo tempo sua qualidade de neologismo, por se tornar uma palavra socialmente estabelecida (GUILBERT, 1975, p.49)⁶⁰.

Relacionar a criação lexical à atividade jornalística política significa unir um dos principais suportes de veiculação da linguagem escrita ao complexo processo de construção da linguagem verbal. A construção do mundo se dá através da linguagem, que se atualiza e passa de indivíduo a indivíduo, criando uma enorme rede que entendemos por cultura. Essas relações se estendem através do tempo, deixando marcas e se renovando com as subsequentes gerações e seus novos hábitos.

⁶⁰ Tradução livre de “La répétition de l’acte de création installe le néologisme individuel dans la société du lexique; La création est entérinée par un certain usage. Le terme créé est alors lexicalisé et perd, du même coup, sa qualité de néologisme, pour devenir un mot socialement établi”.

capítulo 4

PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE



4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Nossos passos procedimentais podem ser observados de acordo com a seguinte sequência:

1. Seleção dos textos do *corpus*: seções de política da *Folha de S. Paulo* (SP) e do *Jornal do Commercio* (JC - PE), do dia primeiro de outubro de 2010 ao dia primeiro de novembro de 2010;
2. Acesso aos textos publicados *online* nos sites dos jornais e transporte de todos eles para documentos em formato .doc e .txt;
3. Processamento dos documentos um a um no seletor neológico e geração de arquivos de pré-análise;
4. Análise dos itens lexicais pré-selecionados e organização deles em uma lista, utilizando nesta etapa a metodologia de *corpus de exclusão*, constituído pelos dicionários Houaiss (2009) e pelo VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (2009).
5. Organização dos neologismos levantados de acordo com sua tipologia neológica e seu processo formador, acrescidos de seus contextos enunciativos;
6. Análise dos neologismos produzidos na linguagem do jornalismo político durante as eleições de 2010.

4.1 Os veículos jornalísticos

Para a coleta dos textos jornalísticos representativos das eleições federais de 2010, selecionamos duas instâncias comunicativas de relevância nacional e local, respectivamente. O periódico *Folha de S. Paulo* (FSP) é tomado como uma das referências nacionais em notícias. Em 2009, e em todos os anos anteriores desde 2005, segundo dados da Associação Nacional de Jornais (ANJ), o periódico esteve em primeiro lugar na lista dos jornais de maior circulação paga do ano.

Em 2010 ⁶¹, a FSP atingiu o segundo lugar, ficando atrás do periódico Super Notícia (MG), com pouquíssima diferença na média de circulação (- 0,3%), o que nos fez manter a sua escolha como referência nacional de circulação de notícias. Segundo o mesmo veículo divulgador, o *Jornal do Commercio* (JC) aparece como primeiro jornal do estado de Pernambuco em número de assinantes no ano de 2010, com 41.434 assinaturas.

Além dos critérios quantitativos, que apoiam nossa intenção de coletar os itens neológicos em textos que representem o uso da língua no âmbito jornalístico nacional e estadual, a escolha dos dois jornais utilizados na coleta de *corpus* se deu pela possibilidade de acesso aos textos no domínio digital. Como será pormenorizado mais adiante, utilizamos um recurso computacional no auxílio à seleção de *corpus*. Por este motivo, necessitamos ter disponíveis em formato digital os mesmos textos publicados nos jornais impressos, o que pode ser feito através do acesso aos sites dos dois jornais. Todos os textos coletados foram retirados apenas dos cadernos de *Poder e Política*, respectivamente, da FSP e do JC.

Optamos pela não escolha de revistas especializadas por querermos nos afastar da linguagem técnica, além de pensarmos que as revistas – como exemplo a *Veja* e a *Carta Capital* – representam assumidamente ideologias específicas, além de atingirem um público mais restrito do que os jornais. Entendemos que seria interessante integrar outros veículos de notícias a nossa investigação, mas além dos aspectos citados, optamos apenas pelos jornais pelo recorte necessário devido ao tempo dado para a execução e conclusão do trabalho.

4.2 As eleições federais 2010

O período de propagandas eleitorais do ano de 2010, desde o início das campanhas políticas até o resultado do segundo turno, compreendeu os meses agosto a outubro do citado ano, segundo informações do site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ⁶². A partir de então, além de aparecerem nas propagandas de televisão, os candidatos e suas propostas passam a ocupar espaço importante na mídia jornalística impressa. Entendemos que o mês de outubro de 2010 pode ser visto como o mês decisivo na campanha, uma vez que nele

⁶¹ Os dados podem ser consultados no endereço: <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>.

⁶² No dia 4 de agosto de 2010, publicado no Calendário Oficial Eleitoral do site do TSE: “Data a partir da qual é assegurada prioridade postal aos partidos políticos para a remessa da propaganda de seus candidatos registrados (Código Eleitoral, art. 239)”. Cf. http://www.tse.jus.br/internet/eleicoes/2010/calendario.html#1_1_2010

ocorreu o primeiro turno, no dia 3, e durante ele foram realizados os debates para o segundo turno, cuja eleição ocorreu no dia 31.

Dessa forma, reunimos os textos noticiados nas seções políticas dos dois periódicos selecionados para a pesquisa durante todo o mês de outubro até o primeiro dia de novembro, quando os jornais tiveram foco enorme no resultado da eleição. Acreditamos que esse conjunto de textos represente o ápice das publicações referentes ao período eleitoral escolhido para a pesquisa.

4.3 Método de identificação e registro neológico

Adotamos como base metodológica a tipologia proposta por Boulanger (1979a; 1979b), Carvalho (1983), Biderman (2001), Pruvost e Sablayrolles (2003) e Sablayrolles (2000; 2001; 2011), selecionando para a nossa pesquisa os neologismos *formais* - criados com base na derivação, composição, formação por siglas, redução de palavras ou ainda na criação de um radical inédito - e os formados *por empréstimo* – por adoção de uma unidade lexical estrangeira. Consideramos como neologismos também as palavras formadas por flexão de número e gênero, postura adotada por Sablayrolles (2000) e Alves (2007; 2011b) em seus trabalhos.

Também excluímos de nossa investigação todos os itens neológicos formados por prefixação com “ex-” e “vice-”, uma vez que, apesar de serem formados com grande frequência em língua portuguesa, não geram, mormente, inovação nos processos formais ou semânticos de criação de palavras.

4.3.1 Primeira etapa

Como primeiro passo para a seleção dos neologismos, utilizamos um recurso computacional compartilhado voluntariamente pelo grupo da Universidade de São Paulo, especificamente pelos professores Ieda Maria Alves (Professora Doutora Titular do Departamento de Filologia e Língua Portuguesa) e Thiago S. Pardo (do Núcleo Internacional de Linguística Computacional e do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação).

O aparato computacional⁶³ tem sido utilizado nas pesquisas do grupo coordenado pela professora Dra. Ieda Maria Alves. A pesquisadora mantém um observatório de

⁶³ Também as pesquisas com criações neológicas no espaço midiático em Portugal têm contado com dispositivos tecnológicos para a seleção e análise de neologismos (Cf. FREITAS, T.; RAMILO, M.C.; ARIM, E., 2005).

neologismos, cujo banco de dados pode ser acessado pelo *link*: <http://www.fflch.usp.br/dlcvc/neo/consulta_baseneo.php>. O projeto que vem sendo desenvolvido na Universidade de São Paulo pela professora, sob o nome de *Observatório de Neologismos Técnicos e Científicos do Português Contemporâneo (TermNeo)*,⁶⁴ representa o maior trabalho sistemático no país que procura acompanhar a produção neológica nos meios de comunicação, tanto impressos quanto digitais.

O processo de seleção semiautomática de neologismos desenvolvido pelo grupo citado tem muita importância nesta pesquisa, já que reduz a possibilidade de perda de neologismos⁶⁵ presentes nos textos do *corpus*, além de auxiliar quanto à agilidade desta etapa.

O recurso digital realiza a seguinte sequência na identificação dos neologismos:

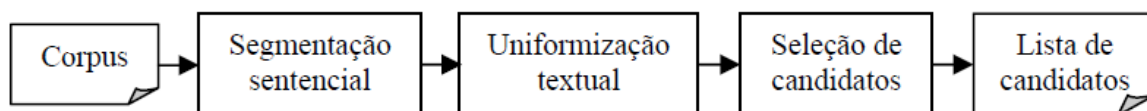


Figura 6 - Metodologia de busca automática por candidatos a neologismos de Alves *et al.* 2006

A segmentação sentencial separa as sentenças dos textos constituintes do *corpus* (aqui, os 32 exemplares da seção política do JC e os 32 exemplares da mesma seção da FSP). O processo de segmentação é realizado pelo SENTER (PARDO, 2006), um segmentador sentencial automático para o português do Brasil. Na uniformização textual, o programa realiza a substituição das palavras da sentença por palavras genéricas, para que elas não venham a ser identificadas posteriormente como candidatas a neologismos. Na etapa da seleção dos candidatos, o programa realiza uma busca em um banco de palavras que funciona como um *corpus de exclusão*. A ausência de qualquer palavra do *corpus* de análise

⁶⁴ “Já no século atual, o apoio informático vem-se consolidando, e o Projeto conta com um extrator de neologismos desenvolvido por pesquisadores do NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional) da USP-São Carlos, Sandra Maria Aluísio e Thiago Salgueiro Pardo, o que permite a coleta semiautomática de neologismos. Outro importante fruto da parceria com a Informática é representado pela consulta on-line de neologismos constituintes da Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo, que abrange, atualmente, cerca de 35 000 unidades lexicais neológicas e mais de 50 000 ocorrências. Essa consulta pode ser efetuada no site do Projeto (www.fflch.usp.br/dlcvc/neo), em que também estão sendo disponibilizados termos da Economia, tanto neológicos como já consolidados, sob forma de verbetes que apresentam: referências gramaticais e processo de formação do termo, sua definição e um exemplo de uso, extraído de materiais de divulgação da área econômica” (ALVES, 2011, p.432).

⁶⁵ Criados pelos processos formais – com exceção das formações por lexia complexa e dos neologismos semânticos.

no arsenal dos dicionários usados pelo programa o colocará em uma lista com todos os candidatos do arquivo analisado. A seguir, as imagens 1 e 2 demonstram respectivamente a interface do programa em que são gerados dos candidatos e as listas produzidas após a sequência descrita.

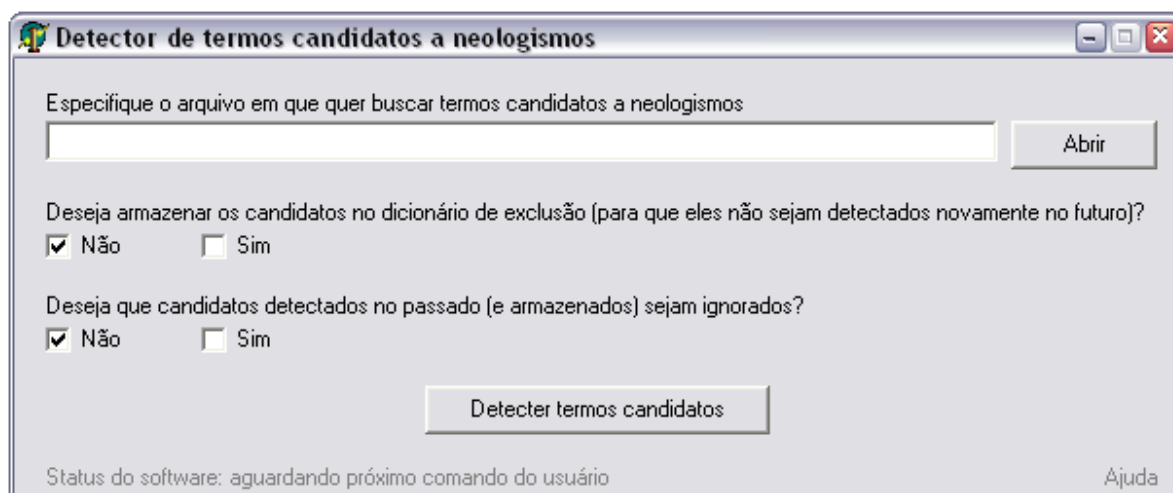


Imagem 1 - Interface do software utilizado na seleção dos candidatos a neologismos

Candidato	Nome próprio	Sentença
KÁTIA	Talvez	KÁTIA BRASIL
infraestrutura	Não	A PF suspeita que esse dinheiro venha de "contratos e licitações para as áreas da saúde e infraestrutura desviados para a campanha".
APREENSÕES	Talvez	CRONOLOGIA DAS APREENSÕES EM RR
Urzeni	Talvez	PF apreende R\$ 9.359 com o deputado federal Urzeni Rocha (PSDB) em Boa Vista
marquetagem	Não	Objetos da marquetagem
ROUSSEFF	Talvez	DILMA ROUSSEFF e José Serra não estão preparados para atender à expectativa de que o segundo turno os leve a expor, afinal, as apresentaram no longo primeiro turno.
selecioná-las	Não	O trabalhoso levantamento de hipóteses de ação, selecioná-las e depurá-las para que se coordenem com coerência, e viabilidade admi duas candidaturas.
depurá-las	Não	O trabalhoso levantamento de hipóteses de ação, selecioná-las e depurá-las para que se coordenem com coerência, e viabilidade admi duas candidaturas.
fazendo-os	Não	Serra entregou dois discursos, fazendo-os passar por plano de governo.
marquetagem	Não	A lógica adotada pelos dois foi a mesma: a cooptação de eleitores pelas simplórias, mas nem por isso ineficientes, técnicas de marquet.
marquetagem	Não	Ocorre que, entre programas de governo e marquetagem eleitoral, nada há em comum.
marquetagem	Não	O propósito desse gênero de marquetagem é "vender o produto" aos eleitores, ou mercado eleitoral, independentemente de suas qualic
marquetagem	Não	A marquetagem eleitoral trabalha aparências.
marquetagem	Não	A condição única para a marquetagem eleitoral é o tamanho do cofre à sua disposição e a de seu próprio cofre.

Imagem 2 - Arquivo em formato *html* gerado pelo seletor neológico

Na imagem acima, podem-se ver, na primeira coluna, os itens selecionados pelo programa como prováveis neologismos. Na coluna do centro, a indicação da possibilidade de ser um nome próprio (o que excluiria sua inclusão no grupo de palavras neológicas da língua) e à direita veem-se as sentenças nas quais se enquadram as palavras em todo o *corpus*, informação extremamente relevante para a organização das análises das formações

neológicas.

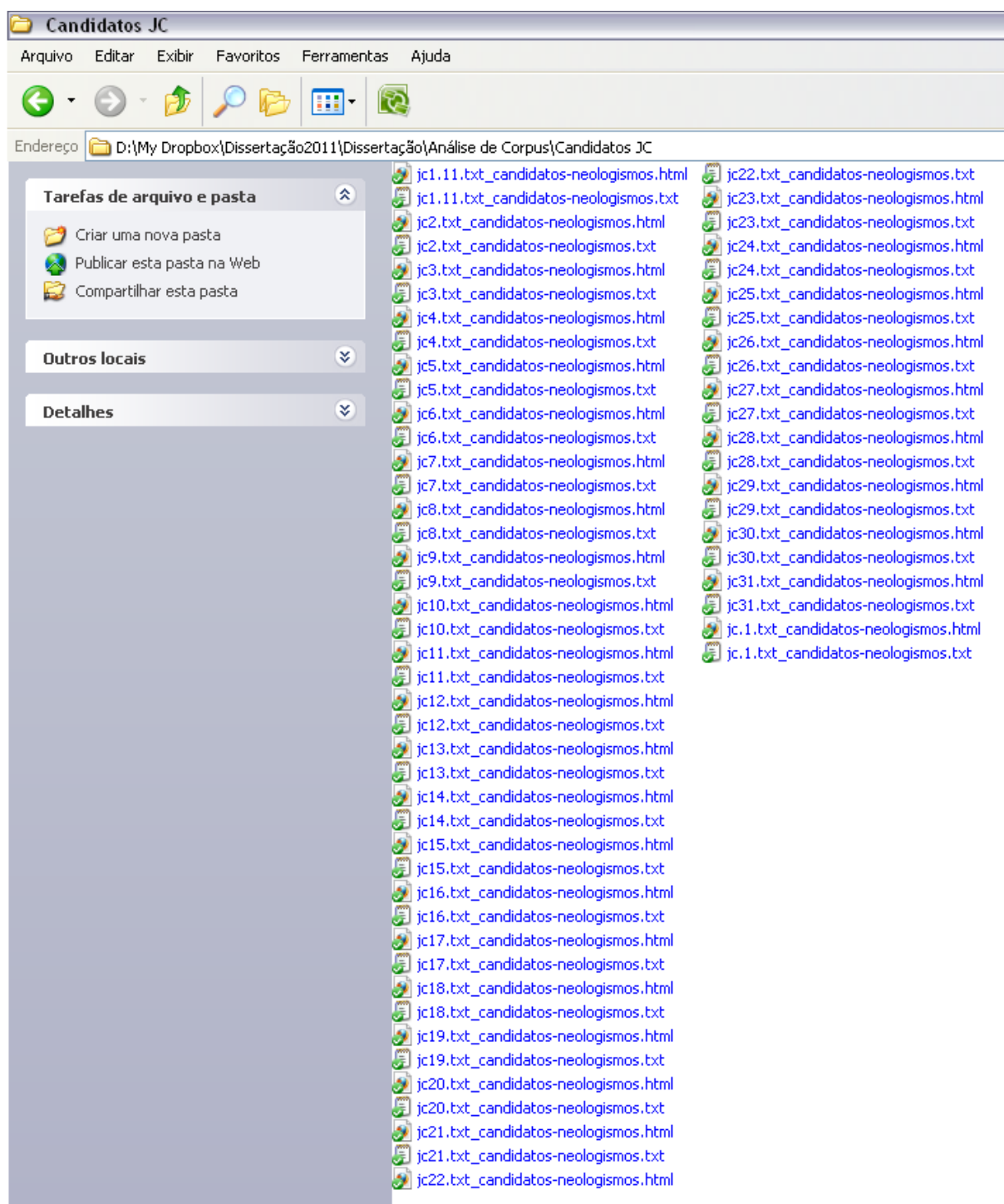


Imagem 3 - Lista dos arquivos gerados pela análise semiautomática dos 32 exemplares do JC

Após obtermos 64 arquivos em formato *html*, como ilustrado acima, procedemos com a análise dos itens candidatos a uma segunda etapa: a verificação em um *corpus de exclusão* (BOULANGER, 1979b) constituído pelos dicionários selecionados na pesquisa, o

dicionário Houaiss (2009) e o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (2009) atualizados.

4.3.2 Segunda etapa

A segunda fase de nossa análise consistiu na verificação da presença ou não dos candidatos a neologismos pré-selecionados com consulta manual aos dicionários citados. Elaboramos tabelas em documento de *word*, formato *.doc*, que se dividiram entre os periódicos e datas de publicação. Registramos as palavras que não estavam presentes em nenhum dos três dicionários, ao lado de sua data de publicação, remetendo os contextos enunciativos indicados pelo seletor. Pode-se observar um exemplo de nosso método de registro na imagem abaixo:

LISTA DE PALAVRAS SELECIONADAS SEMIATOMATICAMENTE		
FOLHA DE SÃO PAULO		
Folha/ DATAS	Termos	Contexto
01/10	<u>Cimi</u>	Presidente do <u>Cimi</u> (Conselho Indigenista Missionário), ele nasceu na Áustria, mas é cidadão brasileiro.
	<u>pré-campanha</u>	Amaury Ribeiro era ligado ao "grupo de inteligência" da <u>pré-campanha de Dilma Rousseff</u> , que elaborou dossiê contra pessoas próximas ao candidato José Serra (PSDB).
	<u>ficha-suja</u>	Voto em <u>ficha-suja</u> será considerado nulo
	<u>minirreforma</u>	Em 2009, o Congresso aprovou <u>minirreforma</u> eleitoral colocando essa regra na lei. A exigência de dois documentos havia sido incluída na legislação em setembro do ano passado, quando o Congresso aprovou uma <u>minirreforma</u> eleitoral. Até a edição da <u>minirreforma</u> eleitoral, promulgada em 2009, o eleitor podia se identificar com apenas um documento: o título eleitoral ou outro documento oficial com foto.

Imagem 4 - Tabela de registro neológico após a conferência manual em corpus de exclusão

Realizamos o mesmo procedimento com todos os 64 arquivos gerados pelo seletor,

registrando todas as ocorrências de contextos no período eleitoral selecionado para a pesquisa. A tabela facilitou nossas análises no ato de agregar às palavras todos os contextos enunciativos dos textos coletados no período da pesquisa.

4.3.3 Terceira etapa

Tendo obtido o resultado de todos os termos neológicos formais do *corpus*, a terceira fase de nossa análise constituiu em organizar as palavras de acordo com os processos de formação, que podem ser verificados no Capítulo 5 desta dissertação. Adotamos as subdivisões dos processos de formação com referência no trabalho de Carvalho (1983), acrescentando a categoria de *neologia flexional* proposta por Sablayrolles (2000). Transportamos os neologismos e contextos registrados em tabelas e atestados como neológicos de acordo com seu processo formador, reportando também todos os contextos de ocorrência por considerarmos-os de extrema importância para a compreensão do uso das palavras tanto no aspecto qualitativo – comportamento no discurso – como quantitativo – em relação ao número de ocorrências.

O seletor semiautomático de neologismos é capaz de identificar apenas os itens léxicos formados por processo morfológico, não sendo possível a detecção dos neologismos semânticos e sintagmáticos. Por este motivo, neste trabalho, não fizemos um estudo destas categorias neológicas, o que pretendemos realizar posteriormente na produção de artigos acadêmicos independentes entre si. Entendemos que incluir as duas categorias citadas tornaria nossa pesquisa demasiadamente ampla, extrapolando a proposta do trabalho de *dissertação*. Dessa conclusão, formou-se nossa decisão de estudar, nesta ocasião, apenas os neologismos formais (BIDERMAN, 2001), coletamos alguns exemplares de neologismos sintagmáticos, para ilustrar o tipo de formação.

capítulo 5

NEOLOGISMOS FORMAIS NO JORNALISMO POLÍTICO



5 NEOLOGISMOS FORMAIS NO JORNALISMO POLÍTICO

O governo da palavra não é tudo na política, mas a política não pode agir sem a palavra: a palavra intervém no espaço de discussão para que seja definido o ideal dos fins e dos meios da ação política; a palavra intervém no espaço de ação para que sejam organizadas e coordenadas a distribuição das tarefas e a promulgação das leis, regras e decisões de todas as ordens; a palavra intervém no espaço de persuasão para que a instância política possa convencer a instância cidadã dos fundamentos de seu programa e das decisões que ela toma ao gerir conflitos de opinião em seu proveito.

(CHARAUDEAU, 2008, p.21)

A palavra e a política estão intimamente ligadas, pois pensamos a linguagem como recurso verbal e também ideológico, pelo qual as pessoas podem agir na sociedade. Gadin (1974) afirma com segurança que “o discurso político constitui evidentemente um lugar privilegiado para o estudo da neologia (GADIN, 1974, p.70) ⁶⁶, pois, segundo o autor, as campanhas políticas em disputa nacional (ou mesmo locais) promovem um fervor social entre grupos políticos que acabam se refletindo em uma batalha sobre os signos. As ideologias políticas defendidas pelos grupos que disputam o poder necessitam de signos para representar não somente seus pontos de vista, mas suas realizações. As palavras, quando caem no uso social e entram para a língua, levam com elas a memória dos seus criadores e seus feitos políticos, como é o caso do programa Bolsa Família⁶⁷, implantado pelo ex-presidente da república Luís Inácio Lula da Silva em 2003, durante seu primeiro mandato.

O *Bolsa Família* unificou os programas *Bolsa Escola*, *Auxílio Gás* e *Cartão Alimentação*, criados para combater a fome e a miséria no Brasil (objetivo do plano *Fome Zero*⁶⁸). O programa de auxílio financeiro a grupos sociais desprivilegiados trouxe ao político grande popularidade com a classe menos abastada, e o nome da iniciativa tornou-se uma espécie de símbolo do que a sociedade, em geral, passou a ver como marca da gestão de Lula, tendo se tornado argumento indispensável na disputa presidencial de 2010, até para a oposição.

As eleições federais de 2010 foram palco de diversas novidades no campo político e

⁶⁶ Tradução livre de “Le discours politique constitue évidemment un lieu privilégié pour l’étude de la néologie”.

⁶⁷ Mais informações sobre o programa, que ainda é vigente no país, podem ser obtidas através do site da Caixa Econômica Federal, acessando-se o seguinte endereço eletrônico: <http://www.caixa.gov.br/voce/social/transferecia/bolsa_familia/index.asp>.

⁶⁸ Informações sobre o projeto disponíveis no seguinte sítio do Governo: <<http://www.fomezero.gov.br/o-que-e>>.

social brasileiro, começando pelo fato de que através delas tivemos a primeira mulher eleita Presidente da República neste país. Além disso, durante as campanhas, ficou evidente a grande força das massas religiosas como volume eleitoral, trazendo à tona, através dos debates e das mídias, temas de cunho moral/religioso, como o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a legalização do aborto.

Outro tema de grande destaque durante o período de campanha e de eleições foi o da ecologia e sustentabilidade, que vem ganhando espaço na sociedade brasileira, representado pela ideologia do Partido Verde e pela grande expressividade da candidata Marina Silva, que obteve mais de 20 milhões de votos no primeiro turno. Esses votos viriam a ser disputados com fervor pelos candidatos Dilma Rousseff e José Serra na corrida para a conquista do posto presidencial.

Além disso, as vias social, política e econômica imbricam-se nas relações de poder. Os conhecidos escândalos parlamentares por fraudes e roubo continuam a reverberar, como sempre, nas notícias e na linguagem. O *Caso Erenice Guerra*, que teve seu estopim em setembro de 2010, através de uma denúncia da revista *Veja*, é um dos exemplares desses acontecimentos em nosso país, aparecendo como argumento de campanha para oposição contra a candidata do governo. A ex-ministra da Casa Civil do governo Lula foi acusada de tráfico de influência, favorecendo negócios próprios no ramo da aviação através de processos públicos. Este caso repercutiu na criação de novas palavras (*erenicegate*), assim como aconteceu, em tempos passados, com os escândalos de roubo do deputado Paulo Maluff (*malufar*) e com o escândalo do *mensalão*, palavra que, embora tenha seus primeiros registros já no ano de 1994⁶⁹ não tem ainda entrada lexicográfica oficial no português. O *caso do mensalão* (2006) gerou uma grande crise no governo Lula. A palavra foi popularizada pelo então deputado Roberto Jefferson, participante do esquema de corrupção parlamentar que divulgou os detalhes do esquema, e depois recebeu grande difusão através da mídia⁷⁰.

⁶⁹ A informação tem fonte na consulta à base de dados baseNEO, do projeto Observatório de Neologismos do Português Contemporâneo. Na ocasião (Folha de S. Paulo, 04/09/1994), a palavra não foi utilizada para se referir ao mesmo evento pelo qual se popularizou na mídia e vem sendo retomado na linguagem política contemporaneamente. A acepção dominante atualmente é aquela difundida a partir de 2006, por causa do escândalo do mensalão. Cf. <http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/resultado_neologismo_pesquisa_termneo.php?IDContexto=27874>. Acesso em: 2 ago. 2011.

⁷⁰ “O neologismo **mensalão**, popularizado pelo então deputado federal Roberto Jefferson em entrevista que deu ressonância nacional ao escândalo, é uma variante da palavra “mensalidade” usada para se referir a uma suposta “mesada” paga a deputados para votarem a favor de projetos de interesse do Poder Executivo. Segundo o deputado, o termo já era comum nos bastidores da política entre os parlamentares para designar

As ideologias partidárias, como grandes motivadoras de neologismos denominativos, também geram muito impacto sobre a criação lexical na linguagem da política. Partidos e alianças políticas multiplicam-se a cada dia, por motivos ora ideológicos, ora estratégicos com intuitos eleitorais, necessitando ser nomeados através das siglas - *DEM, PSOL, PV, PRTB, PPL* são exemplos de siglas recentes, que representam nomes de partidos criados há pouco tempo. Também muito produtivos em forma de siglas são os nomes de órgãos e instituições políticas, organizações privadas e governamentais. Leis, resoluções, pacotes financeiros do Estado geram um grande número de palavras, que pela abreviação são difundidas nas mídias (*PAC, PNDH, FPM, UPPs*).

A seguir, estudaremos as criações lexicais através dos neologismos formais na linguagem da política brasileira, observando, pela via da divulgação midiática jornalística, a ligação entre o impulso à criatividade no período histórico, os acontecimentos sociais e a corrida pelo poder. A história penetra a linguagem através do uso de recursos lexicais, que serão estudados com base nos padrões de formação da língua portuguesa no Brasil.

5.1 Neologismos formais

O neologismo formal é uma nova palavra formada no idioma através de processos morfossintáticos, morfossemânticos ou morfológicos. A nova palavra pode ser formada através de recursos vernaculares ou pela inserção de um item léxico estrangeiro. O neologismo criado a partir de estruturas ou itens vernáculos pode ser constituído por lexias derivadas (*minirreforma*), lexias compostas (*cargos-chaves*) ou lexias complexas⁷¹ (*operação tapa-buraco*). Pode ocorrer também a formação de nova palavra a partir da sua fonologia, quando surge um novo significante (*blá-blá-blá, tró-ló-ló*) para representar ruídos ou quando uma palavra recebe transformações fonéticas com consequências semânticas (*privataria*), alterando o item lexical.

Alguns autores (cf. GUILBERT, 1975; ALVES, 2007) entendem os processos que utilizam a combinatória de elementos já existentes na língua como um fenômeno de neologia sintática, uma vez que a alteração no plano morfológico também muda a função sintática da

essa prática ilegal". Fonte: Wikipedia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Esc%C3%A2ndalo_do_mensal%C3%A3o. Acesso em: 22 nov. 2011.

⁷¹ Como indicamos no Capítulo 4, não coletamos todos os neologismos formados por lexias complexas no corpus estudado, mas indicaremos alguns exemplos para exemplificar a existência do processo na linguagem da política.

palavra. Segundo esta visão, os neologismos sintáticos classificariam-se em derivados, compostos, compostos sintagmáticos (lexias compostas e complexas) e os compostos formados por siglas e acrônimas. Basílio (2009) acrescenta que, por causa da dupla função do léxico de designar entidades e fornecer elementos básicos para a construção de enunciados, há dois motivos para que haja mudança de classe, a saber: a) a necessidade de usar palavras de uma classe gramatical em estruturas gramaticais que exigem palavras de outra e b) a necessidade de aproveitar conceitos ocorrentes em palavras de uma classe em outra classe de palavra (BASILIO, 2009, p.28).

Os processos de formação de neologismos formais que se manifestaram em nosso *corpus* de pesquisa foram os de derivação prefixal, derivação sufixal, derivação regressiva ou redução, conversão, flexão, derivação a partir de siglas, neologismos fonológicos por onomatopéia e por recursos fonético-fonológicos, composição por justaposição, composição por aglutinação, composição alógena por radicais latinos, fusão vocabular, gírias e empréstimos linguísticos.

O estudo dos neologismos no léxico do português através dos textos midiáticos não confina a produção de novas palavras a um único domínio de especialidade, mesmo que se estude uma linguagem específica, como é o caso de nosso trabalho. Desse modo, as novas palavras gozam da possibilidade de serem retomadas, não se prevendo seu desuso em um futuro próximo (Cf. FREITAS, RAMILO e ARIM, 2005, p.51).

5.1.2 Formação por derivação

Seguindo a linha adotada por Carvalho (1983) e Boulanger (1979a), entenderemos que os neologismos formados por derivação fazem parte de um processo de formação morfossemântica e compreendem os processos de prefixação, sufixação, redução, derivação regressiva, flexão, conversão (ou derivação imprópria), derivações onomatopaicas e as formações a partir das siglas.

Bechara (2004) afirma que a derivação é, juntamente à composição, um dos principais processos de formação de palavras no português, no prisma da expressão. O filólogo define a derivação como o processo de formação de palavras que cria novos itens lexicais a partir de uma palavra primitiva através da adição de afixos. Ainda com apoio no autor, os afixos são divididos em prefixos (usados antes do radical) e em sufixos (usados depois do radical). Daí as duas nomenclaturas que utilizaremos para subdividir as palavras

encontradas em nosso *corpus*: derivação prefixal e derivação sufixal.

Basilio (2009, p.28) afirma que o processo morfológico de derivação é o principal na operação de mudança de classe das palavras e frisa que alguns teóricos distinguem, por esta característica, a derivação da flexão.

5.1.2.1 Derivação prefixal

Alguns teóricos classificam a prefixação como processo de composição porque os prefixos adicionam ao radical um valor significativo⁷², modificando o seu sentido (cf. CARVALHO, 1983, p.66). Em nosso *corpus*, podemos também atestar esta observação, mas optaremos pela classificação da prefixação como um processo derivacional, mesmo entendendo, como nos mostra Bechara (2004, p. 338), que eles podem aparecer como formas livres no discurso e não sirvam para determinar uma nova categoria gramatical. Alves (2007) trata os prefixos como “partículas independentes ou não-independentes que, antepostas a uma palavra-base, atribuem-lhe uma ideia acessória e manifestam-se de maneira recorrente, em formações em série” (p.15), conceituação que entendemos ser adequada para definir a categoria.

O processo de prefixação é muito fértil na língua portuguesa contemporânea. Os prefixos mais frequentes no idioma acrescentam-se a verbos ou a adjetivos. Os prefixos que se adicionam a substantivos são menos frequentes, e os mais comuns nesse processo são os deverbais. Os prefixos de língua portuguesa têm origem principalmente do grego e do latim (BECHARA, 2006, p. 365) e organizam-se em três grupos: os que têm a função de preposição, os que são variantes das preposições e os que são apenas prefixos (CARVALHO, 1983, p. 67).

Segundo Carvalho (1983, p.72), “o elemento prefixal é sempre percebido como um elemento separável, onde a motivação é renovada”.

Em nosso *corpus* de pesquisa, foram detectados 136 neologismos formados por derivação prefixal, através da adição de 25 diferentes elementos prefixais, que podem ser observados na lista em ordem alfabética a seguir:

⁷² “[...] o problema de procedimentos de formação de palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística” (BECHARA, 2006, p.391).

Anti-	Inter-	Re-
Auto-	Mega-	Recém-
Des-	Micro-	Semi-
Dis-	Mini-	Sub-
Eco-	Não-	Super-
En-	Neo-	Trans-
Extra-	Pós-	Ultra-
Hiper-	Pré-	
In-	Pró-	

Tabela 1 – Prefixos encontrados na pesquisa

A produtividade dos prefixos variou. Os gráficos a seguir demonstram em número e porcentagem, respectivamente, a distribuição dos prefixos no *corpus*.

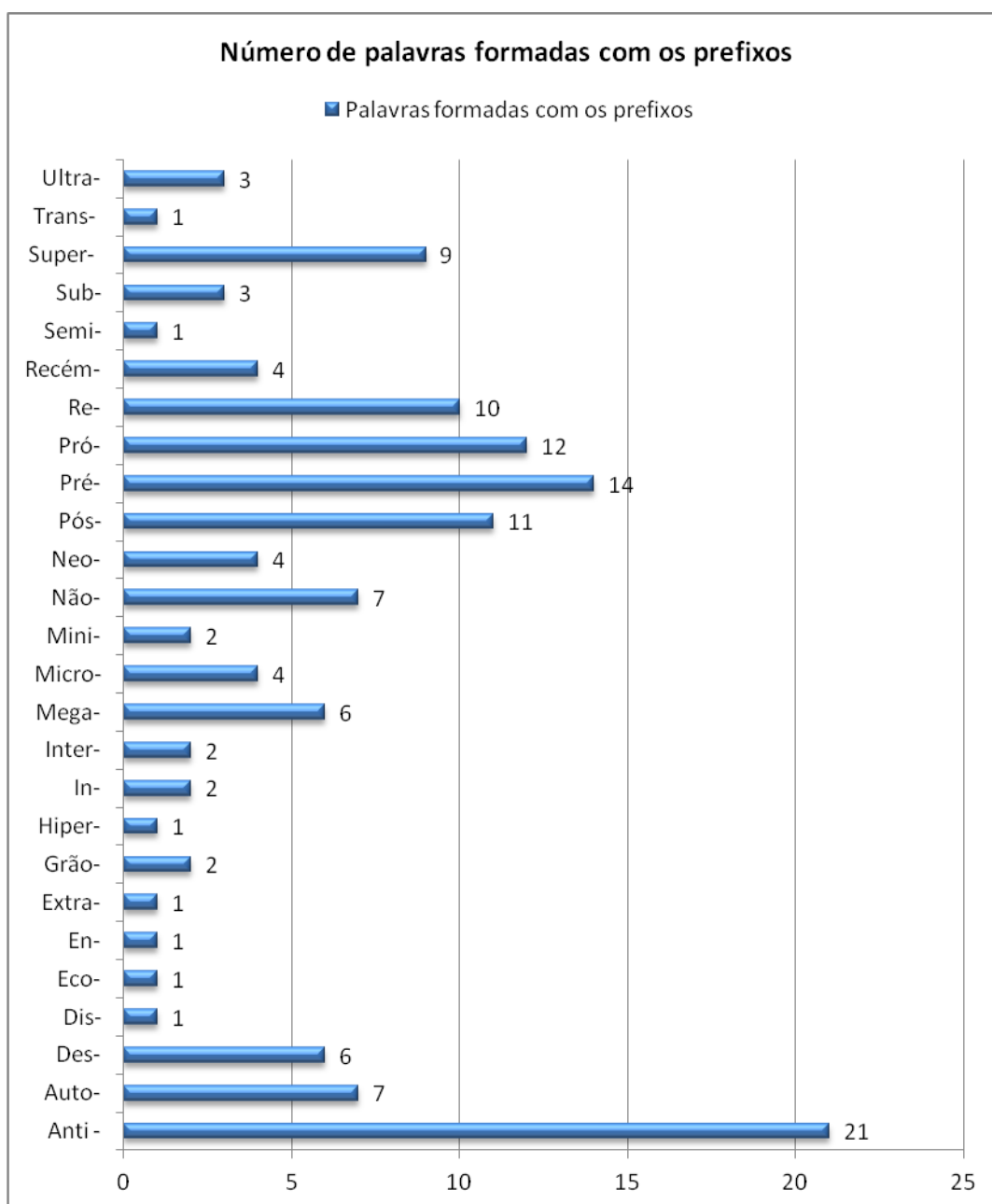


Gráfico 1 - Número de prefixos encontrados na pesquisa

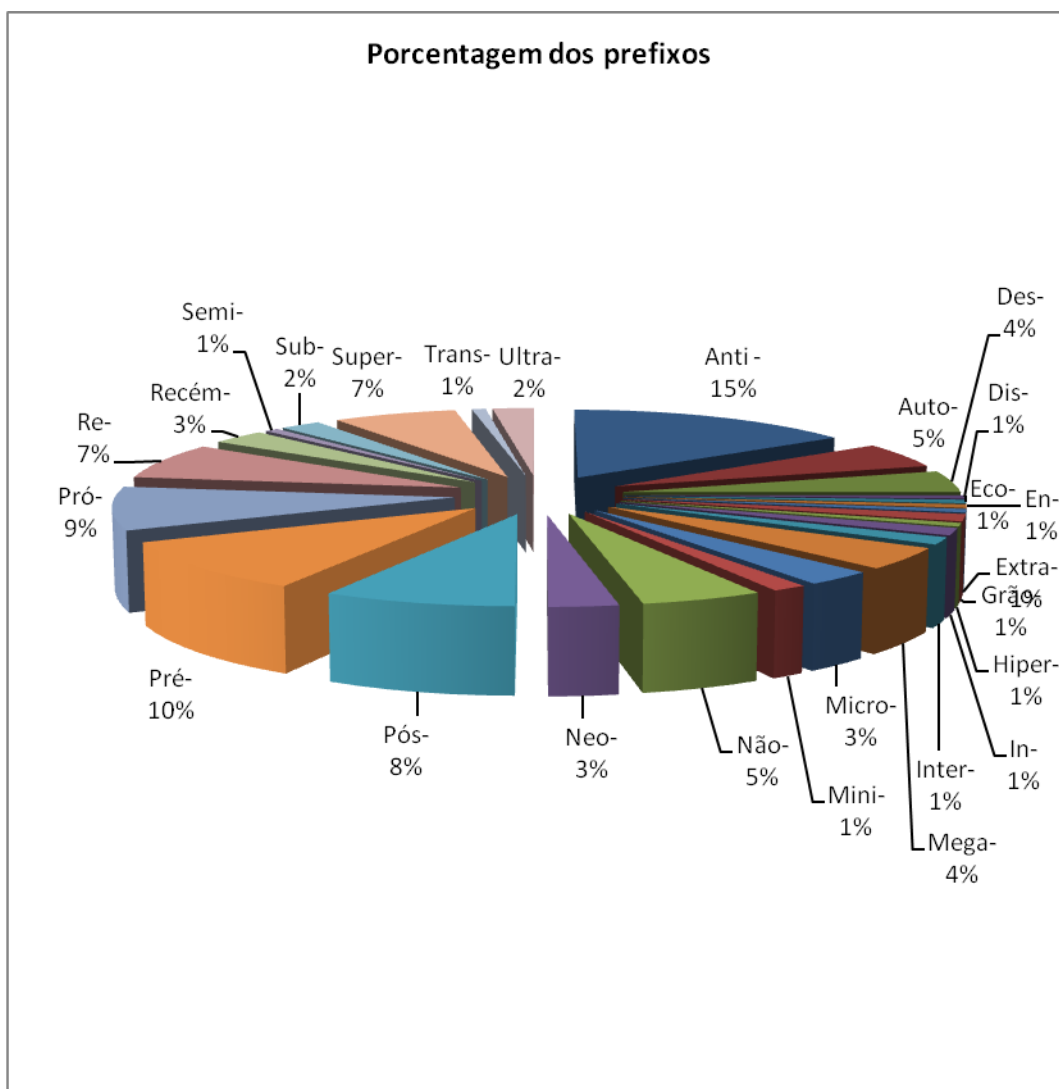


Gráfico 2 - Porcentagem dos prefixos encontrados na pesquisa

Observamos, através do percentual e do gráfico quantitativo, que em nosso material predominaram em número de palavras (15%) as formações com o prefixo *anti-*. Alves (2007), com base em dados coletados no final da década de 80, afirma que os prefixos *anti-* e *não-* são os mais fecundos na formação de novos itens léxicos, mas, especificamente no contexto de nosso *corpus*, entendemos que a produtividade do *anti-* tenha uma enorme relação com as tensões e polarizações ideológicas geradas pela disputa política das eleições. Como o *gráfico 2* indica, depois do prefixo *anti-*, o mais produtivo foi o prefixo *pré-*, seguido pelo prefixo *pró-*, que denota o sentido “a favor de”, tendo uma relação com os processos de aderência ideológica causados pela corrida eleitoral. As forças políticas geram na sociedade movimentos de oposição e de posicionamento no momento de indefinição. O prefixo *não-*, assim como na pesquisa de Carvalho (1983), teve média produtividade, ao contrário do que

vêm mostrando as pesquisas de Alves (2007), em que o prefixo é muito frequente.

A seguir, estudaremos a aplicação dos processos de prefixação às palavras formadas em nosso material⁷³.

ANTI-

O prefixo *anti-*, originário do grego, gerou a maior quantidade de palavras formadas por prefixação em nosso *corpus*, confirmando a observação de Alves (2007, p.15) quanto à grande incidência desse afixo na língua portuguesa. O prefixo, que denota o sentido de “contrário a algo ou a alguém”, adicionou-se a bases de natureza substantiva (nomes próprios e comuns): (1) *anti-Lula*, (5) *antiboatos*, (6) *anti-lulismo*, (7) *antidrogas*, (8) *antipropaganda*, (9) *anticrise*, (10) *anti-Dilma*, (12) *anti-Jatene*, (13) *antissequestro*, (14) *anti-imprensa*, (19) *anti-Serra*, (20) *antiestatismo*; adjetiva, (11) *antinordestino*, (15) *antiverde*, (16) *antiambientalista*, (17) *antinatalista*, (18) *antipaulista*, (21) *antitucanos*; e acronímica, (2) *antipetismo*, (3) *anti-PT*, (4) *antipetistas*.

Segundo Alves (2007, pp. 28-29), a grande produtividade nas formações prefixais do português pode ser um sinal de um desejo de economia discursiva dos falantes, pois uma construção com prefixação é mais econômica do que uma construção sintática (Ex. na chapa *anti-PT* – na chapa *contrária ao PT*; candidato a deputado estadual *não-eleito* Ossésio Silva – candidato a deputado estadual *que não foi eleito* Ossésio Silva). Observa-se também que o prefixo integra sintagmas, nos quais exerce função adjetival.

As prefixações com a adição do prefixo *anti-* a nomes próprios acontecem em nossa pesquisa com nomes de candidatos ou pessoas que já ocupam cargos públicos, como representação da partidarização gerada pelas eleições: (1) *anti-Lula*, (10) *anti-Dilma* – com grande difusão nos jornais utilizados na pesquisa, como se pode observar através dos contextos reportados -, (12) *anti-Jatene* e (13) *anti-Serra*. Segundo Alves (2007), é comum que o prefixo *anti-* seguido de substantivo adicione à palavra a função adjetiva, o que se confirma com os exemplos citados. Em alguns casos, o elemento prefixado por *anti-* acompanha o número do substantivo a que se refere (ALVES, 2007, p.24), como em (5) *antiboatos*, (7) *antidrogas* e (21) *antitucanos*.

O fato de o governo Lula ter dado atenção à região Nordeste do país durante seus

⁷³ A ordem das palavras não foi definida com base na produtividade.

dois mandatos provocou uma preocupação por parte dos eleitores da região quanto à continuidade dos investimentos federais. Isso gerou argumentos a favor de Dilma Rousseff e contra José Serra, pois o candidato tem uma forte ligação com a região Sudeste, especificamente como estado de São Paulo. A massa eleitoral nordestina teria um grande impacto nas urnas. Assim, ficou o candidato acusado de (11) *antinordestino* e a candidata acusada de ser (18) *antipaulista*.

O tema do ambientalismo teve forte presença nas campanhas políticas das eleições. O Partido Verde (PV), com seu discurso a favor da preservação do ambiente, ancorado pela eloquência da ex-ministra do meio ambiente do governo Lula Marina Silva, colocou em discussão os problemas ambientais gerados no Brasil pela modernização do país. Esse tema motivou os neologismos (15) *antiverde* – onde a base “verde” atua com o sentido de “ambientalista” numa extensão de sentido – e (16) *antiambientalista*.

As siglas e acrônimos estão muito presentes na linguagem da política, pois permitem que as denominações partidárias possam ser mais rápida e facilmente identificadas através das representações reduzidas, gerando uma economia na linguagem. Esse processo de formação gerou os neologismos (2) *antipetismo*, (3) *anti-PT*, (4) *antipetistas*, representando a anteposição às propostas do Partido dos Trabalhadores (PT).

(1) anti-Lula

Acrescente-se a isso o fato de carregar a pecha de anti-Lula. (JC, 03/10/2010)

Aquele confronto que Serra, engessado pelo receio de ser carimbado de anti-Lula, não encarou no 1º turno. (JC, 04/10/2010)

É assim que Rosalba Ciarlini (DEM), 57, sintetiza a engenharia política que neutralizou o discurso de candidata anti-Lula e, se a corrida terminasse hoje, a faria vencer no primeiro turno a disputa ao governo do Rio Grande do Norte, segundo pesquisas (FSP, 01/10/2010)

(2) antipetismo

Ideal, antipetismo e ajuda de custo movem tucanos (FSP, 25/10/2010)

(3) anti-PT

O senador Raimundo Colombo, 55, um agropecuarista que foi por três vezes prefeito de Lages, encabeça a chapa anti-PT no Estado, que reúne DEM, PSDB, PPS, PMDB e PTB, além de pequenos partidos. (FSP, 01/10/2010)

Em 2006, entretanto, já se reelegeu no chapão anti-PT. (FSP, 01/10/2010)

Gráfica de tucana fez panfletos anti-PT (FSP, 18/10/2010)

A direção da campanha de Dilma Rousseff (PT) afirmou que há "indícios veementes" de que os panfletos anti-PT apreendidos no domingo, cerca de 1 milhão, tenham sido encomendados pela campanha de José Serra (PSDB). (FSP, 19/10/2010)

(4) antipetista

A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) disse, por meio de assessoria, que sua regional paulista -que assina os panfletos antipetistas- não pode falar em nome da entidade. (FSP, 13/10/2010)

(5) antiboato

A coordenação de campanha da candidata petista tachou a imagem de "fotomontagem grosseira" - "Mesmo no julgamento a que a ditadura a submeteu, ela não foi acusada de ter participado de nenhuma ação que envolvesse armas", diz um blog antiboatos mantido pelo PT. (FSP, 25/10/2010)

(6) anti-lulismo

Além disso, poucos eram os que ousavam emitir críticas ao seu governo – justamente para não terem suas imagens vinculadas a um anti-lulismo, nada interessante dada a popularidade do presidente. (JC, 03/10/2010)

(7) antidroga

Cacifado com o bicampeonato, tem na ponta da língua o primeiro pedido que fará ao governador Eduardo Campos (PSB): "Vou propor a criação da Secretaria Antidrogas. (JC, 04/10/2010)

Quando era deputado federal pelo Rio de Janeiro, Arthur da Távola (1936-2008) reuniu certa vez um grupo de assessores para discutir uma campanha antidrogas que pretendia lançar. (FSP, 18/10/2010)

(8) antipropaganda

Segundo o governador, já no final da campanha, "aconteceu uma tentativa de desqualificação com antipropaganda", que provocou reação do eleitor. (JC, 05/10/2010)

(9) anticrise

A despeito do discurso comedido de Alberto Goldman, serristas avaliaram que a implicação eleitoral é inevitável e que o único movimento possível, na semana que precede o segundo turno, é tentar diferenciar práticas anticrise paulistas das do governo Lula. (FSP, 27/10/2010)

(10) anti-Dilma

Em outra ação, o partido pediu à Polícia Federal abertura de inquérito para investigar a origem de um panfleto que circulou anteontem na reunião de cúpula do PSDB e daria instruções de como propagar uma campanha anti-Dilma na internet. (JC, 08/10/2010)

A Polícia Federal apreendeu, ontem, cerca de 1,1 milhão de folhetos anti-Dilma Rousseff, candidata do PT à Presidência, que estavam impressos e prontos para distribuição na Pana Gráfica e Editora, no Cambuci, região Sul de São Paulo. (JC, 18/10/2010)

Tendo com pano de fundo críticas ao Plano Nacional de Direitos Humanos (apontado como antirreligioso e pró-aborto) lideranças católicas e evangélicas comandaram pregação do voto anti-Dilma na internet e em homilias, cultos e ações sociais das igrejas em várias regiões metropolitanas, principalmente em comunidades carentes. (FSP, 05/10/2010)

Nessa região proliferaram ondas de boatos compartilhadas por meio da internet, alimentando o voto anti-Dilma. (FSP, 05/10/2010)

O aborto ganhou espaço na mídia e na boca dos candidatos a presidente no final do primeiro turno, impulsionados pela movimentação de igrejas evangélicas e segmentos católicos que pregavam voto anti-Dilma Rousseff (PT) e pró-vida - a petista já defendeu a prática. (FSP, 11/10/2010)

Braço da CNBB distribui panfleto anti-Dilma a fiéis (FSP, 13/10/2010)

Diocese encomenda panfletos anti-Dilma (FSP, 17/10/2010)

Qual a sua opinião sobre a movimentação de igrejas pregando um voto anti-Dilma por causa de suas posições sobre o aborto? (FSP, 17/10/2010)

Protógenes afirma ainda que auxiliou, no sábado, na operação feita pelo PT para evitar que panfletos com conteúdo anti-Dilma fossem retirados de uma gráfica em São Paulo. (FSP, 19/10/2010)

A CNBB agora diz que desaprova o uso político do comunicado anti-Dilma. (FSP, 19/10/2010)

O PT fez uma acusação contra o PSDB que depois se mostrou falsa na entrevista coletiva realizada ontem sobre os panfletos anti-Dilma Rousseff (PT) apreendidos na véspera em São Paulo. (FSP, 19/10/2010)

Disse ainda que já entregou à PF as notas fiscais referentes à produção dos panfletos anti-Dilma e rechaçou vínculo da empresa de sua mulher com o PSDB: "Sérgio Kobayashi eu só vejo em enterro e casamento". (FSP, 20/10/2010)

Dom Luiz Gonzaga Bergonzini, bispo de Guarulhos que encomendou folhetos anti-Dilma apreendidos pela Polícia Federal, disse sentir-se aliviado pela fala do pontífice. (FSP, 29/10/2010)

(11) antinordestino

Serra rechaçou, também, a versão de que é um "antinordestino", e utilizou termos como "a petralhada" para atribuir aos petistas a difusão – segundo definiu – de mentiras. (JC, 28/10/2010)

(12) anti-Jatene

O discurso anti-Jatene de Gabriel foi rejeitado por todo o PSDB. (01/11/2010)

(13) antissequestro

No 11º dia, o antissequestro pegou o pessoal e encontrou o lves já morto e enterrado debaixo do berço. (FSP, 09/10/2010)

(14) anti-imprensa

No entanto, ele disse que "o ato era pró-Dilma, e não algo anti-imprensa". (FSP, 09/10/2010)

(15) antiverde

PT tenta apagar fama "antiverde" de Dilma (FSP, 10/10/2010)

(16) antiambientalista

Será difícil, porém, apagar a fama de antiambientalista de Dilma. (FSP, 10/10/2010)

(17) antinatalista

A defesa da legalização é chamada de "política antinatalista de controle populacional, desumana,

antissocial e contrária ao verdadeiro progresso do país". (FSP, 13/10/2010)

(18) antipaulista

Dilma tentou colar em Serra o rótulo de "privatista", ao que ele caracterizou a petista como "antipaulista". (FSP, 18/10/2010)

A princípio na defensiva pela necessidade de negar que vá privatizar empresas se eleito, Serra contra-atacou ao rotular Dilma de "antipaulista", pelas reiteradas críticas ao governo do Estado. (FSP, 18/10/2010)

Serra rotulou a adversária como antipaulista. (FSP, 18/10/2010)

(19) anti-Serra

A mesma versão do documento anti-Serra teria sido distribuída em Sobradinho, cidade satélite da capital. (FSP, 20/10/2010)

Cabos eleitorais do PT se juntaram à dupla anti-Serra, o que generalizou o conflito no calçadão, envolvendo cerca de cem pessoas. (FSP, 22/10/2010)

(20) antiestatismo

Afinal, os verdes conservaram o que talvez havia de pior em maio de 68: um antiestatismo muitas vezes simplista enunciado em nome da crença na espontaneidade da sociedade civil. (FSP, 04/10/2010)

(21) antitucano

No limite, lembrou da compra do dossiê antitucanos, conhecido como "escândalo dos aloprados", em 2006. (FSP, 30/10/2010)

AUTO-

O prefixo *auto-* tem origem grega e significa “de si mesmo”. Embora a estrutura apareça nos dicionários como elemento de composição (cf. Houaiss, 2009), o consideramos elemento prefixal por em nossa pesquisa ter aparecido com esse valor.

Guilbert (1975, pp. 214-215) assinala duas possibilidades sêmicas para o prefixo *auto-*, que pode funcionar com o sentido “de si mesmo” ou como forma reduzida de *automóvel*. Quando *auto-* tem ligação com o sentido de *automóvel* e funciona como forma reduzida, ele atua no processo de composição por aglutinação. Em nossa pesquisa, não encontramos esta acepção, como podemos observar:

(22) autoproclamar

Ele também se autoproclamou um municipalista. (JC, 15/10/2010)

A ex-Dilma se autoproclamava supergerente. (FSP, 19/10/2010)

(23) autorregulamentação

O ministro Franklin Martins disse achar correta a ideia dos jornais de criar um órgão de autorregulamentação para o setor no Brasil. (FSP, 08/10/2010)

Manzano diz que eles foram orientados a formular solicitações a órgãos públicos e traçar a autorregulamentação. (FSP, 30/10/2010)

(24) autodeclarar

Autodeclarado arrogante, o engenheiro nega ter arrecadado recursos para o partido, mas diz que criou as melhores condições para que houvesse aporte de recursos em campanhas. (FSP, 12/10/2010)

(25) auto-centrado

"Os EUA parecem de novo planejar abandonar o mundo em seu caminho", abre o texto, criticando a decisão "auto-centrada" e alertando para "efeitos em outras partes do mundo". (FSP, 19/10/2010)

(26) autorregular

Segundo Michener, não se pode perder de vista que "o mercado faz o trabalho de regulação da mídia e que, por causa disso, a imprensa sempre acaba buscando maneiras de se autorregular". (FSP, 25/10/2010)

(...) O mercado faz o trabalho de regulação da mídia, que acaba buscando maneiras de se autorregular" (FSP, 25/10/2010)

(27) autodesempatar

Como ele se autodesempata? (FSP, 27/10/2010)

(28) autocomplicar

O Supremo se autocomplicou. (FSP, 27/10/2010)

DES- E DIS-

Os prefixos *des-* e *dis-* denotam “negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação ou intensidade”, como indica Bechara (2010, p.513). Em nossa pesquisa, os prefixos se adicionaram a bases verbais, (29) *desprivatizar*, (31) *desmunicipalizar*, (32) *desparalizar*; e substantivas, (30) *desprivatização*, (34) *despaulistanização* e (35) *disfuncionalidade*.

A privatização de instituições públicas, carro-chefe da ideologia liberalista, trouxe muitas críticas ao governo do tucano Fernando Henrique Cardoso (PSDB), companheiro coligação de partidária do candidato José Serra (PSDB). Para desvincular sua imagem a esse tipo de prática governamental, a (30) *desprivatização* e o ato de (29) *desprivatizar* passaram a ser parte do discurso do candidato. A (34) *despaulistanização* também passou a ser preocupação do político, pois ele necessitava de confiança e aprovação nacionais e não

apenas paulistas.

(29) desprivatizar

Serra fala em “desprivatizar” (JC, 29/10/2010)

O presidenciável do PSDB, José Serra, afirmou ontem, em discurso durante ato eleitoral com lideranças políticas do Triângulo Mineiro e apoiadores, em Uberlândia, que, se eleito, vai desprivatizar o Estado brasileiro, fazendo com que os órgãos estatais fiquem a serviço da sociedade e não a serviço de grupos com interesses privados junto ao governo. (JC, 29/10/2010)

Precisamos desprivatizar”, disse o bancário no seu discurso, para quem os órgãos públicos estão repletos de vários membros de facções. (JC, 29/10/2010)

Ao discursar citando o bancário, Serra disse: “É preciso hoje desprivatizar o Estado brasileiro, fazer com que os nossos órgãos governamentais sirvam ao nosso povo e não a grupos, a negociações, a interesses, como todos os dias a gente pode constatar. (JC, 29/10/2010)

(30) desprivatização

Brandão discursara pela desprivatização dos bancos estatais: Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal. (JC, 29/10/2010)

(31) desmunicipalizar

Tasso desmunicipalizou os Gomes e abriu o caminho para que Ciro governasse o Estado. (FSP, 10/10/2010)

(32) desparalisar

Como o Supremo se desparalisa? (FSP, 27/10/2010)

(33) despolitizar

Expoente do movimento que despolitizou a igreja à esquerda, como homem-forte no papado de João Paulo 2º, Joseph Ratzinger costuma envolver-se em debates políticos quando o que está em questão é a defesa de pontos da doutrina católica associados ao conservadorismo. (FSP, 29/10/2010)

(34) despaulistanização

Além da chamada despaulistanização, o partido discutirá a reconstrução da imagem. (JC, 01/11/2010)

Além da chamada “despaulistanização”, o partido discutirá a reconstrução de sua imagem e do discurso. (FSP, 01/11/2010)

Além da chamada despaulistanização, o partido discutirá a reconstrução da imagem. (FSP, 01/11/2010)

(35) disfuncionalidade

POUCAS VEZES a disfuncionalidade do Judiciário se mostrou tão refinada quanto no empate no julgamento de recurso que Joaquim Roriz, então candidato ao governo do Distrito Federal, interpôs contra o indeferimento de sua candidatura pela Justiça Eleitoral por enquadramento na chamada Lei da Ficha Limpa. (FSP, 09/10/2010)

ECO-

Os (36) *ecoengajados* apoiaram o movimento ambientalista que marcou a candidatura de Marina Silva. A estrutura morfológica (HOUAISS, 2009) *ec(o)-* vem do grego “casa, habitação, bens, família”, formando palavras como *ecologia* e *ecológico*. O seu significado tem-se associado fortemente ao sentido da palavra *ecológico*, atuando como prefixo em bases substantivas, como pode-se perceber em itens já dicionarizados - *ecodesenvolvimento* (Houaiss, 2009), desenvolvimento sustentável/ecológico, *ecoequilíbrio* (Houaiss, 2009), equilíbrio ecológico. Para Alves (2007, p.26) esse é um processo de transferência do significado para o prefixo, que ocorre quando um elemento prefixal adquire o significado de uma palavra-base formada por ele e passa a formar outras palavras levando o novo significado. Sendo assim, o prefixo *eco-* tem sido adicionado a bases substantivas com a função adverbial “ecologicamente”, como vemos no exemplo (36), que equivaleria semanticamente à expressão *ecologicamente engajados*:

(36) ecoengajado

Além de adubar a sigla verde nos próximos quatro anos, Marina terá que cultivar a aliança com os empresários ecoengajados que sustentaram sua candidatura. (FSP, 03/10/2010)

EN- E EXTRA-

O prefixo *en-* tem origem latina e, em nosso *corpus*, formou apenas um neologismo. Anteposto à base, ele pode adicionar a ela o sentido de “passagem para um estado ou forma” (BECHARA, 2010, P.514), como ocorreu na palavra (37) *entediosa*. Pensamos, de certo modo, ser essa formação desnecessária, uma vez que poderia ser usada, sem alteração de sentido, a palavra *tediosa*, já registrada nos dicionários da língua portuguesa. O neologismo pode ter sido formado por analogia a “entediado”, recebendo o sufixo *-oso* e aparece como uma variante *de tediosa*. O caso também pode ser lido como manifestação da etimologia popular⁷⁴, pois o falante parece ter considerado a forma “entédio” como base para a criação.

Por outro lado, existe também a possibilidade de a palavra ter sido criada como base a o verbo *entediado*.

⁷⁴ Segundo o Dicionário de Linguística, “a *etimologia popular*, ou *etimologia cruzada*, é o fenômeno pelo qual o falante, com base em certas semelhanças formais, liga consciente ou inconscientemente uma forma dada a outra forma, com a qual não tinha nenhum parentesco genético” (DUBOIS *et al*, 1973, p. 253, grifos dos autores).

(37) entedioso

Se era tentativa de contribuir com algum humor para a campanha tão entediada de que é parte, o coordenador de infraestrutura de José Serra, Sergio Kobayashi, foi um fracasso. (FSP, 19/10/2010)

O prefixo *extra-* origina-se do latim, da preposição *extra*. Denota os significados “além de, fora de e superioridade” (BECHARA, 2010, p.514). Apenas uma palavra foi formada com este prefixo:

(38) extraconstitucional

A discussão da taxa de juros brasileira e dos poderes extraconstitucionais que o Copom tem tornou-se um assunto tedioso, velho de 15 anos. (FSP, 17/10/2010)

HIPER-, SUPER-, MEGA- E ULTRA-

Os prefixos *hiper-*, *mega-*, *super-* e *ultra-* denotam exagero, excesso e superioridade.

Hiper- e *super-* têm sentidos similares, sendo que o primeiro tem origem grega e o segundo latina. Alves (2007, p.19) afirma que o *super-* é mais produtivo, o que confirmamos em nosso *corpus*. O prefixo *hiper-* formou apenas uma palavra (39) *hiperpresidencialista*, adicionando-se a uma base adjetiva.

(39) hiperpresidencialista

Nosso sistema é hiperpresidencialista, as capacidades pessoais do presidente são fundamentais. (FSP, 01/11/2010)

O prefixo *super-* é muito usado em textos publicitários para exaltar as qualidades dos produtos anunciados (ALVES, 2007, p.19). A linguagem da política tem afinidades com a linguagem publicitária, quando pensamos que as duas necessitam usar a retórica argumentativa da sedução, na primeira para atrair os eleitores e na segunda para atrair os consumidores. Nos neologismos formados com esse prefixo, observamos sua integração a palavras de caráter adjetival, (41) *supersaudável*, (42) *Supersimples*, (47) *superconfiante*; substantival (40) *superconsenso*, (43) *supersecretaria*, (44) *supergerente*, (45) *superporto*, (48) *supermanhã*; e um caso de prefixação de item prefixal substantivado, (46) *supervice*. O neologismo (46) *supervice* reforça o que vem se atestando nos estudos sobre neologia no

português brasileiro, em que o prefixo *vice-* vem sendo usado como forma livre.

(40) superconsenso

Só mesmo um nome de superconsenso pode ser aprovado neste ano. (FSP, 27/10/2010)

(41) supersaudável

"A candidata está supersaudável, não toma mais remédio algum", diz Kalil. (FSP, 29/10/2010)

(42) Supersimples

Valorizarei o microempreendedor individual, para formalizar milhões de negócios individuais ou familiares, ampliarei os limites do Supersimples e construirei modernos mecanismos de aperfeiçoamento econômico, como fez nosso governo na construção civil, no setor elétrico, na lei de recuperação de empresas, entre outros. (FSP, 01/11/2010)

(43) supersecretaria

Sob nova direção Disposto a turbinar mecanismos de promoção por mérito no funcionalismo paulista, Geraldo Alckmin (PSDB) estuda criar uma pasta com status de "supersecretaria", denominada Governo e Gestão Pública, na nova estrutura do Bandeirantes em 2011. (FSP, 25/10/2010)

"Dizem que o Alckmin resolveu criar uma supersecretaria. (FSP, 26/10/2010)

(44) supergerente

A ex-Dilma se autoproclamava supergerente. (FSP, 19/10/2010)

(45) superporto

A CNN fez longa entrevista com Eike Batista em São João da Barra, sobre o "superporto de Açu", que vai "ligar o Brasil ao mundo" (FSP, 22/10/2010)

(46) supervice

Segundo o desejo da sigla, ele seria uma espécie de "supervice". (01/11/2010)

(47) superconfiante

Ontem, Aécio disse que está superconfiante em relação à vitória de Serra e disse que vai sugerir a ele hoje que assuma compromisso com os prefeitos de estabelecer um índice de reajuste pré-fixado para os repasses do FPM, o Fundo de Participação dos Municípios. (JC, 14/10/2010)

(48) Supermanhã

Detentora de 903 mil votos (20,30% dos votos válidos), no primeiro turno, em Pernambuco, a senadora concedeu, ontem, entrevista ao programa Supermanhã, na Rádio Jornal, condenando as trocas de acusações na campanha. (JC, 26/10/2010)

Do grego *megalo-*, o prefixo *mega-* teve considerável produtividade (4%) em nosso *corpus* de pesquisa, contrariando os resultados de Carvalho (1983) e as indicações dos dicionários referidos por Alves (2007, p.20). Ele denota extrema grandeza e associou-se apenas a substantivos em nosso material. Observamos que o prefixo tem a mesma função de exaltação do prefixo *super-*.

(49) mega-assembleia

O estádio da Vila Euclides, hoje 1º de Maio, local das mega-assembleias, está sendo modernizado. (FSP, 31/10/2010)

(50) mega-ato

Rio terá mega-atos sob temor de confronto (FSP, 23/10/2010)

Segundo maior colégio eleitoral do país entre os municípios (4,7 milhões de votos), o Rio terá na manhã de domingo mega-atos de campanha dos presidenciáveis Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB), sob temor de confronto entre militantes. (FSP, 23/10/2010)

(51) megapesquisa

No portal R7, da Record, "Classe C prefere novela, humor e auditório, diz megapesquisa", também do Ibope. (FSP, 14/10/2010)

(52) megarreunião

Peemedebista planeja realizar megarreunião com prefeitos para turbinar agenda de rua da candidata no Rio (FSP, 12/10/2010)

O governador Cabral vai realizar megarreunião com prefeitos- diz ter o apoio formal ou informal de 91 dos 92 do Estado- e colocar o coordenador de sua campanha no Rio -Wilson Carlos, ex-secretário de Governo- para organizar agendas de rua. (FSP, 12/10/2010)

(53) megacoligação

Contou ainda com o apoio de diversos candidatos a deputado dos 16 partidos que compõem sua megacoligação. (FSP, 03/10/2010)

Inicia o novo governo com a dificuldade de dividir o espaço nas 19 secretarias com os 16 partidos da megacoligação que sustentou sua vitória. (FSP, 04/10/2010)

(54) megaencontro

Hoje, a candidata estará em São Paulo num megaencontro com professores e reitores. (JC, 15/10/2010)

O elemento *ultra-*, preposição adverbial latina, tem o sentido “para além de, adiante de, fora de; além, mais longe” (HOUAISS, 2009). Também expressa exagero, e adicionou-se a bases adjetivas, (55) *ultramaratonista*, (56) *ultraliberais*; e substantiva, (57) *ultra-direita*, (58) *ultradireita*. Houve coexistência de grafias, como se pode observar nos itens (57) e (58). É comum que isso aconteça quando o uso de um item léxico não está estabilizado numa comunidade linguística, mas nesse caso atribuímos a dupla grafia à adaptação às regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, elaborado em 1990, mas oficializado apenas recentemente, em 2009. São, assim, as duas palavras formas variantes de uma mesma palavra.

(55) ultramaratonista

Ultramaratonista, ele renega o apelido Paulo Preto e diz que, desde criança, sabia o que seria na vida: "rico". (FSP, 12/10/2010)

(56) ultraliberal

Embora adote genericamente o termo "mídia" na maior parte das 61 páginas, o documento tem como alvo os veículos de maior circulação e audiência, principalmente os jornais impressos, que o autor considera responsáveis pela disseminação de ideias "ultraliberais" a partir da década de 80. (FSP, 26/10/2010)

(57) ultra-direita

Na Espanha, os ultra-direita liderados por Aznar fizeram alguma coisa melhor do que Felipe Gonzalez do inovador Partido Socialista Espanhol? (FSP, 26/10/2010)

(58) ultradireita

O mineiro comparou a retórica de Lula no segundo turno à da ultradireita americana. (FSP, 29/10/2010)

IN-

A adição do prefixo *in-* a uma base acrescenta a ela uma negação, sentido contrário ou privação (BECHARA, 2010, p.514). Apenas dois neologismos foram formados com o prefixo *in-* em nossa pesquisa, adicionado à mesma base, ambas formas nominais (59) e (60).

(59) inexplicado

Sem entrar nos vários deméritos dessa proposição, permanece inexplicado qual seria o efeito que a providência causaria na consciência do eleitorado. (FSP, 23/10/2010)

(60) inexplicação

AINDA QUE confusa, com sua inexplicação de que o PV não adotará uma só decisão mas várias, a posição de Marina Silva sobre sua futura atitude no segundo turno é mais realista que a predominante entre nós, jornalistas e políticos. (FSP, 07/10/2010)

INTER-

O prefixo latino *inter-* denota o sentido de posição no meio (BECHARA, 2010, p.514). Segundo Alves (2007, p.24), juntamente aos prefixos *anti-*, *extra-*, *pré-*, *pró* e *sem-*, o prefixo *inter-* atribui função adjetival aos substantivos aos quais se justapõe. Isso ocorre com apenas um dos nossos neologismos: (61) *interdenominacional*. A palavra (62) *intermediador* mantém a classe de sua palavra-base, o substantivo *mediador*.

(61) interdenominacional

O pastor é vice-presidente do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil (Cimeb), entidade que agrega 8.500 pastores de quase todas as denominações evangélicas brasileiras. (JC, 22/10/2010)

Um dos procurados foi o pastor Jabes Alencar, presidente do Cimeb (Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil) e do Conselho de Pastores do Estado de SP. (JC, 08/10/2010)

(62) intermediador

Com seis mandatos consecutivos na Câmara desde 1987, Temer será um intermediador dos interesses do PMDB no novo governo. (FSP, 01/11/2010)

MICRO- E MINI-

Micro- e *mini-* opõem-se semanticamente a *mega-* (ALVES, 2007, p.20), denotando o valor de muito pequeno. Um dos neologismos indentificados em nosso material, (66) *microblog*, formado pelo prefixo *micro-*, representa a popularização dos meios de interação digital em rede, sobretudo nas estratégias políticas. O *Twitter* foi uma ferramenta de propaganda e difusão política muito potente nas eleições do atual presidente americano Barack Obama. As eleições federais brasileiras em 2010 manifestaram o impacto que a difusão instantânea da informação pode causar na opinião pública. *Microblog* (66) foi a criação neológica na língua portuguesa usada como referência ao *Twitter*, devido a sua interface digital limitar o número de caracteres a serem escritos, minimizando as potencialidades do já dicionarizado *blogue* tradicional. A formação tomou como base a forma estrangeira *blog* e não a palavra adaptada à morfologia portuguesa *blogue*.

(63) micropolítica

Embora a maioria aposte que Lula prefira se distanciar das picuinhas da micropolítica, corre entre aliados a teoria de que ele poderia se integrar – inicialmente nos bastidores – às negociações para formação de uma ampla frente partidária de esquerda. (JC, 03/10/2010)

(64) microempreendedor

Valorizarei o microempreendedor individual, para formalizar milhões de negócios individuais ou familiares, ampliarei os limites do Supersimples e construirei modernos mecanismos de aperfeiçoamento econômico, como fez nosso governo na construção civil, no setor elétrico, na lei de recuperação de empresas, entre outros. (FSP, 01/11/2010)

(65) microexpressão

Por exemplo, quando ela fala sobre não concordar em "tirar os imóveis das pessoas e transformá-los em local para moradia", ela demonstra desprezo e dá uma microexpressão de desgosto, o que é apropriado para o discurso. (FSP, 03/10/2010)

(66) microblog

No mesmo dia, Serra agradeceu em seu Twitter o apoio dos artistas e fez um link em seu microblog para o blog O Brasil com Serra, onde está o documento. (JC, 30/10/2010)

Serra lembrou dos seus seguidores no microblog Twitter, sobretudo os jovens. (JC, 31/10/2010)

Guerra condenou as críticas do coordenador da campanha de José Serra, Xico Graziano, que sugeriu na rede de microblog Twitter que o ex-governador de Minas Gerais Aécio Neves não teria apoiado Serra em Minas. (01/11/2010)

No microblog, Jefferson criticou a desenvoltura de Serra no último debate presidencial, realizado anteontem na TV Globo. (FSP, 02/10/2010)

Em segundos o termo virou um "hashtag" (etiqueta) no microblog Twitter. (FSP, 11/10/2010)

Para internautas que desejam acompanhar o evento pelo microblog Twitter, a "hashtag" (símbolo que indica um assunto) que será usada é #folharedetv. (FSP, 16/10/2010)

O TSE (Tribunal Superior Eleitoral) concedeu pela primeira vez um direito de resposta no microblog Twitter. (FSP, 30/10/2010)

Apesar de ser o primeiro direito de resposta concedido no microblog, o tribunal já havia aplicado uma multa de R\$ 5.000 ao candidato a vice-presidente na chapa de Serra, Índio da Costa (DEM), por ele ter pedido voto em sua página no Twitter antes do início da campanha. (FSP, 30/10/2010)

As *minirreformas* alastraram-se pela política brasileira, pois possibilitaram a aprovação de modificações pequenas e rápidas nas legislações vigentes. Em nossa pesquisa, houve uma considerável incidência dessa palavra durante o período de coleta, como se pode ver no item (67). A maioria dos itens neológicos forma uma neologia sintagmática (*minirreforma eleitoral*), constituída pelo novo substantivo (*minirreforma*) mais um adjetivo (*eleitoral e fiscal*), que determina o nome.

(67) minirreforma

Por 8 votos a 2, STF suspende trecho da minirreforma eleitoral sancionada no ano passado e derruba a exigência do título de eleitor para votar no domingo (JC, 01/10/2010)

Por oito votos a dois, a Corte suspendeu a validade do trecho da minirreforma eleitoral, sancionada no ano passado, que obriga o uso de título de eleitor e documento com foto na hora de votar. (JC, 01/10/2010)

Até a edição da minirreforma eleitoral, promulgada em 2009, o eleitor podia se identificar com apenas um documento: o título eleitoral ou outro documento oficial com foto. (JC, 01/10/2010)

Por 8 votos a 2, STF suspende trecho da minirreforma eleitoral sancionada no ano passado e derruba a exigência do título de eleitor para votar no domingo (JC, 05/10/2010)

Por oito votos a dois, a Corte suspendeu a validade do trecho da minirreforma eleitoral, sancionada no ano passado, que obriga o uso de título de eleitor e documento com foto na hora de votar. (JC, 05/10/2010)

Até a edição da minirreforma eleitoral, promulgada em 2009, o eleitor podia se identificar com apenas um documento: o título eleitoral ou outro documento oficial com foto. (JC, 05/10/2010)

Em 2009, o Congresso aprovou minirreforma eleitoral colocando essa regra na lei. (FSP, 01/10/2010)

A exigência de dois documentos havia sido incluída na legislação em setembro do ano passado, quando o Congresso aprovou uma minirreforma eleitoral. (FSP, 01/10/2010)

Até a edição da minirreforma eleitoral, promulgada em 2009, o eleitor podia se identificar com apenas um documento: o título eleitoral ou outro documento oficial com foto. (FSP, 01/10/2010)

A minirreforma eleitoral de 2009 introduziu a obrigatoriedade de apresentação das propostas de governo no registro da candidatura. (FSP, 03/10/2010)

Em 2009, o Congresso aprovou minirreforma eleitoral colocando essa regra na lei. (FSP, 04/10/2010)

Por exemplo, uma minirreforma fiscal, em resposta à deterioração das expectativas econômicas verificada na campanha. (FSP, 31/10/2010)

(68) minicomício

A frase foi dita à Folha há três semanas, num intervalo entre seis badalados minicomícios na região do Potengi (no agreste do Estado), onde ela, com microfone em punho, traduz ao eleitorado: (FSP, 01/10/2010)

NÃO-

O advérbio *não* funciona como prefixo quando anteposto a bases lexicais. Embora Alves (2007, pp. 15-16) observe em sua pesquisa a maior frequência da adição do prefixo *não-* a bases verbais e a participípios derivados de verbos, em nosso *corpus*, a estrutura de

negação uniu-se apenas a substantivos, (69) *não-reeleição*, (70) *não-renovação*, (71) *não-implementação*, (73) *não-comparecimento*, (75) *não-cumprimento*; e a adjetivos, (72) *não-eleitos* e (74) *não-metafórico*.

(69) não-reeleição

Lamento profundamente a não-reeleição de Marco Maciel, senador que honra o voto de qualquer pessoa. (JC, 04/10/2010)

(70) não-renovação

O presidente da Assembleia, Guilherme Uchoa (PDT), lamentou a não-renovação de mandatos, mas, destacou que "aposta" na juventude de grande parte dos novatos que assumirão em 2011. (JC, 06/10/2010)

(71) não-implementação

O grupo argumenta que o Nordeste tem sido prejudicado com a não-implementação do dispositivo, uma vez que representa cerca de 28% da população do País, mas só tem recebido pouco mais de 12% das verbas orçamentárias, enquanto regiões como o Sul e Sudeste recebem percentuais de recursos superiores ao índice populacional. (JC, 15/10/2010)

(72) não-eleito

Participaram da mesa o coordenador da campanha de Dilma, deputado federal eleito João Paulo (PT), os senadores eleitos Humberto Costa (PT) e Armando Monteiro neto (PTB) e deputados federais e estaduais (eleitos, reeleitos e não-eleitos). (JC, 16/10/2010)

O governador foi recebido pelo pastor da Universal e primeiro suplente de deputado federal da Frente Popular Vilalba de Jesus, e pelo bispo e candidato a deputado estadual não-eleito Ossésio Silva, além de cerca de 200 fiéis. (JC, 24/10/2010)

(73) não-comparecimento

"Evidentemente, a candidata do PT foi a que mais se escondeu, seja atrás do presidente da República, seja atrás do aparato do partido, seja pelo não-comparecimento à maioria dos debates e entrevistas". (FSP, 01/10/2010)

(74) não-metafórico

O "palhaço não-metafórico", na expressão da "Atlantic", levou os sites da "New Yorker", do "USA Today" e da "Time" a citar expressão corrente no teatro americano, quando o espetáculo vai mal: mande o palhaço para o palco. (FSP, 06/10/2010)

(75) não-cumprimento

O governador do DF, Rogério Rosso, determinou à Corregedoria Geral que instaure procedimento administrativo para apurar o não-cumprimento da sua orientação em relação ao caso. (FSP, 09/10/2010)

NEO-

O prefixo *neo-* acrescenta à base o significado de *novo*. Adicionou-se a bases adjetivas

(76) e (77) e substantivas (78) e (79).

(76) neopetista

Em uma disputa marcada por troca de acusações, guerra jurídica e os efeitos do “mensalão do DEM”, o neopetista Agnelo Queiroz foi eleito governador do Distrito Federal, com 66,10% dos votos válidos. (01/11/2010)

(77) neoaliado

No início da campanha, petistas fizeram de tudo para se aproximar, com a ajuda de neoaliados como Gabriel Chalita (PSB-SP), da Canção Nova, de olho no potencial midiático dessa comunidade católica. (FSP, 17/10/2010)

(78) neo-Dilma

A neo-Dilma se absteve de prover uma explicação sobre a mudança de opinião. (FSP, 19/10/2010)

A neo-Dilma, mais compreensiva, admitiu-o na coordenação da campanha. (FSP, 19/10/2010)

(79) neoclientelismo

A abertura de espaço no Orçamento será realizada com uma rigorosa avaliação do gasto terceirizado que não vem apresentando resultados positivos, dos programas de governo que se sobrepõem e de ações caracterizadas pelo neoclientelismo petista. (FSP, 31/10/2010)

PÓS-

O prefixo *pós-* adiciona às bases a que se antepõe o valor da preposição *após*, denotando tempo passado, *depois de*. Foi o quarto maior prefixo em produtividade em nosso corpus, apresentando formações com substantivos, (80) *pós-eleição*, (85) *pós-redemocratização*, (86) *pós-ditadura*, (89) *pós-Presidência*, (90) *pós-debate*; adjetivos (91) *pós-eleitoral*, (82) *pós-socialista*, (83) *pós-comunistas*, (88) *pós-eleita*; e composições sintagmáticas, (84) *pós-primeiro turno*, (87) *pós-Segunda Guerra*.

(80) pós-eleição

O humorista virou um personagem marcante da campanha 2010 e fatalmente do pós-eleição, seja qual for sua votação – que, aliás, se espera bem numerosa. (JC, 03/10/2010)

Ninguém melhor para entrarmos num acordo no pós-eleição. (01/11/2010)

Apesar do clima de tranquilidade, moradores confirmaram o pânico do “pós-eleição”. (JC, 06/10/2010)

Para evitar o acirramento de uma crise no pós-eleição, o PSDB adiou em seis meses -para maio do ano que vem- suas eleições internas, originalmente programadas para novembro. (FSP, 03/10/2010)

(81) pós-eleitoral

Diante do quadro pós-eleitoral, cada partido de oposição deve fazer uma reformulação interna, se

reconstruir de forma independente dos demais. (JC, 04/10/2010)

Neste emaranhado jurídico político, o juiz sem o pretender, tornou-se em alguns casos, poderoso eleitor pós-eleitoral, eleitor final. (FSP, 01/10/2010)

Ao lado de convidados do mundo político e do diretor-geral do Datafolha, Mauro Paulino, Fernando Rodrigues e a equipe do jornal vão acompanhar a marcha das apurações, com base em informações obtidas ao vivo com o TSE (Tribunal Superior Eleitoral), e discutir as perspectivas pós-eleitorais. (FSP, 01/10/2010)

Ao lado de convidados do mundo político e do diretor-geral do Datafolha, Mauro Paulino, Rodrigues e a equipe do jornal vão acompanhar a apuração dos votos em tempo real e discutir as perspectivas pós-eleitorais. (FSP, 02/10/2010)

Ao lado de convidados do mundo político e do diretor-geral do Datafolha, Mauro Paulino, Rodrigues e a equipe do jornal vão acompanhar a apuração dos votos em tempo real e discutir as perspectivas pós-eleitorais no país após oito anos da administração de Lula. (FSP, 03/10/2010)

(82) pós-socialista

O pós-socialista disputou a eleição por São Paulo e obteve, até às 23h30, 121.365 votos. (JC, 04/10/2010)

Este é o sexto mandato do pós-socialista. (JC, 04/10/2010)

(83) pós-comunista

O presidente dos pós-comunistas disse que Jarbas não está liquidado politicamente, nem a oposição está acabada em Pernambuco. (JC, 05/10/2010)

O pós-comunista Freire afirma que Serra está preparado, é um democrata e um republicano. (JC, 31/10/2010)

(84) pós-primeiro turno

A Frente Popular de Pernambuco decidiu enfrentar o medo da abstenção e as causas da “ressaca eleitoral” pós-primeiro turno – que podem afetar o resultado desse segundo turno em Pernambuco –, lançando um grande desafio para os correligionários: voltar às ruas para conquistar 500 mil votos, além dos 2.748.751 do primeiro turno, em favor da presidenciável do PT, Dilma Rousseff. (JC, 17/10/2010)

Primeira pesquisa Datafolha pós-primeiro turno mostra queda de petista (FSP, 10/10/2010)

Equipe teme que mau desempenho hoje aumente pessimismo que marcou início da semana pós-primeiro turno (FSP, 10/10/2010)

A dedicação integral foi uma decisão de Lula por conta do "risco de derrota" que chegou a rondar a campanha de Dilma nos dez dias pós-primeiro turno. (FSP, 31/10/2010)

(85) pós-redemocratização

Ao adquirir reconhecimento como candidata do governo mais popular do período pós-redemocratização, conquistou gradativamente o apoio das camadas mais populares e empatou com Serra. (FSP, 05/10/2010)

O eleitor define hoje uma das corridas presidenciais mais disputadas do período pós-redemocratização. (FSP, 31/10/2010)

(86) pós-ditadura

Por que os letrados, oriundos da esquerda, que fizeram a democracia pós-ditadura ficam se engalfinhando por causa das alianças à direita do outro? (FSP, 15/10/2010)

Seria uma desgraça termos superado a ameaça de Collor, cinco anos depois da democratização, para jogarmos no passado o que foi percorrido nos 25 anos de pós-ditadura. (FSP, 17/10/2010)

(87) pós-Segunda Guerra

Já Stewart Patrick, do CFR, escreve que o "grande desafio" para os EUA será "integrar as potências emergentes nas instituições globais", citando Brasil, China e Índia, cujo "crescimento dramático está testando as fundações institucionais da ordem liberal pós-Segunda Guerra". (FSP, 27/10/2010)

(88) pós-eleita

Quais foram os recados da presidente em seu pronunciamento pós-eleita? (FSP, 01/11/2010)

(89) pós-Presidência

Qual sugestão o sr. daria a Lula para o pós-Presidência? (FSP, 10/10/2010)

(90) pós-debate

Segundo um governador aliado, apenas amanhã, pós-debate da Band e com base no resultado das primeiras pesquisas, será possível ter uma "exata noção da realidade" e traçar estratégias reais para a fase final. (FSP, 10/10/2010)

PRÉ-

Com o sentido contrário ao prefixo prepositivo *pós-*, *pré-* tem o significado de anterioridade temporal. O neologismo (89) *pré-campanha* teve enorme incidência em toda a pesquisa, porque esse tipo de evento tem se tornado muito estratégico para os candidatos que desejam galgar a vitória eleitoral. A (89) *pré-campanha* define apoios políticos e coligações partidárias, o que pode ser de extremo impacto nos resultados eleitorais. Seguindo a mesma linha estratégica, surgem as (97) *pré-candidaturas*, cujos personagens são os (96) *pré-candidatos*.

Outra palavra que vem se difundindo não apenas na mídia política, mas em toda mídia nacional, e tem natureza denominativa é o (100) *pré-sal*. Advindo da área da geologia, a expressão *camada pré-sal* designa um perfil geológico anterior à camada de sal no solo marítimo. Em 2006, foi anunciada a descoberta de indícios de petróleo na camada *pré-sal*.

Em 2008, houve a confirmação do petróleo na camada e sua primeira extração⁷⁵. Desde então, a expressão disseminou-se por toda a mídia brasileira, por ter o petróleo uma grande importância econômica no país e por ser alvo de estratégias políticas e econômicas mundiais.

O prefixo *pré-* se antepôs, em nossa pesquisa, a bases substantivas, (91) *pré-campanha*, (92) *pré-convenção*, (93) *pré-classificação*, (98) *pré-candidatos*, (99) *pré-candidaturas*, (102) *pré-sal*, (103) *pré-condição*; adjetivas (94) *pré-falimentar*, (95) *pré-organizada*, (101) *pré-fixado*; a bases sintagmáticas, (96) *pré-golpe de 64*, (100) *pré-primeiro turno*; e a uma base numérica, (97) *pré-64*. No caso do neologismo (97) *pré-64*, o número adquire o valor substantival como redução da expressão “Golpe de 64”.

(91) pré-campanha

Ainda na pré-campanha, ele reforçou o coro dos que queriam Jarbas candidato. (JC, 03/10/2010)

Após quatro meses de investigação, o inquérito da Polícia Federal indica uma ligação de integrantes da pré-campanha da candidata do PT Dilma Rousseff com o vazamento de dados fiscais sigilosos de tucanos ligados ao candidato José Serra. (JC, 21/10/2010)

Pela conclusão da polícia, o mandante da quebra de sigilo foi o jornalista Amaury Ribeiro Júnior, que, no início deste ano, foi chamado para trabalhar na pré-campanha de Dilma. (JC, 21/10/2010)

Segundo a PF, na época em que já tinha saído de O Estado de Minas, mas ainda continuava com os dados, Amaury se hospedou, em Brasília, num flat de propriedade de pessoa ligada à pré-campanha de Dilma. (JC, 21/10/2010)

Amaury, que trabalhava na época no jornal O Estado de Minas, afirmou em seu depoimento que acessou os dados para proteger o então governador de Minas, Aécio Neves (PSDB), durante a disputa da pré-campanha tucana. (JC, 21/10/2010)

Amaury Ribeiro era ligado ao "grupo de inteligência" da pré-campanha de Dilma Rousseff", que elaborou dossiê contra pessoas próximas ao candidato José Serra (PSDB). (FSP, 01/10/2010)

Derrotado, Pimentel se dedicará à campanha de Dilma, da qual foi afastado depois de comandar um "grupo de inteligência" na pré-campanha que teria recebido papéis com dados sobre aliados e familiares de Serra. (FSP, 04/10/2010)

Conforme a Folha revelou em junho, cinco declarações de renda de EJ e dados de sua movimentação financeira no BB circularam nas mãos de pessoas ligadas ao "grupo de inteligência" da pré-campanha de Dilma Rousseff (PT). (FSP, 06/10/2010)

Apesar de não ter viajado desde o início da pré-campanha, Aécio se colocou à disposição de Serra para viajar pelo país. (FSP, 12/10/2010)

⁷⁵ Fonte: Diário do Pré-sal. Disponível em: < <http://diariodopresal.wordpress.com/page/23/?6fe3fb70>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

Conforme a Folha revelou em junho, cinco declarações de renda integrais do vice-presidente do PSDB, Eduardo Jorge Caldas Pereira, circularam nas mãos de pessoas ligadas ao chamado "grupo de inteligência" da pré-campanha de Dilma Rousseff (PT). (FSP, 15/10/2010)

Despachante admitiu ter recebido R\$ 12 mil por informações fiscais de tucanos encontradas na pré-campanha do PT (FSP, 20/10/2010)

PF liga quebra de sigilo à pré-campanha de Dilma (FSP, 20/10/2010)

Investigação da Polícia Federal fez conexão entre a quebra do sigilo fiscal de pessoas ligadas ao candidato José Serra (PSDB) e o dossiê preparado pelo chamado "grupo de inteligência" da pré-campanha de Dilma Rousseff (PT). (FSP, 20/10/2010)

Na época, o responsável pela comunicação da pré-campanha de Dilma era o jornalista Luiz Lanzetta, que participou do encontro. (FSP, 20/10/2010)

Informações constavam de dossiê que circulou na pré-campanha de Dilma (FSP, 21/10/2010)

O jornalista Amaury Ribeiro Jr., ligado ao chamado "grupo de inteligência" da pré-campanha de Dilma Rousseff (PT), reconheceu em depoimento à Polícia Federal que encomendou dados de dirigentes tucanos e familiares de José Serra (PSDB), como a Folha revelou ontem. (FSP, 21/10/2010)

Os dados foram parar no dossiê que circulou na pré-campanha de Dilma, como a Folha mostrou em junho. (FSP, 21/10/2010)

Quando os documentos foram incluídos no dossiê, já neste ano, o jornalista atuava para o "grupo de inteligência" do comitê de pré-campanha de Dilma. (FSP, 21/10/2010)

Na época, o responsável pela comunicação da pré-campanha de Dilma era o jornalista Luiz Lanzetta, que participou do encontro. (FSP, 21/10/2010)

Esses dados com informações sigilosas faziam parte de investigação do jornalista sobre privatizações no governo FHC e, como a Folha revelou em junho, estavam em dossiê que circulou neste ano na pré-campanha de Dilma. (FSP, 23/10/2010)

A imprensa havia revelado que Lanzetta, amigo de Amaury e responsável pela equipe de imprensa e despesas logísticas da pré-campanha, estava montando "grupo de inteligência" para reunir munição contra Serra. (FSP, 23/10/2010)

Amaury Ribeiro Jr. tomou parte de reuniões de um "grupo de inteligência" da pré-campanha da pupila de Lula. (FSP, 23/10/2010)

Jorge Luiz Siqueira, dono do imóvel, atuava na Lanza na pré-campanha (FSP, 23/10/2010)

Amaury usou o apartamento de Jorge Luiz Siqueira quando se reuniu com o "grupo de inteligência" da pré-campanha petista, no restaurante Fritz. (FSP, 23/10/2010)

À época do encontro, o responsável pela comunicação da pré-campanha era o jornalista Luiz Lanzetta, dono da Lanza Comunicação. (FSP, 23/10/2010)

Em depoimento, Garcia disse que Amaury o contratou para obter dados fiscais de parentes e aliados do tucano José Serra, que foram parar num dossiê que circulou na pré-campanha petista, como

revelou a Folha. (FSP, 23/10/2010)

A reportagem de Souza, publicada 12 de junho, revelou que integrantes da pré-campanha de Dilma Rousseff (PT) à Presidência investigaram dados fiscais e financeiros sigilosos de Eduardo Jorge Caldas Pereira, vice-presidente-executivo do PSDB. (FSP, 23/10/2010)

"Se a eleição deste ano vai ser decidida em Minas, como tantos dizem, então essas andanças do Aécio pelo país têm uma única explicação: é a pré-campanha de 2014. (FSP, 24/10/2010)

Coordenador da então pré-campanha presidencial de Lula, Celso Daniel foi encontrado morto dois dias depois. (FSP, 24/10/2010)

Ex-chefe de fiscalização no Estado afirma que há indício de "uso político" do Ibama durante a pré-campanha eleitoral (FSP, 25/10/2010)

O jornalista Amaury Ribeiro Jr., ligado ao "grupo de inteligência" na fase da pré-campanha de Dilma Rousseff, prestará mais um depoimento à Polícia Federal hoje. (FSP, 25/10/2010)

Essas informações foram parar num dossiê que circulou na pré-campanha petista. (FSP, 25/10/2010)

A Folha revelou em junho que dossiê com dados do vice-presidente do PSDB, Eduardo Jorge, circulou na pré-campanha de Dilma Rousseff (PT). (FSP, 26/10/2010)

Amaury é amigo de Luiz Lanzetta, dono de uma empresa contratada na ocasião para administrar contratos de comunicação para a pré-campanha. (FSP, 26/10/2010)

O jornalista Amaury Ribeiro Jr. afirmou à Polícia Federal que "o grupo do PT paulista" infiltrou dois "voluntários" para monitorar o que se passava dentro da casa usada pela equipe de imprensa do PT na pré-campanha da petista Dilma Rousseff. (FSP, 27/10/2010)

A Folha revelou em junho que dossiê com dados do vice-presidente do PSDB, Eduardo Jorge, circulou na pré-campanha de Dilma. (FSP, 27/10/2010)

Amaury era ligado ao "grupo de inteligência" montado na pré-campanha petista por Luiz Lanzetta, amigo do jornalista. (FSP, 27/10/2010)

Após deixar o jornal, Amaury se ligou ao "grupo de inteligência" que atuou na pré-campanha da petista Dilma Rousseff. (FSP, 29/10/2010)

Em junho, a Folha revelou que um dossiê com dados sigilosos do tucano Eduardo Jorge circulou na pré-campanha. (FSP, 29/10/2010)

(92) pré-convenção

A candidata a vice de Jarbas, Miriam Lacerda (DEM), foi apresentada na pré-convenção estadual, dia 28 de maio, com a presença de Serra. (JC, 03/10/2010)

(93) pré-classificação

"O edital de pré-classificação tem uma cláusula ilegal, que encarece o valor final da obra e favorece acertar entre as empresas", disse o deputado, referindo-se à vedação de participação de empresas em mais de um lote. (FSP, 28/10/2010)

(94) pré-falimentar

Hoje a empresa está em estado pré-falimentar. (FSP, 28/10/2010)

(95) pré-organizado

Serra afirmou que a ação de petistas fora "pré-organizada" e a comparou a "movimentos fascistas". (FSP, 21/10/2010)

(96) pré-golpe de 64

O governador eleito do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, comparou os ataques com viés religioso a Dilma Rousseff ao período pré-golpe de 1964, "quando os setores mais reacionários da igreja" levantavam o "fantasma do comunismo" para frear reformas sociais. (FSP, 14/10/2010)

(97) pré-64

"Serra vai pensar o Nordeste desenvolvido", avaliza o contemporâneo da esquerda universitária pré-64, Roberto Freire (PPS). (JC, 31/10/2010)

Igualmente protagonista das lutas estudantis pré-64, em Pernambuco, o senador Marco Maciel - à época presidente da União dos Estudantes de Pernambuco (UEP) - destaca que Serra conhece os problemas do País e sabe como resolvê-los (JC, 31/10/2010)

(98) pré-candidato

Na época, Serra e Aécio eram pré-candidatos à Presidência. (JC, 21/10/2010)

Questionada se saiu da eleição como pré-candidata a prefeita da capital (cargo que disputou e para o qual obteve 15% dos votos em 2008), a comunista desconfia: "É um sonho que eu tenho, mas 2012 está longe". (FSP, 06/10/2010)

Na ocasião, o dono da Natura pediu para conversar com o então pré-candidato, mas este, envolvido com outras preocupações, não quis saber de papo. (FSP, 12/10/2010)

Com a finalidade de "proteger" o governador Aécio Neves, então pré-candidato do PSDB à Presidência, de uma articulação adversária no próprio partido. (FSP, 21/10/2010)

Ou seja, na história de que o repórter Amaury Ribeiro Jr. encomendou a um despachante dados civis de certas pessoas; foram-lhe entregues dados não pedidos da Receita Federal, e tudo se destinava a uma operação interna entre pré-candidatos do PSDB. (FSP, 24/10/2010)

Em campanha Pré-candidato à presidência da Câmara, Cândido Vaccarezza (PT) estará em Brasília amanhã com deputados petistas não só para acompanhar a apuração. (FSP, 30/10/2010)

(99) pré-candidatura

Na representação, o MPE acusa o ex-governador de pedir votos para o presidencialismo por meio dos vídeos "Aécio Neves declara apoio a José Serra" e "Aécio confirma pré-candidatura ao Senado Federal", divulgados no site do então candidato ao Senado antes de 6 de julho, data permitida para o início da propaganda eleitoral. (JC, 11/10/2010)

Em maio deste ano, Marina anunciou o lançamento de sua pré-candidatura à Presidência pelo Partido Verde. (FSP, 01/10/2010)

O deputado teve sua pré-candidatura abortada pelo PSB no início do ano, por pressão de Lula. (FSP, 06/10/2010)

(100) pré-primeiro turno

Primeiro, com o cenário pré-primeiro turno, quando havia simulações de possíveis segundos turnos. (FSP, 10/10/2010)

(101) pré-fixado

Ontem, Aécio disse que está superconfiante em relação à vitória de Serra e disse que vai sugerir a ele hoje que assuma compromisso com os prefeitos de estabelecer um índice de reajuste pré-fixado para os repasses do FPM, o Fundo de Participação dos Municípios. (JC, 14/10/2010)

(102) pré-sal

Serra, se for eleito, vai propor a revisão do sistema de partilha do pré-sal aprovada pelo Congresso? (JC, 08/10/2010)

Levantou o debate sobre segurança pública, saúde e infraestrutura, mas se viu acuado pela petista, que por diversas vezes jogou as privatizações contra ele, inclusive cobrando uma posição sobre uma eventual venda da Petrobras e a cessão da exploração do pré-sal. (JC, 11/10/2010)

Fazia menção a uma entrevista com David Zylbersztajn, diretor da Agência Nacional do Petróleo (ANP) no governo FHC, na qual falou sobre sua visão do modelo de concessão do pré-sal. (JC, 14/10/2010)

ENTRE PRÉ-SAL, Brasil no jogo político planetário, células tronco, construção de foguetes, submarinos nucleares, feitos esplêndidos e silenciosos de laboratórios científicos, liderança mundial em exportação de vários alimentos -enfim uma República presente no século 21 sob tantos aspectos, de repente a eleição de seu presidente reduz-se ao aborto, se crime ou não. (FSP, 10/10/2010)

Dilma, citando assessores tucanos, disse que José Serra tem planos de privatizar a exploração do petróleo localizado no pré-sal. (FSP, 11/10/2010)

A campanha da petista avalia que ela atingiu três metas no debate: 1) colar em José Serra a imagem de responsável pela campanha de "baixaria do submundo da política"; 2) inserir na pauta da eleição temas como privatização de pré-sal e Petrobras e 3) mobilizar a militância. (FSP, 12/10/2010)

Os dois candidatos à Presidência esconderam o jogo no debate de domingo ao discutir o futuro da Petrobras e a participação de grupos privados na exploração dos campos de petróleo do pré-sal. (FSP, 12/10/2010)

A petista Dilma Rousseff afirmou que o tucano José Serra tem a intenção de "privatizar" os novos campos de petróleo, mas omitiu o fato de que o sistema que ela defende também permite que empresas privadas se associem à Petrobras no pré-sal. (FSP, 12/10/2010)

O sistema proposto pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva para o pré-sal, que ainda depende da aprovação do Congresso para ser adotado, prevê que a Petrobras ganhará pelo menos 30% dos novos campos e será a principal responsável pelos investimentos que serão feitos. (FSP, 12/10/2010)

Citado por Dilma Rousseff no debate da Band como um defensor da privatização do pré-sal, o ex-presidente da Petrobras David Zylbersztajn contestou a petista. (FSP, 13/10/2010)

Vencedor do Prêmio Pulitzer, é fascinante e quase indispensável nesta época brasileira de pré-sal. (FSP, 14/10/2010)

Fazia menção implícita a uma entrevista com David Zylbersztajn, diretor da ANP (Agência Nacional do Petróleo) no governo FHC, na qual falou sobre sua visão do modelo de concessão do pré-sal. (FSP, 14/10/2010)

A discussão sobre a intenção de privatizar a Petrobras e os blocos do pré-sal ganhou espaço após o debate entre Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB), no domingo. (FSP, 15/10/2010)

A candidata petista atacou Serra, citando suposta defesa da privatização do pré-sal feita por David Zylbersztajn, ex-presidente da ANP. (FSP, 15/10/2010)

A pressão era para que, logo nos primeiros programas do segundo turno, Santana tentasse colar pontos negativos do governo FHC e privatizações à imagem de Serra, além de apregoar que o tucano, caso eleito, entregaria os recursos do pré-sal às multinacionais do petróleo. (FSP, 18/10/2010)

O comando da campanha de Dilma Rousseff (PT) em São Paulo fará um "ato em defesa do pré-sal", na próxima sexta-feira, para fortalecer as críticas lançadas pela candidata à Presidência da República contra José Serra (PSDB), adversário da petista na corrida eleitoral. (FSP, 19/10/2010)

Na próxima sexta-feira, por exemplo, a campanha da petista no Estado promoverá um "ato em defesa do pré-sal", na Baixada Santista. (FSP, 19/10/2010)

Nesta semana, Lula visitou a refinaria do Vale do Paraíba, e a equipe de Dilma protagonizou ato pelo pré-sal em Santos. (FSP, 23/10/2010)

Petrobras não tem como explorar sozinha o pré-sal (FSP, 25/10/2010)

A Petrobras não tem como explorar sozinha as gigantescas reservas de petróleo do pré-sal e o governo deveria trabalhar para atrair grupos estrangeiros em vez de inibir sua entrada nos novos campos, diz o deputado Luiz Paulo Vellozo Lucas (PSDB-ES). (FSP, 25/10/2010)

O governo argumenta que precisa de outro modelo para a exploração do pré-sal porque os riscos são menores nos novos campos, onde não há dúvidas sobre a existência de grandes reservas de óleo. (FSP, 25/10/2010)

Dilma respondeu citando uma entrevista à Folha do tucano Luiz Paulo Vellozo Lucas (PSDB), segundo quem a Petrobras não teria como levar adiante sozinha a exploração do pré-sal. (FSP, 26/10/2010)

Serra se irritou: "Quando é sobre o pré-sal, quem quer fazer isso é o capeta, é o demônio". (FSP, 26/10/2010)

"Estão querendo privatizar o filé mignon [pré-sal]. (FSP, 26/10/2010)

Enquanto a petista entoa e estimula o batido discurso nacionalista de que ser contra a Petrobras é ser contra o Brasil, o tucano escapa pela tangente e evita aprofundar a discussão sobre a exploração do pré-sal no país. (FSP, 27/10/2010)

A solenidade- instalação de sistema definitivo para exploração do pré-sal em Tupi- é mais um passo para explorar petróleo no fundo do mar em grande escala, mas não altera, no curto prazo, o atual ritmo de produção. (FSP, 28/10/2010)

Volume do campo de Libra, no pré-sal da bacia de Santos, pode ser recorde; área ainda não foi

licitada pela União (FSP, 29/10/2010)

Caso o volume se confirme, esse total irá se configurar no maior reservatório do pré-sal. (FSP, 29/10/2010)

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que "bebeu menos do que devia" durante comemoração do seu aniversário, na noite de quarta-feira em Brasília, porque "precisava estar inteiro" para viajar até a Bacia de Santos e visitar a área pré-sal de Tupi. (FSP, 29/10/2010)

O modelo proposto representa um voto de desconfiança na Petrobras, retarda a exploração do pré-sal e traz insegurança para o setor. (FSP, 30/10/2010)

A campanha tucana fala em rever a criação da Pré-Sal Petróleo. (FSP, 30/10/2010)

A principal divergência entre as propostas de Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB) para a política energética diz respeito à participação da Petrobras na exploração das áreas ainda não licitadas do pré-sal. (FSP, 30/10/2010)

Cronograma Preocupado com o estado de espírito dos derrotados que ainda vão frequentar o Congresso até fevereiro, o governo tentará acordo para a votação final do pré-sal este ano. (FSP, 31/10/2010)

Ele é o mais importante fruto do novo modelo que propusemos para a exploração do pré-sal, que reserva à Nação e ao povo a parcela mais importante dessas riquezas. (FSP, 01/10/2010)

(103) pré-condição

A adesão a este programa será pré-condição para abrir negociação. (JC, 06/10/2010)

PRÓ-

O prefixo *pró-* adiciona o sentido *a favor de, partidário de* à palavra a que se antepõe. Os neologismos formados por ele ocupam o terceiro lugar quantitativo de nosso *corpus*, gerando neologismos que identificam a adesão a determinado político ou ideologia. A produtividade do prefixo foi grande não somente em número de palavras criadas, mas, sobretudo, nas ocorrências delas durante todo o período de publicação estudado.

As palavras mais expressivas às quais se adicionou o prefixo foram os nomes de candidatos (104) *pró-Serra*, e sua variante (105) *pró-José Serra*; (106) *pró-Dilma* e (113) *pró-Marina*. Também foram produtivos em formações a partir de adjetivos (106) *pró-tucano*, de siglas de partidos (108) *pró-PT*, de substantivos (115) *pró-impugnação*, (114) *pró-governo*, (111) *pró-legalização*, (110) *pró-aborto*, e de composições sintagmáticas, (109) *pró-Sociedade Brasileira de Defesa, Tradição, Família e Propriedade*, (112) *pró-descriminalização do aborto*.

A discussão sobre a descriminalização do aborto, apoiada pela candidata Dilma

Rousseff, gerou muitas polêmicas nos debates eleitorais e dividiu o eleitorado, devido às heterogêneas posições éticas e religiosas da população brasileira. Isso reverberou em nossa pesquisa através da produção dos neologismos (110) *pró-aborto*, (111) *pró-legalização* e (112) *pró-descriminalização do aborto*, além de *antinatalista* (17), usado para designar a política da candidata que apoiava a descriminalização do aborto, Dilma Rousseff.

(104) pró-Serra

Jungmann inicia campanha pró-Serra

Ainda sobre as articulações pró-Serra, Jungmann informou que viajará a Brasília ou São Paulo esta semana para uma reunião da Executiva nacional do PPS. (JC, 05/10/2010)

Empenhado em reverter os números e envolver militância, correligionários e eleitores nesta nova etapa, Lóssio promoveu, ontem, uma carreata por ruas e avenidas dos principais bairros de Petrolina, no primeiro grande ato pró-Serra em Pernambuco no segundo turno. (JC, 07/10/2010)

A força-tarefa pró-Serra começou ontem pela manhã, com reunião no comitê, e reuniu Jarbas com presidentes e lideranças dos partidos, além dos prefeitos Elias Gomes (PSDB-Jaboatão) e Flávio Gadelha (PMDB-Abreu e Lima). (JC, 14/10/2010)

Eleito senador por larga margem de votos, e tendo feito seu sucessor no Estado, Antonio Anastasia, Aécio comandou um encontro onde o engajamento pró-Serra e a farta distribuição de materiais de campanha deixavam evidente que a adrenalina era outra. (JC, 15/10/2010)

Coordenador da campanha de Serra na Região Metropolitana Sul, Betinho Gomes (PSDB), deputado estadual eleito, organizou atos de mobilização pró-Serra em Moreno, Cabo de Santo Agostinho e Jaboatão até o domingo. (JC, 21/10/2010)

Fato é que evangélicos e políticos preparavam um grande ato pró-Serra e seria realizado na casa de recepção Blue Angel, na Benfica, até o tucano adiar a viagem ao Estado. (JC, 22/10/2010)

Também na terça-feira, aliados do tucano em Caruaru, Agreste do Estado, programam uma carreata pró-Serra pelas principais ruas do município. (JC, 24/10/2010)

Em outra frente, 16 deputados do PSDB e de partidos que compõem a aliança farão corpo a corpo pró-Serra na Baixada Fluminense, no interior e na Zona Oeste (JC, 24/10/2010)

Na nova bancada, 15 apoiam Dilma e 9 são pró-Serra; candidatos disputam voto da ambientalista Marina Silva (FSP, 09/10/2010)

Duas canoas Autor da polêmica emenda que daria a Lula a chance de disputar o terceiro mandato, Carlos Willian (PTC-MG) participou anteontem do ato pró-Serra organizado por Aécio Neves em Belo Horizonte. (FSP, 16/10/2010)

PSDB distribui postais pró-Serra entre migrantes nordestinos (FSP, 16/10/2010)

Eleitor de Dilma, Edir Macedo, da Universal, se choca com Silas Malafaia, da Assembleia de Deus, pró-Serra (FSP, 22/10/2010)

Na noite de anteontem, Geraldo Alckmin discursava num evento pró-Serra em Rio Branco. (FSP, 23/10/2010)

Triste a agressão, porém mais triste foi a postura do presidente da República, que se despe da condição de chefe de Estado para virar líder de uma facção política", disse Aécio ontem, ao desembarcar em Teresina (PI) para participar de ato pró-Serra. (FSP, 23/10/2010)

Pedalandando Em reunião ontem à noite na ala residencial do Bandeirantes, o governador Alberto Goldman cobrou empenho pró-Serra na reta final, com agenda intensa no interior. (FSP, 26/10/2010)

A comitiva pró-Serra parte do Largo São Francisco, às 12h, rumo à praça da República. (FSP, 28/10/2010)

Campo minado Geraldo Alckmin encerra hoje seu périplo pró-Serra percorrendo Campinas, Guarulhos e São Bernardo, três maiores cidades de SP nas quais Dilma venceu no primeiro turno e que somam 2,1 milhões de eleitores. (FSP, 30/10/2010)

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso teve que abandonar o tumultuado ato pró-Serra depois de perder a sola dos dois sapatos. (FSP, 30/10/2010)

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, forçado a abandonar caminhada pró-Serra em São Paulo depois de perder a sola do sapato (FSP, 30/10/2010)

(105) pró-José Serra

Duas caminhadas pró-José Serra (PSDB) foram canceladas, ontem, no Recife por falta de material de campanha (santinhos, panfletos, e adesivos). (JC, 19/10/2010)

(106) pró-tucano

A campanha de Serra também será consultada sobre estruturar os comitês pró-tucano em Minas. (FSP, 06/10/2010)

(107) pró-Dilma

Aliados acertam 1º ato pró-Dilma no Recife (JC, 07/10/2010)

Em reunião com os senadores eleitos Humberto e Armando, e João Paulo e Jorge Perez, governador começa a traçar os eixos da campanha pró-Dilma no segundo turno. (JC, 08/10/2010)

Evangélicos pró-Dilma se reúnem (JC, 10/10/2010)

Agora, ele ressurge como militante, liderando um grupo de artistas e intelectuais pró-Dilma. (JC, 12/10/2010)

Estava prevista uma caminhada de Serra no Centro do Recife, porém, ontem, a juíza Ana Cláudia Brandão, responsável no TRE pela comissão de fiscalização à propaganda no Recife, decidiu que o PT tem a preferência para promover igual ato (caminhada pró-Dilma), pois protocolou o pedido primeiro. (JC, 19/10/2010)

Depois, ele faz caminhada pró-Dilma no Cabo de Santo Agostinho, às 17h, e comício em Ipojuca, às 19h. (JC, 21/10/2010)

Ato pró-Dilma fecha avenidas (JC, 22/10/2010)

Após o encontro com os evangélicos, Eduardo Campos e os senadores eleitos Armando Monteiro Neto(PTB) e Humberto Costa (PT) participaram de carreata pró-Dilma em Petrolina. (JC, 24/10/2010)

As previsões mais modestas dão em torno de 50 senadores para um eventual governo pró-Dilma. (FSP, 03/10/2010)

Desses, 15 são pró-Dilma e 9 são a favor de José Serra (PSDB). (FSP, 09/10/2010)

A maioria ruralista pró-Dilma acompanha a composição de forças de um eventual governo petista, com maioria absoluta formada pelos hoje aliados da candidata do PT. (FSP, 09/10/2010)

No entanto, ele disse que "o ato era pró-Dilma, e não algo anti-imprensa". (FSP, 09/10/2010)

Também participaram do ato pró-Dilma outros professores de direito da USP, como Alessandro Octaviani e Otávio Pinto e Silva, além de políticos petistas, como o deputado federal reeleito Paulo Teixeira (SP) e o senador Eduardo Suplicy (SP). (FSP, 09/10/2010)

Ligado à Igreja Católica, o deputado Alessandro Molon (PT) disse que já corre na internet um abaixo-assinado de religiosos pró-Dilma, entre eles d. Demétrio Valentini, bispo de Jales. (FSP, 14/10/2010)

Depoimentos de artistas pró-Dilma começaram a ser postados em sites de apoio à candidata. (FSP, 16/10/2010)

Em seu périplo mineiro pró-Dilma, Alexandre Padilha (Relações Institucionais) foi eclipsado por Walfrido dos Mares Guia (PTB). (FSP, 16/10/2010)

Abafa o caso A cúpula do PMDB fez de tudo para evitar que o ex-governador Newton Cardoso sentasse à mesa principal da entrevista coletiva que se seguiu à reunião do partido na sexta, em Belo Horizonte, na qual foram definidas providências pró-Dilma em Minas. (FSP, 17/10/2010)

Uso de e-mail para ato pró-Dilma será apurado (FSP, 17/10/2010)

Na real, os dois partidos não conseguiram nem mesmo fazer uma reunião para definir agenda pró-Dilma no segundo turno. (FSP, 18/10/2010)

BB e Petrobras custeiam revista da CUT pró-Dilma (FSP, 19/10/2010)

Gráfica de tucana já fez jornal pró-Dilma (FSP, 20/10/2010)

Ontem, o deputado federal José Eduardo Cardozo (PT-SP), disse que o pagamento dos panfletos segue "obscuro" e minimizou o fato de a gráfica ter feito material pró-Dilma. (FSP, 20/10/2010)

Anteontem, a Justiça Eleitoral suspendeu a circulação duma revista da CUT com conteúdo pró-Dilma. (FSP, 20/10/2010)

Queimada Em discurso no ato promovido ontem por ambientalistas pró-Dilma, o vice Michel Temer (PMDB) se descreveu como uma "alma incendiada". (FSP, 21/10/2010)

A onda religiosa multiplicou os comitês cristãos pró-Dilma. (FSP, 23/10/2010)

E-mails pró-Dilma circulam em estatais (FSP, 23/10/2010)

Enquanto a dos petistas daria conta de 14 pontos de diferença pró-Dilma, a dos tucanos mostraria apenas 3. (FSP, 26/10/2010)

Pelo menos outros oito Estados já comunicaram o adiamento da comemoração do Dia do Servidor, endossando a estratégia do feriadão pró-Dilma, que tem mais eleitores entre os mais pobres e menos entre os mais ricos -estes, em tese, os que mais viajam nos feriados. (FSP, 27/10/2010)

Terminado o evento pró-Dilma, o presidente, que foi novamente às lágrimas ao falar do final próximo do mandato, avisou sua equipe de segurança: "Vou descer". (FSP, 28/10/2010)

Não assinei manifestos pró-Dilma, embora reconheça os avanços do governo Lula. (FSP, 29/10/2010)

Mas o alcance da mensagem pró-Dilma é mais extenso. (FSP, 30/10/2010)

Ele também explorou o apoio do pastor Silas Malafaia e da escritora de livros infantis Ruth Rocha, que protestou nesta semana por ter sido incluída indevidamente num manifesto pró-Dilma. (FSP, 30/10/2010)

(108) pró-PT

Se o partido fechar apoio a Serra, diretórios pró-PT podem ser liberados a apoiar Dilma em Estados como Maranhão e Bahia. (FSP, 02/10/2010)

(109) pró-Sociedade Brasileira de Defesa de Tradição, Família e Propriedade

O panfleto pró-Sociedade Brasileira de Defesa de Tradição, Família e Propriedade (TFP) se referia ao Programa Nacional de Direitos Humanos, lançado ano passado pelo governo Lula. (JC, 08/10/2010)

(110) pró-aborto

Do outro lado, Serra alfinetou a adversária, dizendo que "não muda de opinião em véspera de eleição", numa referência aos esclarecimentos que a petista se viu obrigada a fazer para não aparecer com pecha de "pró-aborto". (JC, 10/10/2010)

Em 1998, quando era ministro da Saúde, José Serra foi acusado de atender a grupos pró-aborto por normatizar a realização do aborto nos casos previstos em lei (risco de vida para a grávida ou gravidez após estupro). (FSP, 05/10/2010)

Tendo com pano de fundo críticas ao Plano Nacional de Direitos Humanos (apontado como antirreligioso e pró-aborto) lideranças católicas e evangélicas comandaram pregação do voto anti-Dilma na internet e em homilias, cultos e ações sociais das igrejas em várias regiões metropolitanas, principalmente em comunidades carentes. (FSP, 05/10/2010)

Documento, que circulou em SP e MG, atribui posições pró-aborto ao PT (FSP, 13/10/2010)

O documento atribui posições pró-aborto ao PT, ao governo federal e, apesar de não citá-los nominalmente, ao presidente Lula e à presidenciável Dilma Rousseff. (FSP, 13/10/2010)

Ela afirma que o petista e adversário ao governo é comunista, ateu e pró-aborto. (FSP, 24/10/2010)

(111) pró-legalização

O secretário de Comunicação do PT defende ainda o isolamento da ala do partido pró-legalização. (FSP, 05/10/2010)

(112) pró-descriminalização do aborto

Um dos coordenadores da campanha de Dilma, José Eduardo Cardozo, reconhece que a resolução do PT, pró-descriminalização do aborto, não é unânime no partido e não é a posição de Dilma. (FSP, 05/10/2010)

(113) pró-Marina

EMIR SADER organizador do manifesto pró-Marina (FSP, 06/10/2010)

(114) pró-governo

Serra disse que evitou questionar Dilma quando pôde porque o tema (habitação) serviria para ela desfilar números pró-governo. (FSP, 01/10/2010)

É importante, mas não faz a rádio adotar uma postura pró-governo. (FSP, 09/10/2010)

O evento teve a participação de professores da USP e representantes de entidades de militância pró-governo, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), e reuniu cerca de 250 pessoas na Sala dos Estudantes da faculdade, segundo um dos organizadores. (FSP, 09/10/2010)

(115) pró-impugnação

Uma dia depois da sessão em que o Supremo, novamente dividido ao meio, só saiu do impasse acolhendo a decisão do TSE pró-impugnação da candidatura de Jader Barbalho com base na Lei da Ficha Limpa, ganhou força em Brasília a expectativa de que Lula não demore a indicar o 11º ministro do tribunal, podendo até fazê-lo já na próxima semana. (FSP, 29/10/2010)

RE- E RECÉM-

De origem latina, o prefixo *re-* pode adicionar às palavras-bases os sentidos de *repetição*, *movimento para trás*, *reciprocidade* ou *intensidade* (BECHARA, 2010, p.514) e, segundo Alves (2007, p.22), é muito constante na produção lexical brasileira. Forma substantivos, verbos e adjetivos. Em nossa pesquisa, dez neologismos foram formados por este elemento prefixal. O Houaiss (2009) indica ainda um sentido que acreditamos estar presente em nosso material, o de *retrocesso*, *retorno*, *recuo*. Em (121) *reestatizar* e (122) *reestatização*, o sentido de retorno parece ser claro. O sentido de reforço parece estar presente nas formações (119) *reaglutinar* e (125) *reaparelhamento*. Os demais mantêm o sentido mais comum do prefixo, a repetição.

Além dos sentidos expostos, é importante frisar que, assim como no uso do prefixo *des-*, parece ser característica do discurso político a tentativa de revisar posições com o intuito de fazer melhor algo que já foi feito antes. Essa parece ser uma estratégia linguístico-discursiva comum da linguagem política, pois os candidatos e as organizações partidárias desejam sempre melhorar a sua imagem diante da opinião pública para adquirir mais

popularidade.

Mais uma vez o uso das redes sociais como ferramenta de difusão da informação no período eleitoral gera novas palavras. As (118) *retweetadas* significam o repasse de publicações a partir de um recurso tecnológico da rede social *Twitter*. A palavra estrangeira começa a adquirir morfemas da língua, demonstrando a fase inicial de adaptação morfológica.

(116) rearrumação

Maciel define o episódio como uma “rearrumação institucional” e o episódio lhe custa até hoje a cobrança de ter apoiado o regime e o ato institucional. (JC, 04/10/2010)

(117) reconfiguração

Uma reconfiguração de discursos se anuncia. (FSP, 01/11/2010)

(118) retweetada

Ele explicou que elas ficariam definitivamente na página de Falcão e que poderiam ser “retweetadas” por seus seguidores de forma indeterminada. (FSP, 30/10/2010)

(119) reaglutinar

Ontem, o presidente do PT, José Eduardo Dutra, reuniu-se com deputados e prefeitos do partido, em Belo Horizonte (MG), para tentar reaglutinar a tropa. (JC, 15/10/2010)

A realização do segundo turno espantou o fantasma de uma derrota acachapante da oposição, que reagiu, se reaglutinou e saiu da eleição sem a Presidência, mas governando dez Estados, que reúnem mais de 50% da população. (FSP, 01/11/2010)

(120) reestimativa

A reestimativa do custo total da campanha de Dilma já foi feita formalmente ao Tribunal Superior Eleitoral. (JC, 20/10/2010)

(121) reestatizar

Em seguida, o tucano disse que irá “fortalecer e reestatizar” os Correios, a Petrobras, o Banco do Brasil, a Caixa e o BNDES. (FSP, 11/10/2010)

(122) reestatização

Para o Brasil, fala Guerra, pode-se esperar a “reestatização” do Estado brasileiro. (JC, 31/10/2010)

(123) reestreia

Encomendada pela Folha e pela Rede Globo, a pesquisa não mede ainda o impacto completo da reestreia dos programas eleitorais de Dilma e Serra, exibidos à tarde e à noite daquele dia. (FSP, 10/10/2010)

(124) reeleitoral

Coordenador da campanha reeleitoral do irmão Cid ao governo do Ceará, Ciro Gomes (PSB) era puro entusiasmo na festa da vitória, em Fortaleza. (FSP, 11/10/2010)

(125) reaparelhamento

Entre os programas de reaparelhamento que facilitariam esse "desdobramento" de forças, ele citou o avião de transporte KC-390, projeto da Embraer; a compra de novos helicópteros de transporte; e o desenvolvimento um novo veículo 6x6, chamado VBTP-MR Guarani (Viatura Blindada Transporte de Pessoal Média sobre Rodas), para substituir dois veículos produzidos pela antiga Engesa, os hoje obsoletos EE-11 Urutu e o EE-9 Cascavel. (FSP, 07/10/2010)

O prefixo *recém-*, derivado do latim *recens, recentis*, adiciona o valor semântico de *recente* às palavras prefixadas e sempre se antepõem acompanhados por hífen. Uniu-se a formas verbais no particípio, formando substantivos e adjetivos. Os (126) *recém-eleitos* foram bastante utilizados nos jornais de nossa pesquisa.

(126) recém-eleito

Deputados evangélicos recém-eleitos no Estado com grande votação podem não apoiar a candidatura de Dilma Rousseff (PT) em razão da polêmica envolvendo a legalização do aborto. (JC, 07/10/2010)

Já o senador eleito Humberto Costa (PT) e os vereadores Jairo Britto (PHS) e Francismar Pontes (PTB) – este último recém-eleito deputado estadual – viajaram São Paulo para acompanhar a cirurgia. (JC, 11/10/2010)

Hoje haverá novo encontro da direção da sigla com prefeitos e parlamentares recém-eleitos. (FSP, 05/10/2010)

Antes de Dilma falar, o pastor Marco Feliciano, recém-eleito deputado federal do PSC, defendeu a petista. (FSP, 09/10/2010)

Pouco ouvidos no primeiro turno, aliados regionais criticaram o que classificaram de despolitização da campanha na TV. O ajuste já começou a ser feito na sexta-feira, quando vários recém-eleitos apareceram pedindo voto para a candidata. (FSP, 10/10/2010)

Decidido a se candidatar à sucessão de Michel Temer, Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN) espera contar com a ajuda do amigo Aécio Neves (PSDB-MG), recém-eleito senador, para angariar apoio entre os deputados tucanos. (FSP, 10/10/2010)

DO PETISTA LINDBERG FARIAS, recém-eleito senador pelo Rio de Janeiro, relatando dificuldades para trabalhar por Dilma Rousseff neste segundo turno. (FSP, 10/10/2010)

O Partido Trabalhista Cristão do recém-eleito Agaciel Maia é o mesmo PRN sob o qual Collor se elegeu em 1989 (FSP, 16/10/2010)

Sentado atrás do ex-ministro Antonio Palocci, o recém-eleito deputado Protógenes Queiroz (PC do B) passou para o coordenador da campanha de Dilma documentos sobre privatizações. (FSP, 18/10/2010)

"Vou ajudar, de forma benéfica, a campanha e o Brasil", afirma o recém-eleito, sobre as informações que pretende tornar públicas por meio da candidata petista. (FSP, 19/10/2010)

Em bloco Numa linha direta com Alckmin (SP) e Beto Richa (PR) desde o final do primeiro turno, o governador Antonio Anastasia (MG) é entusiasta de uma frente de oposição que, em ambiente de

"respeito institucional" com a recém-eleita presidente, ofereça "propostas alternativas" ao país. (FSP, 01/11/2010)

Não quer errar nos primeiros meses e acha importante aproveitar ao máximo o capital político de presidente recém-eleito. (FSP, 03/10/2010)

(127) recém-escalado

Recém-escalado pela campanha tucana para socorrer a arrecadação de Serra, o ex-deputado Márcio Fortes (PSDB-RJ) assistiu a todo o debate de pé. (FSP, 18/10/2010)

(128) recém-derrotado

Pela distribuição, tucanos recém-derrotados na urna serão incorporados à campanha. (FSP, 07/10/2010)

TASSO JEREISSATI (PSDB-CE) senador recém-derrotado nas eleições (FSP, 07/10/2010)

(129) recém-licenciado

O acerto, segundo ele, foi feito com o ministro Alexandre Padilha (Relações Institucionais), recém-licenciado para atuar na campanha de Dilma Rousseff (PT). (FSP, 08/10/2010)

SEMI- E SUB-

Semi- foi adicionado a apenas uma base adjetiva em nossa pesquisa, com o sentido de quase: (130) *semiabandonado*.

Sub-, o prefixo do subdesenvolvimento na pesquisa de Carvalho (1983), pode trazer aos neologismos os significados de inferioridade, abaixo em algum cargo ou função ou ação pouco intensa (BECHARA, 2010, p.515). Adicionou-se somente a bases substantivas, com o significado preponderante ação pouco intensa ou em menor grau.

(130) semiabandonado

Hoje o local está semiabandonado. (FSP, 31/10/2010)

(131) submanchete

O site do "El País" foi provavelmente o primeiro a apostar, no mundo, que "A herdeira de Lula vence, mas não consegue evitar segundo turno", em submanchete às 19h. (FSP, 04/10/2010)

Na submanchete do iG, "Papa Bento 16 entra na eleição", com a informação de que a fala "é resultado da articulação do arcebispo de Aparecida, d. Raymundo Damasceno Assis", que foi até o Vaticano. (FSP, 29/10/2010)

(132) subfração

Isso não significa, disse, que esse processo se dê sem disputas entre "frações e subfrações" dentro do poder. (FSP, 29/10/2010)

(133) suboclusão

O vice-presidente da República, José Alencar, permanece internado no Hospital Sírio-Libanês, em São

Paulo, para tratamento de suboclusão intestinal. (JC, 30/10/2010)

TRANS-

Apenas um neologismo se formou com o prefixo de origem latina *trans-*, que adicionou-lhe o sentido *através de, além de*. Neste caso, houve uma neologia denominativa (134) *Transnordestina*, pois a nova palavra foi criada para nomear um novo elemento criado na sociedade, uma ferrovia que está sendo construída para ligar as cidades de Pecém (CE) e Suape (PE) ao cerrado do Piauí, no município de Eliseu Martins. A ferrovia atravessará o Nordeste para facilitar atividades agrícolas e minerais.

(134) Transnordestina

A região mereceu citações especiais, principalmente quanto à continuidade de obras como a Ferrovia Transnordestina e a transposição das águas do Rio São Francisco. (JC, 26/10/2010)

Diferente do primeiro turno, quando muitos dos profissionais de outras cidades e Estados que estão trabalhando nas obras federais em Salgueiro deixaram de votar por estarem fora dos domicílios eleitorais, para domingo os cerca de quatro mil trabalhadores da Transnordestina e da Transposição vão poder viajar com tranquilidade. (JC, 28/10/2010)

Na área de ferrovias, entre as promessas do tucano estão, por exemplo, a conclusão da ferrovia Norte-Sul, a expansão da Ferronorte e a aceleração da ferrovia Transnordestina. (FSP, 18/10/2010)

GRÃO-

Apócope de grande, o prefixo *grão-* funciona anteposto a bases substantivas e adjetivas. No início do seu uso na língua, desde o século XIV, era usado anteposto a nomes no singular e no plural sem alteração morfológica. Segundo o Houaiss (2009), a partir do século XVIII, se generaliza a flexão: *grã-cruz/grãs-cruzes, grão-mestre/grãos-mestres*. Em nossa pesquisa, o prefixo adicionou-se a duas bases derivadas de siglas de natureza adjetiva: (135) *grão-petista* e (136) *grãos-tucanos*. Não se flexionou junto à base adjetiva plural (136) *grão-tucanos*.

(135) grão-petista

Chamado a explicar o fenômeno, um grão-petista lembra que, na reta final do primeiro turno, o trio ensaiou leves gestos de independência em relação a Lula. (FSP, 24/10/2010)

(136) grão-tucano

Nas horas seguintes à confirmação da derrota de Serra, o discurso de grão-tucanos era no sentido de evitar um racha no partido. (FSP, 01/11/2010)

5.1.1.2 Derivação sufixal

A derivação sufixal caracteriza-se pela adição de sufixos, partículas dependentes pospostas às palavras-bases, que alteram com frequência a classe gramatical da palavra a que se adicionam.

Na língua portuguesa, existem sufixos de várias procedências, sendo os de origem grega e latina, em sua maior parte, formadores de palavras eruditas. Bechara (2010, p.518) afirma que os sufixos revestem-se normalmente de múltiplas acepções, sendo necessário um conhecimento completo do idioma para que se utilize deles com exatidão. Sandmann (1991, p.60) acrescenta que a sufixação com a formação de substantivos é o processo mais produtivo de formação de palavras no português. Carvalho (1983) também atenta-nos para o fato de a sufixação ser muito produtiva na língua portuguesa, acontecendo muitas vezes de dois ou mais sufixos adicionarem-se à mesma base para realizar a mesma operação morfossemântica, formando variantes (*marinista, marineiro*).

Nossa pesquisa revelou a produtividade sufixal na linguagem da política através de 29 diferentes sufixos, os quais podemos observar em ordem alfabética na lista abaixo:

-aço	-dor	-ista
-ado (a)	-eiro (a)	-ivo (a)
-agem	-ência	-ização
-al	-eta	-izar
-ão	-ete	-mente
-ar	-gate	-mento
-ata	-iano	-nte
-ato	-ice	-ório (a)
-ção	-inha	-vel
-dade	-ismo	

Tabela 2- Sufixos encontrados na pesquisa

O número de palavras formadas com cada um dos sufixos variou em produtividade e em incidência no *corpus* estudado. Os gráficos abaixo indicam em número e em porcentagem, respectivamente, os neologismos criados através da sufixação:

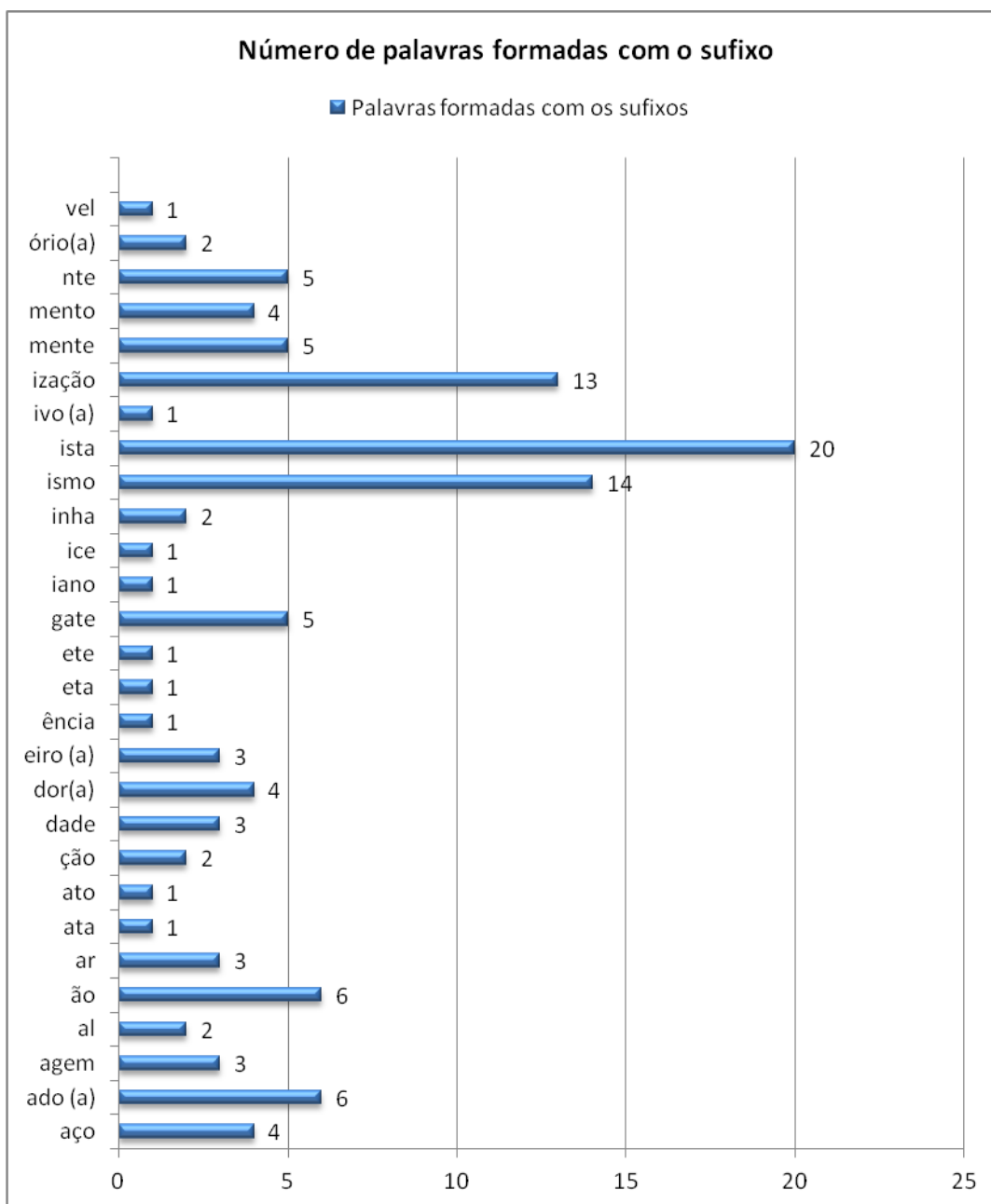


Gráfico 3 - Palavras formadas com os sufixos

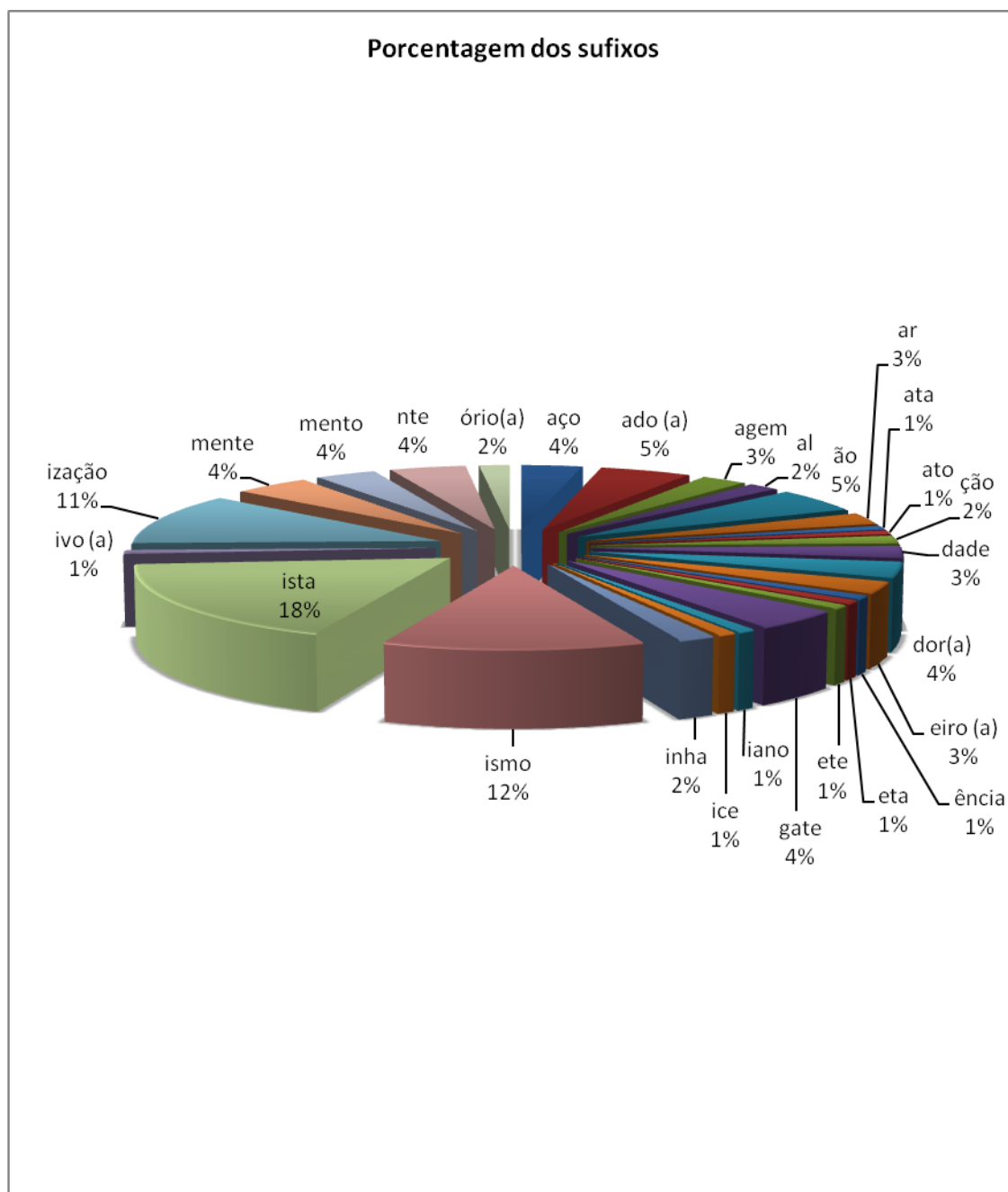


Gráfico 4 - Porcentagem das palavras formadas com os sufixos

Observando os *gráficos 3 e 4*, constatamos a massiva predominância de itens neológicos formados com os sufixos *-ista* (17%), *-ismo* (12%), formadores de substantivos e adjetivos, e *-ização* (11%), formador de substantivos. Contabilizados isoladamente, os demais sufixos não chegam a mais de 5% do *corpus*.

-AÇO

O sufixo *-aço* acrescenta o valor aumentativo à palavra e deriva substantivos, frequentemente marcados pelo exagero. Na linguagem da política, o sufixo não adiciona à palavra apenas o significado aumentativo, mas agrega a ela a ideia de manifestação pública em torno de alguma causa ou evento. Acreditamos que isso tenha origem na palavra *panelaço* (“manifestação popular coletiva de protesto que consiste em fazer grande ruído percutindo esp. utensílios metálicos numa hora determinada”, segundo Houaiss, 2009). A partir de então, várias palavras, cujas bases identificam o meio pelo qual se fará a manifestação, formaram-se através do sufixo *-aço* com o mesmo significado da primeira: (137) *buzinaço*, (138) *bandeiraço*, (139) *adesivaço* e (140) *panfletaço*. Aqui ocorre, além de renovação, a inovação lexical, pois trata-se de uma nova acepção a um elemento estrutural (*-aço*). A respeito desse fenômeno com o sufixo, Sandmann (1991, p.60) questiona: seria um caso de homônimas para o sufixo *-aço*, em que seriam necessária mais de uma entrada para cada uma das acepções ou seria um caso de polissemia, em que mais um sentido deveria ser atribuído ao sufixo? O estudioso privilegia a segunda opção pelo princípio da economia de entradas lexicográficas.

(137) buzinaço

O candidato a deputado federal e ex-governador de Pernambuco Mendonça Filho (DEM) foi obrigado a prestar esclarecimento no Tribunal Regional Eleitoral de Pernambuco (TRE-PE), ontem no início da tarde, após ser acusado de fazer carreata com buzinaço e bandeiras no Bairro do Ibura, Zona Oeste do Recife, o que configura crime eleitoral. (JC, 04/10/2010)

“Eu não distribui propaganda, não havia buzinaço nem carro de som para caracterizar uma carreata”, disse ele. (JC, 04/10/2010)

(138) bandeiraços

Os integrantes do comitê da juventude, formado pelos jovens das legendas ligadas à coligação que reelegeu Eduardo Campos, devem realizar bandeiraços e adesivaços nas principais avenidas do Grande Recife. (JC, 07/10/2010)

Quando chegou ao local da festa, Serra foi vaiado por cerca de cem militantes petistas que, segundo a Guarda Municipal, faziam um bandeiraço em frente à catedral (JC, 17/10/2010)

No próximo dia 27, o presidente Lula completará 65 anos e o comando de campanha da petista organiza vários eventos para impulsionar a candidatura de Dilma, como bandeiraços e adesivaços (JC, 24/10/2010)

Para essa data a campanha da petista organiza o “Dia nacional de mobilização para conseguir a vitória de Dilma”, com um bandeiraço e adesivaço em todo país. (JC, 24/10/2010)

“Vai ser uma grande demonstração de mobilização da militância, vai ser um grande bandeiraço do Oiapoque ao Chuí, o dia inteiro, no Brasil inteiro, com panfletagem em fábricas, metrô, adesivagem de carros. (JC, 24/10/2010)

(139) adesivação

Os integrantes do comitê da juventude, formado pelos jovens das legendas ligadas à coligação que reelegeu Eduardo Campos, devem realizar bandeiraços e adesivações nas principais avenidas do Grande Recife. (JC, 07/10/2010)

Após a entrevista, ele seguiu para um adesivação em frente ao comitê de Serra, na Avenida Agamenon Magalhães, e foi surpreendido com gritos de “traidor”, “paulista” e “volte para São Paulo”, desferidos por militantes do PT, que disputavam espaço com a militância serrista. (JC, 21/10/2010)

Amanhã, a militância da Frente promove adesivações nas principais avenidas da Região Metropolitana do Recife. (JC, 24/10/2010)

Para que a campanha da Frente Popular não terminasse sem nenhuma atividade, no final da tarde, os candidatos ao Senado da coligação, Humberto Costa (PT) e Armando Monteiro (PTB), promoveram um adesivação na Avenida Agamenon Magalhães, em frente ao Clube Português. (JC, 05/10/2010)

(140) panfletação

Amanhã, deputados da oposição se revezam em adesivação e panfletação em frente ao comitê de José Serra, na Avenida Agamenon Magalhães, sempre às 16h, e caminhadas à noite, a partir das 19h. (JC, 24/10/2010)

-ADO (A)

Desinência do participio passado do latim⁷⁶, o sufixo *-ado(a)*, segundo o Houaiss (2009), pode ocorrer em palavras substantivas, adjetivas e em nomes, associado ao sentido geral de conexão, como sufixo coletivo, (142) *petralhada* e (144) *peñozada*, como sufixo formador de adjetivos a partir de substantivos com a acepção de ‘provido de’, ‘que possui’, (141) *consensuada* e (143) *sonado*. O neologismo (142) *petralhada* foi formado a partir de uma base adjetiva, oriunda de derivação acronímica (petista). O sufixo *-ada* não apenas adicionou à nova palavra o sentido coletivo, mas também trouxe a ela um tom depreciativo, assim como ocorreu em (142) *peñozada* e em (143) *companheirada*, esta última formada a partir de uma neologia semântica da palavra *companheiro*, referido aos adeptos do Partido dos Trabalhadores.

(141) consensuada

“Não vai ser uma decisão unânime, e sim consensuada. (JC, 14/10/2010)

⁷⁶ “Ocorre em palavras adjetivas, substantivas e em nomes (adjetivos/substantivos), devendo-se ter em conta que é a desinência do participio passado da 1ª conjugação, do latim *-ātu-*, *-áta-* > *-ado*, *-ada* (padrão *amātu-*, *amáta-* > *amado*, *amada*)”, segundo o Dicionário de elementos mórficos do Houaiss (2009).

(142) petralhada

Serra rechaçou, também, a versão de que é um “antinordestino”, e utilizou termos como “a petralhada” para atribuir aos petistas a difusão – segundo definiu – de mentiras. (JC, 28/10/2010)

(143) sonado

A imagem da simpática orquestra que abriu o encontro mal tinha sumido do telão quando o espinhoso tema “aborto” chegou quase como um cartão de boas-vindas de José Serra (PSDB) e Dilma Rousseff (PT), acordando o telespectador sonado de fim do domingo, que logo se viu diante de trocas de gentilezas como “candidata duas caras”. (FSP, 11/10/2010)

(144) peñozada

Isso é o bastante para ouriçar a peñozada - o universo do sindicalismo em torno do qual Lula construiu sua relação afetiva com o município. (FSP, 31/10/2010)

O bar do Zelão, perto do sindicato, naquele tempo um “pé-sujo” em que a peñozada ia beber, ganhou filial maior e mais sofisticada. (FSP, 31/10/2010)

(145) companheirada

“Ele desce na Rolls-Royce [fábrica em cujo heliponto Lula costuma desembarcar], e a companheirada vai recepcioná-lo na [via] Anchieta. (FSP, 31/10/2010)

-AGEM

O sufixo *-agem* origina nomes derivados de verbos, segundo Bechara (2010, p.518), embora na pesquisa de Alves (2007, p.32) observemos o substantivo *pistolagem*, derivado de outro substantivo *pistola*. Nesses casos, autora afirma que ele denota “modo de ação” (ALVES, 2007, p.33). Carvalho (1983, p.86) acrescenta que o sufixo entrou para o português a princípio diretamente do latim e depois do francês (*-age: découp-age*).

Em nossa pesquisa, formaram-se três neologismos com este sufixo. No primeiro, (146) *arapongagem*, notamos o valor pejorativo. Os outros dois (146) *adesivagem* e (148) *marquetagem* mantêm ligação com o valor semântico indicado por Alves (2007), como modo de ação.

(146) arapongagem

Os investigadores da PF garantem que Amaury Ribeiro Jr. disse que estava levantando as informações contra José Serra porque havia indícios de que um grupo de arapongagem ligado ao ex-governador de São Paulo estaria investigando Aécio Neves, à época cotado para ser o candidato tucano à Presidência. (JC, 22/10/2010)

(147) adesivagem

“Vai ser uma grande demonstração de mobilização da militância, vai ser um grande bandeiraço do Oiapoque ao Chuí, o dia inteiro, no Brasil inteiro, com panfletagem em fábricas, metrô, adesivagem de carros. (JC, 24/10/2010)

(148) marquetagem

Objetos da marquetagem (FSP, 05/10/2010)

A lógica adotada pelos dois foi a mesma: a cooptação de eleitores pelas simplórias, mas nem por isso ineficientes, técnicas de marquetagem. (FSP, 05/10/2010)

Ocorre que, entre programas de governo e marquetagem eleitoral, nada há em comum. (FSP, 05/10/2010)

O propósito desse gênero de marquetagem é "vender o produto" aos eleitores, ou mercado eleitoral, independentemente de suas qualidades e defeitos, passado e intenções, conceito e conceitos. (FSP, 05/10/2010)

A marquetagem eleitoral trabalha aparências. (FSP, 05/10/2010)

A condição única para a marquetagem eleitoral é o tamanho do cofre à sua disposição e a de seu próprio cofre. (FSP, 05/10/2010)

Tal como Serra, estava mal no papel que a marquetagem lhe impôs. (FSP, 12/10/2010)

Depoimentos com esse teor são colhidos por qualquer um que se sente para mediar os chamados grupos de discussão, bússola da marquetagem. (FSP, 21/10/2010)

O diagnóstico não admite ressalvas, tão longe a marquetagem levou seu domínio sobre os candidatos e sobre o próprio processo eleitoral: os dois disputantes da Presidência da República nem programa, por fictício que fosse, apresentaram ao eleitorado. (FSP, 31/10/2010)

-AL

O sufixo *-al* é um dos principais formadores de adjetivo, mas formou somente dois neologismos em nosso material (149) *admissional* e (150) *adversarial*.

(149) admissional

Segundo o MPF, além de Barreto não registrar os canavieiros, desobrigando-se das obrigações decorrentes da relação de emprego (horas-extras, 13º salário, férias), seus funcionários trabalhavam sem equipamentos de proteção individual, não eram submetidos a exame admissional, nem recebiam ferramentas para o trabalho, entre outras irregularidades apontadas. (JC, 29/10/2010)

(150) adversarial

"Valorizo muito a ideia de uma prática distinta da adversarial". (FSP, 20/10/2010)

-ÃO

O sufixo aumentativo *-ão* é colocado por Bechara (2010, p. 522) como um dos principais formadores de nomes aumentativos tomados pejorativamente ou afetivamente.

Forma nomes substantivos e adjetivos do tipo nominal e verbal (Alves, 2007, p.37).

A palavra mais recorrente em nossa pesquisa formada pelo sufixo *-ão* foi o (151) *mensalão*, como já dissemos, advinda do escândalo das propinas parlamentares. A palavra vem sendo usada desde 2006 e teve bastante frequência em nosso *corpus*, o que ilustra sua grande difusão na linguagem da política, desde sua criação. Com ela, confirma-se o valor pejorativo do sufixo, assim como em (152) *Taradão*. Mas nas formações (154) *caveirão*, (155) *tatuzão* e (156) *conselhão* não ocorre o sentido depreciativo necessariamente. Na primeira (154), o sufixo denota grandeza e força, na segunda (155), denota tamanho grande de uma ferramenta, uma escavadeira que tem a função de cavar o chão, analogamente ao que faz o animal tatu. Na terceira (156), denota importância, grandeza.

(151) mensalão

“Não use sua régua para medir os outros, porque se eu usar a minha régua, direi que você e Dilma têm muito em comum, inclusive quando fizeram parte do governo do mensalão, por exemplo”, acrescentou o tucano. (JC, 01/10/2010)

Você ficou no PT até há pouco, você estava no governo do mensalão, não saiu, você ficou lá como ela. (FSP, 01/10/2010)

Por meio de notas fiscais frias, 30% deste valor era "lavado" e, segundo as investigações, revertido aos vereadores da cúpula -responsáveis, segundo o Ministério Público, pela distribuição do suposto "mensalão". (FSP, 02/10/2010)

Com 255 mil votos, o deputado federal mais votado do PT de São Paulo foi João Paulo Cunha, réu do processo do mensalão. (FSP, 06/10/2010)

Foram eleitores que usufruíram o direito de ficar longe de argumentos extremados como os do mensalão petista e da privatária tucana. (FSP, 06/10/2010)

A vereadora disse não ver "mérito" no fato e afirmou que nunca soube da existência de um mensalão na Casa. (FSP, 08/10/2010)

O caso Erenice trouxe de volta o caso do mensalão? (FSP, 09/10/2010)

À medida que a ação penal do mensalão entra na reta final no Supremo Tribunal Federal, aumentam as pressões de réus para retardar o desfecho do caso e tentar substituir o relator do processo, ministro Joaquim Barbosa. (FSP, 24/10/2010)

"Não se pode permitir que chicanas e a proliferação de pedidos inconsistentes e infundados se tornem rotina", afirmou Barbosa, em abril, quando o STF rejeitou 13 pedidos de um dos principais réus do mensalão, o ex-deputado Roberto Jefferson. (FSP, 24/10/2010)

O advogado Luiz Francisco Corrêa Barbosa, que defende o ex-deputado Roberto Jefferson, diz que o ministro Joaquim Barbosa, relator do mensalão, induz os outros ministros ao erro e "oculta" os recursos de seu cliente dos outros julgadores do STF e das demais partes. (FSP, 24/10/2010)

Filiada ao PT de Osasco (Grande SP) desde 1981, Analice, 47, é irmã de Silvio Pereira, ex-secretário-geral nacional do partido, implicado em 2005 no escândalo do mensalão. (FSP, 25/10/2010)

Em sucessivos ataques, Serra lembrou que a petista foi testemunha de defesa do ex-ministro José Dirceu no escândalo do mensalão. (FSP, 26/10/2010)

Quando obteve o domínio absoluto do PT, após a crise do mensalão, finalmente pode fazer o que sempre desejou, sem ter de prestar contas às instâncias partidárias. (FSP, 27/10/2010)

A justificativa da juíza foi a de que a denúncia da Procuradoria aponta fatos ligados a outra investigação aberta anteriormente na 2ª Vara, relativa ao caso do mensalão. (FSP, 28/10/2010)

Para o órgão, é secundária a ligação entre os crimes apontados na denúncia e o procedimento sobre o mensalão em trâmite na 2ª Vara, além de os fatos e as pessoas investigadas nos processos serem diversos. (FSP, 28/10/2010)

Agradeço a cada um de vocês pelo carinho, pelas críticas, pelo reconhecimento, e quando foram duros comigo e disseram que eu não estava certo", discursou, em referência ao escândalo do mensalão, em 2005. (FSP, 28/10/2010)

A decisão, tomada no julgamento do deputado federal Natan Donadon (PMDB-RO), que renunciou ao cargo anteontem, representa uma mudança na jurisprudência e terá impacto em diversos casos, como o do mensalão. (FSP, 29/10/2010)

Nos bastidores, ministros temiam que ocorresse o mesmo com o processo do mensalão. (FSP, 29/10/2010)

Pelo entendimento anterior, o processo do mensalão iria para a primeira instância e muitos dos crimes investigados prescreveriam -passaria do tempo legal em que poderiam ser julgados. (FSP, 29/10/2010)

E Serra falou, não do "mensalão", mas dos "alopradados", quando uma mala de dinheiro foi capturada com petistas contra a campanha de tucanos em 2006. (FSP, 30/10/2010)

O tucano passou a vincular a petista a José Dirceu e ao mensalão (FSP, 30/10/2010)

Meses depois do escândalo do mensalão, Lula disse-lhe: "Algum dia o Zé (Dirceu) vai ter que explicar para a sociedade brasileira tudo o que fez". (FSP, 31/10/2010)

(152) Taradão

Em 30 de abril deste ano, o fazendeiro Regivaldo Pereira Galvão, o Taradão, foi condenado em Belém a 30 anos de prisão por homicídio duplamente qualificado. (FSP, 04/10/2010)

Taradão foi o último dos réus do processo a passar pelo júri - os outros quatro já haviam sido condenados. (FSP, 04/10/2010)

Segundo o Ministério Público, Taradão negociou junto a Vitalmiro Bastos de Moura, o Bida, e ao intermediário a contratação de dois homens para matar Dorothy Stang. (FSP, 04/10/2010)

(153) distritão

Que tal o distritão? (FSP, 13/10/2010)

(154) caveirão

Não é à toa que precisa do caveirão [veículo blindado] para subir o morro", explica o sociólogo Arthur Trindade Costa, do Núcleo de Estudos sobre Violência e Segurança da UnB (Universidade de Brasília). (FSP, 27/10/2010)

(155) tatuzão

Serra atribuiu a denúncia ao período eleitoral e disse que "não precisa ser muito adivinhão" para saber que apenas duas empresas possuem o "tatuzão", equipamento de perfuração utilizado na obra em São Paulo. (FSP, 28/10/2010)

(156) conselho

Já estiveram à frente da empresa, por exemplo, o deputado estadual eleito Luiz Cláudio Marcolino (PT), aliado do deputado federal Ricardo Berzoini (PT), e o vice-presidente da CUT, José Lopez Feijóo, membro do "Conselho" do governo federal. (FSP, 19/10/2010)

-ATO (A)

O sufixo *-ato(a)* forma palavras substantivas. Em 1989, Sandmann (1991) registrou a ocorrência de *carreata*, naquele momento, neologismo formado a partir da palavra *passeata*. O acréscimo do sufixo *-ata* adicionava à base o sentido de “curso ou demonstração, em geral de política, em carros”⁷⁷. Talvez naquela ocasião histórica fosse uma novidade acontecerem carreatas devido à popularização do veículo motor. Em nosso *corpus*, encontramos as (157) *bicicleatas*, curso público em bicicletas, como reflexo de uma sociedade que vem tentando inserir hábitos ecologicamente corretos em seu cotidiano.

Também observamos o uso de *-ato* com o significado de conjunto de *dignidades, investiduras, funções, profissões, encargos (estáveis, provisórios, vitalícios, circunstanciais)* (HOUAISS, 2009), em (158) *tucanato*.

(157) bicicleatas

Focado no assunto sustentabilidade econômica e meio ambiente, ele fez caminhadas ecológicas, bicicleatas e se reuniu com comunidades de pescadores para discutir desenvolvimento sustentável. (JC, 03/10/2010)

(158) tucanato

Parece mais uma briga instalada dentro do tucanato que quiseram colocar no nosso colo”, disse Dutra. (JC, 21/10/2010)

Para sorte do tucanato, até o deputado Virgílio Guimarães (PT-MG), que coordena a campanha de Dilma no Estado, admite estar ultrapassada a premissa de que a eleição do futuro presidente

⁷⁷ O Houaiss (2009) registra a palavra como regionalismo do Brasil e data seu aparecimento em 1985.

dependeria de Minas. (JC, 29/10/2010)

Se Ruth Cardoso estivesse viva, a charanga do tucanato não teria tomado o caminho da baixaria que atribuiu a Dilma Rousseff a defesa da legalização do aborto. (FSP, 03/10/2010)

Peixe fora d'água na grande imprensa, criou o semanário "Opinião", desentendeu-se com a semente do que viria a ser o tucanato e fundou o "Movimento". (FSP, 03/10/2010)

O tucanato vai pedir que a propaganda exalte as qualidades do PSDB, de maneira que se resgate a imagem do partido. (FSP, 03/10/2010)

A infantaria do tucanato emburrece o debate, rebaixa a campanha e ofende a biografia dos beneficiários

Desta vez, reapareceu com o mesmo formato oportunista, trazida pela infantaria do tucanato. (FSP, 10/10/2010)

Serra nunca tocou no assunto, mas há uma forte corrente no tucanato que simpatiza com a ideia. (FSP, 13/10/2010)

Ele acha que hoje não há "golpismo", mas uma "articulação do tucanato" com esses setores para "golpear a opinião pública, criando preconceitos. (FSP, 14/10/2010)

Além das investidas no PMDB -como o encontro com o ex-prefeito de Porto Alegre José Fogaça-, o PR está na mira do tucanato. (FSP, 15/10/2010)

Desde o início do mês o dólar está abaixo do valor real que tinha em 1998, durante delírio do tucanato (FSP, 17/10/2010)

A estratégia, no entanto, parece não preocupar o tucanato. (FSP, 19/10/2010)

O evento de premiação de Paulo Preto como "Engenheiro do Ano" dissipa qualquer dúvida sobre seu trânsito no tucanato (FSP, 20/10/2010)

E o tucanato fingiu-se de morto. (FSP, 20/10/2010)

De cada dez sábios do tucanato envolvidos na queima de patrimônio da Viúva durante o tucanato, nove ficaram calados diante da satanização da privatária pelo PT. (FSP, 24/10/2010)

Nas contas do tucanato, só Minas pode neutralizar os votos do Nordeste, região que deu à Dilma no último Datafolha uma liderança com 65% dos votos, contra 28% dados a José Serra. (FSP, 25/10/2010)

Ratifica, indiretamente, o mantra dilmista de que o tucanato quer privatizar o pré-sal ao defender a manutenção do modelo atual. (FSP, 27/10/2010)

Mas Serra deu sinais, ontem, de que pretende manter no tucanato paulista o controle do partido. (FSP, 01/11/2010)

-VEL

O sufixo *–vel* indica a *possibilidade de uma ação*. Forma substantivos e adjetivos a partir de bases verbais (ALVES, 2007, p.33).

Em nosso *corpus*, apenas um adjetivo formou-se com o sufixo.

(159) implantável

O país está testando (em bezerros) o primeiro coração artificial implantável nacional. (FSP, 08/10/2010)

-ÇÃO E -MENTO

O sufixo *–ção* forma substantivos a partir de bases verbais. Segundo Basilio (2009), as formações de substantivos com base verbal através da adição do sufixo *–ção* contabilizam cerca de 60% das formações regulares, enquanto *–mento*, que tem a mesma função, é responsável por cerca de 20% do tipo de formação. Apesar disso, em nosso material, apenas dois neologismos (2%) formaram-se com o sufixo *–ção* (160) *remediação* e (161) *enrolação*, enquanto o sufixo *–mento* rendeu o dobro (4%) das produções: (162) *capotamento*, (163) *distensionamento*, (164) *escamoteamento* e (165) *escanteamento*.

(160) remediação

"Somos o maior operador, com mais experiência e com maior quantidade de sistema operando em águas profundas do mundo e temos a maior rede de contenção e de remediação" (FSP, 18/10/2010)

(161) enrolação

"É uma enrolação dizer que nós privatizamos a Petrobras". (JC, 29/10/2010)

(162) capotamento

Em fevereiro de 2008, fiscais do MPT interditaram o local após dois trabalhadores morrerem vitimados pelo capotamento de um caminhão que os transportavam. (JC, 29/10/2010)

(163) distensionamento

"Estão dadas as condições para discutirmos o distensionamento da política e uma agenda comum com o PSDB", disse. (FSP, 04/10/2010)

(164) escamoteamento

Junto com ele, o escamoteamento dos malfeitos, agora submetidos a um conveniente banho-maria. (FSP, 08/10/2010)

(165) escanteamento

Esse suposto escanteamento da sigla dentro do governo foi o que gerou o rompimento entre Jader e

Ana Júlia, no final do ano passado. (FSP, 06/10/2010)

-DADE

Formador de substantivos, o sufixo *–dade* exprime qualidade ou estado. Formou o neologismo (166) *mineiridade*, motivado pela grande aprovação do candidato ao senado de Minas Gerais Aécio Neves, que obteve muito sucesso no primeiro turno com expressivos números. A (166) *mineiridade* seria, então, um atributo positivo ao candidato que conseguisse fazer os eleitores reconhecerem nele esta qualidade.

O sufixo formou ainda (167) *renovabilidade*, para entrar no ritmo da preservação natural e energética que tomou conta dos discursos, e também (168) *ostensividade*.

(166) mineiridade

Depois de percorrer sete quilômetros em uma carreta que começou nos bairros nobres de Belo Horizonte e terminou em um comício relâmpago com militantes no Centro da capital, Lula apostou na mineiridade de Dilma para vencer as eleições no Estado e disse mais uma vez ser vítima do preconceito “dos ricos”. (JC, 17/10/2010)

A dependência ao “lulismo” foi a marca principal da campanha de Costa nesta eleição, a ponto de obrigar os tucanos a reorientar a campanha de Anastasia e criar uma espécie de freio às interferências políticas externas por meio do discurso da “mineiridade”. (FSP, 03/10/2010)

No discurso, feito com ajuda de uma “cola”, a petista ressaltou sua mineiridade, lembrando que nasceu em BH. (FSP, 23/10/2010)

(167) renovabilidade

“Ela fala, por exemplo, em aumentar a renovabilidade da matriz energética. (FSP, 06/10/2010)

(168) ostensividade

Essa ostensividade, essa chalaça, isso irrita profundamente a classe média. (FSP, 17/10/2010)

-EIRO(A)

Como formador de adjetivos, o sufixo *–eiro* pode-se agregar a um substantivo, um adjetivo ou a um advérbio. Quando forma substantivos, pode-se unir a um adjetivo, a um substantivo, a um radical verbal ou a uma interjeição (caso específico de *arrieiro*, segundo Houaiss, 2009).

Formou em nossa pesquisa três substantivos, (169) *blogueiro*, (170) *mensaleiro* e (171) *marineiro*, adicionando às bases qualificação e/ou designação de homens e mulheres que exercem determinadas atividades. Em (171) *marineiro*, o sufixo agrega à base *Marina* (da candidata à presidência no primeiro turno Marina Silva) os partidários de sua campanha

política. O neologismo concorreu como variante da formação (210) *marinista*, que foi mais produtiva.

(169) blogueiro

O blogueiro publicou foto da jornalista, com o número do celular dela. (FSP, 02/10/2010)

A repórter do jornal Elvira Lobato esteve reunida hoje pela manhã com Aderson Lago e Aziz Santos [assessores de Jackson Lago, adversário de Roseana] para colher deles algumas informações no sentido de embasar suas matérias", escreveu o blogueiro. (FSP, 02/10/2010)

(170) mensaleiros

"Enquanto tiver a possibilidade de beneficiar essa quadrilha de mensaleiros, embora autor do projeto, serei adversário de sua aprovação. (JC, 30/10/2010)

(171) marineiro

Ainda há 15% de "marineiros" indecisos. (JC, 16/10/2010)

Sem estrutura para competir com bandeiras e cartazes dos ex-aliados, os "marineiros" apostam no corpo a corpo. (FSP, 02/10/2010)

Numa convenção mais ampla, seriam ouvidos cerca de 150 verdes, entre eles "marineiros" que não têm assento na cúpula partidária, como Fábio Feldmann, Ricardo Young e Paulo Salamuni. (FSP, 05/10/2010)

Além de "marineiros" como o ex-ministro Gilberto Gil (Cultura), o PT quer atrair simpatizantes ilustres que não se engajaram no primeiro turno, como Chico Buarque. (FSP, 06/10/2010)

Segundo a avaliação de aliados, o destaque para questões ambientais no documento evitaria que o debate fosse pautado pelo PV e pelos "marineiros". (FSP, 07/10/2010)

Ciente das dificuldades enfrentadas por Serra, o presidente da Câmara e companheiro de chapa de Dilma Rousseff (PT), Michel Temer (PMDB), acena aos "marineiros" com a possibilidade de, no mínimo, adiar a votação da matéria para 2011. (FSP, 09/10/2010)

Serra terá de fazer caravanas pelos rincões "marineiros". (FSP, 10/10/2010)

Motosserra Já o PSDB aposta que Dilma não só negligenciou o eleitorado da candidata verde, fiel da balança neste segundo turno, como também o assustou: "Ela foi de metralhadora pra cima dos 'marineiros'". (FSP, 12/10/2010)

A única coisa verde era a gravata do Alckmin na plateia", protesta um "marineiro". (FSP, 12/10/2010)

Cabeleira Por causa do longo e grisalho rabo de cavalo, o presidente do PV, José Luiz Penna, ganhou dos "marineiros" o apelido de "avô do Derico", referência ao mais famoso membro do sexteto musical que acompanha o "Programa do Jô". (FSP, 15/10/2010)

Já o programa de Serra é considerado ótimo ou bom por 52% dos marineiros. (FSP, 16/10/2010)

Ainda assim, Dilma continua bem atrás de Serra entre os "marineiros". (FSP, 22/10/2010)

Ao microfone, Dilma investiu no flerte com os marineiros e defendeu o desmatamento zero. (FSP, 23/10/2010)

Ontem, segundo o Datafolha, os "marineiros" indecisos caíram para 8%, mas os que vão anular ou votar em branco foram a 18%. (FSP, 29/10/2010)

Dilma Rousseff (PT) ainda perde entre "marineiros", mas do início de outubro até agora caiu a vantagem de José Serra (PSDB) entre os adeptos da senadora (FSP, 29/10/2010)

Em Vitória, a menor das três capitais "marineiras", Serra teve uma vitória um pouco mais folgada: bateu Dilma por 55,6% a 44,3%. (FSP, 01/10/2010)

-ÊNCIA

O sufixo *-ência* forma substantivos abstratos oriundos de verbos. Concorre com *-ância* e *-ança* (forma culta de *-ença*) e, segundo o Houaiss (2009), se difunde a partir do Renascimento, praticamente estancando a fecundidade de *-ença*. Em nossa pesquisa, produziu apenas uma palavra da área pedagógica: (172) *aprendência*.

(172) *aprendência*

A professora lida com "o conceito de Aprendizência" e "apresenta considerações fundantes sobre o valor da linguagem do vivente", explorando "a transição educativa de aprendizagem recíproca e da organização aprendente". (FSP, 24/10/2010)

-ETA

De origem latina, o sufixo *-eta* acrescenta à palavra valor diminutivo e se associa a palavras de caráter nominal. Segundo Alves (2007, p.39), a estrutura sufixal também denota diminuição irônica. Em nossa pesquisa, surgiu o neologismo (173) *poloneta*, palavra criada no passado com relação a uma transação econômica realizada entre Brasil e Polônia, quando o nosso país concedeu 2 bilhões em linhas de crédito à Polônia⁷⁸. As (173) *polonetas* eram títulos da dívida polonesa com o Brasil, que só poderiam ser resgatados se o governo da Polônia tivesse recursos para pagar a dívida. Em 1991 (mais de dez anos depois) o Brasil reduziu a dívida em 50%, recebendo muitas críticas por isso.

(173) *polonetas*

Pois eu era de oposição e fui presidente da CPI das "polonetas" no governo Geisel e depois da CPI das diretas. (FSP, 10/10/2010)

⁷⁸ Revista Época. *Perdão brasileiro*. Disponível em: < <http://epoca.globo.com/edic/19980907/brasil1.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

-ETE

O sufixo *-ete* é usado em diminutivos afetivos (Houaiss, 2009) e pode ter a mesma função irônica indicada por *-eta*. Formou o neologismo (174) *cartazetes*, também com conotação irônica.

(174) *cartazetes*

Dias depois, São Paulo amanheceu forrada de cartazetes com os dizeres "Cristão vota em Jânio", que acabou sendo eleito prefeito, virando uma eleição quase perdida. (FSP, 05/10/2010)

-GATE

Segundo Alves (2007, p.40) o substantivo, do inglês *gate*, significando *porta*, em português, passa a adquirir nesta língua um funcionamento sufixal, integrando unidades léxicas denotativas de corrupção e de mau uso do dinheiro público. Ainda segundo a autora, isso se deve ao escândalo político ocorrido em *Watergate*⁷⁹, em que o ex-presidente americano Richard Nixon esteve envolvido. O evento político aconteceu na década de 70, culminando na renúncia do presidente Nixon por tentar obstruir investigações sobre o caso, que envolvia a implantação de escutas eletrônicas ilegais por parte do governo. A palavra, a partir do caso, passou a ser conhecida como paradigma de corrupção.

Em nosso *corpus*, *-gate* funcionou como sufixo em cinco formações lexicais e adicionou às palavras-bases a conotação ligada à corrupção pública. Adicionou-se a bases substantivas e gerou palavras a partir de nome próprio, como (177) *Erenicegate*, referente ao escândalo político que envolveu a então Ministra da Casa Civil Erenice Guerra. Outra formação interessante, que refere-se a um episódio específico das eleições de 2010, foi o (178) *bolinhagate*. O neologismo relaciona-se ao caso em que uma bolinha de papel que foi lançada contra a cabeça do candidato José Serra durante um evento público. A gravidade da escoriação causada pelo objeto gerou muitos comentários, repercutindo largamente na mídia, mobilizando até peritos.

(175) *dossiegate*

Antes animados com o potencial de estrago do "dossiegate" na campanha de Dilma Rousseff (PT), tucanos passaram a se preocupar com o risco de cizânia interna diante do noticiário sobre o suposto envolvimento do grupo de Aécio Neves na violação de sigilo fiscal de pessoas ligadas a José Serra.

⁷⁹ Revista Escola. *Escândalo de Watergate*. Disponível em: < <http://www.brasilecola.com/historiag/escandalo-watergate.htm> >. Acesso em: 12 nov. 2011.

(FSP, 21/10/2010)

(176) Fiscogate

O noticiário injetou na cena eleitoral um par de problemas graúdos: o "Fiscogate" e o "Erenicegate". (JC, 08/10/2010)

(177) Erenicegate

O noticiário injetou na cena eleitoral um par de problemas graúdos: o "Fiscogate" e o "Erenicegate". (JC, 08/10/2010)

De volta Stevam Knezevic, afastado da Casa Civil em meio ao Erenicegate, reassumiu as funções na Anac, seu órgão de origem, na quarta-feira passada. (FSP, 16/10/2010)

(178) bolinhagate

Colírio De um petista estressado com a repercussão do "bolinhagate": "Liga pro Gabeira, liga pro Gabeira! (FSP, 24/10/2010)

(179) metrogate

Surpreendido pelo "metrogate", o PSDB se apressou em unificar o discurso em defesa de Serra. (FSP, 27/10/2010)

Embora tenha congelado a transição até o segundo turno, Geraldo Alckmin telefonou para o governador Alberto Goldman para se informar sobre o "metrogate". (FSP, 28/10/2010)

As implicações administrativas do "metrogate" serão apuradas pelo corregedor André Dias Menezes, que assumiu o cargo com a saída de Rubens Rizek, exonerado para atuar na campanha do senador eleito Aloysio Nunes Ferreira. (FSP, 29/10/2010)

Outro lado Na contramão de outros relatos, o governador Alberto Goldman nega ter recebido telefonema de Alckmin sobre o "metrogate". (FSP, 30/10/2010)

-ANO

Com o sufixo *-ano*, para formar palavras que designam naturalidade, formou-se apenas (180) *qatarianos*, que preservou a escrita do nome do país *Qatar* em sua base, não adaptando morfológicamente ao português para *catarianos*, já dicionarizado.

(180) qatarianos

Foi "a primeira entrada significativa dos investidores qatarianos na região". (FSP, 19/10/2010)

-INHA

O sufixo diminutivo *-inho* manifestou-se apenas no feminino, sem conotação pejorativa nos dois casos em que ocorreu.

(181) praguinhas

A militância poderá postar depoimento, foto e baixar material de campanha, como adesivos, cartazes, panfletos, bandeiras, praguinhas, foto oficial, logomarca. (JC, 16/10/2010)

(182) marolinha

Do outro, os apoiadores do candidato do PSDB, José Serra, animados com o clima do segundo turno, apostam que a “onda azul”, longe de ser uma marolinha, vai crescer no Estado em que o tucano ficou em terceiro lugar. (JC, 18/10/2010)

-ICE

Formador de substantivos abstratos, o sufixo *-ice* acionou-se a um adjetivo (mineiro) para formar (183) *mineirice*, seguindo a tônica da busca pela conquista dos votos no estado de Minas Gerais.

(183) Mineirice

Mineirice O vice-presidente José Alencar lançou o slogan “Dilma é Minas na Presidência”, inspirado no registro da candidata, que nasceu em BH. (FSP, 23/10/2010)

-ISMO E -ISTA

Os neologismos formados com os sufixos *-ismo* e *-ista* não foram somente os mais produtivos em número de palavras criadas por sufixação em nossa pesquisa, como também a sua frequência no *corpus* foi consideravelmente alta. Isso significa dizer que as palavras distanciaram-se da criação individual e difundiram-se em vários textos no momento histórico estudado, aproximando-se mais ainda do *status* de neologia da língua. Essa alta frequência vem confirmar o que as últimas pesquisas sobre criação de palavras já vêm indicando, em que os dois sufixos aparecem como os mais fecundos como formadores de adjetivos e substantivos (cf. ALVES, 2007, p.29).

Segundo a descrição do Houaiss (2009), “no curso, ainda, do século XIX e no século XX, o uso desses sufixos se disseminou para designar movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos e personativos, através dos nomes próprios representativos, ou de nomes locativos de origem, e se chegou ao fato concreto de que potencialmente há para cada nome próprio um seu dererivado em *-ismo*; a isso se acresceu que o suf.gr. *-istés* > port. *-ista*, masc. e fem. como em gr., foi associado a ele para designar o adepto, aderente, seguidor, partidário” (Houaiss, 2009).

-Ismo adicionou-se a bases substantivas de nomes próprios (184) *rorizismo*, derivado

do sobrenome Roriz, do político Joaquim Roriz; (186) *dilmismo*, derivado do primeiro nome da candidata Dilma Rousseff; (190) *carlismo*, derivado do nome do ex-senador da Bahia Antonio Carlos Magalhães; (192) *chavismo*, derivado do nome do presidente da Venezuela Hugo Chávez, denotando centralização de poder na política; (195) *franquismo*, de Francismo Franco, antigo ditador da Espanha. O sufixo adicionou-se também a adjetivos, (185) *quietismo*, (187) *libertarianismo*, (188) *protagonismo*, (193) *oficialismo*; a substantivos derivados de verbos, (189) *entreguismo*, (191) *continuismo*, (194) *presevarcionismo* (ambiental); e a substantivos abstratos, (196) *denuncismo*, (197) *triumfalismo*.

Note-se que estas palavras têm, todas elas, carga semântica ligada às ideologias e modos de exercício político, trazendo à tona a memória de personalidades ligadas aos regimes políticos de vários países, além de registrar modos de ação política no momento histórico estudado.

(184) rorizismo

Os eleitores do Distrito Federal decidem hoje nas urnas o futuro do rorizismo, que comandou Brasília por 14 anos na figura de Joaquim Roriz. (FSP, 31/10/2010)

Sua vitória marca a primeira derrota do rorizismo em Brasília. (FSP, 01/10/2010)

(185) quietismo

Esses movimentos viam em Lula um apaziguador, que chegava e dizia: "Esperem, calma, eu preciso de um certo quietismo por algum tempo, vou contemplar vocês de outra maneira". (FSP, 01/11/2010)

(186) dilmismo

Encurtado durante algumas semanas devido a escândalos e religião, o vetor maior da eleição permaneceu o mesmo: o prestígio de Lula, o dilmismo do eleitorado de menor renda e das regiões de baixo índice de desenvolvimento humano. (FSP, 29/10/2010)

(187) libertarianismo

Não é de se estranhar que este libertarianismo encontre, 40 anos depois, o liberalismo puro e duro. (FSP, 04/10/2010)

(188) protagonismo

A direção do PV estadual quer aproveitar a "onda verde" na eleição presidencial, que teve forte rebatimento em Pernambuco e, especialmente, no Recife, para fortalecer o partido e levá-lo a um protagonismo nas eleições municipais de 2012, deixando de ser mero coadjuvante no quadro político local. (JC, 05/10/2010)

Acostumados à divisão interna, os peemedebistas agora se unem no mesmo discurso: após ajudar a eleger a presidente, o partido terá legitimidade para cobrar protagonismo na administração. (JC, 01/11/2010)

O comando da campanha do PT à Presidência, Dilma Rousseff, recebeu os últimos números da

pesquisa Datafolha como uma constatação de que o protagonismo do presidente Lula nesta reta final, mais o trabalho de uma "força-tarefa" de aliados ligados às Igrejas, estão desequilibrando a disputa em favor da petista. (JC, 23/10/2010)

O cara Rapidamente, o senador eleito Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP) vai assumindo o protagonismo da articulação política da campanha de Serra. (FSP, 08/10/2010)

A primeira providência, portanto, foi retirar o presidente de cena e dar protagonismo à candidata - enquanto, nos bastidores, ele manda mais do que nunca, sendo o verdadeiro e único condutor da "intervenção branca" que alguns chegaram a atribuir a personagens como Ciro Gomes e José Dirceu. (FSP, 14/10/2010)

(189) entreguismo

O próprio governador, em entrevista ao JC, alimenta essa disputa, tentando colar no adversário a pecha do "entreguismo" e insinuando que Coutinho seria um instrumento do colega Eduardo Campos, presidente nacional do PSB. (JC, 27/10/2010)

Serra continuou exalando bondade enquanto abria seu programa de forma sensacionalista, demonizando Dilma e rebatendo com o mesmo dólar furado as acusações de entreguismo feitas ao governo FHC pelo PT. (FSP, 31/10/2010)

(190) carlismo

As eleições também registraram a decadência do partido na Bahia, antiga ilha da oposição no Nordeste no chamado "carlismo". (FSP, 04/10/2010)

No Nordeste, as eleições mostraram uma consolidação do poder do eixo PT-PSB, com a derrocada definitiva do "carlismo" na Bahia e a reeleição de Jaques Wagner (PT) no Estado. (FSP, 04/10/2010)

Não existe carlismo sem ACM, diz Wagner (FSP, 05/10/2010)

Em entrevista à Folha por telefone, ele disse ainda que não há carlismo sem o senador Antonio Carlos Magalhães (DEM), morto em 2007. (FSP, 05/10/2010)

Como fica o carlismo e a oposição agora no Estado? (FSP, 05/10/2010)

JACQUES WAGNER - Não tem carlismo sem o senador Antonio Carlos [Magalhães (DEM), morto em 2007]. (FSP, 05/10/2010)

(191) continunismo

Dilma, por sua vez, esteve sob a orientação de Lula e a manipulação de seu marqueteiro, João Santana (com bastante êxito no programa eleitoral gratuito), e a tendência é continunismo, sua especialidade, também aí. (FSP, 05/10/2010)

(192) chavismo

Tasso atribuiu a necessidade de um segundo turno a uma "sensação de chavismo". (FSP, 05/10/2010)

Chavismo no PT, vá lá. (FSP, 31/10/2010)

(193) oficialismo

A derrota do primeiro turno transtornou os dirigentes do oficialismo. (FSP, 13/10/2010)

(194) preservacionismo

A ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, que abriu o seminário, criticou o excesso de preservacionismo na política ambiental. (FSP, 14/10/2010)

(195) franquismo

Ele comparou a situação brasileira à da Espanha, onde Garzón foi suspenso por abrir investigação sobre os crimes do franquismo: "As forças que foram deslocadas no fortalecimento da democracia exercitam uma tentativa de recuperação". (FSP, 14/10/2010)

(196) denunciismo

"Temos uma cultura de denunciismo. (FSP, 21/10/2010)

(197) triunfalismo

Os "funcionários" veem "triunfalismo chinês e alarmante perda de confiança", o que levou os EUA a "revigorar alianças de Guerra Fria com Japão e Coreia do Sul", além de Índia e Indonésia. (FSP, 26/10/2010)

O triunfalismo, antes adequado ao propósito de "criar um clima" para tentar liquidar a eleição pela via rápida, agora poderia desmobilizar a militância, tantas vezes valiosa para o PT na hora decisiva. (FSP, 28/10/2010)

O sufixo *-ista* dá à base característica adjetival, com o valor de “adepto a” e “partidário de”. Formou em nosso material de pesquisa, assim como *-ismo*, palavras a partir de nomes de personalidades políticas e históricas: (198) *arraesista*, do ex-governador de Pernambuco Miguel Arraes; (199) *eduardista*, do atual governador de Pernambuco Eduardo Campos; (200) *jarbista*, do ex-senador e candidato ao governo em 2010 Jarbas Vasconcelos; (201) *macielista*, do candidato a senador derrotado nas eleições de 2010 Marco Maciel; (202) *serrista*, do candidato à presidência José Serra - muito frequente no *corpus*; (203) *dilmista*, da candidata Dilma Rousseff, também muito frequente nos textos estudados; (204) *alckmista*⁸⁰, do candidato eleito ao governo de São Paulo Geraldo Alckmin; (209) *chavista*, também do presidente venezuelano Hugo Chávez; (210) *marinistas*, referente à candidata à presidência Marina Silva, com a variante (171) *marineiros*; (215) *bonapartista*, relacionado ao imperador francês do século XIX Napoleão Bonaparte. Além disso, para contemplar o debate do aborto, surgiu (205) *abortista* para qualificar aqueles que são a favor da descriminalização do aborto. As bases adjetivais renderam os neologismos (204) *brutalista*, (207) *brasilianista*, (211) *oficialista*. Do substantivo *continuismo*, referente à política de continuação do governo

⁸⁰ Fazemos uma observação quanto à ambiguidade fonética gerada pela formação de *alckmista*, quando tem a mesma realização fonética da palavra *alquimista*, já existente na língua com outro significado.

anterior, surge (208) *continuista*. Da preocupação com a preservação do meio ambiente, se criou o adjetivo (212) *preservacionista*. Do substantivo *estatismo*, é produzido (213) *estatista*.

A política ideológica liberal sempre recebeu a fama de ser (214) *privatista*, implantando a privatização das empresas estatais e recebendo o neologismo como qualificador. Da economia, surgem os (216) *produtivistas* e os (217) *rentistas*.

(198) arraesista

Arraesista, líder do governo Jarbas na Assembleia, o deputado Pedro Eurico (PSDB) protagonizou o episódio de maior tensão na rede de apoio em torno da candidatura de Jarbas. (JC, 03/10/2010)

Idealizada e montada em 1994 pelos dois então maiores partidos, PMDB e PFL, para enfrentar o poder e a influência de Miguel Arraes e construir o caminho do ex-aliado arraesista Jarbas Vasconcelos ao governo de Pernambuco, a aliança União por Pernambuco já vinha de algum tempo demonstrando a desagregação e o desgaste gerado pelo seu crescimento desproporcional no Estado. (JC, 04/10/2010)

(199) eduardista

Também anunciado como novo eduardista pela campanha do governador, o atual prefeito Ozano Brito, outro tucano, ficou em cima do muro quase todo período eleitoral. (JC, 03/10/2010)

Hegemonia eduardista (JC, 03/10/2010)

(200) jarbista

Um percentual ligeiramente menor que o apresentado na pesquisa anterior, quando 35% dos eleitores jarbistas informaram o número dele. (JC, 01/10/2010)

No fim, anunciou a “permanência” no palanque jarbista. (JC, 03/10/2010)

Na tentativa de faturar politicamente o “flagra do caminhão” no comício governista, integrantes da juventude da coligação jarbista caminharam até os arredores do Palácio para protestar. (JC, 03/10/2010)

De mudança para o PMDB jarbista, chegou à Câmara Federal em 1998, reelegendo-se pelo mesmo partido em 2002. (JC, 03/10/2010)

No Recife, tradicional reduto jarbista, Eduardo manteve a tendência estadual e dobrou a candidatura de Jarbas por cerca de 470 mil votos de vantagem. (JC, 04/10/2010)

(201) macielista

Muitos dos jarbistas e macielistas choravam. (JC, 04/10/2010)

(202) serrista

Neste momento, ponto comum entre os serristas é que esta é “a chance de ouro” do grupo e deve ser agarrada. (JC, 06/10/2010)

Serristas pintam o rosto e vão às ruas (JC, 16/10/2010)

Animados com a ida ao segundo turno, opção dos eleitores que surpreendeu até tucanos e deixou

perplexos os seguidores de Dilma (PT), os serristas já falam em vitória. (JC, 17/10/2010)

A aposta dos serristas é a de que o presidenciável tucano tem mais chance de crescimento agora, no Estado. (JC, 17/10/2010)

Para as principais lideranças da campanha serrista no Estado, o desafio agora é manter o “clima de virada”, numa referência ao fato da queda da favorita Dilma Rousseff (PT) nas pesquisas de intenção de voto. (JC, 17/10/2010)

Os serristas – entre eles os deputados Raul Jungmann (PPS) e Raul Henry (PMDB) – realizarm ontem panfletagem em Boa Viagem. (JC, 18/10/2010)

A queda de braço entre os caciques serristas acabou favorecendo mais uma vez Elias, anfitrião do único ato de campanha do tucano em Pernambuco. (JC, 19/10/2010)

Freire veio ao Recife como parte da estratégia da campanha serrista de enviar lideranças a Estados onde o candidato tucano não poderá visitar – embora haja uma passagem de Serra por Pernambuco adiada de amanhã para terça (26). (JC, 21/10/2010)

Segundo ele, há informações de bastidor da campanha serrista que apontam avanço do tucano no Nordeste, apesar da ampla vantagem da presidenciável do PT, Dilma Rousseff. (JC, 21/10/2010)

Do lado serrista, os deputados federais e estaduais são os protagonistas, uma vez que as duas principais lideranças da oposição estão ausentes nas ruas. (JC, 24/10/2010)

A insatisfação de Jefferson com a campanha serrista não é novidade. (FSP, 01/10/2010)

É o mínimo O presidente da CUT, Arthur Henrique, foi escalado pela campanha de Dilma para rebater a promessa serrista do mínimo de R\$ 600. (FSP, 06/10/2010)

Isso envolveria trocar apoio por modificações em propostas dilmistas e serristas que tornem as candidaturas mais palatáveis ao programa de governo verde. (FSP, 06/10/2010)

Serristas temem faltas no 2º turno; mudança é "praxe", diz Casa Civil (FSP, 08/10/2010)

Ao anunciar o programa Mãe Brasileira, de atendimento pré-natal e pós-parto, a propaganda serrista citou o "dom da vida". (FSP, 09/10/2010)

A ideia do comando serrista é se valer do modelo do debate -mais longo e com tempo equânime para cada um falar- para explorar temas áridos e, assim, poder explicar melhor suas propostas para várias áreas. (FSP, 10/10/2010)

O desempenho da corrente serrista na internet, aliás, não se diferencia muito, agora, do que fez por outros meios naquela eleição. (FSP, 12/10/2010)

Pelo lado de José Serra, seu candidato a vice e o presidente do DEM, Indio da Costa e Rodrigo Maia, começaram a preparação de manifestações públicas maiores, a serem iniciadas no próximo final de semana, com a pretendida participação de eleitores serristas. (FSP, 14/10/2010)

Hoje, haverá novo encontro com os serristas Aloysio Nunes Ferreira e Xico Graziano. (FSP, 15/10/2010)

Ontem, eles receberam no Rio os serristas Xico Graziano e Aloysio Nunes Ferreira. (FSP, 16/10/2010)

Verdes que já declararam voto, como o serrista Fernando Gabeira e o dilmista Sarney Filho, endossaram a neutralidade da sigla. (FSP, 18/10/2010)

Na tentativa de evitar retaliações, emissários foram enviados ao QG serrista para dizer que Paulo Preto sumirá do programa de TV. Ontem, isso aconteceu. (FSP, 20/10/2010)

Caso mais de outras coisas do que de polícia, a violação de dados sigilosos de serristas eminentes chega à liberação, pela Polícia Federal, de que o repórter Amaury Ribeiro Jr. admitiu haver buscado tais dados. (FSP, 21/10/2010)

No calçadão de Copacabana, distribuíram-se 200 capacetes, desses de operários, que foram disputados a empurrões pelos serristas. (FSP, 25/10/2010)

Entre tantos militantes "ideológicos", ainda se vê, no meio das hostes serristas, o velho cabo eleitoral remunerado, aquele sujeito que, em troca de R\$ 50, agita durante seis horas consecutivas as bandeiras do PSDB. (FSP, 25/10/2010)

Milhagem Apesar da avaliação, majoritária no QG serrista, de que Aécio é mais necessário no momento em Minas, ele é esperado hoje para uma visita à Bahia. (FSP, 26/10/2010)

A despeito do discurso comedido de Alberto Goldman, serristas avaliaram que a implicação eleitoral é inevitável e que o único movimento possível, na semana que precede o segundo turno, é tentar diferenciar práticas anticrise paulistas das do governo Lula. (FSP, 27/10/2010)

Tucanos vinham desmerecendo o uso eleitoral de Paulo Vieira de Souza, engenheiro acusado de fugir com R\$ 4 milhões da campanha serrista. (FSP, 27/10/2010)

Para José Eli da Veiga (USP), um dos autores do programa de Marina (PV), as coalizões dilmista e serrista são "tão heterogêneas que fica quase impossível saber o que o vencedor faria". (FSP, 29/10/2010)

Apesar de insistirem na desqualificação das pesquisas, serristas já admitem, em privado, que uma virada depende de "fatores imponderáveis". (FSP, 30/10/2010)

Pontificado Na manifestação de ontem pelo centro de SP, serristas brincavam com uma sugestão de novo slogan para a campanha do PSDB, alusiva ao pronunciamento de anteontem do papa: "Serra é do Bento". (FSP, 30/10/2010)

Marina não aderiu à candidatura serrista. (FSP, 31/10/2010)

De 30 eleitores que não votaram, 21 eram serristas e nove, petistas. (FSP, 01/10/2010)

Todos os serristas tinham um argumento similar para justificar a fuga, uma espécie de síndrome de já perdeu. (FSP, 01/10/2010)

(203) dilmista

Os dilmistas estão de olho nos 34 milhões de votos evangélicos no País. (JC, 07/10/2010)

O candidato do PT ao governo do Distrito Federal, Agnelo Queiroz, se antecipou ao quartel-general dilmista e anunciou ontem que a eventual festa da vitória de Dilma deve ser na Esplanada dos

Ministérios. (JC, 30/10/2010)

A campanha dilmista confirma que, se eleita, a candidata deve comemorar ao lado de Agnello, mas não confirma o lugar da festa. (JC, 30/10/2010)

Mas, dada a mudez de Santana -cuja discrição é parte sagrada de uma persona- e o papel-chave de Risério na equipe, não é demais supor que o antropólogo exprima o pensamento corrente na comunicação dilmista. (FSP, 01/10/2010)

Dilmistas apostam que, se a eleição terminar hoje, Marina, apesar de sair da disputa maior do que entrou, perderá logo parte do capital político. (FSP, 03/10/2010)

SERRA MANTÉM 31%, E MARINA VAI A 17%, APONTA PESQUISA ALCKMIN, COM 55%, DEVE SER ELEITO PELO MENOS 17 ESTADOS DEVEM ENCERRAR DISPUTA HOJE "DILMISTAS" (FSP, 03/10/2010)

Por fim, a equipe dilmista passou a campanha poupando Marina. (FSP, 04/10/2010)

Já na Paraíba, os dois candidatos no segundo turno são "dilmistas": Ricardo Coutinho (PSB) e José Maranhão (PMDB). (FSP, 05/10/2010)

Ele será o responsável por organizar o apoio de Paulo Skaf (PSB) e Celso Russomanno (PP) à campanha dilmista no Estado. (FSP, 05/10/2010)

Isso envolveria trocar apoio por modificações em propostas dilmistas e serristas que tornem as candidaturas mais palatáveis ao programa de governo verde. (FSP, 06/10/2010)

Os dilmistas estão de olho nos 34 milhões de votos evangélicos no país. (FSP, 07/10/2010)

Herdeiro do cargo do PSDB, o prefeito de Teresina, Elmano Férrer (PTB), disse ontem que negociou o apoio do seu partido no segundo turno ao candidato "dilmista" no Piauí, Wilson Martins (PSB), em troca da liberação de recursos do PAC. (FSP, 08/10/2010)

Fora do 2º turno, Collor decide apoiar candidato dilmista em Alagoas (FSP, 08/10/2010)

Governadores dilmistas creem na vitória, mas avaliam que pode ser mais difícil do que o previsto, com tensões na campanha, caso o desempenho inicial no segundo turno seja negativo. (FSP, 10/10/2010)

Embora afirmem que o desempenho da candidata obteve aprovação nos grupos monitorados em pesquisas internas, os dilmistas cuidam de dizer também que foi remédio de dose única -não se repetirá em outros debates e tampouco aparecerá por dias a fio, em versão editada, no programa de TV. A conferir. (FSP, 12/10/2010)

O QG dilmista passou boa parte da segunda-feira dedicado à tarefa de tentar desfazer qualquer paralelo entre o dia de fúria da candidata e a malfadada ofensiva de Geraldo Alckmin (PSDB) sobre Lula no primeiro debate do segundo turno de 2006. (FSP, 12/10/2010)

Ataques foram "no limite do limite", avaliam dilmistas (FSP, 12/10/2010)

Escalado pelo presidente Lula, há uma semana o vice-presidente José Alencar tentou recompor a base dilmista e cobrou organização. (FSP, 12/10/2010)

Partiu ainda de Lula a pressão para que o marketing dilmista passasse a explorar, sem rodeios, o confronto com José Serra via legado de FHC. (FSP, 14/10/2010)

Flashback No QG dilmista, há quem compare os ataques religiosos sofridos pela candidata petista à campanha da Liga Eleitoral Católica contra Getúlio Vargas, na década de 50. (FSP, 14/10/2010)

Lideranças tucanas também iniciaram uma ofensiva por peemedebistas derrotados por candidatos "dilmistas" no primeiro turno. (FSP, 14/10/2010)

A tensão no QG dilmista aumentou no fim de semana, quando o Datafolha divulgou pesquisa indicando redução de 12 para 7 pontos entre Dilma e José Serra. (FSP, 14/10/2010)

A decisão de ontem da seção gaúcha do partido, de liberar os filiados com recomendação de apoio a Serra, foi recebida com preocupação pelo QG dilmista. (FSP, 15/10/2010)

Coordenador evangélico da campanha dilmista, o bispo da Assembleia de Deus e deputado Manoel Ferreira (PR-RJ) reconheceu que Dilma não se compromete com o veto na mensagem, mas minimizou a questão. (FSP, 16/10/2010)

Mais simples Principalmente no Nordeste, o QG dilmista espera extrair dividendos do fato de que agora o eleitor terá de fazer só uma escolha na urna eletrônica. (FSP, 18/10/2010)

Verdes que já declararam voto, como o serrista Fernando Gabeira e o dilmista Sarney Filho, endossaram a neutralidade da sigla. (FSP, 18/10/2010)

Com a decisão levada ao segundo turno, integrantes do núcleo dilmista, governadores e outros aliados passaram a apontar falhas na propaganda. (FSP, 18/10/2010)

Nos primeiros dias do segundo turno, o comando dilmista considerou um erro insistir em peças "olímpicas" -ou, conforme a expressão usada por Lula, "hollywoodianas". (FSP, 18/10/2010)

Defendida pelo QG dilmista como instrumento para desconstruir o legado de Serra, a crítica sistemática a setores como educação e segurança embute o risco de afastar Dilma definitivamente da parcela do eleitorado local que optou pelos "verdes" e até por Alckmin. (FSP, 19/10/2010)

O parecer "casou" com a estratégia dilmista de mostrar que Serra promete fortalecer a Petrobras, mas, quando teve oportunidade, "jogou contra" a estatal. (FSP, 19/10/2010)

Mas a aliança dilmista pretende manter os ataques e, em outra frente, promover atos para fortalecer os discursos feitos pela petista. (FSP, 19/10/2010)

O QG dilmista quer aproveitar o aniversário de Lula, que completa 65 anos na próxima quarta, 27 de outubro, para acrescentar uma dose de emoção à campanha. (FSP, 20/10/2010)

Os dilmistas acreditam ter largado à frente de Serra na caça aos votos de Marina Silva (PV) em Belo Horizonte, onde a senadora venceu no primeiro turno. (FSP, 21/10/2010)

Rachado Com as bancadas majoritariamente integradas à campanha dilmista, o PMDB-SP exhibe hoje publicamente sua fissura. (FSP, 23/10/2010)

Segundo a Folha apurou, alguns integrantes do grupo dilmista avaliaram que a polêmica só ganhou dimensão maior com a crítica de Lula. (FSP, 23/10/2010)

Investigação sobre dilmistas é arquivada (FSP, 23/10/2010)

Sandra Starling, outra feminista histórica e ex-militante do PT (rompeu com o partido neste ano por causa das eleições em Minas Gerais), também criticou a campanha dilmista. (FSP, 24/10/2010)

São dilmistas que estão ali só por causa do dinheiro. (FSP, 25/10/2010)

Trem 1 Antonio Anastasia levará Serra ao Triângulo Mineiro, alvo de ofensiva dilmista na semana passada. (FSP, 26/10/2010)

Foguetório Alheios à cautela do QG dilmista, sindicalistas de São Paulo já preparam carros de som e estrutura para festa no início da noite de domingo nas cercanias da avenida Paulista. (FSP, 27/10/2010)

Para o QG dilmista, a data é ideal para dar emoção na reta final da campanha. (FSP, 27/10/2010)

O presidenciável José Serra (PSDB) vai visitar amanhã duas das três regiões de Minas Gerais mais dilmistas, o norte e o Triângulo Mineiro. (FSP, 27/10/2010)

Ratifica, indiretamente, o mantra dilmista de que o tucanato quer privatizar o pré-sal ao defender a manutenção do modelo atual. (FSP, 27/10/2010)

O grupo dilmista sai da praça do Patriarca em direção à Sé, às 15h. (FSP, 28/10/2010)

O comando da campanha dilmista começou a esboçar seus primeiros passos após a eleição. (FSP, 29/10/2010)

Segundo integrantes do QG dilmista e interlocutores de Lula, a ideia original era que o primeiro compromisso como eleita fosse a viagem de Seul, para a reunião do G-20. (FSP, 29/10/2010)

Para José Eli da Veiga (USP), um dos autores do programa de Marina (PV), as coalizões dilmista e serrista são "tão heterogêneas que fica quase impossível saber o que o vencedor faria". (FSP, 29/10/2010)

O escritor Eric Nepomuceno, articulador da lista dilmista, disse ter recebido o nome de Padilha e o incluiu sem checar. (FSP, 29/10/2010)

Do lado dilmista, o governador reeleito Cid Gomes (PSB-CE), um dos mais animados no debate. (FSP, 30/10/2010)

Prova dos nove Na reta final, governadores dilmistas entraram em disputa velada para ver quem daria à petista maior margem de votos nos Estados. (FSP, 31/10/2010)

A estratégia de tirar Lula do ar nos primeiros dez dias de campanha foi considerada um "equivoco" pelo presidente e por aliados, principalmente governadores eleitos, chamados a reforçar a coordenação dilmista. (FSP, 31/10/2010)

Já o setor público, apesar de todo o discurso dilmista de "Estado forte", investe uma ninharia. (FSP, 01/11/2010)

(204) alckmista

Entre os mais votados estão Bruno Covas, Pedro Tobias, Fernando Capez e Barros Munhoz, todos do

PSDB, e Campos Machado (PTB), alckmista de carteirinha. (FSP, 04/10/2010)

Um dos entusiastas da medida foi ninguém menos do que Campos Machado, o ícone do governismo na Casa e alckmista de longa data. (FSP, 04/10/2010)

Um alckmista presente não resistiu à piada: "Diziam que era perseguição nossa, mas vocês estão vendo: mais uma vez o Mercadante faltou..." (FSP, 12/10/2010)

(205) abortista

Vamos mostrar é que é mentira que ela disse que nem Jesus tiraria sua eleição e que ela é abortista. (JC, 14/10/2010)

(206) brutalista

Duda é um brutalista, que pode surpreender pela intuição. (FSP, 01/10/2010)

(207) brasilianista

Judiciário é autoritário, diz brasilianista (FSP, 03/10/2010)

É o que diz o cientista político inglês Anthony Pereira, um dos mais importantes brasilianistas em atividade. (FSP, 03/10/2010)

O brasilianista Anthony Pereira foi professor, em meados dos anos 90, no New School College, do agora conhecido espião russo, preso nos EUA em junho com mais dez pessoas, sob a acusação de espionagem. (FSP, 03/10/2010)

(208) continuista

A aliança conservadora que passou a sustentar o governo é a garantia para o seu projeto continuista. (FSP, 27/10/2010)

(209) chavista

Os Conselhos de Imprensa aprovados ou propostos em pelo menos sete Assembleias Estaduais e outros no Congresso são atribuídos, nas reações da imprensa, a inspiração chavista e coisas que tais. (FSP, 31/10/2010)

(210) marinistas

Entre os "marinistas", 22% declaram voto em Dilma, contra 29% na véspera da eleição; os indecisos somam 18% (FSP, 10/10/2010)

O que aumentou entre os "marinistas" foram os indecisos: eram 4% antes do primeiro turno. (FSP, 10/10/2010)

(211) oficialista

As entidades e movimentos sociais pelegos estão a pleno vapor apoiando a candidata oficialista. (FSP, 20/10/2010)

(212) preservacionista

Ministros criticam proposta de ex-ministra, considerada "preservacionista" (FSP, 14/10/2010)

"O plano é muito preservacionista", afirmou Maria Amélia Enríquez, assessora do Ministério de Minas e Energia que participou de um dos painéis do seminário. (FSP, 14/10/2010)

(213) estatista

Em público, argumentava-se que o Planejamento estava sobrecarregado; em reserva, alimentava-se a desconfiança quanto a uma suposta tendência estatista do ministro. (FSP, 14/10/2010)

(214) privatista

Dilma tentou colar em Serra o rótulo de "privatista", ao que ele caracterizou a petista como "antipaulista". (FSP, 18/10/2010)

(215) bonapartista

Mesmo entre seus aliados, é consenso que a personalidade de José Serra é, digamos, bonapartista. (FSP, 18/10/2010)

Governo minoritário, sociedade acirrada, presidente bonapartista. (FSP, 18/10/2010)

(216) produtivistas

O governo Lula, disse, "obrigou todas as forças políticas a centrarem na agenda contra a pobreza", mas manter isso dependerá de um cabo de guerra pós-eleitoral entre "rentistas" e "produtivistas" sobre juros e câmbio. (FSP, 29/10/2010)

(217) rentistas

O governo Lula, disse, "obrigou todas as forças políticas a centrarem na agenda contra a pobreza", mas manter isso dependerá de um cabo de guerra pós-eleitoral entre "rentistas" e "produtivistas" sobre juros e câmbio. (FSP, 29/10/2010)

- IVO(A)

Derivado do latim *–ivus*, o sufixo *–ivo(a)* adiciona-se comumente a bases verbais formando adjetivos. Formou o neologismo (218) *divisiva*, para adjetivar a campanha eleitoral de 2010, pelo seu caráter polarizador.

(218) divisiva

Desde 1989 não se via uma campanha terminar de forma tão divisiva e oca. (FSP, 31/10/2010)

-AR, - IZAR, - IZAÇÃO, -IZADO

O sufixo *–izar* acrescenta ao radical a terminação verbal de primeira conjugação com caráter frequentativo ou causativo (Houaiss, 2009). Formou um verbo (219) *docilizar*, a partir do substantivo *doce*.

(219) docilizar

Os candidatos tremem, docilizam-se, mentem. (FSP, 10/10/2010)

Alves (2007, p.34) coloca os sufixos *–ar* e *–izar* como os mais produtivos em língua portuguesa na formação de verbos, quando as bases das formações são substantivas. O sufixo *–ar* adicionou-se ao substantivo *adesivo*, formando (220) *adesivar*, para denominar a ação da manifestação política pública através da colagem de adesivos em carros, e também ao substantivo *esgrima*, formando (221) *esgrimar*, para metaforizar o duelo que haveria nos debates políticos.

(220) adesivar

Com caras pintadas, eles distribuíram santinhos e adesivaram carros (JC, 16/10/2010)

Com farto material de campanha e mais de 200 militantes gritando: “Dilma já caiu, agora é Serra presidente do Brasil”, o ato contou com o ex-governador Mendonça Filho, eleito deputado federal, que estava ao lado da esposa, Taciana, adesivando carros. (JC, 16/10/2010)

O dirigente do PPS disse ter ficado “surpreso” com a quantidade de carros adesivados com o nome de Serra. (JC, 21/10/2010)

Três pessoas foram presas ontem, no interior do Rio Grande do Sul, distribuindo cestas básicas em um caminhão adesivado com a campanha de José Serra. (JC, 23/10/2010)

(221) esgrimar

Aliados de Dilma e Serra “duelavam” nos bastidores do debate, esgrimando suas pesquisas internas. (FSP, 26/10/2010)

Carvalho (1983, p.82) afirma que o verbo terminado em *–izar* sempre deriva substantivos terminados em *–ização*. Em nossa pesquisa, um considerável número de substantivos formaram-se com este sufixo. As formações representam 11% das palavras formadas por sufixação. Destacamos (223) *favelização* pelo fato de as favelas brasileiras terem se tornado alvo de disputa política, como massa de manipulação com efeito nas urnas.

(222) verticalização

Na visão do procurador regional eleitoral, Sady Torres, só uma alteração nas regras eleitorais poderia ser comparada à Lei Ficha Limpa em termos de profundidade: a da verticalização das coligações partidárias, aprovada pelo Tribunal Superior Eleitoral, em 2006. (JC, 03/10/2010)

Em 2006, Lessa apoiava Teotônio para governador e era seu candidato ao Senado numa aliança branca, por causa da verticalização. (JC, 24/10/2010)

(223) favelização

Bairros ainda com alto índice de favelização ou favelas em vias de virar bairro, foram disputados pelos dois principais candidatos à Presidência justamente por experimentarem processos intensos de

urbanização. (FSP, 02/10/2010)

(224) judicialização

A ditadura militar brasileira, que teve um alto grau de judicialização se comparada às do Chile e da Argentina, deixou como um dos mais fortes legados a manutenção do autoritarismo no Judiciário. (FSP, 03/10/2010)

Autor de "Ditadura e Repressão", um dos mais importantes livros sobre ditaduras do Cone Sul, ele analisa como a violência da repressão variava segundo a judicialização dos regimes em Brasil, Chile e Argentina, o que explica o baixo número de mortos no primeiro caso e a guerra suja no último. (FSP, 03/10/2010)

(225) satanização

Em poucas palavras: "A satanização de Daniel Dantas foi uma conveniência para o governo do PT, substituindo a discussão das privatizações pela demonização de um culpado. (FSP, 03/10/2010)

POR MAIOR que seja o contraste entre a Dilma Rousseff de domingo passado na Band e a dos debates do primeiro turno, bem como entre o tom olímpico dos programas de TV na etapa inicial e o generoso espaço agora dedicado à satanização do governo Fernando Henrique, existe lógica na comunicação da campanha petista. (FSP, 14/10/2010)

De cada dez sábios do tucanato envolvidos na queima de patrimônio da Viúva durante o tucanato, nove ficaram calados diante da satanização da privatária pelo PT. (FSP, 24/10/2010)

(226) demonização

Em poucas palavras: "A satanização de Daniel Dantas foi uma conveniência para o governo do PT, substituindo a discussão das privatizações pela demonização de um culpado. (FSP, 03/10/2010)

(227) normatização

A normatização deu respaldo político e técnico para que mais hospitais o realizassem. (FSP, 05/10/2010)

O então deputado federal Severino Cavalcanti (PP-PE) apresentou um projeto de decreto legislativo para sustar a normatização. (FSP, 05/10/2010)

(228) mexicanização

Em agosto, Lamounier escreveu o artigo "A mexicanização em marcha", apontando tendências autoritárias do PT: "O resultado nos Estados foi bom. (FSP, 05/10/2010)

(229) absolutização

Jairo Nicolau, professor de ciência política da Uerj, por exemplo, diz que, além de problemas metodológicos, o excesso de pesquisas aumenta as chances de erro e que a mídia, ao dar demasiado destaque aos resultados, acaba gerando uma sensação de "absolutização". (FSP, 09/10/2010)

(230) tucanização

Para Jorge Aversa, vice-presidente da Acipi (associação de empresas locais), é "o bom relacionamento com o governo do Estado" o que explica a "tucanização" de Piracicaba. (FSP, 17/10/2010)

"O bom relacionamento com o governo do Estado [explica] a tucanização [do município]. (FSP, 17/10/2010)

(231) oligarquização

Segundo ele, a eleição de familiares ao Congresso se intensifica com a solidificação da democracia e causa a "oligarquização" da política. (FSP, 17/10/2010)

(232) espetacularização

Petistas afirmam que o problema, na verdade, não reside em qual objeto atingiu o tucano, mas, sim, na "espetacularização do fato". (FSP, 23/10/2010)

(233) distritalização

Se os eleitores de bairros ou cidades vota "inconscientemente" nos candidatos que se apresentam ali, qual seria o motivo pelo qual passariam a exercer esse voto com mais consciência se a distritalização passasse a ser formal? (FSP, 23/10/2010)

(234) precarização

Um discurso menos centrado em conflitos de classe, problemas de redistribuição, precarização do trabalho e mais centrado em "nova aliança", "visão integrada" e outros termos que parecem saídos de um manual de administrador de empresas zen. (FSP, 04/10/2010)

-MENTE

Único formador de advérbios na língua portuguesa, o sufixo *-mente* vem do latim *mens, mentis*, significando 'espírito, alma, razão, sabedoria' (HOUAISS, 2009). Sua adição é um processo de formação extremamente fértil, sobretudo na junção a bases adjetivas femininas para designar 'modo', afirma Alves (2007, p.35). Ainda segundo a autora, a fertilidade de palavras formadas com *-mente* faz com que os dicionários registrem apenas algumas formas. Assim, é comum que os neologismos formados com este sufixo nos pareçam quase sempre familiares, não nos despertando o sentimento de neologia. Entretanto, o critério lexicográfico os identifica como novos itens lexicais da língua.

Em nosso material, foram produzidos cinco neologismos com a adição do sufixo *-mente*, como podemos observar nos itens abaixo:

(235) missionariamente

Dedico-me missionariamente a exercer a missão de homem público e republicano", argumenta, para dizer que não se lamenta do estilo. (JC, 03/10/2010)

(236) extraoficialmente

Segundo reportagem da revista IstoÉ, usada por Dilma no último debate, o engenheiro fugiu com R\$ 4 milhões arrecadados extraoficialmente com empreiteiras. (JC, 14/10/2010)

(237) subsequentemente

Bush foi declarado vencedor na eleição de 2000 e subsequentemente iniciou duas guerras destrutivas, dispendiosas e desnecessárias. (FSP, 08/10/2010)

(238) extraoficialmente

Segundo reportagem da revista "IstoÉ", que foi usada por Dilma no último debate, o engenheiro "fugiu" com R\$ 4 milhões arrecadados extraoficialmente com empreiteiras -ele era responsável pelo controle das maiores obras viárias de São Paulo. (FSP, 14/10/2010)

(239) civilizadamente

É melhor que os militantes atuem civilizadamente na campanha para que os eleitores não descontem no próximo governo, atirando rolos de fitas e sacos de água sobre o presidente - ou presidenta. (FSP, 22/10/2010)

-DOR(A)

Do latim *-tor*, o sufixo *-dor(a)* adiciona a palavra base o princípio de agente, 'aquele que faz'. Formou quatro novas palavras em nossa pesquisa, a partir de substantivos:

(240) desmatador

Guerra apresenta ainda seis pontos em que haveriam entendimento estabelecido: voto distrital, valorização dos policiais, aumento da matriz renovável de energia, vantagens tributárias para produtos sustentáveis, veto à anistia dos desmatadores e reforma tributária. (JC, 16/10/2010)

(241) normatizadora

Segundo o advogado-geral do Senado, o pernambucano Luiz Fernando Bandeira, pelo menos seis propostas de mudança já estão sob análise da comissão: 1- instituição do financiamento público de campanha, 2- mudança do sistema das eleições para deputado e vereador, do atual proporcional para um distrital ou distrital misto, 3- limitação da função normatizadora (legislativa) do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), 4- adoção de um rito processual eleitoral único para todos os tipos de ação, 5- fim de restrições à campanha antecipada. (JC, 15/10/2010)

(242) dinamitador

Após criticar o presidente Lula por "abuso de poder político" nas eleições a favor de sua candidata, Dilma Rousseff, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso chamou o PT e Lula de "dinamitadores de pontes", numa alusão ao quanto considera difícil uma eventual aproximação entre petistas e tucanos no futuro governo. (01/11/2010)

Por enquanto, o governo do presidente Lula e o PT foram dinamitadores de pontes". (01/11/2010)

"O governo do presidente Lula e o PT foram dinamitadores de pontes", afirmou, pouco antes de votar neste domingo, às 11h, no Colégio Sion, em Higienópolis. (01/11/2010)

(243) polemizador

Eleito deputado federal por São Paulo, com 121 mil votos, o pernambucano Roberto Freire – presidente nacional do PPS – retorna ao Congresso demonstrando que mantém o estilo provocador e polemizador que o caracterizou em Pernambuco. (JC, 05/10/2010)

-NTE

Segundo o Houaiss (2009), todos os verbos da língua portuguesa podem derivar adjetivos ou substantivos em *-nte*. O sufixo latino era desinência de particípio presente na língua e no português adicionou a função adjetiva (244) *privatizante*, (245) *includente*, (247) *fundante*, e substantiva (246) *encomendante* em nossa pesquisa.

(244) privatizante

Dilma disse que o governo Lula também atendeu à classe média e frisou que sua campanha vai explorar as comparações na área social e o viés privatizante do PSDB. (FSP, 06/10/2010)

(245) includente

Em relação ao meio ambiente, o último ponto diz que o governo Dilma trabalhará para "um modelo de desenvolvimento sustentável e includente". (FSP, 15/10/2010)

(246) encomendante

Sabemos que o encomendante foi o Amaury. (FSP, 22/10/2010)

(247) fundantes

A professora lida com "o conceito de Aprendizagem" e "apresenta considerações fundantes sobre o valor da linguagem do vivente", explorando "a transição educativa de aprendizagem recíproca e da organização aprendente". (FSP, 24/10/2010)

(248) aprendente

A professora lida com "o conceito de Aprendizagem" e "apresenta considerações fundantes sobre o valor da linguagem do vivente", explorando "a transição educativa de aprendizagem recíproca e da organização aprendente". (FSP, 24/10/2010)

-ÓRIO(A)

O sufixo *-ório* vem do latim *-orius* e forma em língua portuguesa substantivos cultos, quase sempre conexos com radicais verbais do particípio passado (HOUAISS, 2009). No entanto, em nosso *corpus* formou adjetivos a partir de substantivos, (249) *regulatório*, de regulação; e (250) *palavrória*, de palavra.

(249) regulatório

Mendonça de Barros também destaca a importância da segurança jurídica e regulatória. (JC, 31/10/2010)

Ele lembra que estabeleceu parceria com Dilma no processo de definição do novo marco regulatório do pré-sal. (01/11/2010)

O presidente Lula afirmou, recentemente, que a discussão sobre um novo marco regulatório de telecomunicações é "inexorável". (FSP, 02/10/2010)

O ministro está organizando o Seminário Internacional Marco Regulatório da Radiodifusão, Comunicação Social e Telecomunicação, ainda sem data e local definidos. (JC, 07/10/2010)

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva quer enviar até dezembro ao Congresso uma proposta de marco regulatório dos serviços de telecomunicação e radiodifusão. (JC, 07/10/2010)

Os principais eixos são o marco regulatório da internet, direitos autorais, legislação geral para a comunicação pública e o marco regulatório para o setor de comunicação no país. (JC, 07/10/2010)

O ministro está na Europa para convidar especialistas a participar de seminário no próximo mês que irá discutir um marco regulatório para meios eletrônicos no Brasil. (FSP, 09/10/2010)

Devem ser definidos princípios gerais para que a agência regulatória decida para garantir os direitos dos consumidores e dos cidadãos. (FSP, 09/10/2010)

As televisões não devem ficar contra a proposta do marco regulatório. (FSP, 09/10/2010)

Essa definição necessita de discussão técnica e cuidado para construir um marco regulatório que, por um lado, não beneficie uns em detrimento de outros, e, por outro, não resulte no prejuízo do meio ambiente do país como um todo" (FSP, 31/10/2010)

(250) palavrória

Por todo o tempo, um confronto de caubóis hollywoodianos em versão palavrória. (FSP, 12/10/2010)

5.1.1.3 Derivação flexional

Conceito trabalhado por Sablayrolles (2000; 2001; 2011) e Alves [2011?], o processo de derivação flexional ocorre quando é realizada uma inovação lexical no processo de flexão de gênero e número. Alves [2011?] nos traz o exemplo do emprego de *primeiro damo* por analogia a *primeira dama*.

Nossa pesquisa revelou apenas uma formação desta categoria, com a palavra (252) *azarã*, formada por analogia à palavra *azarão*, registrada pelo Houaiss (2009) como um regionalismo do Rio de Janeiro, que significa, por derivação de sentido, “aquele que tem poucas possibilidades de vencer uma disputa ou de dar certo em algum empreendimento; zebra, azar”. O neologismo flexional (251) *azarã* foi usado como adjetivo em referência a candidata Marina Silva, senadora da república na ocasião. A candidata surpreendeu os resultados no primeiro turno, conquistando um número de eleitores não esperado.

(251) *azarã*

A senadora aposta no "recall" para atrair outras legendas e iniciar a próxima campanha com mais tempo de TV e sem o rótulo de azarã. (FSP, 03/10/2010)

5.1.1.4 Derivação regressiva

A derivação regressiva é um processo de nominação no português. Nesse tipo de operação, uma nova palavra é formada pela supressão de um elemento, e não pela adição. Basilio (1999, p.37) lembra que é importante distinguir o conceito de derivação regressiva do conceito de abreviação ou de redução, uma vez que nos últimos também temos a supressão de elementos para a formação de novas palavras. O que ocorre na derivação regressiva é a supressão de um elemento considerado de caráter sufixal (ALVES, 2001, p.71), enquanto nos processos de redução e abreviação podem ocorrer alterações de outros tipos, como *micro* por *microcomputador*, *Sampa* por *São Paulo*, *análise* por *psicanálise* etc. A derivação regressiva sempre consistirá na supressão de um afixo e a palavra resultante não tem o mesmo significado ou uso da palavra derivante (BASILIO, 1999, p.37).

Alves (2001, p.71) diz que, em português, muitos casos de derivação regressiva são constituídos por substantivos deverbais, resultantes da substantivação das formas verbais através do acréscimo das vogais *-a*, *-e*, e *-o* ao radical do verbo.

Em nosso material, foi encontrado o neologismo (252) *desgravo*, derivado do verbo *desgravar*, com a adição da volgal *-o*.

(252) desgravo

Evento no Rio Grande do Sul se torna um ato de desgravo ao tucano. (JC, 23/10/2010)

5.1.1.5 Derivados de siglas e acrônimos

A acrografia ou acrossemia é a redução de vocábulos ou expressões a seus elementos iniciais, que podem ser letras ou sílabas. A criação de siglas é um caso especial no procedimento linguístico de abreviação de palavras. É um processo de extrema vitalidade no léxico porque preza pelo princípio da economia, uma vez que reduz longos títulos e denominações a sequências de letras facilmente memorizadas na língua. Para pensar isso, basta consultar um conjunto de falantes sobre a identificação das siglas *INSS*, *PIS*, *FGTS* e demais siglas importantes para a economia do país. A maioria deles certamente saberá o que representam as instituições e programas econômicos a que estas siglas se referem, mas certamente poucos deles saberá dizer que palavras cada uma das letras representa exatamente.

Carvalho (1983, p.98) frisa a importância do uso das siglas na linguagem jornalística: elas ocupam menos espaço na página e comunicam com maior velocidade. Não podemos dizer que as siglas são neologismos, uma vez que são apenas representações abreviadas de palavras que podem ou não já existirem na língua. Porém, quando estas abreviações se popularizam, passam a formar neologismos a partir de suas bases. Neste caso, podemos dizer que há formação de novas palavras a partir das siglas e acrônimos.

Na linguagem da política, as siglas têm um valor fulcral, já que denominam os partidos que representam as forças ideológicas em debate na sociedade. *PSOL*, *DEM*, *PMDB*, *PT*, *PC do B*, *PFL*, *PRB*, *PSB*, *PDT*, *PV*, *PR*, *PP*, *PCR*, *PSDC*, *PMN*, entre outras, são alguns exemplos da disseminação de partidos políticos no Brasil na contemporaneidade, o que era bem mais reduzido há trinta anos. Depois da redemocratização do país, com o fim da ditadura militar, diversos partidos foram criados e outros voltaram a funcionar. Há tantas legendas que os eleitores mal podem memorizar a mais recente que logo surge uma nova, pois as leis eleitorais do nosso país acabam privilegiando candidatos desta ou daquela denominação a depender do número de filiados e de votos em cada localidade. Além disso, há uma tendência de surgimento de partidos que se autodenominam “de centro”, aqueles que não querem se afirmar como direita ou esquerda.

Em 2011, foi criado o PSD (Partido Social Democrata), pelo atual prefeito da cidade de São Paulo Gilberto Kassab. De olho nos deputados evangélicos, o partido é uma dissidência do DEM e de outros partidos.

Ainda para representar as instituições, leis e programas criados pelo governo, as siglas

inserir novas realidades na língua a partir de mudanças no âmbito social. As UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) foram uma grande novidade no ano de 2010, representando o combate contra as forças do crime organizado em favelas e comunidades do Rio de Janeiro, com o objetivo de apaziguar o crime na cidade que será sede das Olimpíadas de 2016 e uma das sedes brasileiras na Copa de 2014. Também os VANTS⁸¹ (Veículos Aéreos Não Tripulados) ajudariam no combate ao tráfico nos locais de difícil acesso por via terrestre.

A sugestão de mudança da já conhecida sigla *Petrobrás* para *PetroBrax*⁸², com o objetivo de internacionalizar a empresa brasileira de petróleo, também repercutiu nas campanhas eleitorais de 2010. A partir desse evento, podemos ver como as siglas podem não ter apenas a função abreviativa, mas principalmente ideológica.

As lutas pelos direitos dos *homoafetivos* também produziram novas siglas no período eleitoral de 2010. A ABGLT⁸³ (Associação Brasileira dos Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais) apareceu como novidade na mídia, inclusive através de partidos e candidatos a cargos políticos, para lutar pelos seus direitos civis. Também a sigla LGBT⁸⁴ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais) veio representar essa parcela da população, que, de certa forma, compôs números importantes nas urnas.

Assim como os neologismos, as siglas surgem como representação de novas necessidades sociais. Na linguagem da política, elas estão a serviço de denominações ideológicas e partidárias. Algumas siglas formaram neologismos a partir de processos de derivação e composição. Listamos abaixo as derivações e a única composição detectada em

⁸¹ *Nem as UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) nem os Vants (veículos aéreos não tripulados) prometidos por Dilma Rousseff (PT).* (FSP, 27/10/2010)

⁸² *E o tratamento que eles deram à Petrobras, quando tiraram até o que é mais brasileiro, que é o "bras", e tentaram colocar o "brax", disse, se referindo a ideia surgida em 2000 de trocar o nome para "PetroBrax".* (FSP, 06/10/2010)

⁸³ *Em carta aberta enviada ontem ao PT e ao PSDB, a ABGLT critica a campanha eleitoral e cobra de Dilma e Serra respeito a suas "biografias"* (JC, 16/10/2010)

SÃO PAULO – A Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) divulgou ontem uma carta aberta aos presidentiáveis, cobrando mais respeito “à democracia, à cidadania de todos e de todas, à diversidade sexual e à pluralidade cultural e religiosa”. (JC, 16/10/2010)

⁸⁴ *Ao clamar a Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB) “pelo imediato reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo e pela criminalização da discriminação e da violência homofóbica”, o documento afirma que o núcleo das diferenças entre PT e PSDB não está na defesa dos direitos da população LGBT ou na visão de que o aborto é um problema de saúde pública.* (JC, 16/10/2010)

No caso de Dilma, a associação cita que a candidata fez parte “do governo que mais fez pela população LGBT, que criou o programa Brasil sem Homofobia, e o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT”. (JC, 16/10/2010)

Depois de enumerar essas medidas, a ABGLT pede aos presidentiáveis: “Não maculem suas biografias e trajetórias. (JC, 16/10/2010)

nosso *corpus* a partir de siglas.

Note-se que muitas das palavras formaram-se com o sufixo *-ista*, tendência já atestada na análise das derivações sufixais, pois o afixo adiciona a base o sentido de “adepto a”: (253) *petebista*, (254) *peemedebista*, (255) *demista*, (256) *pepista*, (258) *pessebista*. O sufixo *-ismo* também gerou uma formação, adicionando o sentido de ‘movimento social ou ideológico’ (257) *peemedebismo*. A composição (259) *pefelista-demista* associou duas denominações políticas coligadas através da composição por justaposição de adjetivos derivados com o sufixo *-ista*.

(253) petebista

Ofuscado pela presença do governador-candidato Eduardo Campos no local, o candidato petebista votou sem atrair muitos olhares. (JC, 04/10/2010)

(254) peemedebista

A peemedebista e ex-prefeita de Olinda Jacilda Urquiza fez uma homenagem ao ex-governador Cid Sampaio, falecido na semana passada, aos 99 anos. (JC, 06/10/2010)

O filho do peemedebista, conhecido como Jarbinhas, 19 anos, participou praticamente de quase todas as atividades de campanha. (JC, 02/10/2010)

Peemedebista planeja realizar megarreunião com prefeitos para turbinar agenda de rua da candidata no Rio (FSP, 12/10/2010)

(255) demista

Tem a ver com moléstias estruturais que permanecem instaladas com a complacência conjunta de petistas, tucanos, demistas e o que mais venha à mente. (FSP, 02/10/2010)

O demista foi escolhido após Serra -que havia anunciado o senador Alvaro Dias (PSDB-PR) como vice-ser acudado pelo DEM. (FSP, 02/10/2010)

"Somos amigos", disse o demista. (FSP, 30/10/2010)

(256) pepistas

Os pepistas mais entusiasmados com a ideia dizem que o anúncio pode ser feito na próxima semana. (FSP, 09/10/2010)

(257) peemedebismo

No Brasil, Collor foi alternância positiva ao peemedebismo que se impôs à sucessão da ditadura e ao governo Sarney? (FSP, 26/10/2010)

(258) pessebista

Outro pessebista que agrada Dilma é Gabriel Chalita (SP), que se tornou amigo da petista e a ajudou a reconstruir pontes com católicos. (FSP, 31/10/2010)

(259) pefelista-demista

Sempre caberia opor-lhe argumentos de pragmatismo político, o mesmo que levava a participações no governo de Lula e em outros, até no pefelista-demista de Cesar Maia. (FSP, 19/10/2010)

5.1.2 Formação por composição

Fecundo no português, o processo de composição consiste na criação de uma nova unidade lexical a partir de bases autônomas ou não autônomas, para representar uma ideia distinta das emitidas pelas unidades do composto se observados isoladamente. Pruvost e Sablayrolles (2006, p.104) definem a composição como a união de várias unidades lexicais na formação de uma nova, o que nos permite incluir as construções por sintagmas lexicais nesta categoria.

José João de Carvalho (2009, p.17), a partir do estudo detalhado de vários autores, apresenta uma síntese de propriedades da palavra composta:

- i) aproximação de dois vocábulos, determinante e determinado, ou núcleo e qualificador, que se integram em uma só concepção traduzida por uma unidade mais ou menos elevada de expressão;
- ii) junção ou união de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado constante.

Em outras palavras, no processo de composição, dois ou mais itens lexicais associam-se para formar um novo significado, ligado a um novo referente. Esse tipo de formação pode ser visto como o mais solto do ponto de vista da forma, pois os nomes conservam, em sua maior parte, a sua integridade morfológica e flexional.

Bechara (2004, p.352) nos mostra que há compostos com elementos vernáculos independentes na língua (*cidadão-eleitor*) ou com algumas alterações formais (*sulanca* – helanca do sul). Há também aqueles formados por lexias complexas, que são unidades formalmente soltas, mas ligadas a um único referente, como apresentamos no item 2.2.2 do capítulo 2. Ainda segundo o gramático (BECHARA, 2004, p.353), a composição é uma transformação sintática em expressão nominal, sendo um processo de natureza não apenas morfológica, mas, sobretudo, sintática. “É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação”, acrescenta Benveniste (1989, p.163).

Nas gramáticas, tradicionalmente, dividem-se os processos de formação composta por:

- a) justaposição de palavras: pressupõe a conservação morfológica das palavras, que podem estar justapostas entre um hífen (*ideológico-partidário*, *lulo-dilmista*) ou sem nenhum sinal gráfico separando-as, quando há um composto sintagmático (*taxa de sucesso*,

uso político). Bechara (2010) identifica estes compostos como *lexias* (*união homoafetiva, braço direito*);

b) aglutinação de palavras: ocorre a união de dois vocábulos na constituição de uma unidade léxica identificável no discurso;

c) cruzamento de palavras: ocorre um processo semelhante ao da aglutinação, porém há alterações na fonética e perda no radical de algum dos componentes.

Estudaremos nesta pesquisa os quatro processos de composição presentes nos neologismos de nosso material: composição por justaposição, composição por aglutinação, composição erudita (aglutinação com bases de origem grega e latina) e cruzamento vocabular. Apresentaremos apenas alguns exemplos da composição sintagmática, baseados numa observação incipiente desse tipo de formação em nosso *corpus*, uma vez que nosso princípio metodológico de coleta não nos permitiu mapear todas as construções de natureza sintagmática.

A composição foi produtiva em nossa pesquisa, rendendo 138⁸⁵ itens neológicos. Verificamos a seguinte porcentagem distributiva dos processos:

⁸⁵ Este número faz referência ao total de composições por justaposição, por aglutinação, compostos eruditos e cruzamentos vocabulares.

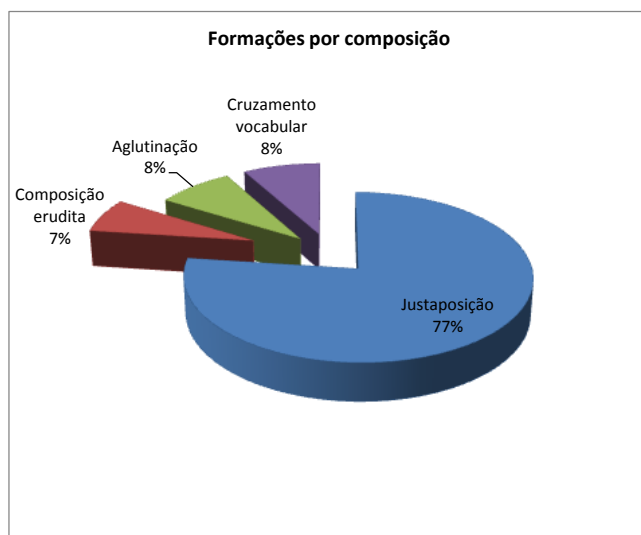


Gráfico 5 - Porcentagem das formações compostas

5.1.2.1 Composição por justaposição

A composição por justaposição ocorre na ocasião da união de duas ou mais palavras para a formação de uma nova, sem alterações morfológicas em nenhuma delas (Cf. Carvalho, 1983, p. 102). Graficamente, pode-se indicar a separação dos itens lexicais com o uso do hífen ou apenas com um espaço em branco. Este tipo de formação pode revelar um caráter subordinativo ou coordenativo entre as palavras.

A função coordenativa pode ser exercida pela justaposição de substantivos, adjetivos ou palavras de outra classe gramatical (ALVES, 2007, p.44). Alves (2007) argumenta que, na coordenação, os substantivos justapostos nem sempre manifestam a relação de determinante e determinado. Isso ocorre quando as bases componentes da nova unidade lexical desempenham a mesma função do elemento formado e associam-se de modo copulativo. Os exemplos usados pela pesquisadora são os neologismos *outono-inverno* e *telespectador-eleitor-contribuinte* (ALVES, 2007, p.45).

A subordinação só ocorre quando a construção é feita com dois substantivos, o primeiro sendo determinado e o segundo determinante (ALVES, 2007, p.41). Carvalho (1983) afirma que essa ordem tem origem histórica; advém da perda dos casos na passagem do latim para o português. “A forma analítica, baseada no lugar das palavras na ordem de enunciação, substituiu a forma sintética baseada na marca dos casos” (CARVALHO, 1983, p.107). Não obstante, Alves (2007, p.42) defende que, apesar de as gramáticas indicarem que na subordinação a ordem é sempre do determinante seguido do determinado, a sequência dos elementos na subordinação também não é fixa, pois, em suas pesquisas, a estudiosa encontra casos em que o substantivo determinado antecede o determinante (*ex. média-metragem*).

Descreveremos as ocorrências de neologismos formados por justaposição de acordo com as classes de palavras dos formantes.

5.1.2.1.1 Justaposição substantivo/substantivo

No composto com dois substantivos, ocorreu em nosso trabalho de o segundo elemento determinar o primeiro, quando ocorreu relação subordinativa (DETERMINADO-DETERMINANTE). Assim, o segundo elemento especifica o primeiro e atua numa função adjetival (ALVES, 2007, p.41).

Em nosso *corpus*, quarenta e três neologismos foram formados através da

justaposição de substantivos. Destacamos a palavra *fantasma* nas formações (5) *idades-fantasmas*, (6) *empresas-fantasmas* e (7) *funcionários-fantasmas*, em que fica evidente certa produtividade do item lexical com função adjetival pela existência de várias entidades falsas na política brasileira. O substantivo *fantasma* ocorre como sinônimo de *inexistente*, formando palavras que dão conta das cidades, empresas e funcionários criados juridicamente, mas inexistentes na prática. Os fantasmas aqui citados servem como mais um meio de alguns políticos obterem lucro ilícito pelo uso indevido dos cofres públicos.

O substantivo *chave* foi outro item produtivo como determinante em construções por justaposição. No mundo da política, os cidadãos são eleitores, - (17) *cidadão-eleitor* - necessários ao sistema não somente como símbolos da vontade democrática, mas também como número e estatística. É esse quantitativo é o que de fato delegará o poder a este ou àquele candidato e definirá as maiorias dos plenários e senados. Nesse processo de transformação das singularidades em estatísticas, observamos o surgimento de palavras que demonstram a “coisificação” do indivíduo em objeto de representação (*chave*) e força ideológica: (9) *peças-chave*, (10) *peça-chave*, (11) *papel-chave*, (13) *personagem-chave* e (16) *nomes-chave* são neologismos que, através do processo de composição, representam na língua a função social do cidadão nesse universo em que adesões a ideologias são um passo a mais na conquista do poder.

A função estratégica dos indivíduos, das instituições e das máquinas públicas em tempos de disputa política também ficam evidentes nas composições (12) *cargos-chaves* e (15) *emergentes-chave*.

Os cargos com determinante *chefe* geraram três novas palavras (22) *ministra-chefe*, (23) *editor-chefe* e (24) *economista-chefe*.

Os *laranjas* figuram através de duas formações (27) *candidata-laranja* e (28) *candidaturas-laranjas*, demonstrando a produtividade a partir da aceção da palavra de uso informal que denota “indivíduo, nem sempre ingênuo, cujo nome é utilizado por outro na prática de diversas formas de fraudes financeiras e comerciais, com a finalidade de escapar do fisco ou aplicar dinheiro de origem ilícita” (HOUAISS, 2009).

O substantivo (26) *operário-presidente* registra uma importante interpretação sobre o ex-Presidente Lula, alvo de críticas e de preconceito por ter origem operária e não acadêmica. A subordinação entre os dois elementos como referência ao político demonstra o quanto a sua origem marca o julgamento sobre sua conduta mesmo no cargo de Presidente

da República. O composto (30) *presidente-padrinho* também foi criado com referência ao então presidente Lula, que apadrinhou a candidatura da sua sucessora Dilma Rousseff. Esse apoio foi decisivo para a eleição da candidata petista, uma vez que a popularidade do presidente era muito alta no final de seus dois mandatos.

O surgimento de (29) *favelas-bairro* indica o crescimento das favelas a ponto de serem elevadas ao status de bairros, sobretudo em época de eleições, quando o quantitativo de moradores das favelas representa importante percentagem eleitoral.

Alves (2009, p.42) alerta para contradições reveladas por seu *corpus* em relação à não flexão do segundo elemento, o determinante, quanto à categoria do número, segundo prevê a gramática. Um quantitativo relevante de palavras de nosso *corpus* também contradiz essa regra gramatical, como podemos observar em (5) *cidades-fantasmas*, (6) *empresas-fantasmas*, (7) *funcionários-fantasmas*, (12) *cargos-chaves*, (16) *emergentes-chaves*, (28) *candidaturas-laranjas* e (38) *preços-tetos*.

Nem sempre ocorre necessariamente a subordinação entre os dois substantivos na formação por justaposição, embora a relação subordinativa ocorra sempre entre substantivos. Em nossa pesquisa, podemos observar os compostos (39) *direito-dever*, (42) *Norte-Centro-Oeste* e (43) *irmão-doador*, que estabelecem entre si uma relação coordenativa e não subordinativa, formando novos itens substantivais.

(1) gás-estufa

Um deles é a promessa de cumprir as metas de redução de gases-estufa propostas na conferência de Copenhague, que incluem o corte no desmatamento amazônico em 80% até 2020. (FSP, 21/10/2010)

(2) PT-Dilma

Disse ele que, apesar de integrar em Minas a equipe de PT-Dilma quando descoberta a violação, foi ainda quando repórter do "Estado de Minas" que iniciou "a investigação", junto a um despachante. (FSP, 21/10/2010)

(3) Bolsa-Família

O confronto entre Marina e Serra se estendeu ao quarto bloco, quando a candidata verde cobrou do tucano que fizesse uma autocrítica por ter atacado o programa Bolsa-Família, do governo Lula, e agora prometer mantê-lo. (JC, 01/10/2010)

Irritado, Serra voltou a afirmar que o Bolsa-Família tem inspiração nos programas sociais do governo FHC, do qual participou. (JC, 01/10/2010)

Em outra oportunidade, ao falar sobre o programa Bolsa-Família, a candidata disse que no Estado de São Paulo – administrado até pouco tempo por Serra – “quem cuida de pobre é o governo federal”. (JC, 30/10/2010)

Segundo ela, 1,1 milhão famílias paulistas estariam inseridas no Bolsa-Família, e o número não seria maior porque o cadastramento é feito em parceria com o governo estadual, insinuando que não estaria cooperando. (JC, 30/10/2010)

(4) cidade-polo

Segundo o presidente do TRE, Roberto Ferreira Lins, as 18 mil urnas que estavam armazenadas em 18 cidades-polo já foram embarcadas em caminhões para serem ligadas em suas respectivas zonas. (JC, 01/10/2010)

O senador Jarbas Vasconcelos (PMDB) e o coordenador da campanha tucana no Estado, deputado Bruno Rodrigues, estiveram reunidos ontem para acertar os primeiros detalhes da programação, que ainda será submetida ao candidato, mas a informação preliminar é que Serra poderá vir no dia 22, para uma caminhada no centro do Recife, seguida de um comício, à noite, em uma cidade-pólo do interior do Estado, que ainda será definida. (JC, 11/10/10)

(5) cidades-fantasma

A entrada de Palmares é o cenário de um filme de cidades-fantasma. (JC, 04/10/2010)

(6) empresa-fantasma

As doações foram feitas por duas empresas-fantasmas, segundo a PF, que também foram usadas pela Cisco para fraudar importações, apuração que resultou numa das maiores autuações da Receita, de R\$ 3,3 bilhões. (FSP, 23/10/2010)

O inquérito para apurar o caso não era nenhum bicho de sete cabeças, segundo três delegados da PF ouvidos pela Folha: havia as conversas telefônicas e duas empresas-fantasmas fazendo doações. (FSP, 23/10/2010)

(7) funcionário-fantasma

O ponto eletrônico biométrico, com o controle das impressões digitais, é apontado como uma das medidas capazes de evitar funcionários-fantasmas e pagamentos irregulares de horas-extras. (FSP, 28/10/2010)

(8) governador-candidato

Em função do falecimento do ex-governador de Pernambuco Cid Sampaio (leia na página 12), o governador-candidato Eduardo Campos (PSB) cancelou ontem, último dia permitido pela Justiça Eleitoral para a realização de comícios e de propaganda eleitoral, toda a agenda de eventos. (JC, 01/10/2010)

A pesquisa também mostrou uma queda na diferença entre o governador-candidato Eduardo Campos (PSB) e o candidato Jarbas Vasconcelos (PMDB). (JC, 01/10/2010)

No cálculo dos votos válidos, quando indecisos, brancos e nulos são excluídos, o governador-candidato alcançou 78% e Jarbas, 20%. (JC, 01/10/2010)

(9) pessoa-chave

Serra disse que Aécio, após o luto pelo pai, será uma das pessoas-chave da campanha, junto com Anastasia. (JC, 05/10/2010)

Serra disse que Aécio, após o luto pelo pai, será "uma das pessoas-chave" da campanha, junto com Anastasia. (FSP, 05/10/2010)

No G1, "Aécio é pessoa-chave no segundo turno, diz Serra". (FSP, 05/10/2010)

(10) peça-chave

Integrantes do PT chegaram a telefonar para dirigentes comunistas para tomar satisfação em relação às declarações de Protógenes, delegado da Polícia Federal, que afirmou ser "peça-chave" da campanha de Dilma. (JC, 20/10/2010)

De volta à cena política desde 3 de outubro, quando foi eleito deputado federal, o delegado da Polícia Federal (PC do B-SP) foi alçado ao posto de, em suas próprias palavras, "peça-chave" da campanha de Dilma Rousseff (PT) nos embates contra o tucano José Serra (PSDB). (FSP, 19/10/2010)

Marcelo Leonardo, defensor de Marcos Valério de Souza, apontado como peça-chave do mensalão, diz que, "da parte da defesa do empresário, nunca foi praticado nenhum ato para procrastinar o processo". (FSP, 24/10/2010)

Serra desceu da van, andou menos de 100 metros, cercado por um enxame de repórteres e fotógrafos, parou no estacionamento de uma lanchonete, deu uma entrevista coletiva em que detonou o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), peça-chave do programa do PT, entrou na van e sumiu. (FSP, 25/10/2010)

(11) papel-chave

Mas, dada a mudez de Santana -cuja discrição é parte sagrada de uma persona- e o papel-chave de Risério na equipe, não é demais supor que o antropólogo exprima o pensamento corrente na comunicação dilmista. (FSP, 01/10/2010)

(12) cargo-chaves

Cabral diz querer manter técnicos em cargos-chaves, como a Secretaria de Segurança. (FSP, 04/10/2010)

(13) personagem-chave

O personagem-chave dessa história é Eduardo Artur Silva, a mais exótica nomeação feita por Erenice em seu breve reinado. (FSP, 07/10/2010)

(14) ponto-chave

Dilma também manobrou contra Marina num ponto-chave para a conservação ambiental: a criação de áreas protegidas. (FSP, 10/10/2010)

(15) emergente-chave

Nada que preocupe Brasil e outros "emergentes-chave", mas Bremmer sugere ficar atento para Venezuela e Cuba. (FSP, 14/10/2010)

(16) nome-chave

Nem nesse momento surgiram dois nomes-chaves da campanha: Erenice Guerra, a sucessora de Dilma suspeita de nepotismo e de tráfico de influência na Casa Civil, e o de "Paulo Preto", que teria desviado R\$ 4 milhões da campanha de Serra. (FSP, 30/10/2010)

(17) cidadão-eleitor

Vinte dias se completam e a expectativa do cidadão-eleitor – usuário, consumidor, aprendiz, trabalhador, patrão, pai e filho – de saber o que pensam e o que querem dois dos postulante à Presidência da República deu com os burros n'água. (JC, 24/10/2010)

A uma semana da eleição que elegerá a nova ou o novo presidente da República, o cidadão-eleitor não ouviu falar em políticas públicas para os esportes e a cultura, isso quando o (a) novo (a) presidente vai abrir a Copa do Mundo de 2014 e terá de deixar prontas a maior parte da infraestrutura das Olimpíadas de 2016. (JC, 24/10/2010)

(18) cardeal-arcebispo

Sem manifestar preferência partidária, o cardeal-arcebispo de São Paulo, d. Odilo Pedro Scherer, defendeu que os candidatos à Presidência da República tenham um “posicionamento claro” sobre a questão do aborto e avaliou como “parte do jogo democrático” a presença do tema na campanha. (JC, 08/10/10)

(19) comício-relâmpago

Ao final, os três discursaram, num comício-relâmpago, na Praça de Paratibe. (JC, 18/10/2010)

Impressionada com a receptividade, Dilma quebrou o protocolo e fez um comício-relâmpago na Avenida 15 de Novembro, no Centro de Caruaru. (JC, 27/10/2010)

(20) almoço-convocação

Isso ficou claro, ontem, no almoço-convocação promovido pelos governistas – à frente o governador e o deputado federal eleito (e coordenador da campanha petista em Pernambuco) João Paulo (PT), no restaurante Sal e Brasa, na Imbiribeira. (JC, 19/10/2010)

(21) carta-compromisso

A carta-compromisso do presidenciável do PSDB, José Serra, a Pernambuco começou a ser distribuída, ontem, em caminhada no Pátio do Livramento, no Centro do Recife, com a participação de cinco deputados das oposições.

O ex-ministro Gustavo Krause, vice-presidente estadual do DEM, defendeu que a carta-compromisso de Serra com Pernambuco, agora, é o principal instrumento para tentar conquistar votos. (JC, 20/10/2010)

Convencida de que deveria dedicar atenção aos militares, Dilma assinou carta-compromisso em que garante dar à categoria prosseguimento à Estratégia Nacional de Defesa. (JC, 29/10/2010)

(22) ministro-chefe

Abramovay reclama da pressão de Dilma Rousseff (então ministra-chefe da Casa Civil), e de Gilberto Carvalho, em torno da produção de dossiês contra adversários. (JC, 24/10/2010)

Em outubro de 2007, a pesquisa CNT/Sensus mostrava a então ministra-chefe da Casa Civil com 5,7%. (01/11/2010)

(23) editor-chefe

O debate será mediado pelo apresentador e editor-chefe do Jornal Nacional, William Bonner, e será dividido em três blocos. (JC, 29/10/2010)

(24) economista-chefe

“Acho que mínimo de R\$ 600 seria o primeiro e último ato populista dele”, afirmou o economista-chefe da corretora Convenção, Fernando Montero. (JC, 24/10/2010)

Mas não há preocupação com a solvência do país, como havia no passado", diz Silvio Campos Neto, economista-chefe do Banco Schahin. (FSP, 18/10/2010)

Para José Francisco de Lima Gonçalves, economista-chefe do Banco Fator, mesmo com a perspectiva de continuidade da política econômica, há espaço para mudança, por exemplo, em relação aos gastos do governo. (FSP, 18/10/2010)

No Banco Central, são cogitados o diretor Alexandre Tombini (Normas) e o economista-chefe do Bradesco, Octávio de Barros, para o lugar de Henrique Meirelles. (FSP, 31/10/2010)

(25) prédio-sede

A desconfiança da vereadora tem por base a grande fila que se formou ontem no prédio-sede da Empresa de Urbanização do Recife (URB), no bairro da Boa Vista, de pessoas que buscavam manter ativos seus cadastros do Bolsa Família. (JC, 30/10/2010)

(26) operário-presidente

Que será do PT que gestou um operário-presidente, mas em momento algum o educou a seguir a cartilha de um partido dos trabalhadores? (01/11/2010)

(27) candidata-laranja

Ao negar o rótulo de "candidata-laranja" do marido, Weslian disse que assumiu o lugar de Roriz para defendê-lo de uma "injustiça" cometida pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral). (FSP, 01/10/2010)

Classificada como "fraude, escárnio e candidata-laranja" pela procuradoria eleitoral, Weslian teve vitória apertada na Justiça Eleitoral do DF e o Ministério Público tem três dias recorrer. (FSP, 04/10/2010)

(28) candidatura-laranja

Para o Ministério Público Eleitoral, a candidatura de Weslian legitimaria "candidaturas-laranjas". (FSP, 02/10/2010)

Para a Procuradoria Eleitoral, é uma "candidatura-laranja". (FSP, 24/10/2010)

(29) favela-bairro

Com cerca de 200 mil habitantes e várias obras de urbanização, Heliópolis e Paraisópolis, as maiores favelas-bairro de SP, fazem campanhas frenéticas e são alvo de disputa entre os candidatos (FSP, 02/10/2010)

Se a queda de braço pela paternidade das obras nas duas maiores favelas-bairro da cidade foi acirrada, nas ruas é evidente uma presença maior de candidatos e cabos eleitorais do PT. (FSP, 02/10/2010)

Lotou, por exemplo, a quadra da escola Etelvina de Goes Marcucci, encravada na favela-bairro de Paraisópolis, zona sul paulistana, vizinha do rico Morumbi. (FSP, 04/10/2010)

(30) presidente-padrinho

A primeira eleição com um presidente-padrinho com recordes de popularidade. (FSP, 03/10/2010)

(31) candidato-surpresa

O senador Paulo Paim (PT) também teve reação na disputa gaúcha e ultrapassou a jornalista Ana

Amélia (PP), a candidata-surpresa que liderou no Estado durante boa parte da campanha. (FSP, 03/10/2010)

(32) navio-plataforma

A conversão do casco do navio-plataforma foi feita em Cingapura, por não existir estaleiro que fizesse esse trabalho no Brasil, diz a empresa. (FSP, 08/10/2010)

Ontem, Lula visitou pela primeira vez o navio-plataforma Cidade de Angra dos Reis, que tem capacidade para produzir 100 mil barris/ dia, mas que começou operação produzindo apenas 15 mil barris/dia. (FSP, 29/10/2010)

Depois de visitar o campo em alto-mar, o presidente participou de cerimônia na Base Aérea do Galeão com o mesmo objetivo -comemorar a entrada em operação do navio-plataforma. (FSP, 29/10/2010)

(33) Palhaço-Bomba

Autor do livro "O Palhaço-Bomba". (FSP, 15/10/2010)

(34) capital-socialismo

Tudo é possível, como atesta o capital-socialismo do Partido Socialista Brasileiro) é um certo Luiz Rogério Ogniben Vargas, ex-secretário de Administração do Estado do Rio de Janeiro (governo Rosinha Matheus) e alvo de ação civil pública por conta do escândalo dos bingos da Loterj (o caso Waldomiro Diniz). (FSP, 16/10/2010)

(35) capital-semente

A alocação do capital-semente dentro de grandes fundos de investimentos pode ser uma boa forma de alimentar o "pipeline" para investimentos futuros. (FSP, 17/10/2010)

(36) carta-rendição

A carta-rendição aos evangélicos não é "contradição"? (FSP, 19/10/2010)

(37) auxílio-transporte

Em São Paulo, ele recebe uma bolsa mensal de R\$ 500 e, em alguns casos, auxílio-transporte de R\$ 100. (FSP, 24/10/2010)

(38) preço-teto

Por isso é que se estabelecem preços-tetos. (FSP, 27/10/2010)

(39) direito-dever

"Insisto no que parece ser grave quanto ao cerceio a seu direito-dever pelo comportamento dos agentes públicos. (FSP, 30/10/2010)

(40) sucessor-problema

Afinal, a escolha da sucessora-problema para o cargo foi obra de Dilma, não de Lula. (FSP, 01/11/2010)

(41) vereador-candidato

Liberato, Maré Malta e Almir Fernando estavam abertamente pedindo votos aos vereadores-candidatos. (JC, 05/10/2010)

(42) Norte-Centro-Oeste

No Norte-Centro-Oeste, Dilma cresceu quatro pontos e tem 51% contra 41% de Serra. (JC, 30/10/2010)

(43) irmão-doador

Em entrevista coletiva concedida às 14h30, o cirurgião vascular José Carlos Costa Baptista Silva informou que o transplante de rim de João da Costa “transcorreu normalmente” e, tanto o prefeito do Recife quanto o irmão-doador, Joselito Bezerra, “apresentavam quadros estáveis e se encontravam bem”. (JC, 12/10/10)

A primeira cirurgia, no irmão-doador Joselito (retirada de um dos rins), começou às 8h15 e terminou por volta 9h15. (JC, 12/10/10)

Ela fez questão de frisar a dimensão do gesto do irmão-doador de João da Costa. (JC, 12/10/10)

5.1.2.1.2 Justaposição substantivo/adjetivo

A justaposição substantivo/adjetivo foi produtiva em nossa pesquisa, rendendo a criação de trinta e cinco novas palavras.

Na justaposição de um substantivo seguido de um adjetivo, ocorre também, em nosso material, a predominância do padrão determinado/determinante. Nesse caso, instaura-se uma composição subordinativa entre os elementos lexicais constituintes.

Os neologismos que não manifestaram a relação determinado/determinante foram (51) *centro-esquerda*, (74) *centro-direita* e (70) *patricinha-religiosa*.

O neologismo mais frequente deste tipo de justaposição em nossa pesquisa foi o (44) *ficha-suja* e sua variante plural *fichas-sujas*, tendo 37 ocorrências registradas, distribuídas pelos jornais pesquisados em diferentes datas. A *Lei da Ficha Limpa*⁸⁶ foi sancionada em 4 de junho de 2010 pelo então Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva depois de ter entrado como projeto no Congresso Nacional devido a uma grande mobilização popular, por meio de abaixo-assinado. A Lei prevê a inelegibilidade e outros tipos de punições a candidatos que tenham denúncias ou condenações na Justiça Eleitoral. Através do *sítio Ficha Limpa*⁸⁷ (cadastro voluntário dos candidatos que estão isentos de quaisquer acusações previstas pela *Lei da Ficha Limpa*), os cidadãos podem obter informações sobre os candidatos que têm processos em trâmite ou se tornaram inelegíveis de acordo com a Lei.

Os políticos que estiveram ameaçados pela ação da *Lei da Ficha Limpa* foram automaticamente qualificados de (44) *fichas-sujas*. Há em nossa pesquisa, então, dois neologismos ligados a esse evento legislativo e político: os candidatos (45) *ficha-limpa* e os

⁸⁶ A lei está disponível no endereço digital <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LCP/Lcp135.htm#art2>. Acesso em: 1 dez. 2011.

⁸⁷ A consulta das listas de candidatos pode ser feita através do site <http://www.fichalimpa.org.br/index.php?op=filtar_candidatos>.

(44) *fichas-suja*. É interessante observar que nesse momento de adaptação ao uso, vemos flexões distintas das palavras, apesar de apresentarem as mesmas categorias gramaticais como componentes. O primeiro não flexionou nenhum dos itens no plural e o segundo flexionou os dois componentes.

As formações com o adjetivo *geral* como determinante, em denominações profissionais, apresentaram-se de modo fértil em nosso material: (56) *procurador-geral*, (57) *coordenador-geral*, (58) *diretor-geral*, (59) *advogado-geral*, (60) *cônsul-geral*, (61) *inspetor-geral*, (62) *subsecretário-geral*. Em seguida, usado no mesmo tipo de denominação, aparece o adjetivo *executivo* nas formações (63) *diretor-executivo*, (64) *superintendente-executivo* e (65) *coordenador-executivo*. Outras denominações ligadas a cargos profissionais foram (66) *secretária-adjunta*, (67) *prefeito-licenciado*, (73) *geofísico-sênior*, (77) *editor-assistente* e (78) *diretor-presidente*.

O movimento dos (69) *cara-pintadas* ainda repercute na política brasileira, com candidatos egressos da época.

Criação individual do ex-Presidente Lula, (71) *caixa-branca* forma-se por analogia a *caixa-preta*, palavra já dicionarizada. As *caixas-pretas* são aparelhos que guardam as informações sobre o funcionamento das aeronaves e normalmente são evocadas em situações de acidentes, para se conhecerem as causas. A (71) *caixa-branca* seria uma metáfora para denotar a transparência da instituição *Petrobrás*, segundo a fala do criador do novo item léxico. A criação do neologismo é consequência do antagonismo entre as cores preto e branco, como representantes do mal e do bem, do negativo e do positivo, respectivamente. Não obstante, (72) *chapa-branca* não sugere o mesmo sentido. A palavra serve para designar veículos de comunicação privados que são cúmplices do governo ou de outros grupos poderosos. A palavra também pode ser tomada como gíria ou bordão da linguagem política.

(44) ficha-suja

Fichas-suja terão votos zerados (JC, 01/10/2010)

Apenas após os candidatos fichas-suja terem seus registros deferidos é que o TSE vai informar o número de votos recebidos por cada um deles. (JC, 01/10/2010)

Maia foi considerado “ficha-suja” e teve a candidatura impugnada por rejeição de contas da sua gestão municipal pelo Tribunal de Contas do Estado (TCE), um dos motivos previstos para barrar candidaturas. (JC, 10/10/2010)

Todos os demais impugnados que concorreram nas eleições, principalmente os “fichas-sujas”, tiveram desempenho fraco. (JC, 10/10/2010)

Outros dois ex-prefeitos também foram impugnados como fichas-sujas: os de Caruaru Manoel Teixeira de Lima, mais conhecido como Neguinho Teixeira (PSDC), com 5.354 votos, e o de Jaboatão dos Guararapes Newton Carneiro (PP), que obteve 2.619 votos. (JC, 10/10/2010)

TSE valida, pela primeira vez, votos de ficha-suja (JC, 14/10/2010)

A tese vencedora no julgamento pode beneficiar outros 16 candidatos considerados fichas-sujas antes do pleito e que podem assumir cargos ou vagas de suplentes caso o TSE julgue favoravelmente os recursos deles. (JC, 14/10/2010)

“Falando sobre ter sido considerado um ficha-suja pelo Supremo Tribunal Federal na semana passada, Barbalho se disse “mais popular que a Lei da Ficha Limpa”, que o impediu de ser eleito de novo senador. (01/11/2010)

Voto em ficha-suja será considerado nulo (FSP, 01/10/2010)

O dia chuvoso previsto em parte do país, o vaivém nos documentos exigidos do eleitor, a decisão da Justiça Eleitoral de anular os votos que forem dados aos “fichas-sujas”, tudo isso pode interferir na votação de hoje. (FSP, 03/10/2010)

Para ele, a indecisão sobre a Lei da Ficha Limpa fará com que eleitores deixem de votar em “fichas-sujas”. (FSP, 03/10/2010)

Na semana passada, o TSE determinou que serão anulados os votos dados aos “fichas-sujas”. (FSP, 03/10/2010)

Ressalte-se que o quadro de eleitos ainda pode sofrer alterações significativas caso a Justiça Eleitoral decida liberar as candidaturas ficha-sujas, cujos votos por ora estão congelados. (FSP, 04/10/2010)

Fichas-sujas superam 700 mil votos em SP (FSP, 04/10/2010)

Políticos considerados “fichas-sujas” ainda podem recorrer ao TSE e ao STF para que votos não sejam anulados (FSP, 04/10/2010)

Entre os considerados “ficha-suja” pelo TRE (Tribunal Regional Eleitoral) de São Paulo o mais votado foi o deputado federal Paulo Maluf (PP) que foi escolhido por mais de 495 mil eleitores. (FSP, 04/10/2010)

8,7 milhões de votos em ‘fichas-sujas’ (FSP, 05/10/2010)

O maior número de votos anulados em virtude da lei da Ficha Limpa foi visto no Pará, onde políticos considerados “fichas-sujas” tiveram mais de 3,5 milhões de votos. (FSP, 05/10/2010)

Já em São Paulo, quase 1,2 milhão de votos foram recebidos por candidatos considerados “fichas-sujas” pela Justiça Eleitoral. (FSP, 05/10/2010)

Na Assembleia, o resultado final pode mudar caso alguns candidatos considerados “fichas-sujas” pelo TRE revertam a decisão nos tribunais superiores. (FSP, 05/10/2010)

Eleitores reprovam 75% dos candidatos "fichas-sujas" (FSP, 08/10/2010)

Ao todo, 157 políticos considerados "fichas-sujas" não conseguiram votos suficientes para serem titulares ou suplentes de cargos caso consigam derrubar nos tribunais as decisões que indeferiram suas candidaturas. (FSP, 08/10/2010)

Entre os enquadrados como "fichas-sujas" que já perderam nas urnas estão o ex-senador Expedido Júnior (PSDB-RO) e o ex-presidente da Assembleia Legislativa do Espírito Santo José Carlos Gratz (PSL-ES). (FSP, 08/10/2010)

O Estado do Ceará foi o que mais aprovou considerados "fichas-sujas" nas eleições. (FSP, 08/10/2010)

TSE ameniza critério contra "fichas-sujas" (FSP, 09/10/2010)

Ao julgar candidatos considerados "fichas-sujas", o Tribunal Superior Eleitoral liberou a candidatura de políticos cassados por abuso de poder econômico e político ou que tiveram contas rejeitadas por tribunais de controle de finanças públicas. (FSP, 09/10/2010)

O TCDF afirma que as facilidades obtidas pela ONG podem ser consideradas uma violação do princípio constitucional da impessoalidade, dada a relação do "casal 20"- slogan de Weslian na campanha ao governo após substituir o marido "ficha-suja" na disputa. (FSP, 10/10/2010)

Crimes contra a honra, porém, não tornam um político "ficha-suja". (FSP, 11/10/2010)

Pela 1ª vez, TSE valida votos de ficha-suja (FSP, 14/10/2010)

A tese vencedora no julgamento pode beneficiar outros 16 candidatos considerados "fichas-sujas" antes do pleito e que podem assumir cargos ou vagas de suplentes caso o TSE julgue favoravelmente os recursos deles. (FSP, 14/10/2010)

Dona Weslian, como é chamada, agora aos 68 anos, caiu de paraquedas na disputa pelo governo do DF, após o marido ter sido considerado "ficha-suja" pela Justiça Eleitoral. (FSP, 24/10/2010)

Após novo empate em sessão tensa, ministros entendem manter decisão já tomada pelo TSE contra "fichas-sujas" (FSP, 28/10/2010)

O tribunal julgou recurso de Jader contra decisão que o considerou "ficha-suja" por ter renunciado ao cargo, em 2001, para escapar de processo de cassação. (FSP, 28/10/2010)

Por isso, Jader, candidato ao Senado, foi considerado "ficha-suja" e seu registro foi negado. (FSP, 29/10/2010)

Qual é o efeito para outros casos de "fichas-sujas"? (FSP, 29/10/2010)

A possibilidade de novo pleito foi levantada pelo PMDB anteontem, depois de o STF (Supremo Tribunal Federal) confirmar o candidato a senador pelo PMDB Jader Barbalho como "ficha-suja". (FSP, 29/10/2010)

Lá, a base eleitoral de Roriz se mantém, apesar do rótulo de "ficha-suja" atribuído ao líder. (FSP, 31/10/2010)

(45) ficha-limpa

Ao ver a cena, alguém gritou: "Os 'ficha-limpa'!" (FSP, 30/10/2010)

(46) secretário-executivo

Em uma delas a assessoria alegou incompatibilidade de agenda da então secretária-executiva da Casa Civil. (JC, 26/10/2010)

(47) diretor-executivo

Para Márcia Cavallari, diretora-executiva do Ibope, embora tenha havido diferenças entre os resultados e as pesquisas, "as tendências foram se mostrando corretamente o tempo todo". (FSP, 05/10/2010)

Diretor-executivo da ANJ diz que vontade de controlar a imprensa revela incompreensão em relação à democracia (FSP, 25/10/2010)

Ricardo Pedreira, diretor-executivo da ANJ (Associação Nacional de Jornais), classifica como "um absurdo, um despropósito total" a criação de conselhos em vários Estados. (FSP, 25/10/2010)

(48) sócio-administrador

A Capacità, cuja sócia-administradora é a mulher de Cássel, Eliana de Fátima Azeredo, ganhou R\$ 1,8 milhão em contratos com o governo, sobretudo com o Ministério do Desenvolvimento Agrário (R\$ 737,7 mil) e com a Petrobras (R\$ 938,7 mil), revelou ontem o jornal "O Globo". (FSP, 09/10/2010)

(49) braço-direito

De início vista como "coisa de campanha" por governistas, terminou provocando a queda da ministra Erenice Guerra, a "braço-direito" da candidata Dilma. (JC, 03/10/2010)

A então ministra Erenice Guerra, braço-direito da presidenciável Dilma Rousseff (PT), pediu demissão após a Folha de S. Paulo publicar que o consultor Rubnei Quícoli, da empresa EDRB, disse ter sido procurado por representantes da Capital Consultoria para viabilizar financiamento do BNDES. (JC, 14/10/2010)

Valter Cardeal é braço-direito de Dilma no setor elétrico há 20 anos. (FSP, 17/10/2010)

(50) cabo-eleitoral

"Enfrentei um governador que usa uma vestimenta de modernidade e de liderança de capital nacional, mas que se tornou uma pessoa pequena, mesquinha", avaliou Jarbas, voltando a acusar o socialista de "cooptar" de prefeitos a cabos-eleitorais. (JC, 04/10/2010)

(51) centro-esquerda

GARCIA – Um homem de centro-esquerda. (JC, 01/10/2010)

(52) hora-extra

Segundo o MPF, além de Barreto não registrar os canavieiros, desobrigando-se das obrigações decorrentes da relação de emprego (horas-extras, 13º salário, férias), seus funcionários trabalhavam sem equipamentos de proteção individual, não eram submetidos a exame admissional, nem recebiam ferramentas para o trabalho, entre outras irregularidades apontadas. (JC, 29/10/2010)

(53) saia-justa

Depois de a candidatura de Dilma Rousseff (PT) sofrer um desgaste pela inclusão indevida de nomes

de artistas e intelectuais em um manifesto de apoio à sua campanha, foi a vez de o presidenciável José Serra (PSDB) passar pela saia-justa. (JC, 30/10/2010)

(54) governador-reeleito

O governador-reeleito Eduardo Campos (PSB), candidato ao governo proporcionalmente mais votado no País, continua em campanha eleitoral para eleger a candidata Dilma Rousseff (PT) no segundo turno. (JC, 05/10/2010)

O governador-reeleito disse que Dilma perdeu o primeiro turno porque teria sido alvo de uma série de ataques durante 45 dias seguidos. (JC, 05/10/2010)

Sérgio Xavier conquistou 2,08% dos votos válidos, ficando atrás do governador-reeleito Eduardo Campos (82,84%) e do senador Jarbas Vasconcelos (14,06%) (JC, 13/10/2010)

O governador-reeleito Eduardo Campos (PSB) e o ex-prefeito da capital João Paulo (PT), eleito para a Câmara dos Deputados, comandam uma caminhada que começará na Praça Osvaldo Cruz e se estenderá até a Praça do Carmo. (JC, 07/10/10)

O governador-reeleito Eduardo Campos (PSB) trabalha para ter um papel de destaque em um futuro governo da presidenciável, o que repercutiria diretamente na viabilização das metas projetadas pelo socialista para o segundo mandato. (JC, 17/10/10)

Apesar da liderança do governador-reeleito Eduardo Campos (PSB), que renovou o mandato com 82,84% dos votos válidos, e mesmo com seus líderes insistindo que pesquisas internas indicam o crescimento de Dilma Rousseff (PT) no Estado, o clima na Frente Popular com o segundo turno presidencial é de preocupação. (JC, 19/10/2010)

(55) político-eleitoral

A quatro dias das eleições, pesquisa do Datafolha sobre a sucessão estadual indica elevado índice de desconhecimento dos eleitores do Estado sobre o atual processo político-eleitoral. (JC, 01/10/2010)

"Por razões político-eleitorais, essa discussão, de relevância inquestionável, não deveria ser concluída neste ano. (FSP, 31/10/2010)

(56) procurador-geral

Daqui a pouco, os colegas do doutor (Roberto) Gurgel (procurador-geral da República) vão entrar com ações de improbidade contra o juiz eleitoral por estar emitindo títulos eleitorais", ironizou Gilmar. (JC, 01/10/2010)

Daqui a pouco, os colegas do doutor (Roberto) Gurgel (procurador-geral da República) vão entrar com ações de improbidade contra o juiz eleitoral por estar emitindo títulos eleitorais", ironizou Gilmar. (JC, 05/10/2010)

O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), Cezar Peluso, enviou ao procurador-geral da República, Roberto Gurgel, um requerimento pedindo que investigue a tentativa do ex-candidato Joaquim Roriz (PSC) de contratar o genro do ministro Carlos Ayres Britto com o intuito de deixá-lo impedido de julgar seu caso. (FSP, 02/10/2010)

O procurador-geral adjunto do município, Antônio Marcos Marques, diz que o valor atual da dívida "é muito alto". (FSP, 05/10/2010)

(57) coordenador-geral

Nem mesmo a luta contra o câncer impediu o vice-presidente, que daqui a 11 dias completará 79 anos, de assumir a tarefa de ser uma espécie de coordenador-geral da campanha de Dilma (JC, 06/10/10)

Para intensificar a mobilização e pedir o engajamento total dos prefeitos aliados, o coordenador-geral da campanha de Dilma no Estado, João Paulo (PT) – ex-prefeito do Recife e deputado federal eleito –, convidou os gestores do Grande Recife para almoçar na quinta-feira. (JC, 12/10/10)

O coordenador-geral da campanha de Dilma no Estado, João Paulo (PT), promove amanhã um almoço com deputados federais e estaduais e presidentes de partidos aliados. (JC, 13/10/10)

Amanhã, a coordenação-geral se reúne com líderes de partidos e deputados federais e estaduais eleitos. (JC, 14/10/10)

Apesar da eleição de segundo turno cair em um domingo no meio do feriadão de Finados, o coordenador-geral da campanha de Dilma em Pernambuco, João Paulo (PT), não acredita que a abstenção seja superior a já registrada no dia 3 de outubro (19,41%). (JC, 17/10/2010)

Siqueira trabalhou quatro anos como coordenador-geral de logística do Ministério da Agricultura. (FSP, 23/10/2010)

(58) diretor-geral

O diretor-geral da Casa Agaciel Maia, Alexandre Lima Gazineo, que o substituiu nos três meses seguintes, e os ex-diretores de Recursos Humanos João Carlos Zoghbi (de 1994 a março de 2009), e Ralph Campos Siqueira (de março a junho de 2009) terão que se explicar. (JC, 07/10/10)

Ao lado de convidados do mundo político e do diretor-geral do Datafolha, Mauro Paulino, Fernando Rodrigues e a equipe do jornal vão acompanhar a marcha das apurações, com base em informações obtidas ao vivo com o TSE (Tribunal Superior Eleitoral), e discutir as perspectivas pós-eleitorais. (FSP, 01/10/2010)

O diretor-geral da Imprensa Nacional, Fernando Tolentino, distribuiu a funcionários, na sede da estatal e em horário de expediente, uma carta pedindo votos aos candidatos do PT à Presidência, Dilma Rousseff, ao governo do DF, Agnelo Queiroz. (FSP, 02/10/2010)

A Lei Eleitoral proíbe ainda a conduta do diretor-geral, vedando a atuação de servidor por partidos ou coligações durante horário de expediente, a não ser que esteja de férias ou licenciado, o que não é o caso do dirigente. (FSP, 02/10/2010)

Cuidado porque há outros partidos que apoiam Agnelo, mas alguns de seus candidatos bandearam-se para a turma de [Joaquim] Roriz: 14 (PTB), 15 (PMDB) e 36 (PTC)", explica o diretor-geral. (FSP, 02/10/2010)

Diretor-geral da Imprensa Nacional desde fevereiro de 2003, Fernando Tolentino confirmou a autoria da carta mas negou que a tenha distribuído a todos os funcionários do órgão. (FSP, 02/10/2010)

Secretária de Fazenda de Porto Alegre, diretora-geral da Câmara de Porto Alegre, secretária de Minas e Energia do RS, ministra de Minas e Energia, chefe da Casa Civil (FSP, 03/10/2010)

Mauro Paulino, diretor-geral do Datafolha, afirma que, embora o instituto tenha apontado "o tempo

todo a vitória de Alckmin no primeiro turno, não foi captada a tendência completa do crescimento final de Mercadante". (FSP, 05/10/2010)

Os técnicos do tribunal sugeriram que também fossem cobrados a dar explicações o atual diretor-geral do Senado, Haroldo Tajra e a diretora de Recursos Humanos, Doris Marize, mas o plenário também os poupou disso. (FSP, 07/10/2010)

O diretor-geral do Datafolha, Mauro Paulino, diz ser "inviável" a mudança da amostragem de cotas para probabilística no Brasil. (FSP, 09/10/2010)

"É necessário dizer que aquela era uma situação hipotética e hoje há um cenário real", ressalta o diretor-geral do Datafolha, Mauro Paulino. (FSP, 10/10/2010)

Segundo Mauro Paulino, diretor-geral do Datafolha, a rejeição recorde ao aborto pode ser resultado da ampla exposição que o tema teve nas últimas semanas. (FSP, 11/10/2010)

(59) advogado-geral

Segundo o advogado-geral do Senado, o pernambucano Luiz Fernando Bandeira, pelo menos seis propostas de mudança já estão sob análise da comissão: 1- instituição do financiamento público de campanha, 2- mudança do sistema das eleições para deputado e vereador, do atual proporcional para um distrital ou distrital misto, 3- limitação da função normatizadora (legislativa) do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), 4- adoção de um rito processual eleitoral único para todos os tipos de ação, 5- fim de restrições à campanha antecipada. (JC, 15/10/2010)

A decisão de prorrogar a licença dos franqueados foi tomada ontem em reunião com o ministro das Comunicações, o ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, o atual presidente dos Correios, David José de Mattos, o advogado-geral da União, Luís Inácio Adams, e o ministro interino da Casa Civil, Carlos Eduardo Lima. (FSP, 09/10/2010)

(60) cônsul-geral

Para o cônsul-geral em NY, Osmar Chohfi, a alta abstenção se deve ao fato de muitos terem que viajar durante "quatro, cinco horas" para votar. (FSP, 04/10/2010)

(61) inspetor-geral

Estes incluem Gelson Fonseca, ex-embaixador na ONU que hoje ocupa o cargo de inspetor-geral do serviço exterior, e José Alfredo Graça Lima, que foi subsecretário-geral de Comércio e é cônsul em Los Angeles. (FSP, 26/10/2010)

(62) subsecretário-geral

Estes incluem Gelson Fonseca, ex-embaixador na ONU que hoje ocupa o cargo de inspetor-geral do serviço exterior, e José Alfredo Graça Lima, que foi subsecretário-geral de Comércio e é cônsul em Los Angeles. (FSP, 26/10/2010)

(63) diretor-executivo

CLAUDIO WEBER ABRAMO é diretor-executivo da Transparência Brasil (FSP, 02/10/2010); (FSP, 09/10/2010)

Não está claro para o eleitor o que eles de fato querem fazer", diz o diretor-executivo do Greenpeace, Marcelo Furtado. (FSP, 13/10/2010)

(64) superintendente-executivo

Os Correios aprovaram também a indicação de Fábio Vieira César, superintendente-executivo da

diretoria, para ocupar a vaga de diretor de Operações. (FSP, 09/10/2010)

(65) coordenador-executivo

Coordenador-executivo do grupo ligado a Marcelo Branco, Roberto Andrade negou alterações na equipe. (FSP, 24/10/2010)

(66) secretário-adjunto

Hubert Alqueres, diretor da Imprensa Oficial de SP, e Nina Ranieri, secretária-adjunta de Ensino Superior, lideram a bolsa de apostas para assumir a Educação no governo Alckmin. (FSP, 20/10/2010)

(67) prefeito-licenciado

O prefeito em exercício do Recife, Milton Coelho (PSB) – que substitui o prefeito-licenciado João da Costa (PT) –, foi o primeiro a enfatizar a criatividade da militância. (JC, 22/10/2010)

(68) ponte-aérea

A dois dias da eleição, Marina Silva era só entusiasmo ao chegar a seu comitê eleitoral anteontem à tarde, após um debate que invadiu a madrugada, uma ponte-aérea, três entrevistas e um tumultuado corpo a corpo debaixo de chuva no viaduto do Chá. (FSP, 03/10/2010)

(69) cara-pintada

Egresso do movimento dos cara-pintadas, que pedia o impeachment do então presidente Fernando Collor, Randolfe Rodrigues (PSOL-AP) será o mais jovem integrante do Senado, com apenas 37 anos. (FSP, 05/10/2010)

(70) patricinha-religiosa

Com um tipo que mistura a beleza selvagem de Cindy Crawford (também tem uma pinta do lado esquerdo do rosto, acima da boca) com o estilo patricinha-religiosa de Sandy ou Sofia Alckmin, Bruna já desponta como candidata a musa do novo Congresso. (FSP, 06/10/2010)

(71) caixa-branca

Presidente afirma que a estatal deixou de ser "caixa-preta" ao converter-se, sob seu governo, em "caixa-branca" (FSP, 08/10/2010)

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse ontem que a Petrobras, antes "caixa-preta", tornou-se uma "caixa-branca" e uma empresa "transparente". (FSP, 08/10/2010)

No nosso governo ela é uma caixa-branca, e transparente. (FSP, 08/10/2010)

(72) chapa-branca

"O pastor Silas Malafaia, que iniciou a campanha apoiando Marina, usando o argumento frágil de que o PV apoiava o aborto, mudou de lado. O caminho estava aberto para, sabe-se lá com que interesse, apoiar Serra. O que fez mudar de lado?". Do próprio, ontem em vídeo, transcrito no Radar: "A sua emissora recebe milhões do governo. Você foi comprado para defender Dilma. A sua emissora é chapa-branca, com jornalismo tendencioso. (FSP, 21/10/2010)

(73) geofísico-sênior

De autoria de Flavio Eduardo Tschiedel, geofísico-sênior da Petrobras, o e-mail enviado a petroleiros continha até uma foto em que Serra assistia ao naufrágio de uma plataforma. (FSP, 23/10/2010)

(74) centro-direita

Em agosto, no mesmo jornal, o PSDB era "centrista", mas em outubro tornou-se de "centro-direita". (FSP, 24/10/2010)

(75) centro-direitista

O centro-direitista Jacques Chirac foi melhor presidente do que François Mitterrand, do Partido Socialista Francês? (FSP, 26/10/2010)

(76) homem-forte

Expoente do movimento que despolitizou a igreja à esquerda, como homem-forte no papado de João Paulo 2º, Joseph Ratzinger costuma envolver-se em debates políticos quando o que está em questão é a defesa de pontos da doutrina católica associados ao conservadorismo. (FSP, 29/10/2010)

(77) editor-assistente

EDITOR-ASSISTENTE DE PODER (FSP, 07/10/2010)

(78) diretor-presidente

Além do secretário estadual de Ensino Superior, Carlos Vogt, o diretor-presidente da Imprensa Oficial, Hubert Alquéres, e o diretor-presidente do IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas), João Fernando de Oliveira, estavam na reunião. (FSP, 26/10/2010)

(79) trabalhismo-cristão

Os dois próceres pertencem à mesma Igreja do Evangelho Quadrangular, também abrigo espiritual do primeiro-tesoureiro do trabalhismo-cristão nacional, Cléio Gaspar de Sá Freire. (FSP, 16/10/2010)

5.1.2.1.3 Justaposição de substantivo/preposição/substantivo

Apenas uma ocorrência (80) deste tipo de justaposição foi encontrada em nosso *corpus*. Pode ser tomada como uma locução. Segundo exemplos de Carvalho (1983, p.108), a relação entre os elementos da expressão pode ser de origem (*banho-de-loja*), de matéria (*boca-do-lixo*) ou de distinção (*casa-de-comer*). A palavra (80) *casa-de-farinha* deriva da expressão “casa onde se faz farinha”.

(80) casa-de-farinha

Único que ainda mora no sítio Vargem Comprida, onde Lula nasceu, ele viu as recentes chuvas inutilizarem sua pequena casa-de-farinha e causarem rachaduras em sua residência de poucos cômodos. (JC, 03/10/2010)

5.1.2.1.4 Justaposição de adjetivo/adjetivo

Com a criação de vinte neologismos, a justaposição de adjetivos também demonstrou produtividade relevante no quadro quantitativo do nosso *corpus*. Alves (2007, p.47) afirma que é comum ocorrer de a junção de dois adjetivos para a criação de um novo adjetivo, ou

seja, a partir de duas bases de mesma classe cria-se uma nova palavra com a mesma função sintática. Guilbert (1975, p. 243) acredita que esse tipo de formação origina-se a partir de duas frases predicativas, por exemplo: 1. Ele é *lulista* e é *dilmista* – (81) *lulo-dilmista*; 2. Ele é *ideológico* e é *partidário* – (84) *ideológico-partidário*.

Nosso *corpus* demonstra produtividade e grande frequência das palavras formadas com o adjetivo *partidário* como segundo componente: (82) *policia-partidário*, (83) *político-partidárias*, (84) *ideológico-partidários*. Também é interessante observar as formações com o adjetivo *cristão*, que indica a importância da religião no meio político de nosso país: (92) *trabalhista-cristão* – com o correspondente substantivo/adjetivo (79) *trabalhismo-cristão* -, (94) *social-cristão*, (95) *cristãos-socialistas*. Seguindo a tônica da popularidade da religião nas eleições, surge também (97) *religioso-populista*.

Também são relevantes as formações a partir de adjetivos referentes a designações ideológicas e partidárias, como se apresentam nos compostos (85) *social-liberal*, (90) *político-sociológica*, (91) *sociais-democratas* e (96) *pefelista-demista*, este último formado a partir de derivações das siglas partidárias PFL e DEM.

(81) lulo-dilmista

No Distrito Federal, o bloco lulo-dilmista deve preencher as duas cadeiras em disputa: aliados, o senador Cristovam Buarque (PDT) e o deputado Rodrigo Rollemberg (PSB) lideram com folga. (FSP, 03/10/2010)

(82) policia-partidário

“Senão, temos aí os casos Erenice Guerra (Casa Civil da Presidência da República) e a quebra do sigilo fiscal pela Receita Federal, e nada foi dito, assim como o fato de que caminhamos para um Estado policia-partidário e isso significa sacrificar os ideais de uma geração que, no governo ou na oposição, apostou na democracia. (JC, 03/10/2010)

Em nota em seu blog, a empresa diz que o uso do e-mail da Petrobras “em atividades de caráter político-partidário é proibido por norma interna”. (FSP, 17/10/2010)

(83) político-partidário

O ministro Gilmar Mendes disse ontem, na sessão do Supremo Tribunal Federal (STF), ter ficado surpreso com a notícia de que teria sido motivado por questões político-partidárias ao pedir vista do processo sobre os documentos necessários ao eleitor no dia votação. (JC, 05/10/2010)

Mendes diz não se pautar por interesses político-partidários (FSP, 01/10/2010)

Mendes disse que jamais foi pautado por questões político-partidárias em suas decisões. (FSP, 01/10/2010)

“Quem me conhece sabe muito bem que jamais me deixei pautar por interesses político-partidários”,

disse. (FSP, 01/10/2010)

"As franquias não têm convicção político-partidária, pouco importa o Serra [José, candidato tucano a presidente] ou a Dilma. (FSP, 09/10/2010)

DESDE O PRIMEIRO turno e ainda mais no segundo, encontra-se como justificativa da escolha eleitoral, até por eleitores do calibre de Hélio Bicudo, a crença ou a alegação de que a alternância de orientação político-partidária no poder é bastante para determinar a escolha, porque é essencial à democracia. (FSP, 26/10/2010)

Ampliar a geografia dos casos e descer na história desfaz toda a pretendida ligação essencial entre alternância político-partidária no poder e construção ou permanência democrática. (FSP, 26/10/2010)

Direção de Furnas se diz surpreendida e repudia a ação de "teor político-partidário" (FSP, 27/10/2010)

"Na semana passada, no entanto, o discurso assumiu teor político-partidário não endossado pela empresa e, tão logo tomou conhecimento, a diretoria da Eletrobras Furnas interrompeu a apresentação e pediu que se retirassem do local", acrescentou a nota, concluindo: (FSP, 27/10/2010)

"Eletrobras Furnas não promove atividades político-partidárias". (FSP, 27/10/2010)

A participação de magistrados em ação político-partidária é proibida pela Lei Orgânica da Magistratura Nacional. (FSP, 28/10/2010)

(84) ideológico-partidário

Serra afirma que a Petrobras vem sendo utilizada pelo governo do PT para atender vieses ideológico-partidários por meio de acordos internacionais prejudiciais à empresa. (JC, 30/10/2010)

Serra afirma que "a Petrobras vem sendo utilizada pelo governo do PT para atender vieses ideológico-partidários, por meio de acordos internacionais prejudiciais à empresa". (FSP, 30/10/2010)

"A Petrobras vem sendo utilizada pelo governo do PT para atender vieses ideológico-partidários, por meio de acordos internacionais prejudiciais à empresa" (FSP, 30/10/2010)

(85) social-liberal

O social-liberal, como se define, chega a uma disputa numa situação em que deixa Pernambuco entre polos opostos. (JC, 03/10/2010)

"Não tenho dúvidas de que ele olhará para o Brasil como uma federação", referenda o também contemporâneo do movimento estudantil, o social-liberal Marco Maciel (DEM). (JC, 31/10/2010)

(86) nanico-ideológico

A inclusão de três candidatos nanico-ideológicos de esquerda que tiveram suas candidaturas barradas pelo TRE-SP teria diminuído a votação do governador eleito Geraldo Alckmin (PSDB) de 50,63% para 50,4%. (FSP, 05/10/2010)

(87) franco-favoritismo

O caso mais explícito é o do Distrito Federal, onde o petista Agnelo Queiroz apresenta franco-favoritismo contra Weslian Roriz (PSC), a esposa do ex-governador Joaquim Roriz, que abandonou a disputa após ser ameaçado pela Lei da Ficha Limpa. (JC, 31/10/2010)

(88) jurídico-político

No atual emaranhado jurídico-político, o juiz torna-se eleitor final (FSP, 01/10/2010)

(89) suíço-baiano

Risério e Santana estudaram jornalismo juntos, criaram uma Associação dos Amigos de Smetak (homenagem ao músico suíço-baiano), trabalharam na Prefeitura de Salvador, embarcaram com Duda Mendonça no marketing político (FSP, 01/10/2010)

(90) político-sociológico

A melhor análise político-sociológica brasileira, nos últimos anos, vem dele. (FSP, 01/10/2010)

(91) social-democrata

Hoje, o partido verde alemão prefere aliar-se aos conservadores da CDU (União Democrata-Cristã) do que fazer triangulações de esquerda com os sociais-democratas (SPD) e a esquerda (Die Linke). (FSP, 04/10/2010)

(92) médio-oriental

Na essência, o fundamentalismo que aqui se torna eleitoral tem a ver com o papel subalterno que as religiões médio-orientais e ocidentais atribuem à mulher. (FSP, 10/10/2010)

(93) trabalhista-cristão

Conforme declarou Nascimento ao Conselho de Ética da Câmara em setembro de 2007, o político trabalhista-cristão tomava um cafezinho no plenário da Casa quando o representante social-cristão aproximou-se, "chamando de safado, de ladrão, você vai me pagar, vou te pegar". (FSP, 16/10/2010)

Fechando o círculo, o fato é que Agaciel Maia, sob a proteção trabalhista-cristã, e com o voto sem dúvida consciente de mais de 14 mil brasilienses, agora contará com privilégio de foro em inquéritos e processos que correrem sobre a sua gestão no Senado. (FSP, 16/10/2010)

(94) social-cristão

Conforme declarou Nascimento ao Conselho de Ética da Câmara em setembro de 2007, o político trabalhista-cristão tomava um cafezinho no plenário da Casa quando o representante social-cristão aproximou-se, "chamando de safado, de ladrão, você vai me pagar, vou te pegar". (FSP, 16/10/2010)

Por falar em grana, o tesoureiro dos sociais-cristãos (cristãos-socialistas?) (FSP, 16/10/2010)

(95) cristão-socialista

Por falar em grana, o tesoureiro dos sociais-cristãos (cristãos-socialistas?) (FSP, 16/10/2010)

(96) pefelista-demista

Sempre caberia opor-lhe argumentos de pragmatismo político, o mesmo que levava a participações no governo de Lula e em outros, até no pefelista-demista de Cesar Maia. (FSP, 19/10/2010)

(97) religioso-populista

Vencida a pauta religioso-populista, Serra foi levado ao caso Paulo "não se larga um líder ferido na estrada" (FSP, 20/10/2010)

(98) propositivo-comparativa

Coincidência ou não, desde anteontem as duas campanhas tiraram o pé do acelerador na TV. Mantida a carga negativa de algumas inserções -e a troca de chumbo no noticiário-, os "blocos" retomaram o tônica propositivo-comparativa, com cada candidato mais dedicado a falar bem de si do que mal do

outro. (FSP, 21/10/2010)

(99) técnico-científico

Razões me sobram, desde que os requisitei para perícias difíceis, nos tempos desprovidos dos atuais recursos técnico-científicos, como aconteceu na descoberta dos despojos do criminoso nazista Josef Mengele. (FSP, 27/10/2010)

(100) sócio-ambiental

O segundo é a criação de um outro ciclo de desenvolvimento, que traga responsabilidade sócio-ambiental, inclusão social e aumente a geração de oportunidades dentro do Estado. (JC, 27/10/2010)

(101) ético-disciplinar

A OAB Nacional também decidiu abrir um procedimento administrativo que apure se houve infração ético-disciplinar de Adriano no episódio. (FSP, 02/10/2010)

5.1.2.1.5 Justaposição de numeral/substantivo, substantivo/numeral

Foram apenas quatro as ocorrências deste tipo de formação. Uma delas trouxe o numeral como segundo elemento. A palavra (102) *caixa-dois* é bastante difundida no uso oral e escrito e representa um instrumento de sonegação fiscal em empresas.

As composições (103) *primeiro-secretário* e (104) *primeiro-tesoureiro* utilizam o numeral como indicador de graduação profissional.

A expressão (105) *meia-boca* é um registro gíriático, que denota qualidade de qualquer atividade ou realização feita sem muito esmero.

(102) caixa-dois

Uma delas sugere a existência de “caixa-dois” na campanha do tucano (JC, 19/10/2010)

Joelson argumentou que a inserção que sugere o caixa-dois tucano não se limitou a abordar fatos noticiados pela mídia – no caso a acusação de desvio de recursos de campanha pelo ex-diretor da Dersa no governo paulista durante a gestão Serra, Paulo Vieira de Souza, conhecido como Paulo Preto. (JC, 19/10/2010)

Suspenso pelo TSE, o comercial incorporou o termo “suposto” à acusação de caixa-dois. (FSP, 20/10/2010)

Souza repudia o apelido de “Paulo Preto”, que, diz, caiu bem na imprensa e, “por ciúmes” e preconceito, estimulou o assunto de que ele seria um arrecadador de caixa-dois para o PSDB. (FSP, 01/11/2010)

(103) primeiro-secretário

“É assim, ó: 30% para nós, 20% de nota e 50% é de vocês, fica na prefeitura”, diz o então presidente da Casa, Sidlei Alves (DEM), em conversa da qual participaram o secretário Eleandro Passaia, agindo como infiltrado da PF, e o vereador Humberto Teixeira Junior (PDT), primeiro-secretário da Câmara. (FSP, 02/10/2010)

Efraim era o primeiro-secretário do Senado quando autorizou o pagamento de hora extra para 3.883 servidores em pleno recesso de janeiro, o que custou R\$ 6,2 milhões aos cofres públicos. (FSP, 06/10/2010)

Como primeiro-secretário da Casa, Efraim foi quem autorizou os pagamentos. (FSP, 07/10/2010)

Em Mato Grosso do Sul, o CNJ avalia o teor de um vídeo em que o deputado estadual Ary Rigo (PSDB), primeiro-secretário da Assembleia, menciona supostos pagamentos "para os desembargadores e para o TJ", em troca de proteção a aliados. (FSP, 07/10/2010)

(104) primeiro-tesoureiro

Os dois próceres pertencem à mesma Igreja do Evangelho Quadrangular, também abrigo espiritual do primeiro-tesoureiro do trabalhismo-cristão nacional, Cléio Gaspar de Sá Freire. (FSP, 16/10/2010)

(105) meia-boca

Não gosta de meia-boca. (01/11/2010)

5.1.2.1.6 Justaposições com verbos

Foram pouco expressivas as justaposições com verbos, com apenas três criações em nosso *corpus*. Segundo Guilbert (1975), a composição e a verbalização não são fenômenos lexicais compatíveis.

Em nossa pesquisa, os compostos com verbos originaram nomes, como se pode observar a seguir:

(106) cala-boca

Existem algumas dúvidas a serem esclarecidas sobre as primeiras informações prestadas pelo jornalista como, por exemplo, a fonte dos R\$ 12 mil que ele teria pago ao despachante Dirceu Garcia, de São Paulo, em outubro de 2009, para a obtenção ilegal dos dados, e de R\$ 5 mil que foram pagos depois, no mês passado, como "cala-boca" para o despachante. (JC, 26/10/2010)

(107) sobe-desce

Sobe-desce Hubert Alqueres, hoje na Imprensa Oficial de SP, perdeu posições na bolsa de apostas para a Secretaria de Educação. (FSP, 01/11/2010)

(106) disse-me-disse

No entender dos analistas, o disse-me-disse entre os presidenciais Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB) tem objetivo claro: obter votos. (JC, 10/10/10)

5.1.2.1.7 Composição satírica

Alves (2007) observa em seu trabalho que algumas formações por justaposição são criadas com fins estilísticos, para causar o estranhamento no receptor. Utiliza-se, para isso, a composição com muitas palavras. Isso ocorreu com duas formações em nossa pesquisa, como podemos demonstrar:

(107) educador-religioso-conselheiro espiritual

Se não é jocosa nem escrachada como o palhaço campeão nem tem o apelo fácil do educador-religioso-conselheiro espiritual Chalita, o que explica, então, a enxurrada de votos de Bruna? (FSP, 06/10/2010)

(108) assessor-presidente-tesoureiro

O assessor-presidente-tesoureiro aparece como testemunha de ameaça que o deputado Mário de Oliveira (Partido Social Cristão de Minas, reeleito) fez a Willian em 2 de fevereiro de 2007, primeiro dia da atual legislatura. (FSP, 16/10/2010)

5.1.2.2 Composição por aglutinação

O processo de composição por aglutinação pressupõe a união de dois ou mais elementos lexicais para a formação de um terceiro, com alterações na integridade de um ou de todos eles. Os elementos estão ligados intimamente e um deles (normalmente o último) perde o seu acento tônico vocabular (BECHARA, 2010, p. 512).

Este processo não foi muito produtivo em nossa pesquisa, o que confirma a tendência geral do português contemporâneo.

A palavra (109) *sulanca*, muito conhecida, sobretudo em Pernambuco, é a junção das palavras *sul* e *helanca*, com referência ao tecido que vinha do sul do país para a feira de roupas surgida inicialmente na cidade de Santa Cruz do Capibaribe. Hoje, a composição generalizou-se e nomeia o tipo de feira em que se vendem roupas no atacado e no varejo. Muitas vezes, é usada com tom pejorativo, pois as roupas carregam o estigma de baixa qualidade.

Alves (2007, p. 27) afirma que o prefixo *tele-* com significação de “ao longe” perdeu esse valor semântico, passando a funcionar como base independente substantiva, integrante de uma unidade composta. Por concordarmos com esta observação, uma vez que *tele-* vem funcionando como redução de *televisão*, classificamos os neologismos (113) *telegênico*, composto em analogia a *fotogênico*, denotando qualidade de quem tem boa aparência na imagem da televisão; (114) *telecomunicativa*; e (115) *telemensagens*.

Temos ainda o (111) *Construcard*, composto por uma palavra vernácula (construção) e um anglicismo (*card* – cartão). Esta construção é interessante, porque o referente se trata de um cartão de benefício patentado pela Caixa Econômica Federal, órgão do governo brasileiro. Mesmo assim, há em sua formação um elemento estrangeiro, à moda dos diversos *cards* já existentes como marcas de cartões de crédito (*Credicard*, *Hipercard*, *Mastercard* etc.). A palavra estrangeira, na composição, pode ser usada para dar status social à nova palavra formada.

A (117) *cracolândia* forma-se a partir das palavras *crack* e *lândia* (do inglês *land*, significando terra). O problema da disseminação do crack (empréstimo já dicionarizado) em nossa sociedade foi um dos pontos de debate das campanhas eleitorais, pois o número de usuários tem aumentado gradativamente e o governo ainda não tem políticas públicas suficientes e eficazes para a internação e tratamento daqueles que precisam se livrar da droga letal.

O (110) *Rosamóvel* une o nome próprio *Rosa* à palavra a *móvel*, aqui representando o substantivo *automóvel*. As palavras aglutinadas, nesse caso, associam-se numa relação de posse, em que o *móvel* sempre representa a coisa possuída e o primeiro elemento ocupa a posição de possuidor, como em *Papamóvel* – automóvel do Papa.

(109) sulanca

Ele se tornou conhecido por ter transferido a feira da sulanca do centro da cidade para o Santa Cruz Moda Center. (JC, 04/10/2010)

(110) Rosamóvel

Dono de uma barraquinha de doces na periferia de Natal, Genival França, 60, comenta, ao observar a candidata lhe acenar do alto do "Rosamóvel" (caminhão pequeno com palco improvisado na carroceria): "Meu voto é rosa. (FSP, 01/10/2010)

(111) Construcard

Finalizaram a obra com o cartão Construcard, da Caixa Econômica, que financia a compra de materiais. (FSP, 04/10/2010)

(112) motoclube

Vindos de Curitiba (PR), membros do motoclube Road Brothers viajaram por sete horas para homenagear a santa. (FSP, 12/10/2010)

(113) telegênico

O marqueteiro Luiz Gonzalez sugeriu Indio ao tucano por haver sido relator do projeto Ficha Limpa e por ser telegênico. (FSP, 02/10/2010)

(114) telecomunicativa

Quanto a qual das relações (a sectária, a política, a telecomunicativa ou todas, ou talvez outra) motivou a alteração, não ficou esclarecido. (FSP, 16/10/2010)

(115) telemensagens

Telemensagens com a voz do ex-governador desde ontem pedem voto no presidencial José Serra em Minas (FSP, 25/10/2010)

As telemensagens fazem parte de um derradeiro esforço da campanha nacional tucana para atrair votos no segundo maior colégio eleitoral do país. (FSP, 25/10/2010)

Além das telemensagens com sua assinatura de voz- estratégia já empreendida no Paraná por Beto Richa, eleito governador do Estado, por exemplo- Aécio apareceu em diversos programas de TV. Há quem defenda que ele substitua Serra nas inserções do horário eleitoral gratuito. (FSP, 25/10/2010)

(117) cracolândia

Ela respondeu citando projeto da PF de usar aviões não tripulados e citou a cracolândia de SP: "Tenho um compromisso que é livrar São Paulo do PCC", disse. (FSP, 18/10/2010)

5.1.2.3 Composição erudita

Os compostos eruditos são casos de aglutinação em que os elementos lexicais não aparecem independentes no discurso e têm origem grega ou latina. Os elementos *o* e *i* aparecem comumente como elementos de ligação entre os itens lexicais neste tipo de formação, segundo explica Carvalho (1983, p. 111).

A linguagem em que é mais fértil este tipo de composição é a técnica e científica, cujo conhecimento novo necessita ser nomeado.

Alguns elementos, como *metria*, *metro*, *agro*, *crono*, *bio*, *tecno* e *fobia* são tão íntimos dos falantes do português que mal são reconhecidos como radicais de origem estrangeira.

Em nossa pesquisa, formaram-se palavras com os seguintes radicais de origem grega: *agro*, *polis*, *metro*, *logo*, *mono*, *cratos* e *dromo*.

Do latim, temos apenas um radical: *papilo*, em (127) *papilocopista*, terminologia da medicina.

O radical *agro*, do grego *agros*, significa *campo*. Os (118) *agropolos* são polos rurais de atendimento do programa Bolsa-Família.

O radical *polis*, cidade, nos rendeu um neologismo muito interessante: (119) *Politicópolis*, a cidade da política, que refere-se ao universo de regras e de convivência específico da política, em que muitas vezes os conceitos éticos e morais são relativizados pela busca da obtenção do poder.

Com *metro*, temos o (120) *mentirômetro*, medidor das mentiras indispensáveis aos que aderem à vida na política, e (121) *promessômetro*, criado pela candidata Marina Silva como crítica à enxurrada de promessas das campanhas eleitorais, que quase nunca se concretizam nos mandatos dos políticos.

Com o radical *logos*, significando “o que estuda, o que conhece, o que é especialista em” (HOUAISS, 2009), registramos os neologismos (122) *turismóloga* e (123) *polítólogos*.

O radical *cratos* significa força, governo, e gerou a palavra *democracia* (governo do povo). Em nosso *corpus*, formou (125) *cafajestocracia*, governo dos cafajestes, e (124) *monocraticamente*, com a adição do sufixo adverbial *–mente*. (124) *Monocraticamente* surge em analogia a *democraticamente*, com a junção de dois radicais gregos: *mónos* (único) e *cratos* (governo).

(126) *Bodódromo* forma-se pela aglutinação da palavra *bode* (animal típico do Nordeste brasileiro) e do radical *dromos*, que significa corrida ou curso. A palavra refere-se a

um estabelecimento ou complexo gastronômico onde se vendem pratos à base da carne do bode.

(118) agropolos

Entre as ações sociais, estão: criar uma rede de proteção social, com inclusão do Bolsa Família, rede de distribuição e água potável, irrigação e capacitação em agropolos, agentes rurais e agentes de saúde, educação e capacitação de jovens, e apoio ao empreendedorismo.

(JC, 28/10/2010)

(119) Politicópolis (FSP, 02/10/2010)

(120) mentirômetro

Dilma caiu no mentirômetro ao falar da Petrobras: "Olha, candidato Serra, você ficou caladinho quando mudaram o nome Petrobrax, substituindo o "bras" de Brasil. (FSP, 27/10/2010)

(121) promessômetro

Marina Silva (PV) foi a que menos prometeu, sob o argumento de evitar o "promessômetro" e "consensos ociosos". (JC, 02/10/2010)

Para ela, Serra começou mal a campanha e, depois de cair nas pesquisas, apelou ao "promessômetro". (FSP, 02/10/2010)

PROMESSÔMETRO (FSP, 27/10/2010)

(122) turismóloga

Não gosto daquela festa toda, prefiro o silêncio", comentou a turismóloga Priscila Pereira, depois de votar na zona eleitoral 101, em Piedade. (JC, 04/10/2010)

(123) politólogos

Se há um consenso entre publicitários e politólogos é que o eleitor não gosta de quem se mostra mais agressivo. (FSP, 11/10/2010)

(124) monocraticamente

Essa decisão vale para o também candidato ao Senado Paulo Rocha (PT-PA), cujo recurso poderá ser analisado monocraticamente quando chegar ao tribunal. (FSP, 29/10/2010)

(125) cafajestocracia

O professor universitário de Direito João Francisco Sauwen Filho, 74, acompanhado pela também professora Regina Fiuza, 66, assim explicou seu apoio à candidatura Serra: "Cansei dessa cafajestocracia que dominou o Brasil. (FSP, 25/10/2010)

(126) Bodódromo

Sob um sol escaldante, a comitiva tomou algumas das principais avenidas do centro, até um dos principais pontos turísticos do município: o complexo gastronômico do Bodódromo, na Areia Branca. (JC, 24/10/2010)

(127) papiloscopista

A PF informou que dois peritos, um agente e o papiloscopista foram ao local do furto para colher provas e questionar possíveis testemunhas. (01/11/2010)

5.1.2.4 Cruzamento vocabular

O cruzamento vocabular ou a palavra-valise, segundo Sablayrolles (2011, p.4), tem um ponto comum entre os outros tipos de compostos: a criação de uma nova unidade lexical pela associação de várias. Segundo o autor, quatro características distinguem a palavra-valise dos outros compostos, a saber:

- i) são morfologicamente não regradas: as operações são articuladas de modo que sua efetivação não constrói uma entidade imediatamente reconhecida pela gramática;
- ii) fonologicamente, elas incluem ao menos uma sequência de fonemas a partir de vários componentes de uma só vez;
- iii) sua interpretação é menos previsível e o recurso da recorrência ao contexto tem uma maior relevância na maioria das vezes;
- iv) elas podem comportar elementos inabituais na composição (como por exemplo nomes próprios).

Alves (2007, p.69) afirma que no processo de formação da palavra-valise ocorre também um tipo de redução, ou das duas bases ou de apenas uma delas. As bases perdem partes de suas estruturas (que variam de acordo com a formação da nova palavra) para constituir um novo elemento.

As formações deste tipo em nossa pesquisa tiveram uma produtividade pequena (dez palavras), embora os neologismos tenham interessantes construções, em se tratando de sua relação com o contexto político de aparição.

A composição (128) *Dilmasia* une duas bases de nomes próprios, *Dilma* (Dilma Rousseff) e *Anastasia* (Antonio Anastasia, reeleito governador de Minas Gerais pelo PSDB). O voto (128) *Dilmasia* seria um voto cruzado; assim, aproveitar-se-iam os eleitores de um para outro, concretizando nas urnas a aliança política entre o PT e o PSDB, no caso dos dois candidatos. O mesmo princípio segue (130) *Lulécio*, que surge a partir da fusão de Lula e Aécio Neves, eleito senador de Minas Gerais. (134) *Pimentécio* seria o voto duplo em Fernando Pimentel (ex-prefeito de Belo Horizonte) e em Aécio Neves. As associações de nomes no mundo da política aparecem quando há interesses de agregar intenções de votos, quando a popularidade de um pode ser útil à eleição de outro candidato. A palavra (132) *demotucano* tem origem nessa cultura de alianças políticas e une os democratas aos tucanos (PSDB).

Há também o (133) *showmício*, que não é uma novidade das eleições de 2010 e vem sendo usado há bastante tempo na mídia. A palavra une uma base de origem estrangeira *show* à parte final da palavra *comício*. O (133) *showmício* é um evento político em que ocorrem diversas atrações musicais e artísticas, com o objetivo de entreter o povo, em que se confundem o espetáculo e a discussão propriamente política.

(137) *Boatobrás* tem natureza contextual jocosa. Foi criada a partir das palavras *boato* e do nome da empresa de petróleo brasileira *Petrobrás*. Tem referência nos diversos boatos que aconteceram no momento político sobre as ações da empresa. Seguindo mesma tônica de humor, é criado o (136) *Dilmalation*, a partir do nome da candidata *Dilma* e do *rebolation*, palavra criada para designar uma música baiana. (136) *Dilmalation* designou uma coreografia inspirada na melodia baiana, elaborada pela militância da candidata do governo.

(129) *Heliponto* é formado a partir de *helicóptero* e *ponto*; designa o ponto de pouso de helicópteros.

(138) *Paulistério* une o adjetivo *paulista* ao substantivo *ministério*, para designar um possível ministério composto apenas por políticos paulistas, que seria formado por José Serra, caso fosse eleito.

(135) *Rodoanel* cria-se a partir das palavras *rodoviário* e *anel*, para designar o *anel rodoviário* construído na cidade de São Paulo.

(128) Dilmasia

Já Anastasia pode contar com o Dilmasia – acordo para o eleitor mineiro que quisesse votar na petista Dilma Rousseff para presidente e no tucano para o governo estadual. (JC, 04/10/2010)

Com o ex-governador Aécio Neves à frente, o PSDB mineiro organiza hoje um megaevento em Belo Horizonte na tentativa de atrair para a campanha do presidencial José Serra prefeitos que, no primeiro turno da eleição, pregaram o voto “Dilmasia” em Minas. (JC, 14/10/2010)

Além de exibir a força política do ex-governador, a reunião revela a nova estratégia tucana: combater o chamado voto “Dilmasia”, que juntava Dilma Rousseff (PT) e Anastasia. (JC, 15/10/2010)

"Eu fui Dilmasia [Dilma e Anastasia] no primeiro turno, sou Dilma no segundo. (FSP, 11/10/2010)

A principal meta é desarmar o "dilmasia", como foi batizado pelo PT o voto cruzado em Dilma Rousseff ao Planalto e em Anastasia ao governo. (FSP, 14/10/2010)

(129) heliponto

A juíza Francisca Arlinda de Almeida mandou a polícia abordá-lo no heliponto de Santana do Ipanema, onde correligionários o aguardavam para uma carreata. (JC, 04/10/2010)

"Ele desce na Rolls-Royce [fábrica em cujo heliponto Lula costuma desembarcar], e a companheirada

vai recepcioná-lo na [via] Anchieta. (FSP, 31/10/2010)

A maioria dos boatos envolve helipontos, em coberturas ou mansões. (FSP, 31/10/2010)

(130) Lulécio

O voto é uma repetição do Lulécio, quando Lula e Aécio foram os mais votados em Minas nas eleições de 2002 e 2006. (JC, 04/10/2010)

Um dos articuladores do voto "Lulécio" em 2002, a favor do petista Lula para a Presidência e do tucano Aécio Neves para o governo de Minas, o ex-presidente da República Itamar Franco (1992-1994) agora critica duramente Luiz Inácio Lula da Silva e diz que ele tem de parar de falar "nunca antes neste país": "O Lula não é dono do Brasil e não inventou o Brasil". (FSP, 10/10/2010)

Não foi o sr. que criou o voto "Lulécio" de 2002? (FSP, 10/10/2010)

(131) Sindaçucar (JC, 01/10/2010)

(132) demotucano

Em carta assinada pelos três deputados federais eleitos da sigla e o senador eleito Randolfe Rodrigues (AP), eles afirmam que as classes dominantes preferem, clara e reiteradamente, o retorno do controle "demotucano". (JC, 19/10/2010)

(133) showmício

Com FHC foi especial, ficamos próximos, era uma época que podia fazer showmício. (JC, 31/10/2010)

(134) Pimentécio

Pregou o voto "Pimentécio" - nele e em Aécio. (FSP, 04/10/2010)

(135) Rodoanel

Isso porque, diz ele, deu a palavra final e fez os pagamentos no prazo às empreiteiras que atuaram nas grandes obras de São Paulo, como o Rodoanel, a avenida Jacu-Pêssego e a ampliação da Marginal. (FSP, 12/10/2010)

Priscila é advogada do escritório Edgard Leite Advogados Associados, que defende empreiteiras contratadas para construir a alça sul do Rodoanel. (FSP, 12/10/2010)

(136) Dilmalation

Depois de improvisar uma coreografia do "Dilmalation", inspirada no rebolation baiano, a turma explodiu num coro debochado contra o tucano: "Ô José Serra, mas que caô/ A bolinha de papel não machucou". (FSP, 25/10/2010)

(137) Boatobras

Boatos Anteontem, em "tweet" de jornalista, "Corram para comprar ações da Boatobras. (FSP, 28/10/2010)

(138) paulistério

Mas existe uma preocupação de que Serra não nomeie um "paulistério", como chegou a ser chamada a equipe de FHC. (FSP, 31/10/2010)

5.1.2.5 Composição sintagmática⁸⁸

A composição sintagmática acontece quando um segmento frasal tem apenas um referente e, além disso, os seus segmentos encontram-se estreitamente relacionados morfológica, sintática e semanticamente (cf. ALVES, 2007, p. 50). “O princípio da neologia sintagmática reside na combinação de vários segmentos distintos, autônomos”, define Barbosa (1996, p.264).

Segundo a opinião de Guilbert (1975, p. 101), o estudo da neologia sintagmática enfrenta variações pelo fato de depender do olhar teórico a respeito da unidade lexical. Já dissemos anteriormente que Guilbert (1975, p.15) afirma ser a criatividade lexical ligada à criatividade frástica dos indivíduos, pois a formação de neologismos tem origem em movimentos parafrásticos e perifrásticos. “Todo segmento de frase pode funcionar lexicalmente, do momento que resulta da transformação de uma frase” (BARBOSA, 1996, p.266).

Barbosa (1996, p. 267) coloca um argumento interessante, na distinção entre criatividade frástica e criatividade léxica, que está no cerne da definição da neologia sintagmática. A criatividade da frase não nos leva a uma frase definitiva e uniforme, pois elas são individuais e perdem-se nas enunciações. A criatividade léxica, mesmo quando parte de um momento de enunciação único e individual, é retomada pelos falantes da língua com frequência. Sendo assim, mesmo constituindo um sintagma, quando se cristaliza, se torna recorrente no uso da língua e integra-se à ordem do sistema, a criação sintagmática pode ser tomada como manifestação de criação lexical e não de criatividade no sentido amplo da teoria gerativa.

Como muitas das expressões sintagmáticas lexicalizadas têm uma forte relação com o domínio de conhecimento onde são utilizadas, muitas vezes pode ser difícil para o falante comum reconhecer tais expressões como composições lexicais. Daí a grande necessidade de se estudar com acuidade o contexto de uso das palavras e também se verificar a recorrência da expressão de maneira inalterada, para assim poder classificá-la como um composto de natureza lexical.

Como aparato de reconhecimento da unidade sintagmática lexical, podemos usar os

⁸⁸ Reiteramos que, apesar de trazermos alguns exemplos de análise da categoria, não trabalhamos com o esgotamento de expressões no *corpus* textual pela questão metodológica já explicitada no Capítulo 4 desta dissertação. Os elementos aqui coletados têm caráter ilustrativo e não correspondem a todas as ocorrências da categoria nos textos estudados.

princípios descritos no item 2.2 desta dissertação propostos por Chiss, Filliolet et Maingueneau (1978) para testar a coesão interna de um sintagma lexical: inserção, comutação, co-ordenação e retomada parcial.

Alves (2007, p.50) indica algumas diferenças existentes entre as unidades compostas comuns e as unidades sintagmáticas:

a ordem de apresentação da unidade sintagmática é sempre a do determinado seguido de determinante, o que nem sempre se verifica no elemento composto; além disso, o item léxico composto pode obedecer a regras próprias quanto à flexão de gênero e de número. Já os compostos sintagmáticos conservam as peculiaridades flexionais de suas categorias de origem (ALVES, 2007, p. 50).

Segundo a mesma autora, quanto ao domínio da semântica, o significado do composto sintagmático é dado parcialmente pelos semas dos elementos integrantes e parcialmente por uma convenção social, já aceita e estabilizada (ALVES, 2007, p 52), como nos exemplos (142) *atividade extra-classe* e (143) *braço direito*.

Nas eleições de 2010, alguns compostos sintagmáticos marcaram a linguagem da política, na convergência entre mudança histórica e linguística. O composto (139) *união homoafetiva* é de extrema relevância para esta reflexão. Nos dicionários da língua, a palavra *homoafetivo* ainda não está registrada, sendo um neologismo formal criado por composição erudita com o radical grego *homos* (igual). Como sinônimo, existe a palavra *homossexual*, cuja definição no Houaiss (2009) como substantivo é a seguinte: “que ou aquele que sente atração sexual e/ou mantém relação amorosa e/ou sexual com indivíduo do mesmo sexo”. Percebe-se que a criação e a disseminação nas mídias da palavra *homoafetivo* (*homo* + *afetivo*) em substituição à expressão *homossexual* (*homo* + *sexual*) desloca o olhar propriamente físico, ligado ao sexo, sobre a opção amorosa do indivíduo, e enfatiza o aspecto sentimental dessa escolha. Isso vem indicar no léxico uma mudança que vem tentando ser instaurada nos âmbitos político, social e discursivo sobre a construção da imagem daqueles que fazem parte da diversidade sexual na sociedade brasileira. Em 2011, a (139) *união homoafetiva* civil foi aprovada pelo Supremo Tribunal Eleitoral, expressando mais uma conquista dessa parcela da população no que concerne aos seus direitos como cidadãos.

As preposições podem existir como elementos de ligação entre o determinado e um determinante numa composição sintagmática. É o que ocorre com o neologismo (144) *taxa de sucesso*, utilizado, no contexto encontrado, para denominar taxas extras pagas em processos licitatórios, de modo geral, de modo a viabilizar com mais facilidade o sucesso na

disputa de quem se propõe a pagá-la.

O sintagma (146) *uso político* é de grande recorrência na língua portuguesa, sobretudo na política, o que se pode atestar realizando uma simples busca⁸⁹ da composição no indexador *Google*. A expressão pode ser aplicada em diversas situações em que sejam usados, para fins políticos, posições em cargos importantes, jogos de influência, ou mesmo condições não relacionadas ao poder público, como pertencer a uma religião. O (146) *uso político* normalmente está ligado a circunstâncias em que alguém ou alguma instituição utiliza para benefício político elementos ou condições que podem colocá-lo em uma posição privilegiada em relação a outros.

Os compostos sintagmáticos também podem surgir como criações individuais e passageiras, como ocorre com (141) *Fator Plínio*, criado durante as eleições e que muito dificilmente será retomado em outro momento histórico. A expressão refere-se ao político Plínio de Arruda Sampaio (PSOL), que foi candidato à presidência no primeiro turno. O candidato ficou famoso por seu estilo polêmico e agressivo nos debates.

Mais uma criação individual do ex-Presidente Lula é o neologismo (148) *bilhete premiado*. A expressão metafórica refere-se às reservas do Pré-sal, configurando um caso de neologia sintagmática e semântica concomitantemente, uma vez que a expressão já tem uso estabilizado e recorrente na língua, mas com outro significado. Através do mesmo procedimento neológico, aludindo ao mesmo referente, o político usa o sintagma (149) *filé mignon*, que foi retomado algumas vezes pela mídia, como mostram alguns exemplos elucidativos.

O sintagma já consagrado *reforma eleitoral* foi substituído por (140) *minirreforma eleitoral*, com a criação do neologismo *minirreforma* por prefixação. A (145) *campanha reeleitoral* também aparece em analogia ao sintagma *campanha eleitoral*.

(147) *Desmatamento líquido* é um dos exemplos dos termos da área dos estudos ambientais que entram para a mídia como representação dos debates sobre o ambiente nas eleições de 2010. Na economia, o *lucro líquido* é o montante financeiro livre de impostos e de encargos. Analogamente, no contexto ambiental, o (147) *desmatamento líquido* seria a resultante do desmatamento subtraindo-se o crescimento natural das florestas. O discurso da candidata Marina Silva (PV) pretendia igualar os valores do crescimento e da devastação ambiental, com o objetivo de promover a sustentabilidade.

⁸⁹ O site indica aproximadamente 285.000 resultados para a expressão apenas no Brasil.

No Brasil, é comum que se façam e que se exijam (150) *operações tapa-buracos*, pois as vias públicas comumente se encontram em estado de desgaste, talvez pela má qualidade dos materiais empregados nas construções. Como o contexto reportado nos sugestiona, esse tipo de operação gera bastante concorrência de empresas que estão em busca de obras com orçamentos milionários.

(139) união homoafetiva

Os parlamentares petistas também se destacam na elaboração de projetos sobre a união homoafetiva e a criminalização do preconceito contra homossexuais. (FSP, 24/10/2010)

(140) minirreforma eleitoral

Por 8 votos a 2, STF suspende trecho da minirreforma eleitoral sancionada no ano passado e derruba a exigência do título de eleitor para votar no domingo (JC, 01/10/2010)

Por oito votos a dois, a Corte suspendeu a validade do trecho da minirreforma eleitoral, sancionada no ano passado, que obriga o uso de título de eleitor e documento com foto na hora de votar. (JC, 01/10/2010)

Até a edição da minirreforma eleitoral, promulgada em 2009, o eleitor podia se identificar com apenas um documento: o título eleitoral ou outro documento oficial com foto. (JC, 01/10/2010)

(141) FATOR PLÍNIO (JC, 02/10/2010)

(142) atividade extra-classe

O TRE (via Escola de Magistratura) também firmou convênios com faculdades na região de Palmares, atingida pela enchente de junho, e os estudantes que estão trabalhando como mesários vão ser compensados com créditos por atividade extra-classe. (JC, 05/10/2010)

(143) braço direito

Nas vezes que foi ao ataque, citou as irregularidades na Casa Civil, sob o comando da ex-ministra Erenice Guerra, sucessora e ex-braço direito de Dilma. (JC, 18/10/2010)

A candidata do presidente Luiz Inácio Lula da Silva enfrentou dois escândalos no último mês: a quebra de sigilos de pessoas ligadas ao PSDB e a revelação de um esquema de facilitação de interesses privados montado na Casa Civil, que derrubou a ministra Erenice Guerra, ex-braço direito de Dilma no governo. (JC, 04/10/2010)

(144) taxa de sucesso

Segundo o consultor da empresa EDRB Rubinei Quícoli, Stevam seria o responsável por viabilizar financiamentos no BNDES, mediante o pagamento de "taxa de sucesso". (FSP, 02/10/2010)

(145) campanha reeleitoral

Coordenador da campanha reeleitoral do irmão Cid ao governo do Ceará, Ciro Gomes (PSB) era puro entusiasmo na festa da vitória, em Fortaleza. (FSP, 11/10/2010)

(146) uso político

Em agosto, a Folha revelou que o processo que levou Dilma à prisão na ditadura (1964-85) foi retirado

dos arquivos e trancado em cofre por ordem do presidente do STM, Carlos Alberto Marques Soares. Ele o mantém em sigilo, segundo diz, para evitar uso político do material. (FSP, 21/10/2010)

Com base no depoimento de Amaury e em outras apurações, o advogado de Veronica Serra, Sérgio Rosenthal, pediu à PF que investigue blogs ligados à candidatura Dilma para apurar eventual uso político das violações. (FSP, 22/10/2010)

Ex-chefe de fiscalização no Estado afirma que há indício de "uso político" do Ibama durante a pré-campanha eleitoral (FSP, 25/10/2010)

Em entrevista à Folha, Antonio Paulo de Paiva Ganme, ex-chefe da fiscalização em São Paulo, apontou indícios de "uso político" do órgão na pré-campanha presidencial. (FSP, 25/10/2010)

(147) desmatamento líquido

O plano de Marina propunha zerar o "desmatamento líquido" na Amazônia até 2014 -ou seja, ter uma devastação equivalente ao que se ganha com a regeneração natural da floresta. (FSP, 27/10/2010)

(148) bilhete premiado

O mercado duvida que a Petrobras tenha fôlego para explorar o pré-sal num ritmo que afaste o risco de o "bilhete premiado" (como o presidente Lula chamou as reservas) de hoje se transformar num mico amanhã. (FSP, 27/10/2010)

(149) filé mignon

"Estão querendo privatizar o filé mignon [pré-sal]. (FSP, 26/10/2010)

Os dois candidatos parecem ter encontrado uma fórmula para extrair o "filé mignon", para ficar num termo lançado por Dilma ontem, desses confrontos: vale muito mais repisar os próprios argumentos, martelar uma frase de efeito e ser irônico na hora certa do que responder efetivamente as perguntas. (FSP, 26/10/2010)

Na disputa pelos dividendos do filé mignon e da carne de pescoço, Dilma Rousseff e José Serra perdem uma boa chance de debater o futuro do setor de petróleo no Brasil e apostam na confusão para vencer o adversário. (FSP, 27/10/2010)

Passou, assim, a imagem de quem não reconhece que foi a carne de pescoço de ontem que garantiu o filé mignon de amanhã -a definição dada pela candidata para o petróleo de melhor qualidade e maior quantidade das reservas do pré-sal. (FSP, 27/10/2010)

(150) operação tapa-buraco

A Emparsanco S/A, com sede em São Paulo, abriu uma filial em Manaus em 2009 e, em seguida, ganhou uma licitação da prefeitura - para realizar uma operação tapa-buraco- no valor de R\$ 69,9 milhões. (FSP, 28/10/2010)

5.1.3 Empréstimos linguísticos

A neologia por empréstimo é realizada através do uso de uma palavra ou expressão oriunda de uma matriz externa, ou seja, de uma comunidade linguística distinta. Essa comunidade pode ser um país estrangeiro ou grupos que convivam no mesmo espaço político-geográfico, como é o caso das línguas indígenas no território brasileiro. Os empréstimos linguísticos são palavras que passam do léxico de uma língua para outra, independentemente da região que ocupem as comunidades falantes.

Para designar as palavras advindas de outras línguas, existem algumas nomenclaturas: *empréstimo*, *estrangeirismo* e *importação* estão entre algumas delas. Concordando com Freitas, Ramilo e Soalheiro (2005), pensamos ser o termo *estrangeirismo* o mais adequado para designar as palavras provenientes de línguas estrangeiras ainda não integradas ao léxico do português, empregadas com a morfologia original ou parcialmente original.

Carvalho (1983) afirma que o empréstimo pode ser cultural ou íntimo. O primeiro caso ocorre quando uma palavra é tomada de outra cultura e o segundo caso acontece no contato de populações que utilizam diferentes línguas entram em contato cotidiano, resultando em um substrato de um adstrato ou de um superestrato (CARVALHO, 1983, p.118). O contato entre as línguas é natural nas relações de trocas culturais, sobretudo no mundo globalizado, em que as informações, os conhecimentos, os produtos e as ideias têm um trânsito muito mais veloz e constante entre os diversos espaços geográficos do mundo.

Historicamente, o português do Brasil é muito rico em empréstimos íntimos, dado o caráter heterogêneo de nossa colonização e da coexistência de muitas culturas neste território. Os indianismos e os africanismos nos deixaram um grande arsenal léxico como herança; a maior parte dele já adaptada à morfologia da língua portuguesa. Os indianismos nos renderam muitas palavras denominadoras da realidade natural, pois o português europeu não possuía as referências da nossa natureza tropical. Os africanismos entraram no Brasil junto aos escravos, que, enquanto serviam dentro das casas dos senhores, convivendo com sua família, deixavam marcas de seu léxico na nossa língua.

Todavia, o estrangeirismo não se integra de imediato à língua que o recebe. Existe um processo pelo qual passa a nova palavra até que seja aceita como pertencente à língua, desneologizando-se. Freitas, Ramilo e Soalheiro (2005, p.38) sugerem três fases correspondentes ao tipo de transformações pelas quais passa a palavra estrangeira até a sua integração, a saber:

- (i) Transformações imediatas
- (ii) Transformações progressivas
- (iii) Integração no léxico

As transformações imediatas (i) reúnem o processo de transformação de adaptação fonética imediata, a adaptação morfossintática imediata, a monossemia da palavra, a grafia da língua de origem e a hesitação nos tipos gráficos. É importante frisar ainda que nem todos os estrangeirismos passam necessariamente por todas essas transformações. “É nessa situação que geralmente se encontram os nomes próprios estrangeiros, assim como as palavras que designam realidades específicas de outras culturas” (FREITAS, RAMILO E SOALHEIRO, 2005, p.38).

Após esta primeira fase, o estrangeirismo apresenta transformações progressivas (ii), que decorrem do tempo e da frequência de seu uso, o que provoca a sua aproximação formal das palavras da língua que o adota. Nessa fase, acontece o “aprofundamento progressivo da adaptação fonética e morfossintática”; “a possibilidade de formação de novas palavras por composição e prefixação tendo como base o estrangeirismo”; e “o aparecimento de formas gráficas em alternativa às línguas de origem” (FREITAS, RAMILO E SOALHEIRO, 2005, p.43).

Por último, o estrangeirismo deixa de sê-lo e integra-se (iii) completamente à língua. Mas, para que isso ocorra, a palavra adotada precisa evidenciar uma estabilização em vários níveis, apresentando uma identificação formal com os itens já integrados ao léxico. Os passos percorridos pela nova palavra serão os de estabilização fonológica, plena integração morfossintática, integração ao sistema morfológico da língua e a polissemia, quando a palavra passa a oferecer possibilidades para a extensão do significado de modo original, isto é, quando os falantes nativos criam neologismos semânticos a partir da palavra de origem estrangeira.

Carvalho (2009, p.56) seleciona outra visão teórica para descrever o processo de entrada do estrangeirismo em uma língua. Para isso, a autora utiliza a teoria de Crystal (1985),⁹⁰ que distingue:

Loan words: importação de forma e significado com adaptações ao sistema fonológico: *esputinique, pulôver*;

⁹⁰ Os exemplos são da autora.

Loan blends: quando o significado é importado, mas só parte da forma: *goleiro*

Loan shifts: quando o significado é importado, mas a forma é nativa: *computador*;

Loan translations: quando a tradução é feita item por item: *Urbemesh* (alemão – criação literária de Nietzsche) – *super-homem* (português).

Os empréstimos são inevitáveis em qualquer língua, pois as culturas não cessam de se relacionar e é isso que mantém a vivacidade do conhecimento através da troca de saberes entre os povos.

A influência da língua inglesa, por sua soberania econômica e cultural nas últimas décadas do século XX, é claramente percebida não somente na língua portuguesa, mas em todas as outras línguas das quais as nações recebem a tecnologia da *internet com os notebooks, netbooks, tablets*; a tecnologia *touch screen* dos *iphones* e dos *ipods*; o sistema de transmissão de dados por *bluetooth*, os *mp3 players*; a influência da música *pop*, do *rock'n'roll*, do *rip-rop*, do *rap*, do *soul*, do *jazz*; o *fast-food com os cheese-burgers* (adaptando-se como *x-burger*) no lanche e os *cupcakes* na sobremesa... É tão vasta a influência cultural norte-americana em nossas vidas que muitas vezes sequer nos damos conta de que essas palavras não são nossas: aprendemos nos relacionar com elas todos os dias no mundo digital e através delas utilizamos as ferramentas que têm se tornado indispensáveis à comunicação humana nos tempos da interação digital.

É também do inglês que se origina a maior parte dos estrangeirismos encontrados em nossa pesquisa. Encontramos ainda palavras oriundas do francês e do latim, para o uso erudito, e do sânscrito, com referência ao título de uma música. Entre os 39 neologismos detectados em nossa pesquisa, quatro advém do latim, dois do francês, um do sânscrito e trinta e dois da língua inglesa.

A seguir, indicamos o gráfico percentual das formações estrangeiras de nosso *corpus*:



Gráfico 6 - Porcentagem dos estrangeirismos encontrados quanto a sua origem

Os termos dos campos especializados têm grande produtividade em nosso trabalho. As pesquisas de (1) *tracking* na política são de grande importância no mapeamento de estratégias de campanha eleitoral interna. A tradução do termo *tracking* para a língua portuguesa seria “monitoramento”. Durante as eleições, os *trackings* foram as contabilizações periódicas das intenções de voto que se divulgaram internamente aos partidos; e são muito relevantes porque sinalizam a necessidade de manutenção ou de mudança nas estratégias das campanhas políticas.

Os (2) *banners* tornaram-se um meio popular de divulgação publicitária e até mesmo acadêmica. O suporte midiático permite que se congreguem no cartaz elementos gráficos e imagens, tem muita mobilidade e, com os trabalhos gráficos, pode ser muito útil na publicidade política. Durante as eleições, eles foram grandes aliados dos candidatos, estampando uma grande variedade rostos e sorrisos nas vias onde os *outdoors* políticos foram proibidos.

Muitos termos estrangeiros de origem inglesa são de natureza terminológica e servem para denominar conceitos ou objetos de domínios profissionais específicos. É o caso de (3) *dopping*, que na área dos esportes significa o uso de medicamentos proibidos aos

atletas; (4) *kingmaker*⁹¹, utilizado na atualidade para se referir a pessoas que têm importância estratégica em algum domínio social - aqui na política. A palavra foi usada com referência à candidata Marina Silva devido a sua grande popularidade no primeiro turno. Há também (5) *offsets*, termo da economia; (6) *stent*, redução de *stent delivery catheter*, termo da medicina, referente a um dispositivo cardíaco; (7) *Press Complaints Commission*, as comissões para denúncias contra a imprensa britânica; (9) *backstage*, os bastidores da televisão; (11) *pipeline*, aqui termo da economia, que significa “registro de operações futuras entre quem compra créditos e quem os toma”⁹²; o (13) *quantitative easing*, da economia, equivalente a afrouxamento quantitativo; (16) *know-how*, utilizado em todas as áreas profissionais para indicar o conhecimento prático em determinado campo de atuação; (20) *shield*, equipamento específico utilizado por grandes construtoras; (29) *town-hall meeting*, referente a um evento específico da sociedade americana, copiado aqui com o sentido de debate entre cidadãos indecisos politicamente.

Outras palavras mais genéricas são usadas apenas por opção estilística, pois não se referem a conceitos específicos de áreas especializadas e poderiam ter tradução correspondente sem prejuízo ao sentido. É o caso de (30) *popstar*, que poderia ser traduzido por “astro pop” sem prejuízos e (25) *foreignaffairs*, por “relações públicas”.

Algumas palavras são emblemáticas quanto à representação da força digital nos meios de comunicação utilizados pelas campanhas políticas. (8) *Hashtags*, as etiquetas do *Twitter*; (12) *pageviews*, o número de visualizações de uma página digital; (15) *mailing*, a correspondência virtual; os (18) *pop-ups*, janelas que surgem para divulgar normalmente anúncios publicitários em *sites*; (21) *Ciber wars*, as guerras cibernéticas; (22) *posts*, publicações na rede do *Twitter*; (23) *browser*, o navegador da internet; (24) *pendrives*, dispositivos móveis de armazenamento de dados; (26) *tweet*, substantivação de *Tweeter* - corresponde a uma publicação na rede social; (27) *tuitado*, palavra já adaptada à morfologia da língua portuguesa, derivado através de sufixação, do verbo “tuitar”; (28) *retweetadas*, parcialmente adaptado à morfologia portuguesa, demonstra a instabilidade do

⁹¹ “By analogy, “Kingmaker” is also used in some countries to refer to those individuals with the ability to influence the selection of political leaders. The term though always unofficial, has tended to gain more importance in places of power struggle e.g. politics, sports organizations etc. Consequently, bestowment of such a title is looked upon significantly and more often as a means of indirect gratification for individuals wanting to silently dictate the affairs of the organization.” Fonte : Wikipedia. Disponível em : < <http://en.wikipedia.org/wiki/Kingmaker>>. Acesso em : 10 dez. 2011.

⁹² Fonte: < <http://www.vendamais.com.br/php/glossario.php>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

estrangeirismo, pois, mesmo sendo derivado por prefixação, mantém a ortografia original. A rede social do *Tweeter* teve grande impacto nas eleições, figurando como uma mídia poderosa de difusão da informação e de campanha política. Ainda da tecnologia, temos os (10) *tablets*, aparelhos digitais que vêm se popularizando no Brasil.

O neologismo (19) *rebolation* é uma formação interessante, pois não tem registro na língua inglesa. Acontece aqui um caso de empréstimo de sufixo do inglês *-tion*, que adiciona-se a uma base portuguesa (*rebolar*) formando um derivado híbrido com radical português e sufixo inglês. O sufixo *-tion* tem o mesmo valor semântico do sufixo português *-ação*, adicionando o caráter substantival à base. Ao que parece, o fato de a palavra parecer estrangeira pela morfologia dá a ela maior *status* e charme na sociedade. (19) *Rebolation* foi uma canção de axé bastante popularizada de um grupo baiano de alcunha *Parangolé*, na época em que ocorreram as eleições.

Advindo do francês, (32) *déjà-vu*, “já visto”, em português, refere-se a uma sensação para a qual não temos descrição em nossa língua, o que torna a tradução insuficiente para representar a palavra estrangeira. O estrangeirismo representa semanticamente a sensação que alguém tem de ter vivido uma mesma situação anteriormente. Em (33) *guerre des monaies* (guerra de moedas), ocorre um uso terminológico, usado especificamente pelo Ministro da Economia do Brasil Guido Mantega para representar uma situação financeira vivida pelos países emergentes na ocasião. O estrangeirismo aqui é justificado por uma situação de comunicação internacional e não apenas por ser o francês uma língua que traz prestígio ao português, como acontecem em alguns usos.

Os neologismos de origem latina são muito usados na linguagem científica como recurso de denominação de novos elementos descobertos. Na área acadêmica é comum a utilização de expressões latinas, como o (34) *quális* e o (35) *quântis*. No contexto de nossa pesquisa, (36) *Evangelium vitae* (O Evangelho da vida) e (37) *Gadium et spes* (Alegria e esperança) foi utilizado na linguagem litúrgica, na ocasião da divulgação de uma declaração do Papa Bento XVI em séries enclíticas sobre a eutanásia.

O empréstimo do sânscrito (38) *kali yuga* (Era de Ferro) é um uso específico referente a um título de música do cantor John Cage.

Observamos que a maior parte dos estrangeirismos é usada na sua morfologia original; poucas palavras apresentam adaptação gráfica. Às vezes, dada a velocidade do aparecimento de novos termos de especialidade e de novos elementos, uma palavra

estrangeira surge e desaparece na língua tão rapidamente que não chega a integrar-se. Outras são de uso terminológico, cuja tradução poderia trazer prejuízos na intercompreensão entre os pares das áreas de conhecimento, como pudemos atestar em diversos casos do *corpus*.

Nosso material demonstrou que poucos estrangeirismos refletem o universo da política no suporte jornalístico estudado. Como foi demonstrado, o uso da maioria dos estrangeirismos vem de áreas adjacentes à política propriamente dita, como a economia e a tecnologia.

(1) trackings

Não só as pesquisas divulgadas por institutos como os trackings internos em poder do comando petista mostram que diminui cada vez mais a distância entre Dilma e Serra. (JC, 15/10/2010)

O marqueteiro Luiz Gonzalez mostrava números do "tracking" (pesquisa instantânea com eleitores) favoráveis a Serra: para 48%, ele teria vencido o debate, seguido por Plínio e Marina, empatados. (FSP, 01/10/2010)

Guerra de trackings (FSP, 26/10/2010)

Quem ouviu essas manifestações ficou na dúvida entre duas hipóteses, não necessariamente excludentes: a) escaudada pelo primeiro turno, a campanha não estaria cem por cento segura de seus próprios números; b) a vantagem, no tracking interno, seria inferior aos 14 ou 15 pontos divulgados para os jornalistas. (FSP, 27/10/2010)

(2) banners

Bruno Rodrigues garantiu, no entanto, que todas as peças do tucano (santinhos, adesivos, banners e novas cartas) já estarão à disposição, hoje. (JC, 20/10/2010)

(3) dopping

Quando se constata que o segundo lugar usou de dopping, o terceiro lugar que não foi para o pódio e não ganhou medalha, passa a ter direito, pois pulou para segundo. (FSP, 01/10/2010)

(4) kingmaker

No "FT", "Candidata verde pode ter papel de fiel da balança [kingmaker] no Brasil". (FSP, 05/10/2010)

(5) offsets

Segundo Jobim, desde 2008 o critério mais importante para a aquisição dos caças não é meramente técnico -qual avião a FAB consideraria mais adequado a suas necessidades operacionais-, mas envolve outras questões complexas -além da transferência de tecnologia, há os "offsets", compensações e investimentos pela empresa vencedora em outros setores da economia. (FSP, 07/10/2010)

(6) stent

Também em setembro, Luiz Gushiken, consultor e ex-ministro da Secretaria de Comunicação da Presidência, passou alguns dias no hospital para colocar um "stent" (dispositivo para dilatar vasos sanguíneos). (FSP, 08/10/2010)

(7) Press Complaints Commission

No Reino Unido, o setor de jornais e revistas tem seu próprio órgão regulador, o Press Complaints Commission (comissão de queixas contra a imprensa). (FSP, 08/10/2010)

(8) hashtag

Em segundos o termo virou um "hashtag" (etiqueta) no microblog Twitter. (FSP, 11/10/2010)

Para internautas que desejam acompanhar o evento no Twitter, a "hashtag" (símbolo do jogo da velha que indica um assunto) que será usada é #folharedtv. (FSP, 12/10/2010)

Para internautas que desejam acompanhar o evento pelo microblog Twitter, a "hashtag" (símbolo que indica um assunto) que será usada é #folharedtv. (FSP, 16/10/2010)

(9) backstage

Foi o tempo suficiente para perceber que a estratégia "paz e amor" prometida no debate da Band com candidatos à Presidência, na noite de ontem, fora deixada, ou melhor, esquecida no backstage do embate. (FSP, 11/10/2010)

(10) tablets

E o site Gizmodo noticia que "NYT" e outros, com a "esperança de que os tablets vão salvá-los", já criam aplicações para mais um, da Samsung. (FSP, 13/10/2010)

(11) pipeline

A alocação do capital-semente dentro de grandes fundos de investimentos pode ser uma boa forma de alimentar o "pipeline" para investimentos futuros. (FSP, 17/10/2010)

(12) pageviews

Houve mais de 750 mil acessos (pageviews) durante toda a transmissão ao vivo. (FSP, 18/10/2010)

(13) quantitative easing

Avalia que a saída aventada, "quantitative easing", afrouxamento quantitativo com impressão de moeda, "não tem apoio teórico concreto". (FSP, 19/10/2010)

(14) reality-show

O horário na grade de programação é reservado ao reality-show "A Fazenda", que atinge 20 pontos no Ibope. (FSP, 21/10/2010)

(15) mailing

No dia 14, circulou no mailing corporativo da Petrobras uma mensagem em defesa do voto na candidata petista Dilma Rousseff. (FSP, 23/10/2010)

(16) Know-how

Know-how Neófito na Câmara Legislativa do DF, o ex-diretor-geral do Senado Agaciel Maia (PTC) prepara terreno para pleitear a primeira-secretaria da Casa. (FSP, 24/10/2010)

(17) mainstream

Oferece cinco programações musicais: "Pop & Rock", com os grandes hits da cena pop, dos anos 1960 até hoje; "Música Clássica", que reúne os mestres da música erudita; "Jazz & Blues", apoiada em figuras obrigatórias da cultura negra norte-americana, como Miles Davis e Aretha Franklin; "MPB",

que percorre os gêneros da bossa nova, do samba de raiz e da nova MPB; e "Tendências", com aposta em grupos fora do "mainstream", como Air e Gothan. (FSP, 24/10/2010)

(18) pop-up

Pode ser aberta na internet em uma janela separada, no chamado "pop-up". (FSP, 24/10/2010)

(19) rebolation

Depois de improvisar uma coreografia do "Dilmalation", inspirada no rebolation baiano, a turma explodiu num coro debochado contra o tucano: "Ô José Serra, mas que caô/ A bolinha de papel não machucou". (FSP, 25/10/2010)

(20) shield

Pelo edital, apenas as chamadas "quatro grandes" -Camargo Corrêa/Andrade Gutierrez e Metropolitano (Odebrecht/ OAS/Queiroz Galvão)- estavam habilitadas a concorrer a esses dois lotes, porque somente elas possuem um equipamento específico e necessário (shield). (FSP, 26/10/2010)

No caso da classificação das empresas nos lotes 3 e 7, era necessário o uso de "Shield, recurso e qualificação que poucas empresas no país têm". (FSP, 26/10/2010)

(21) "CYBER WARS" (FSP, 26/10/2010)

(22) posts

O internauta também tem acesso aos últimos posts da Folha no Facebook e de todas as editorias no Twitter. (FSP, 27/10/2010)

O internauta também tem acesso aos últimos posts da Folha no Facebook e de todas as editorias no Twitter. (FSP, 30/10/2010)

(23) browser

Além do aplicativo, é possível ler a Folha no iPhone em sua versão para internet móvel, pelo browser Safari, no endereço folha. (FSP, 27/10/2010)

(24) pendrives

Na ocasião, a PF apreendeu dois laptops, três discos rígidos e cinco pendrives de Viana, que é irmão do governador eleito Tião Viana (PT). (FSP, 27/10/2010)

(25) foreignaffairs

Um novo ator global foreignaffairs. (FSP, 27/10/2010)

(26) tweet

Boatos Anteontem, em "tweet" de jornalista, "Corram para comprar ações da Boatobras. (FSP, 28/10/2010)

O tribunal aceitou pedido da coligação "O Brasil Pode Mais", do tucano José Serra, contra o deputado estadual Rui Falcão (PT-SP), que teve de postar dois "tweets" -mensagens de no máximo 140 caracteres- escritos pela campanha de Serra, em resposta a outros dois comentários feitos por ele no dia 19. (FSP, 30/10/2010)

Na ocasião, ele afirmou, num primeiro "tweet": "Cuidado com os telefonemas da turma do Serra. (FSP, 30/10/2010)

A primeira seria responder em dois "tweets" o que foi escrito por Falcão. (FSP, 30/10/2010)

Alguns afirmaram que a campanha terminaria e que os "tweets" continuariam na rede por tempo indeterminado. (FSP, 30/10/2010)

"Basta acumularem-se "tweets" que, em alguns segundos, vai-se cumprir e sumir a decisão do TSE. (FSP, 30/10/2010)

O conteúdo dos "tweets" da coligação "O Brasil Pode Mais", de José Serra (PSDB), em resposta aos comentários do petista Rui Falcão foi aprovado ontem pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral). (FSP, 30/10/2010)

(27) tuitado

Àquela altura, Xico Graziano, um dos coordenadores de Serra, já havia tuitado, com eco por todo lado, "Perdemos feio em Minas, por que será? (FSP, 01/10/2010)

(28) retweetadas

Ele explicou que elas ficariam definitivamente na página de Falcão e que poderiam ser "retweetadas" por seus seguidores de forma indeterminada. (FSP, 30/10/2010)

(29) town-hall meeting

Inspirado no "town-hall meeting" -encontro de comunidade, em tradução livre, tradicional debate entre cidadãos que está nas raízes da democracia americana-, o debate com indecisos será promovido pela terceira vez pela Globo, repetindo as experiências no segundo turno de 2002 (Lula x Serra) e de 2006 (Lula x Alckmin). (FSP, 29/10/2010)

(30) popstar

Tratado como um popstar, Lula foi aclamado por uma multidão que tomou cerca de 2,5 quilômetros da avenida Conde da Boa Vista. (FSP, 30/10/2010)

(31) looping

O time de Serra devia ter poupado o trabalho e transmitido as palavras de Bicudo no ar, em looping, no horário eleitoral. (FSP, 31/10/2010)

(32) déjà-vu

A sensação de déjà-vu suscitada pelo programa eleitoral de José Serra ontem remete a uma famosa peça criada em 2002 pelo marqueteiro Duda Mendonça para a campanha de Lula. (FSP, 09/10/2010)

(33) guerre des monnaies

Também o francês "Le Monde" destacou que "Os países emergentes tentam lutar contra o afluxo maciço de capitais", principalmente na Ásia e na América do Sul, apontando que a expressão "guerre des monnaies" foi lançada pelo brasileiro Mantega. (FSP, 20/10/2010)

(34) quális

Também o eleitor está cheio, indicam "quális" e "quântis" à disposição das duas candidaturas. (FSP, 21/10/2010)

Nas "quális", mediadores se impressionam com a inconsistência da defesa tanto de Dilma quanto de Serra. (FSP, 28/10/2010)

(35) quântis

Também o eleitor está cheio, indicam "quális" e "quântis" à disposição das duas candidaturas. (FSP, 21/10/2010)

(36) Evangelium vitae

Nenhuma das posições defendidas por Bento 16 é nova. Elas estão consubstanciadas numa série de encíclicas, notadamente "Evangelium vitae" e "Gaudium et spes". (FSP, 29/10/2010)

(37) Gaudium et spes

Nenhuma das posições defendidas por Bento 16 é nova. Elas estão consubstanciadas numa série de encíclicas, notadamente "Evangelium vitae" e "Gaudium et spes". (FSP, 29/10/2010)

(38) kali yuga

Em primeiro lugar, porque João Santana é também um intelectual, com quem você pode conversar sobre coisas tão variadas quanto a "kali yuga" e a música de John Cage. (FSP, 01/10/2010)

5.1.4 Neologismos fonológicos

O neologismo fonológico ocorre quando há criação de um significante inédito, sem base em palavras preexistentes. Entretanto, como já discutimos no capítulo 2, é raríssimo que ocorra uma criação *ex nihilo* na língua. As criações lexicais acontecem com base no sistema e no acervo lexical.

Segundo Alves (2007, p.12), a neologia fonológica é um fenômeno bastante raro. No entanto, pode ocorrer de o uso de alguns recursos fonológicos com efeitos lexicais.

Em nossa pesquisa, a neologia fonológica não foi muito produtiva. As variações ocorridas no plano do significante das palavras produzidas basearam-se na relação de analogia com outros itens lexicais já existentes.

(1) *Privataria* foi criada em analogia a *pirataria*, procedimento ilícito de cópia e reprodução de material autoral – mídias, artefatos eletrônicos, brinquedos etc. – ou sem legalização tributária. A (1) *privataria* sugere a prática da privatização, acrescentando à palavra o tom pejorativo e ilícito da pirataria. A palavra também surge como denúncia à política da “Era da Privatização”, que seria o período de gestão presidencial de Fernando Henrique Cardoso e de José Serra, como seu ministro. No fim do ano de 2011, foi lançado o livro *A Privataria Tucana*, de Amaury Ribeiro Jr. (cf. RIBEIRO JR., 2011), cuja temática organiza-se em torno de investigações e denúncias sobre os bastidores da política durante o governo FHC. A publicação tem gerado muita polêmica e tensão no cenário político brasileiro, embora ignorada pela grande mídia. O jornalista autor da obra foi indiciado pela Polícia Federal durante as eleições de 2010 sob a acusação de participar de um grupo que tentou quebrar o sigilo fiscal e bancário dos políticos tucanos, tornando-se um dos importantes personagens da disputa presidencial. O jornalista se defendeu alegando que não poderia quebrar nenhum sigilo, por não ocupar nenhum cargo público que lhe proporcionasse essa oportunidade.

Em (2) *decrimocracia*, há uma analogia com a palavra democracia, com a inserção do radical *crim-* da palavra *crime*. Não ocorre aí uma derivação, pois pelos padrões de formação do português se daria *crimocracia* (crime + *-cracia*). A alteração do significante democracia para (2) *decrimocracia* sugere a presença do crime no sistema democrático.

(1) *privataria*

O leitor de "O Escândalo Daniel Dantas" poderá atravessá-lo sem mudar de opinião sobre Dantas, a

privataria, o PT e os companheiros dos fundos de pensão, mas perderá muitas de suas certezas. (FSP, 03/10/2010)

Foram eleitores que usufruíram o direito de ficar longe de argumentos extremados como os do mensalão petista e da privataria tucana. (FSP, 06/10/2010)

"Privataria" do PSDB e "mafiosos" do PT levaram eleição ao 2º turno (FSP, 08/10/2010)

Então vou te dar aqui todo o conjunto de prática que esse grande jornalista que é o [colunista da Folha] Elio Gaspari chama de privataria, o processo de privatizações. (FSP, 08/10/2010)

- Dilma: A privataria do Fernando Henrique. (FSP, 12/10/2010)

De cada dez sábios do tucanato envolvidos na queima de patrimônio da Viúva durante o tucanato, nove ficaram calados diante da satanização da privataria pelo PT. (FSP, 24/10/2010)

(2) Decrimocracia (FSP, 24/10/2010)

5.1.4.1 Criações onomatopaicas

As criações onomatopaicas são um recurso de imitação da língua falada na língua escrita. Neste tipo de neologia fonológica, há de fato a criação de significantes inéditos, mas isso não significa que o processo de criação se dê a partir do nada. Através de processos gráficos, há a tentativa de representar na escrita alguns sons e ruídos produzidos na fala.

Em nossa pesquisa, este processo produziu a expressão (4) *vapt, vupt* bastante difundida na linguagem oral e utilizada para denotar rapidez e velocidade. O (5) *blá-blá-blá* representa na escrita uma fala sem importância. (6) *tró-ló-ló* parece representar a mesma função semântica do (5) *blá-blá-blá*, com a conotação de conversa enganosa.

(3) vapt, vupt

Dilma chega para carreata vapt, vupt hoje em Caruaru (JC, 26/10/2010)

Como maior cabo eleitoral da petista Dilma, Lula chega hoje para liderar caminhada "vapt, vupt" no Recife. (JC, 29/10/2010)

(4) blá-blá-blá

Ele reclamou da influência de marqueteiros na campanha e de levar à TV "só o blá-blá-blá, só biografia". (FSP, 06/10/2010)

(5) tró-ló-ló

Então, não me venham com tró-ló-ló, com factoides", reagiu. (FSP, 07/10/2010)

"Petroleiros, não se deixem enganar pelo tró-ló-ló do PSDB de Serra! (FSP, 23/10/2010)

5.1.5 Outros processos

Sob o título de *outros processos* organizamos os modos de criação menos produtivos presentes em nosso material de análise.

5.1.5.1 Conversão

O processo de conversão é definido, no quadro das matrizes lexicogênicas de Sablayolles (2011), como um processo de natureza sintático-semântica. Denominado comumente nas gramáticas escolares *derivação imprópria*, o processo de conversão consiste na mudança de função sintática de uma unidade sem que haja alterações no plano formal. Bonnard (1979) questiona a utilização da terminologia *derivação imprópria* para intitular o fenômeno, pois acredita que subjacente a este título está o julgamento de que existe um tipo de *derivação própria* na língua, sendo a primeira uma espécie de subversão. Concordamos com o autor sobre a inadequação deste conceito, uma vez que pensamos serem apropriados quaisquer processos de criação lexical autênticos na língua, por compreendermos que os falantes realizam alterações na linguagem com o intuito de atender as suas necessidades expressivas. O autor também repensa a utilização do termo *impróprio* quando na definição de um tipo de derivação, uma vez que faz alusão à mudança de classe gramatical. Ele demonstra que, quando há alterações nos morfemas, também é possível que ocorra uma mudança de classe, então não haveria propósito na distinção entre própria e imprópria se for a mudança de classe a motivadora da especificidade terminológica.

Bechara (2010) utiliza o termo *conversão* para descrever o processo, e o define como “o emprego de uma palavra fora de sua classe normal”.

Em nossa pesquisa, utilizando os recursos metodológicos já descritos, identificamos apenas um caso de neologia por *conversão*. Porém houve alteração no plano morfológico, com a adição de um morfema flexional de número. Classificamos a palavra neste processo pelo fato de configurar o uso de um nome próprio como adjetivo, ocorrendo a mudança de função categorial sem alteração flexional de gênero.

A palavra (1) *luíses* funciona em nosso contexto como adjetivo. Liga-se semanticamente ao nome *Luís*, primeiro nome do ex-Presidente Luís Inácio Lula da Silva, que carrega em sua história de vida o atributo de homem simples, o comum cidadão brasileiro que alcançou o maior posto de um país.

(1) *Nas democracias e no Brasil, não há lugar para **luíses** assim". (FSP, 06/10/2010)*

5.1.5.2 Gírias

Carvalho (1983) associa *gíria* a modismo linguístico. A autora utiliza este termo porque entende as gírias como criações efêmeras, restritas a uma época ou mesmo a um grupo social específico, de extrema rotatividade.

Os neologismos giriáticos são emblemas de linguagens estereotipadas na sociedade, como a linguagem dos jogadores de futebol, surfistas, *skatistas*. Normalmente são restritos a esses grupos e dificilmente são reconhecidos pela massa falante da língua.

Há também as gírias regionais, como *xexeiro*, citado por Carvalho (1983, p.114), *mamão* (em Pernambuco, *mamão* é usado como adjetivo para qualificar rapazes de comportamento pouco maduro), *piriquete* (gíria usada no âmbito nacional para designar as garotas mais ousadas no modo de vestir e de agir) etc.

Carvalho (1983) frisa que as gírias são na maioria das vezes neologismos semânticos, sendo necessária uma investigação sobre os contextos de uso para que se defina a sua classificação como tal. A autora destaca também a pouca frequência do uso de gírias na linguagem jornalística, sobretudo quando os assuntos têm alto grau de seriedade. Com exceção de alguns jornais populares e de alguns cadernos, o jornalismo em geral evita o uso indiscriminado de registros não-padrão da língua, grupo em que se incluem as gírias. Talvez por estas razões tenhamos encontrado apenas um neologismo formal desta categoria.

A palavra (2) *caô* destacou-se em nosso material de pesquisa em um contexto popular, em que a notícia descrevia uma manifestação política em defesa da candidata Dilma Rousseff. O (2) *caô* referiu-se ao suposto exagero da parte do candidato José Serra quanto à gravidade do evento público em que uma bolinha de papel atirada contra sua cabeça. O candidato submeteu-se até a uma radiografia da cabeça, fazendo todos suporem que havia sofrido escoriações graves.

(2) *caô*

Depois de improvisar uma coreografia do "Dilmalation", inspirada no rebolation baiano, a turma explodiu num coro debochado contra o tucano: "Ô José Serra, mas que caô/ A bolinha de papel não machucou". (FSP, 25/10/2010)

CONSIDERAÇÕES FINAIS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa, buscamos estudar a criação de neologismos formais durante o período de campanha e eleições federais brasileiras de 2010 por nos vincularmos à linha de pesquisa que associa a criação lexical à história da sociedade e do léxico. Através da mediação dos acontecimentos relacionados a esse importante momento político, pudemos ver emergirem 443 novas palavras formadas através de processos diversos da matriz lexicogênica da língua portuguesa e também de estrangeirismos. Procuramos relacionar os processos de criação de neologismos formais aos seus contextos sociais motivadores, demonstrando que através do estudo dos neologismos abre-se uma dupla possibilidade de registro e de investigação: de um lado, podemos mapear a produtividade no léxico em sua renovação e inovação; de outro lado, pode-se fazer uma reflexão de natureza histórica e social a partir dos acontecimentos aos quais ligam-se os neologismos.

O estudo dos neologismos é uma investigação necessariamente diacrônica, pois uma nova criação lexical só pode ser identificada com base em um estado histórico do léxico. O critério lexicográfico foi nosso ponto de partida para definir os novos itens lexicais, porque os dicionários da língua estabelecem uma relação política importante com a norma social. Escolhemos, assim, duas importantes obras lexicográficas da língua portuguesa: uma delas, o Dicionário Houaiss da língua portuguesa, é considerada *thesaurus* da língua portuguesa e a outra, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, é ligada ao português brasileiro especificamente.

O recenseamento dos neologismos de uma época não é tarefa fácil. O reconhecimento das palavras fica sujeito à percepção do pesquisador (critério psicológico) quando não existem ferramentas automatizadas de seleção. Para desviar desse tipo de obstrução metodológica, utilizamos como primeira ferramenta de seleção do *corpus* o seletor semiautomático de neologismos (SEENTER), programa de computador desenvolvido pela equipe da Universidade de São Paulo, coordenada pela professora Dr^a Ieda Maria Alves e pelo professor do departamento de computação Dr^o Thiago S. Pardo. Esse recurso teve enorme importância em nosso trabalho, pois trabalhamos com sessenta e quatro edições dos cadernos de *Poder e Política da Folha de S. Paulo* e do *Jornal do Commercio* (PE), respectivamente. Com o auxílio do seletor, a identificação dos neologismos formais nos textos referidos foi realizada de modo semiautomático, praticamente excluindo as

possibilidades de perda de *corpus* por erro humano. Sem esse recurso, teria sido feita a leitura desse grande volume de material de modo manual, estando a seleção exposta a equívocos.

A segunda etapa da seleção neológica baseou-se na proposta de Boulanger (1979), segundo a qual se faz uma consulta aos dicionários definidos como *corpus de exclusão* para o reconhecimento dos neologismos. Esta etapa demandou uma grande parte do tempo da pesquisa, pois é necessária uma verificação cuidadosa das palavras para que haja segurança na classificação.

Como o seletor semiautomático de neologismos não é capaz de reconhecer neologismos semânticos e sintagmáticos, não pudemos fazer o estudo destas categorias na ocasião desta pesquisa, ficando o trabalho restrito aos neologismos formais. De qualquer modo, pensamos que a neologia semântica na linguagem da política no período estudado renderia outro trabalho deste porte, por ter em sua gênese diversas questões teóricas e problemáticas a serem estudadas. Deixamos a sugestão do estudo das duas categorias como propostas para investigações futuras.

A etapa de classificação dos neologismos formais em seus processos de formação teve apoio no quadro de matrizes lexicogênicas (PRUVOST e SABLAYROLLES, 2003; SABLAYROLLES, 2011), na Gramática da Língua Portuguesa (BECHARA, 2003; 2010), além dos estudos de Alves (2007) e Carvalho (1983). Acreditamos que nossas análises possam contribuir para a verificação do uso das regras de formação de palavras na língua portuguesa, principalmente nos casos em que os novos itens revelam inovação no léxico. Quando ocorre esse fenômeno, é possível demonstrar que a mudança no plano da língua acontece, mesmo lentamente, a partir do uso.

Muitas obras bibliográficas utilizadas como referências básicas de nossa fundamentação são escritas e publicadas em língua francesa e não são comercializadas no Brasil. O acesso a esse material fica restrito a reproduções informais dos livros (GUILBERT, 1975; SABLAYROLLES, 2000; BASTUIJ, 1979; BOULANGER, 1979). Isso pode ser considerado um elemento dificultador para pesquisadores que se interessem pelo tema e não tenham acesso a essas cópias.

Em nossas análises, observamos a criação de 442 termos dos quais 259 (58%) foram formados através de processos de derivação. 136 neologismos nasceram a partir da adição de prefixos, dos quais os mais produtivos foram o *anti-* (15%), o *pré-* (10%) e o *pró-* (9%). Os

prefixos *anti-* e *pró-* denotam respectivamente a ideia *de contrário a* e *a favor de*. Juntos, eles somam quase um quarto dos neologismos criados pelo processo de prefixação. Acreditamos que isso se deve às polarizações ideológicas geradas pela disputa eleitoral: *anti-Lula, antipetismo, anti-Serra, antitucano, antiverde, antiambientalista, antinatalista; pró-PT, pró-legalização, pró-aborto, pró-Serra, pró-descriminalização do aborto*.

As formações por sufixação renderam 115 novas palavras, cujos sufixos mais produtivos foram *-ista* (18%), *-ismo* (12%) e *-ização* (11%). O sufixo *-ista* dá à base característica adjetival, com o valor de “adepto a” e “partidário de”, sentido muito importante quando tratamos de disputa eleitoral. O sufixo *-ismo* formou nomes, também adicionando às bases o sentido de “adepto, partidário”. Os dois sufixos associaram-se bastante a antroponímias: *dilmismo, rorizismo, carlismo, chavismo, franquismo; arraesista, jarbista, eduardista, macielista, serrista, dilmista, marinista, chavista, bonapartista*. Além de ter alta produtividade em números, as palavras criadas com o sufixo foram retomadas com muita frequência nos textos estudados.

Apenas um neologismo foi formado por derivação flexional, *azarã*.

As siglas e as acronímias são muito importantes na linguagem jornalística e na linguagem da política, pois reduzem denominações longas e complicadas para a memorização dos leitores-cidadãos. Formaram sete palavras derivadas com os sufixos *-ista* e *-ismo*: *petebista, peemedebismo*.

As formações compostas produziram 138 palavras (31% do *corpus*), das quais 77% formaram-se por justaposição, 8% por aglutinação, 8% por cruzamento vocabular e 7% por aglutinação de radicais eruditos. As composições mais produtivas por justaposição foram realizadas com dois substantivos (43 palavras), com relação subordinativa em sua maioria: *peessoas-chave, candidata-laranja, funcionários-fantasmas*. Algumas formações compostas por justaposição são muito relevantes quando propomos a reflexão sobre as novidades e tensões ideológicas no campo da política do período: *ficha-limpa, ficha-suja, presidente-padrinho, operário-presidente, lulo-dilmista, religioso-populista, sócio-ambiental*.

As composições por cruzamento vocabular, apesar de poucas, revelam certa irreverência criativa, como em *dilmalation* e em *boatobrás*. Ocorreram também nesse processo união de antroponímias: *Dilmasia, Pimentécio e Lulécio*.

Os empréstimos linguísticos são usados muitas vezes para dar status e credibilidade aos textos, ligando-se principalmente ao universo da tecnologia (internet e redes sociais) e a

áreas de especialidade, como a economia. Não há relevância de estrangeirismos específicos da linguagem política. A maioria dos elementos são anglicismos. Produziram no total 8,5% das palavras do nosso material: *tablets*, *pageviews*, *tweet*, *hashtag*, *kingmaker*, *dopping*, *trakings*.

Os neologismos fonológicos são raros na língua e formaram apenas cinco palavras, sendo três criações onomatopaicas. Houve a criação de um neologismo muito importante no campo político nesta categoria: *privataria*. A palavra tem causado diversos movimentos na área por representar esquemas de corrupção dos políticos tucanos.

Sob o título de *outros processos*, distribuímos os dois neologismos criados por conversão e de uso gíriático. Como as gírias são normalmente neologismos semânticos, através do nosso recurso metodológico pudemos identificar apenas um item criado por recurso formal: *caô*.

O estudo da criação lexical detectada durante o período das eleições federais brasileiras de 2010 ratifica o caráter mutável da língua e – ainda mais – a interdependência entre mudança histórica e linguística. Os neologismos formais criados durante o período eleitoral são reflexos da incessante necessidade criativa diante de um novo evento histórico caracterizado pela disputa pelo poder. Tendo como base o sistema e os recursos disponíveis na língua, os falantes – representados aqui pela materialização escrita do texto jornalístico – renovam o léxico, pondo em evidência a força criadora da linguagem e atestando a sua vida, deixando como herança os neologismos da época. As palavras demonstram a importância de celeumas partidárias e ideológicas na democracia vivida pela sociedade brasileira; destaca os maiores temas debatidos nas campanhas eleitorais mais relevantes; e delega à língua a qualidade de memória e material de reflexão sobre a realidade que a atinge.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. 2009. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23>>.

_____. 2011. **Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=537>>. Acesso em: 8 nov. 2011.

ALENCAR, José de. 2005 [1857]. **Iracema**. São Paulo: Avenida Grafica Editora.

_____. 1976 [1865]. **O Guarani**. 5. ed. São Paulo: Ática.

ALVES, Ieda Maria. 2010. A neologia do português brasileiro de 1990 a 2009: tradição e mudança. In: ALVES, Ieda Maria. (Org.) **Neologia e Neologismos em diferentes perspectivas**. São Paulo: Paulistana.

_____. (Coord.) 2001. **Glossário de termos neológicos da economia**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.

_____. 2011. **Lexicologia**: uma entrevista com Ieda Maria Alves. *ReVEL*, v. 9, n. 17. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 22 ago. 2011.

_____. 2007. **Neologismo**: criação lexical. 3. ed. São Paulo: Ática.

_____. [2011?]. **Uma metodologia para a descrição de neologismos**.

ALVES *et al.* 2006. **Uma metodologia semi-automática para detecção de neologismos do português brasileiro**. Disponível em: <http://www.icmc.usp.br/~taspardo/TIL2006-AlvesEtAl.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2011.

ANJ. **Associação Nacional de Jornais**. Disponível em: <http://www.anj.org.br>. Acesso em: 04 nov. 2011.

ANTUNES, Irandé. 2007. A língua e a identidade cultural de um povo. In: VALENTE, André (Org.). **Língua Portuguesa e Identidade**: marcas culturais. Rio de Janeiro: Caetés.

BAKHTIN, Mikail. 2002. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec.

_____. 2010. **Para uma filosofia do ato responsável** (tradução aos cuidados de Vladimir Miotello & Carlos Alberto Faraco). São Carlos: Pedro & João Editores.

BALARIM, Raquel. Perdão brasileiro. **Revista Época**. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/edic/19980907/brasil1.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

BARBOSA, Maria Aparecida. 1996. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. 3. ed. São Paulo: Plêiade.

BARTHES, Roland. 2006. **Elementos de semiologia**. 16. ed. São Paulo, Cultrix.

BASILIO, Margarida. 2009. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto.

_____. 1999. **Teoria lexical**. 6. ed. São Paulo : Editora Ática.

BASTRUJI, Jaqueline. 1974. Aspects de la néologie sémantique. In: **Langages**, n.36, pp. 6-19.

_____. 1979. Notes sur La créativité lexicale. In: **Neologie et lexicologie: hommage à Louis Guilbert**. Paris: Librairie Larousse, pp. 12-20.

BECHARA, Evanildo. 2004. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna.

_____. 2010. **Gramática escolar da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BENVENISTE, Émile. 1989. **Problemas de linguística geral**. vol. II. Campinas, SP: Pontes.

BIDERMAN, Maria Tereza C. 2001. **Teoria linguística: teoria lexical e computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.

_____. 1998. Dimensões da Palavra. In: **Filologia e Linguística Portuguesa**, n.2, p. 81-118.

_____. 2002. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida. (Orgs.) **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas.

BONNARD, Henri. 1979. Tránsito et coalescence. In: **Neologie et lexicologie: hommage à Louis Guilbert**. Paris: Librairie Larousse, pp.36-45.

BOULANGER, Jean-Claude. 1979a. Néologie et terminologie. In: **Neologie en Marche**, vol. 4, pp. 5-128. Série b: langues de spécialités.

_____. 1979b. Problématique d'une méthodologie d'identification des néologismes en terminologie. In: **Neologie et lexicologie: hommage à Louis Guilbert**. Paris: Librairie Larousse, pp.36-45.

CABRÉ, Maria Tereza. 2010. La Neología, campo disciplinar y aplicado: utilidad y problemas en el trabajo neológico de los observatorios. In: ALVES, Ieda Maria. (Org.) **Neologia e Neologismos em diferentes perspectivas**. São Paulo: Paulistana.

_____. 1993. **La terminología: teoria, metodologia, aplicaciones**. Barcelona: Editorial

Empúries.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL (Brasil). **Caixa – Bolsa Família**. Disponível em: < http://www.caixa.gov.br/voce/social/transferecia/bolsa_familia/index.asp>. Acesso em: 29 out. 2011.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. 2009. **Estrutura da língua portuguesa**. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

_____. 2011. **História da Linguística**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

_____. 1979. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão.

CARVALHO, Nelly. 2006. **A criação neológica**. In: Revista Trama, vol. 2, n. 4, pp. 191-203.

_____. 2009. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez.

_____. 1983. **Linguagem jornalística**: aspectos inovadores. Recife: Secretaria de Educação de Pernambuco, Associação de Imprensa de Pernambuco.

_____. 1987. **O que é neologismo?** São Paulo: Brasiliense.

_____. 2011. **Princípios básicos de lexicologia**. 2. ed. Recife: Editora Universitária UFPE.

_____. [2010]. **Material didático** da disciplina “lexicologia”, ministrada no programa de pós-graduação em letras da universidade federal de Pernambuco.

CARVALHO, José João de. 2009. **A formação de palavras na língua portuguesa**: um estudo da fusão vocabular na obra de Mia Couto. Rio de Janeiro: Publit.

CASTILHO, Ataliba de. 2010. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto.

CHAGAS, Paulo. 2002. A mudança linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.) **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto.

CHARAUDEAU, Patrick. 2008. **Discurso político**. São Paulo: Contexto.

_____. 2009. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto.

_____. 1992. **Grammaire du sens et de l’expression**. vol.1. Paris: Hachette.

_____. 2008. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. 2008. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto.

CHISS, J-L.; FILLIOLET, J.; MAINGUENEAU, D. 1978. **Linguistique française**: initiation à la

problematique structural. Paris: Hachette. Tome 2.

CORTEZ, Glauco Rodrigues. 2008. A Crônica e a Notícia na Formação da Linguagem Jornalística. In: **6º Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia**. Anais eletrônicos. Disponível em: < <http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/A%20Cronica%20e%20a%20Noticia%20na%20Formacao%20da%20Linguagem%20Jornalistica.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2011.

COSERIU, Eugenio. 1979. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística**. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mario Ferreira. Rio de Janeiro: Presença.

_____. 1962. **Teoria general del lenguaje y lingüística general**. Madri: Gredos.

COSTA, Maria Rute Vilhena. 1990. A coesão interna das lexis complexas enquanto unidades terminológicas. In: **Actas do Colóquio de Lexicologia e Lexicografia**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

COUTO, Mia. 2007. Três fantasmas mudos para um orador luso-afônico. In: VALENTE, André (org.) **Língua Portuguesa e Identidade: marcas culturais**. Rio de Janeiro: Editora Caetés.

CUNHA, Celso. 1981. **Língua, nação, alienação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CRYSTAL, David. 1985. **A dictionary of linguistics and phonetics**. New York: Basil Backwell.

DIÁRIO DO PRÉ-SAL. Disponível em: < <http://diariodopresal.wordpress.com/page/23/?6fe3fb70>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

DUBOIS, Jean. et al. 1973. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix.

FARACO, Carlos Alberto. 1991. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Editora Ática.

FOLHA DE S. PAULO. **Poder**. Disponível em: < <http://edicaodigital.folha.com.br>>. Acesso de: 01 out. 2010 a 01 nov. 2010.

FREIRE, Paulo. 1971. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREITAS, T.; RAMILO, M.C.; ARIM, E. 2005. Os neologismos nos meios de comunicação social portugueses. In: MATEUS, M. H. M.; NASCIMENTO, F. B (orgs.) **A Língua Portuguesa em Mudança**. Lisboa: Editorial Caminho, pp.51-65.

FREITAS, T; RAMILO, M.C.; SOALHEIRO, E. 2005. O processo de integração dos estrangeirismos no Português Europeu. In: MATEUS, M. H. M.; NASCIMENTO, F. B (orgs.) **A Língua Portuguesa em Mudança**. Lisboa: Editorial Caminho, pp.37-49.

GABAS JR., Nilson. 2006. Linguística Histórica. In: BENTES, A. C.; MUSSALIN, F. (Orgs.)

Introdução à linguística: domínios e fronteiras. vol. 1. 6. ed. São Paulo: Cortez.

GARCIA, Othon M. (2006) **Comunicação em prosa moderna**. 26. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora.

GADIN, B. 1974. La néologie: aspects sociolinguistiques. In: **Langages**, n.36, Paris: Didier – Larrousse.

GILBERT, Pierre. 1971. **Dictionnaire de mots nouveaux**. Paris : Hachette-Tchou.

GUILBERT, Louis. 1975. **La créativité lexical**. Paris: Larousse.

GIRAUD, Pierre. 1967. **Structurs étymologiques du lexique français**. Paris: Larrousse.

HENRIQUES, Claudio Cezar. 2011. **Léxico e semântica:** estudos produtivos sobre palavra e significação. Rio de Janeiro: Elsevier.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO. 2009. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva. CD-ROM.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. 2006. **O português da gente:** a língua que falamos, a língua que estudamos. São Paulo: Contexto.

JORNAL DO COMERCIO. **Política**. Disponível em: <
<http://iconlinedigital.ne10.uol.com.br/assinantes/restrito/>>. Acesso de: 01 out. 2010 a 01 nov. 2010.

KEHDI, Valter. 2003. **Morfemas do português**. 6. ed. São Paulo: Ática.

KOCH, Peter; ÖSTERREICHER, Wulf. 1990. **Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch**. Tübingen: Niemeyer.

KUNCZIK, Michael. 2001. **Conceitos de jornalismo:** norte e sul. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

LABOV, William. 1994. **Principles of Linguistic Change**. Oxford: Blackwell.

_____. 1966. **The social stratification of English in New York City**. Washington: Center for Applied Linguistics.

LAGE, Nilson. 1985. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática.

LASS, Roger. 1980. **On explaining language change**. Cambridge: Cambridge University Press.

LEAL, Plínio Marcos Volponi. 2007. **Jornalismo Político Brasileiro e a Análise do Enquadramento Noticioso**. In: Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (COMPOLÍTICA). Anais eletrônicos. Disponível em:

<http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/sc_ip-plinio.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2011.

LIMA, Venício A. de. 2004. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

LUCCHESI, Dante. 2004. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola Editorial.

MARCONDES, Danilo. 2009. **Textos básicos de linguagem**: de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. 2010. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez.

_____. 2004a. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: NEGRI, Ligia; FOLTRAN, Maria José e OLIVEIRA, Roberta Pires (Orgs.). **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto. pp. 268-384.

_____. 2004b. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2. versão. Recife: Departamento de Letras, UFPE.

MARTINS, Franklin. 2005. **Jornalismo Político**. São Paulo: Contexto.

MARTINS, Nilce de Sant'Anna. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: Edusp.

MEILLET. 1926. **Linguistique historique et linguistique générale**. Nova tiragem. Paris, Klincksieck. vol I.

_____. 1951. **Linguistique historique et linguistique générale**. Nova tiragem. Paris, Klincksieck. vol. II.

PAILLET, Marc. 1986. **Jornalismo**: o quarto poder. São Paulo: Brasiliense.

PAIS, C.T. A atualização do signo linguístico: aspectos semióticos. In: **Revista brasileira de Linguística**, n.1, pp. 5 – 15.

PARDO, T.A.S. 2006. **SETER**: Um Segmentador Sentencial Automático para o Português do Brasil. Série de Relatórios do NILC. NILC-TR-06-01. São Carlos-SP, Janeiro, 6p.

PINTO, Edith Pimentel. 1988. **História da Língua Portuguesa VI**: Século XX. São Paulo: Ática.

PRUVOST, Jean; SABLAYROLLES, Jean-François. 2003. **Les néologismes**. Paris, Presses Universitaires de France.

PYE, L. W. 1967. Communication, Institution Building, and the Reach of Authority. In: LERNER, D.; SCHRAMM, W. (orgs.). **Communication and Change in Developing Countries**. Honolulu.

REY-DEBOVE, Josette. 1970. **La lexicographie**. Langages, n. 19. Paris: Didier/Larousse.

RIBEIRO JR., Amaury. 2011. **A Privataria Tucana**. São Paulo: Geração Editorial.

RIBEIRO, Lavina Madeira. 2004. **Imprensa e espaço público**: a institucionalização do jornalismo no Brasil 1808-1964. Rio de Janeiro: E-Papers.

SABLAYROLLES, Jean-François. 2000. **La néologie en français contemporain**. Paris: Champion.

_____. 2001. Études Néologiques en Français de France. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N.; ALVES, I.M. (Orgs.) **As Ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. vol.3. São Paulo: Humanitas. pp. 15-21.

_____. 2011. Quelques remarques sur une typologie des neologismes. **II Congresso Internacional de Neologia das Línguas Românicas**. Universidade de São Paulo, dez. 2011 (no prelo).

SANDMANN, Antônio José. 1986. **Formação de Palavras no Português Contemporâneo**. Curitiba: Editora da UFPR.

_____. 1988. **Produtividade no léxico político do português do Brasil**. São Paulo: Revista D.E.L.T.A., vol. 4, n.1. pp. 41-57.

_____. 1991. **Renovação e inovação no léxico**. ABRALIN - Boletim da Associação Brasileira de Linguística, São Paulo, n.11, p.59-68, junho, 1991.

SAUSSURE, Ferdinand. 2006. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix.

SILVA, Marconi Oliveira da. 2006. **Imagem e verdade**: jornalismo, linguagem e realidade. São Paulo: Annablume.

SILVA, Maria Cristina Parreira da. 2010. O “glamour” das palavras inglesas na língua portuguesa. In: BARROS, Lidia Almeida; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.) **Léxico em foco**: múltiplos olhares. São Paulo: Cultura Acadêmica.

REBELO, Aldo. **Língua Portuguesa**. Site de Aldo Rebelo. <http://www.aldorebelo.com.br/?pagina=acao_parlamentar&cod_acao=19>. Acesso em: 8 nov. 2011.

TAMBA, Irène. 2006. **A semântica**. São Paulo: Parábola Editorial.

TOURNIER, Jean. 1991. **Précis de lexicologie anglaise**. Nathan.

_____. 2007. **Les adjectifs affixés**. Disponível em: http://dijamet42.free.fr/ALAES/Concours/2007/adjectifs/Tournier_adj_affixes_4.pdf. Acesso em: 9 nov. 2011.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Calendário eleitoral.** Disponível em: <http://www.tse.jus.br/internet/eleicoes/2010/calendario.html#1_1_2010>. Acesso em: 30 set. 2011.

ULLMANN, Stephen. 1964. **Semântica:** uma introdução à ciência do significado. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

_____. 1957. **The Principles of Semantics.** New York: Philosophical Library.

VALENTE, André. 2007. **Neologismos literários em romance de Mia Couto.** In: VALENTE, André C. (Org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino.* Petrópolis : Vozes.

VANOYE, Francis. 1981. **Usos da linguagem:** problemas e técnicas na produção oral e escrita. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.

VILELA, Mário. 1979. **Estruturas léxicas do português.** Coimbra, Livraria Almedina.

WEEDWOOD, Barbara. 2002. **História concisa da linguística.** São Paulo: Parábola Editorial,

WEIREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.